PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

EVANDRO BENÍCIO MOREIRA

A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ (OCHE): a História Regional como instrumento de desenvolvimento da Consciência Histórica

MOSSORÓ/RN
2025

EVANDRO BENÍCIO MOREIRA

A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ (OCHE): a História Regional como instrumento de desenvolvimento da Consciência Histórica

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientador: Dr. Bruno Balbino Aires da Costa

MOSSORÓ, RN
2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M838o

MOREIRA, Evandro Benício

A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ (OCHE): a História Regional como instrumento de desenvolvimento da Consciência Histórica. / Evandro Benício MOREIRA. — Ensino de História; OCHE; História Regional, 2025.

201p.

Orientador(a): Prof. Dr. Bruno Balbino Aires da COSTA.

Dissertação (Mestrado profissional em Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História. I. COSTA, Bruno Balbino Aires da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

EVANDRO BENÍCIO MOREIRA

A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ (OCHE): a História Regional como instrumento de desenvolvimento da Consciência Histórica

Dissertação apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte — UERN, como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História — PROFHISTÓRIA, para a obtenção do título de Mestre.

Data da defesa: 28/02/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br
BRUNO BALBINO AIRES DA COSTA
Data: 28/04/2025 11:02:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Bruno Balbino Aires da Costa, IFRN

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANDRE VICTOR CAVALCANTI SEAL DA CUNHA
Data: 02/05/2025 13:34:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, UERN

Documento assinado digitalmente
gov.br
DIEGO JOSE FERNANDES FREIRE
Data: 13/05/2025 08:55:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Diego José Fernandes Freire, IFPB

RESUMO

As olimpíadas científicas escolares têm se solidificado como uma potencial ferramenta pedagógica no processo de ensino/aprendizagem. A presente pesquisa analisa a proposta apresentada pela Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE). A OCHE caracteriza-se pela abordagem interdisciplinar e regional. Procuramos identificar como a História Regional é apresentada pela olimpíada e as possibilidades de integração com o nacional e o global. A metodologia aplicada consistiu inicialmente na historicização das Olimpíadas Científicas Escolares. Em seguida procuramos identificar a articulação entre as atividades propostas pela OCHE com as competências e habilidades da BNCC. Por fim, analisamos as cinco primeiras edições da olimpíada (2019-2023). Selecionamos cinco questões objetivas, a tarefa e a atividade presencial de cada edição. O arcabouço teórico da pesquisa dialoga com os conceitos de Consciência Histórica (RÜSEN, 2010), educação histórica (LEE, 2001) e Didática da História (RÜSEN, 2006). No campo de ensino de História utilizamos como referência autores como Barca (2007), (Bittencourt, 2004). No campo da História Regional a pesquisa dialoga com (COSTA, 2019); (MACHADO, 2017); (FREITAS, 2009). O trabalho pretende contribuir para a promoção do desenvolvimento da consciência histórica a partir da abordagem regional.

Palavras-chave: Ensino de História; OCHE; História Regional

ABSTRACT

School science Olympiads have established themselves as a potential pedagogical tool in the teaching/learning process. This research analyzes the proposal presented by the Human Sciences Olympiad of the State of Ceará (OCHE). The OCHE is characterized by its interdisciplinary and regional approach. We sought to identify how Regional History is presented by the Olympiad and the possibilities of integration with the national and global contexts. The methodology applied initially consisted of the historicization of the School Science Olympiads. Then, we sought to identify the articulation between the activities proposed by the OCHE and the competencies and skills of the BNCC. Finally, we analyzed the first five editions of the Olympiad (2019-2023). We selected five objective questions, the task and the in-person activity of each edition. The theoretical framework of the research dialogues with the concepts of Historical Consciousness (RÜSEN, 2010), Historical Education (LEE, 2001) and Didactics of History (RÜSEN, 2006). In the field of History teaching, we use authors such as Barca (2007), (Bittencourt, 2004) as references. In the field of Regional History, the research dialogues with (COSTA, 2019); (MACHADO, 2017); (FREITAS, 2009). The work aims to contribute to the promotion of the development of historical awareness from the regional approach.

Keywords: History Teaching; OCHE; Regional History

DEDICATÓRIA

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Ao meu pai Sr. José Benício (Zé Benício) e à minha mãe Srª. Maria Do Carmo (Carminha) que me ensinaram diferentes formas de amar. Saudades eternas.

A minha esposa Fátima e as minhas filhas Sarah, Lara e Maria Clara por serem o meu porto seguro.

Aos meus irmãos.

Aos meus padrinhos.

Aos colegas de Profhistória.

Aos meus alunos da Escola Municipal Gustavo Barroso e Colégio da Polícia Militar General Edgard Facó pelas experiências de orientação na ONHB e da OCHE.

Aos professores do Profhistória pelo ensino de qualidade.

Aos membros da banca Dr. André Victor Cavalcanti Seal da Cunha e Dr. Diego José Fernandes Freire pelas contribuições.

Ao meu orientador Dr. Bruno Balbino Aires da Costa pela sua disponibilidade e paciência. Obrigado por me ajudar a realizar esse sonho.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão dessa pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da transposição do rio São Francisco (século XIX).
Figura 2 - Igreja do Rosário.
Figura 3 - Personagens de Chico Anysio.
Figura 4 - Tiririca.
Figura 5 - Cortejo simbólico do tradicional Pau da Bandeira em Barbal.
Figura 6 - Número de casos de Covid-19 em Fortaleza em 04/05/2020.
Figura 7 - Número de óbitos de Covid-19 em Fortaleza em 04/05/2020.
Figura 8 - Maria da Penha.
Figura 9 - Trajetória de luta por justiça de Maria da Penha.
Figura 10 - Ornato de penas dos índios Munduruku.
Figura 11 - Canhão de ferro do antigo reduto Parazinho (atual Paracuru).
Figura 12 - Primeira planta da Vila de Fortaleza.
Figura 13 - Procissão marítima de Iemanjá na Praia de Iracema.
Figura 14 - Audiência pública na Assembleia Legislativa do Ceará.
Figura 15 - Capa do jornal O PÃO.
Figura 16 - Patativa do Assaré.
Figura 17 - Praça Luzia-Homem, Sobral-CE.
Figura 18 - Estátua “Iracema Guardiã”.
Figura 19 - Fala do Papa Francisco sobre direitos sociais.
Figura 20: Passeata de jovens ligados à Pastoral da Juventude.
Figura 21 - Logotipo do podcast “Mulheres Arretadas”.
Figura 22 - Campo de concentração tombado em Senador Pompeu.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de equipes participantes da OCHE entre 2019 e 2023
Tabela 2 - Questões objetivas associadas à tarefa online e à atividade presencial
Tabela 3 - Fontes históricas utilizadas nas questões analisadas no capítulo 3

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC — Base Nacional Curricular Comum

CPT — Comissão Pastoral da Terra

DCN — Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA — Educação de Jovens e Adultos

ENEM — Exame Nacional do Ensino Médio

FAC — Ferroviário Atlético Cearense

FUNAI — Fundação Nacional do Índio

IDH — Índice de Desenvolvimento Humano

IFCE — Instituto Federal do Ceará

IFRN — Instituto Federal do Rio Grande do Norte

LDB — Lei de Diretrizes e Bases

MEB — Movimentos Eclesiais de Base

MFAB — Movimento Feminino pela Anistia no Brasil

MST — Movimento dos Sem Terra

OBA — Olimpíada Brasileira de Astronomia

OBMEP — Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas

OCHE — Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará

ONHB — Olimpíada Nacional em História do Brasil

PROFHISTÓRIA — Mestrado Profissional em Ensino de História

PRPI — Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação

SEPIN — Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará

SPI — Serviço de Proteção ao Índio

SUS — Sistema Único de Saúde

TDICs — Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UECE — Universidade Estadual do Ceará

UFC — Universidade Estadual do Ceará

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

SUMÁRIO..... 12
INTRODUÇÃO..... 13

CAPÍTULO 1 - OLIMPÍADAS CIENTÍFICAS ESCOLARES E OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ..... 23

1.1. As Olimpíadas Científicas Escolares..... 24
1.2. A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)..... 34
1.3. A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE)..... 39
1.3.1. A pesquisa como princípio pedagógico..... 52
1.3.3. Novas Tecnologias e Metodologias Ativas..... 66
1.3.4. A OCHE e o desenvolvimento da Consciência Histórica..... 78

CAPÍTULO 2 - A OCHE E AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC..... 84

2.1. As limitações da BNCC..... 84
2.2. A OCHE e as competências e habilidades em História..... 88

CAPÍTULO 3 - A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ E O DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO HISTÓRICA: A HISTÓRIA REGIONAL EM SALA DE AULA..... 110

3.1. Ensino de História e História Regional..... 110
3.2. Análise de questões (2019–2023)..... 116
3.2.1. Educação Patrimonial na 1ª OCHE (2019)..... 117
3.2.2. Crises epidêmicas e impactos sociais na 2ª OCHE (2020)..... 128
3.2.4. Literatura regional na 4ª OCHE (2022)..... 154
3.2.5 Movimentos sociais na 5ª OCHE (2023)..... 165

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 176
REFERÊNCIAS..... 179
ANEXO 1..... 184
ANEXO 2..... 185

INTRODUÇÃO

A presente dissertação resulta da minha inquietação como professor em relação ao processo de ensino/aprendizagem no ensino de História. As dificuldades se iniciaram ainda na graduação, caracterizada por uma formação deficitária e direcionada para o ensino tradicional. O ensino centrado na figura do docente e a utilização somente do livro didático como fonte de pesquisa são insuficientes para suscitar o interesse da maioria dos alunos pelas aulas diante dos atrativos tecnológicos contemporâneos. Estas dificuldades têm como consequência uma aprendizagem histórica limitada. A disciplina de História permanece sendo considerada por grande parte da sociedade como caracterizada pela memorização.

Diante de tal inquietação, percebi que trabalhar de forma um pouco diferenciada me proporcionou muitas dificuldades dentro e fora do ambiente escolar. Algumas simples mudanças provocavam muitas adversidades. Posso citar, como exemplo, a abolição de questionários para as avaliações. A utilização do entendimento e das discussões das leituras feitas em sala de aula como formas de estudo para as avaliações ainda são vistas com muita resistência por grande parte de alunos e pais sob a alegação de que o conteúdo aplicado na avaliação não foi ministrado. A extinção de questionários é uma iniciativa para que os alunos saiam da zona de conforto e ampliem sua percepção sobre a importância da disciplina de História. Esta e outras observações foram sendo forjadas ao longo do meu percurso em sala de aula. O trabalho em várias escolas particulares na cidade de Fortaleza e a minha experiência acadêmica provocavam desconforto com uma abordagem histórica voltada para a memorização dos personagens e acontecimentos históricos. Ainda persistem narrativas que caracterizam a História somente como o estudo do passado, desvinculada do tempo presente.

A minha trajetória como professor de História iniciou-se durante a graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) no final dos anos 90. A minha atuação no setor público deu-se inicialmente como professor temporário da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) entre 2001 e 2002. Posteriormente, através de concurso público, tornei-me professor efetivo a partir de 2004, cargo que exerço até os dias atuais. Também atuei como professor efetivo da Prefeitura Municipal de Maracanaú entre 2001 e 2004 e da Prefeitura Municipal de Fortaleza a partir de 2001, a qual sou vinculado atualmente.

A experiência no setor público como professor explicitou-me a relação intrínseca entre as desigualdades sociais e o processo de aprendizagem dos alunos. As dificuldades financeiras

do corpo discente aliada à falta de estrutura de parte das escolas públicas criam um cenário desfavorável às condições mínimas para o desenvolvimento de uma aprendizagem qualitativa.

O ensino de História nas escolas públicas apresentam dificuldades que impactam a aprendizagem. Ainda vigora uma mentalidade direcionada por grande parte da sociedade da relação da disciplina de História com a memorização dos fatos do passado. Existe uma dificuldade de compreensão da relação temporal inerente à aprendizagem histórica. Atualmente as escolas públicas apresentam políticas de aprovação incondicional dos alunos. Essa realidade contribui para o aumento de analfabetos funcionais. Temos inúmeros discentes totalmente despreparados concluindo o Ensino Médio. Essa situação complexifica o ensino de História direcionado para a criticidade.

Outra dificuldade que se apresenta está relacionada aos livros didáticos. Algumas produções apresentam uma orientação tradicional, por meio de uma visão direcionada para o eurocentrismo e para algumas regiões brasileiras. A invisibilização da história regional, na qual está inserido o sujeito histórico, dificulta uma aprendizagem histórica mais complexa. A articulação entre as diversas escalas geográficas contextualiza os eventos históricos e contribui para a promoção do fortalecimento de identidades.

A utilização desregulada das novas tecnologias tem contribuído para o distanciamento da utilização dos livros didáticos e proliferação de "*fake news*". Muitos alunos substituem a utilização dos livros didáticos por vídeos do *Youtube.* Esta permuta tem proporcionado o acesso a fontes de pesquisa duvidosas. Algumas medidas governamentais são utilizadas para amenizar esse impacto, como a proibição da utilização de telefone celular em sala de aula. Mas fazem-se necessárias providências mais eficazes como a formação de professores para a utilização de novas tecnologias direcionadas para o ensino de História.

Diversas outras dificuldades se apresentam nas escolas públicas para um ensino de História qualitativo como a superlotação das salas de aula, a polarização ideológica que dificulta a discussão de "temas sensíveis", falta de estrutura das escolas, dentre outras. Faz-se necessária uma constante pressão da sociedade civil para os órgãos governamentais oferecerem condições para um ensino de qualidade.

A disciplina de História pode ser utilizada como uma ferramenta para a reflexão sobre a realidade social, evidenciando as distorções que existem na sociedade brasileira. O professor/historiador cumpre um papel primordial no processo de desenvolvimento da criticidade em seus alunos. Por meio da demonstração das potencialidades da disciplina podemos nos tornar mediadores para o desenvolvimento da consciência histórica em nossos

discentes. Devemos situá-los no mundo e prepará-los para as dinâmicas que regem o contexto no qual estão inseridos.

Temos ainda uma grande presença do ensino de História tradicional marcado pelo enaltecimento a heróis nacionais ligados às elites políticas e econômicas de algumas regiões; valorização de datas comemorativas sem nenhum questionamento do seu significado; hierarquização da história global e nacional sobre a história regional e local; ocultação das narrativas relacionadas às regiões periféricas e dos seus respectivos lugares de memória.

A formação de um cidadão crítico está relacionada à aprendizagem histórica. Para que este processo seja efetivado fazem-se necessárias atividades que desenvolvam a consciência histórica (RÜSEN, 2010). Rüsen conceitua consciência histórica como "(...) a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo" (2010, p. 57).

O desenvolvimento da consciência histórica dos alunos está relacionada às habilidades docentes em demonstrar os usos da História dentro e fora do espaço escolar, o que está relacionado ao campo da Didática da História.

> Através da análise das operações da consciência histórica e das funções que ela cumpre, isto é, pela orientação da vida através da estrutura do tempo, a didática da história pode trazer novos insights para o papel do conhecimento histórico e seu crescimento na vida prática (RÜSEN, 2006, p. 15).

Existe a necessidade de articulação da disciplina de História com as diversas linguagens existentes fora do ambiente escolar. Deve-se promover uma compreensão mais abrangente do processo histórico demonstrando todas as variáveis que contribuem para o enriquecimento cultural do sujeito histórico. Pretende-se dessa forma atrair o interesse discente para a relevância da disciplina de História para a compreensão do mundo.

Pretendemos proporcionar aos alunos a possibilidade de utilização da disciplina de História de maneira reflexiva. A procura por alternativas que pudessem fornecer ferramentas para um melhor desempenho em sala de aula fazem parte de minha trajetória profissional. Dois eventos enriqueceram a minha jornada: o retorno à universidade depois de muito tempo através do ProfHistória e a participação em olimpíadas na área de ciências humanas, especificamente a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE).

O ProfHistória me proporcionou a reaproximação ao ambiente acadêmico. Todas as disciplinas cursadas me forneceram um arcabouço teórico imprescindível para o desenvolvimento dessa pesquisa. A disciplina “Seminário de Pesquisa”, ministrada pelo professor Carlos Torcato, promoveu o direcionamento para a delimitação do nosso objeto de pesquisa. O professor Bruno Balbino da Costa aceitou prontamente o desafio de orientar o nosso trabalho.

O meu envolvimento em olimpíadas na área de Ciências Humanas permitiu-me a utilização de novas abordagens em sala de aula. A grande disponibilidade de fontes e a forma diferenciada como eram exploradas apresentaram novas possibilidades de trabalho. Os assuntos apresentados pelas olimpíadas aprimoram o senso crítico, culminando no desenvolvimento da consciência histórica. O formato das olimpíadas, ao se utilizar das novas tecnologias aliadas à disponibilização de fontes históricas, permitem o aprofundamento do que está sendo estudado em sala de aula. As atividades diferenciadas dialogam com os interesses das novas gerações, cada vez mais necessitadas de um ensino mais dinâmico.

A minha participação na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) como orientador foi um grande divisor de águas na minha carreira profissional e pessoal. A ONHB permitiu um engajamento maior com os alunos em busca do conhecimento. O formato da olimpíada promove o contato com variadas fontes históricas e propõe discussões sobre assuntos ausentes na abordagem da história tradicional. Privilegia o trabalho em equipe e aproxima orientadores e orientandos sem a obrigatoriedade de hierarquização entre os participantes. Valoriza-se o protagonismo discente e a mediação docente.

Em 2019 conseguimos chegar à fase final presencial em Campinas com uma equipe do Colégio da Polícia Militar General Edgard Facó. Essa experiência foi de fundamental importância para o enriquecimento do meu currículo e para a minha satisfação pessoal e profissional. Estar em outro estado ao lado de vários colegas de todo país em um momento crítico da política nacional foi algo transformador. A olimpíada abre portas para o desenvolvimento da consciência histórica.

Seguindo praticamente o mesmo formato da ONHB, o Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Fortaleza, desde 2019 promove a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE). A OCHE se apresenta como uma interessante proposta para o estudo da história regional, articulada com o contexto nacional e global. Através de uma plataforma digital, a OCHE possibilita uma ampla participação de alunos dos últimos anos do ensino fundamental e do ensino médio. Cada equipe é formada por três alunos e um professor orientador.

A minha experiência com a OCHE vem desde 2019 em sua primeira edição. Seguindo o mesmo formato das questões da ONHB, a OCHE aborda aspectos regionais por meio da interdisciplinaridade. Participamos praticamente de todas as edições, orientando equipes das escolas que leciono durante a escrita dessa pesquisa. Tive a oportunidade de orientar 15 equipes da OCHE ao longo das cinco edições (2019 a 2023). A minha experiência se deu na Escola Municipal Gustavo Barroso, vinculado à Prefeitura Municipal de Fortaleza, com alunos do Fundamental II e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no Colégio da Polícia Militar General Edgard Facó, com alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

A OCHE aborda as Ciências Humanas e áreas de conhecimento afins. Promove-se uma contextualização por meio das atividades relacionadas à história regional. Há um direcionamento da olimpíada para o uso da história dentro e fora do ambiente escolar, conforme a Didática da História (RÜSEN, 2006). Esta abordagem enriquece a atuação dos professores em sala de aula.

A OCHE dialoga com autores e fontes empenhados em dar visibilidade aos personagens e regiões que geralmente são ocultados das narrativas oficiais. Procura despertar o interesse a partir do estudo de eventos históricos regionais. Divulga fontes históricas diversificadas. Proporciona a abordagem de assuntos que não são trabalhados em sala de aula. Enaltece acontecimentos que fazem parte das memórias das populações regionais. Dá visibilidade a sujeitos históricos ocultados pela historiografia tradicional.

A formação docente é primordial para o direcionamento da aprendizagem histórica. O lugar de fala que ocupamos pode ser utilizado para questionar os valores impostos pelos grupos dominantes. Muitas vezes as narrativas relacionadas aos acontecimentos globais e nacionais se estabelecem como repressoras das culturas locais e grupos periféricos, dialogando com os princípios imperialistas da globalização. Cabe ao historiador questionar as metanarrativas da história global além de promover a aproximação com os estudos sobre a história regional, evitando-se uma supervalorização de uma em detrimento da outra.

A escassez de informações sobre a história regional viabiliza a investigação de um amplo campo de exploração de fontes históricas até então invisibilizadas. Valoriza-se a autonomia e o protagonismo na construção da aprendizagem histórica: “(...) um trabalho de história local é uma ótima oportunidade para a atuação dos próprios professores e alunos como sujeitos produtores do conhecimento eleito como objeto de estudo (...)” (COSTA, 2019, p. 134).

A história regional potencializa o desenvolvimento da aprendizagem histórica a partir da abordagem de temas relacionados à proximidade espacial. A escolha do objeto de pesquisa é inerente aos interesses do pesquisador, pois "(...) nenhum evento nasce como história regional ou local. É a nossa visão de mundo que seleciona e hierarquiza os episódios, definindo o lugar que eles terão na nossa compreensão do passado" (MACHADO, 2017, p. 306).

Alguns acontecimentos regionais são pouco conhecidos e podem ser articulados com os contextos nacional e global. A OCHE apresenta temáticas pouco discutidas, despertando o interesse para novas pesquisas. As perspectivas relacionadas ao estado do Ceará estão presentes na olimpíada. Promove-se o distanciamento de uma história focada nas regiões mais ricas do Brasil. Temas relacionados ao Ceará são tratados de forma superficial e generalizada por grande parte dos livros didáticos. A participação dos indígenas, mulheres, negros, trabalhadores nos movimentos históricos do estado, o conhecimento de alguns eventos a partir da perspectiva regional, são algumas temáticas apresentadas pela olimpíada.

A história regional é uma possibilidade diferenciada para a construção de várias abordagens, enaltecendo grupos excluídos da historiografia nacional. Dar visibilidade a outros acontecimentos relacionados às particularidades locais é um aspecto que pode ser amplamente explorado. "Um primeiro ponto a ser indicado é que dificilmente o material base com que trabalhamos em sala de aula, ou seja, os livros didáticos e apostilas, conseguirá dar conta das nossas especificidades locais" (COSTA, 2019, p. 134). A democratização das narrativas históricas viabiliza a valorização das regiões invisibilizadas pela historiografia tradicional. A OCHE apresenta fontes de pesquisa que possibilitam análises históricas diversificadas, propiciando a produção do conhecimento histórico a partir das mais variadas abordagens.

Decidimos escolher a OCHE como nosso objeto de pesquisa por vislumbrar na olimpíada a possibilidade de potencializar a nossa prática docente. A busca constante por novas ferramentas pedagógicas é essencial para o enriquecimento do ensino de História. A utilização da interdisciplinaridade e a abordagem regional foram alguns dos diferenciais que despertaram o nosso interesse. Diante disso, uma pergunta central se coloca: de que maneira a OCHE contribui para a reflexão da história regional?

Nesse sentido, nosso objetivo é analisar como a história regional é apresentada nas atividades da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE). Verificamos de que forma as questões e tarefas abordam os conteúdos. Como a história regional é discutida a partir da OCHE? É uma história tradicional ou não? Retrata sujeitos históricos de todos os

setores da sociedade ou somente das elites locais? Quais as concepções pedagógicas? Quais as concepções históricas? Quais as temáticas trabalhadas?

O recorte cronológico da pesquisa corresponde às primeiras cinco edições, no período compreendido entre 2019 e 2023. Por se tratar de uma olimpíada de ciências humanas e áreas de conhecimentos afins, apresenta atividades articuladas entre várias disciplinas. Analisamos questões que apresentam maior proximidade com a disciplina de História. Como a OCHE caracteriza-se pela interdisciplinaridade, a disciplina de História está presente na maioria das atividades.

Em relação à análise das atividades propostas pela OCHE pretendemos analisar cinco questões objetivas e uma tarefa de cada edição. Procuramos escolher as questões de História relacionadas à tarefa proposta, demonstrando como os conceitos históricos são trabalhados ao longo da olimpíada. Analisamos se a olimpíada está sendo uma reprodutora da história tradicional ao nível regional ou está contribuindo para o desenvolvimento de novas abordagens.

Iniciamos nosso percurso metodológico historicizando as olimpíadas. Pesquisamos os primeiros eventos de caráter competitivo ocorridos no século XIX. Procuramos entender as primeiras olimpíadas escolares ocorridas no final do século XIX e a internacionalização no século XX. Pesquisamos algumas experiências pioneiras na área de Ciências Humanas ocorridas no México e na Argentina. Procuramos entender o surgimento e a expansão da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) por meio de uma vasta produção acadêmica sobre o assunto disponível no banco de dissertações do Profhistória. Examinamos os editais e regulamentos referentes ao surgimento da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), além de uma entrevista semiestruturada.

A entrevista foi realizada presencialmente na reitoria do IFCE na cidade de Fortaleza em 23 de janeiro de 2023 com o coordenador geral das olimpíadas de conhecimento do Instituto Federal do Ceará e membro da comissão organizadora da OCHE, professor Zilfran Varela Fontenele. Foram elaboradas dezesseis perguntas que procuravam identificar diversos aspectos da olimpíada.

O nosso objetivo ao realizar a entrevista com o integrante da comissão organizadora foi coletar informações específicas sobre a OCHE que não conseguimos identificar nos documentos oficiais disponibilizados no *site* da olimpíada. A entrevista possibilitou um maior entendimento do planejamento, execução e desafios encontrados pelos organizadores. O trabalho se propõe a explorar a fonte oral como material de análise, sem, contudo, empregar os métodos da história oral.

Em um segundo momento verificamos as competências e habilidades propostas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Procuramos fazer uma articulação entre a BNCC e os assuntos abordados pela OCHE. Identificamos quais competências e habilidades mais se aproximam das atividades propostas pela olimpíada. Delimitamos a análise de habilidades abordadas pela BNCC relativas principalmente aos oitavo e nono anos do ensino fundamental por estarem mais articuladas com os assuntos propostos pela OCHE.

Em um terceiro momento selecionamos questões objetivas e tarefas das cinco primeiras edições da OCHE (2019 a 2023). As questões foram escolhidas de acordo com temáticas relacionadas à disciplina de História. Outro critério utilizado para a escolha das questões é a proximidade com a proposta apresentada pela tarefa online e pela final presencial. Todas as questões estão disponibilizadas no site da OCHE.

O arcabouço teórico de nossa pesquisa tem como referenciais basilares autores que abordam os conceitos de consciência histórica (RÜSEN, 2010), educação histórica (LEE, 2001) e didática da história (RÜSEN, 2006). Os três conceitos formam uma tríade interdependente: o desenvolvimento de uma consciência histórica perpassa pela utilização da didática da história e da educação histórica.

No campo de ensino de História utilizamos como referência autores como Barca (2007) que demonstra a necessidade de inclusão da história local direcionada para a valorização das identidades e a problematização da disciplina de História para uma compreensão das relações entre passado e presente. Também abordamos o ensino de História direcionado para a constituição de identidades e a valorização da história local (Bittencourt, 2004), e para a valorização da História Integrada (Bittencourt, 2001).

Por se tratar de uma olimpíada relativamente recente na área das Ciências Humanas, encontramos uma produção acadêmica limitada relacionada à OCHE. Analisamos alguns trabalhos referentes à Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). A utilização de muitas pesquisas acadêmicas que abordam a olimpíada nacional está relacionada ao fato da olimpíada estadual apresentar aspectos metodológicos oriundos do modelo da ONHB.

Analisamos alguns trabalhos acadêmicos que abordam a ONHB como o de Miranda (2013) que faz um histórico das olimpíadas, enfatizando a ONHB através de sua experiência na ONHB com alunos da E.E.M. Tenente Mário Lima. O trabalho do autor nos fornece um embasamento do histórico das olimpíadas científicas escolares e da utilização da ONHB como ferramenta de Educação Histórica. Simas (2018) contribui para o nosso trabalho por meio da historicização das olimpíadas científicas escolares na Europa, na América e no Brasil. O trabalho de Costa Júnior (2017) aborda como a ONHB pode desenvolver práticas pedagógicas

no Ensino Médio Integrado do IFCE e nos auxiliou com a análise das questões da olimpíada. Magalhães (2020) aborda a utilização da ONHB como instrumento de educação histórica e aprendizagem colaborativa. A pesquisa nos enriqueceu com discussões sobre a potencialidade de fontes históricas apresentadas pela ONHB para a construção de uma Educação Histórica. Encontramos no banco de dissertações do Profhistória a produção de Araújo (2023) que aborda o ensino de história e a aprendizagem histórica de estudantes participantes da ONHB e da OCHE. A pesquisa nos permitiu verificar a percepção de alguns estudantes que participaram das duas olimpíadas.

Agregamos ao nosso arcabouço teórico autores que abordam a história local como meio para que professores e alunos produzam conhecimento (COSTA, 2019); que enfatizam a importância do recorte espacial para o estudo das regiões periféricas (MACHADO, 2017); que abordam a qualidade do livro didático de história regional (FREITAS, 2009)

No primeiro capítulo procuramos historicizar as olimpíadas científicas escolares desde os primeiros eventos de caráter competitivo ocorridos no século XIX. Abordamos as primeiras olimpíadas escolares ocorridas no final do século XIX e a expansão no século XX. Mencionamos algumas experiências pioneiras na área de ciências humanas ocorridas no México e na Argentina. Abordamos o surgimento e a expansão da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). Apresentamos o surgimento, as características e os princípios que norteiam a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE).

No segundo capítulo analisamos as competências e habilidades propostas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Fazemos uma articulação entre a BNCC e os assuntos abordados pela OCHE. Identificamos quais competências e habilidades mais se aproximam das atividades propostas pela olimpíada.

No terceiro capítulo analisamos cinco questões objetivas e uma tarefa das cinco primeiras edições da OCHE (2019 a 2023). Procuramos demonstrar de que forma a história regional é abordada pela olimpíada. Analisamos as concepções historiográficas presentes nas atividades propostas.

A nossa pesquisa pretende contribuir para a discussão das possibilidades de uso da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) no ensino de História. A pesquisa visa incentivar professores e alunos a relacionar as narrativas dos livros didáticos com as discussões promovidas pela olimpíada. A OCHE pode ser utilizada como uma ferramenta de educação histórica para o desenvolvimento da consciência histórica.

A pesquisa pretende ser inovadora. Por se tratar de uma olimpíada relativamente nova, foram encontrados poucos trabalhos acadêmicos no banco de dissertações do

Profhistória. A pesquisa pretende ser original. A nossa abordagem é direcionada para discussões historiográficas a partir do regionalismo. A pesquisa é viável, pois pretendemos analisar algumas atividades da OCHE relacionadas à disciplina de história entre os anos de 2019 e 2023.

CAPÍTULO 1 - OLIMPÍADAS CIENTÍFICAS ESCOLARES E OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ

As aulas tradicionais, limitadas à utilização do livro didático, do quadro branco e à exposição oral dos professores, ainda continuam sendo muito utilizadas no contexto atual. Diante das novas perspectivas geradas a partir do avanço das novas tecnologias, a metodologia de ensino tradicional enfrenta uma resistência crescente. O cenário contemporâneo exige uma adaptação significativa das práticas pedagógicas, pois as abordagens convencionais de ensino não conseguem acompanhar a rápida evolução das ferramentas e recursos tecnológicos disponíveis. A objeção a essa metodologia tradicional deve-se à limitação do protagonismo discente e à subutilização das novas oportunidades de aprendizado disponibilizadas pelas novas tecnologias.

Torna-se evidente que novas metodologias de ensino são essenciais para enfrentar as demandas do moderno cenário de ensino-aprendizagem. As práticas pedagógicas inovadoras são necessárias para incorporar os avanços tecnológicos de maneira eficaz e criar um ambiente de aprendizado mais envolvente. Essas novas metodologias podem incluir o uso de ferramentas digitais interativas, a implementação de técnicas de ensino híbrido, atividades práticas que estimulem a colaboração e o pensamento crítico, entre outros. Ao adotar essas abordagens é possível transformar a experiência educacional, tornando-a mais relevante e eficaz para os alunos e preparando-os para os desafios e oportunidades futuras.

As Olimpíadas Científicas Escolares cumprem um papel imprescindível por meio de atividades diferenciadas no sentido de despertar o interesse discente. Ao promover uma alternativa às atividades regulares em sala de aula, as olimpíadas direcionam para a exploração do conhecimento científico de maneira mais otimizada. Busca-se uma compreensão mais enriquecedora dos conceitos estudados. Impulsionadas contemporaneamente pela utilização das novas tecnologias, dispõem de meios atrativos e inovadores que possibilitam o despertar do interesse dos participantes pelo conhecimento científico.

Apesar das primeiras iniciativas terem sido predominantemente direcionadas para as áreas de Ciências da Natureza e Exatas, as Olimpíadas Científicas Escolares na área de Ciências Humanas têm conquistado mais espaço. Diante dessa perspectiva, neste capítulo historicizamos as Olimpíadas Científicas Escolares em busca de obter uma melhor

compreensão do nosso objeto de pesquisa: a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE).

Estruturamos este capítulo apresentando um breve histórico das primeiras Olimpíadas Científicas Escolares no mundo que serviram de base para a criação das primeiras edições no Brasil. Essas competições pioneiras desempenharam um papel crucial na formulação e no aprimoramento do modelo de Olimpíadas Científicas que conhecemos hoje. Posteriormente abordamos a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), que em 2024 está na 16ª edição e representa um marco na área de Ciências Humanas no Brasil. Por último, iremos abordar mais detalhadamente a OCHE, olimpíada que está na sua 6ª edição em 2024. Inspirada na ONHB, apresenta alguns diferenciais como a interdisciplinaridade e o regionalismo.

1.1. As Olimpíadas Científicas Escolares

O século XIX apresentou rápidas transformações no mundo ocidental advindas da necessidade de consolidação das pretensões econômicas burguesas impulsionadas pela Revolução Industrial. Essas mudanças promoveram uma complexa remodelação no sistema capitalista, ocasionando o surgimento de novas formas e relações de trabalho. Simultaneamente, a Revolução Francesa, iniciada no final do século XVIII, abraçava os ideais do liberalismo econômico e da igualdade jurídica. Todas estas mudanças foram amparadas pelos ideais iluministas que combatiam os privilégios vigentes durante o Antigo Regime como a centralização do poder (Absolutismo) e do monopólio econômico (Mercantilismo). Estas transformações foram fortalecidas pelas concepções positivistas de Augusto Comte, que considerava o racionalismo o caminho mais eficaz para se alcançar o progresso e a ordem social.

As revoluções burguesas que se iniciaram no século XVIII transformaram radicalmente o cenário europeu durante o século XIX. Idealizava-se uma educação laica contrapondo-se aos ideais teocráticos que sustentavam o Antigo Regime.

> A história como disciplina escolar surge na França, no cenário das transformações revolucionárias do final do século XVIII, em meio à defesa da educação universal, pública, gratuita, laica e obrigatória. Para a consolidação dos Estados Burgueses, tornava-se necessário cunhar os conceitos fundamentais das histórias nacionais, tais como nação, pátria, nacionalidade, cidadania, de modo a substituir a história sagrada, predominante no sistema escolar até essa época, cuja tarefa seria

> desempenhada, em grande medida, pelos historiadores e pela história escolar. (CAIMI, 2005, pág. 1)

O ensino de História, antes monopolizado por uma visão clerical e tradicional, foi direcionado para os ideais iluministas. As novas ideias coadunavam com a razão, a ciência e a secularização como pilares de uma nova ordem social. Os interesses burgueses prenunciavam um mundo em que todos teriam as mesmas oportunidades e acesso universal ao conhecimento. A educação passou a ser vista como um instrumento crucial para a formação de uma força de trabalho qualificada segundo as exigências do capitalismo industrial emergente.

As rápidas transformações econômicas mundiais ocorridas durante o século XIX propiciaram profundos impactos na área educacional, refletindo a necessidade de adaptar os sistemas de ensino à nova realidade. As competições escolares passaram a ser amplamente utilizadas em busca de despertar o interesse dos futuros profissionais pelas novas formas de trabalho que se apresentavam. O impacto das competições escolares pode ser observado na maneira como elas contribuíram para a promoção das inovações tecnológicas. Propunham-se desafios em busca de resolução de problemas por meio do envolvimento com questões técnicas de forma competitiva. Essas iniciativas estimularam o desenvolvimento de novas ideias e soluções que poderiam ser aplicadas ao mundo real.

> Não necessariamente concebidas com o propósito de resolvê-lo, eventos de natureza competitiva (geralmente vinculados aos espaços universitários e às sociedades científicas) surgiram no final do século XIX, e que, ganhando vigor especial durante o século XX, foram criados para aprimorar o conhecimento estudantil (especialmente os estudantes dos últimos anos básicos) e atender a demanda dos mercados de trabalho urbanos e rurais. (MIRANDA, 2013, p. 17)

Estas competições dialogavam com a necessidade de alinhamento entre o ensino e as transformações econômicas mundiais. Era necessário a utilização de novas metodologias para fomentar a formação de trabalhadores mais qualificados para as novas exigências que se apresentavam. Era imperativo que fossem adotadas novas diretrizes educacionais que fomentam habilidades práticas e técnicas aplicáveis ao mercado. Ao oferecer um espaço para que os alunos demonstrassem suas habilidades e competências, as competições ajudavam a orientar os jovens nas suas escolhas profissionais e a prepará-los para assumir papéis essenciais em um mercado de trabalho em rápida evolução. O ambiente escolar correspondente ao ensino básico era o cenário ideal para a adequação à nova realidade. Promovia-se o direcionamento e a seleção de jovens talentos que seriam elementos

primordiais do desenvolvimento capitalista, utilizando os conhecimentos científicos em busca de um efetivo acúmulo de riquezas.

Inicialmente as universidades e sociedades científicas foram as promotoras da aproximação com o ensino básico, vislumbrando a cooptação de jovens talentos. Essas instituições reconheciam a importância de cultivar uma base sólida de futuros pesquisadores e profissionais desde os primeiros anos de formação. Começaram a promover e apoiar competições científicas voltadas para o público escolar. O ensino básico apresentava-se com um público-alvo em potencial. As competições escolares viriam a ser um parâmetro de um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

As primeiras experiências foram bem-sucedidas e conseguiram se adequar às mudanças econômicas do século XIX. Com o passar do tempo estas competições escolares passaram por um processo de fortalecimento. Dessa forma, essas experiências pioneiras tornam-se componentes essenciais do sistema educacional, refletindo as transformações econômicas e tecnológicas.

> No entorno de projetos nacionais intencionados a promover núcleos de formação estudantil em alta excelência, estas competições que se autodenominam científicas, ganharam o status de "Olimpíadas Científicas", também chamadas de "Olimpíadas do Conhecimento", com o objetivo de "valorizar o conhecimento"; o grau de competitividade dos países europeus, dos Estados Unidos, da extinta União Soviética e de países do sudeste asiático se tornou reconhecido como um "termômetro" norteador de modelos estudantis. (MIRANDA, 2013, p. 17)

A competições escolares ao longo do tempo foram alcançando uma dimensão considerável que contribuiu para a mudança de *status* para olimpíadas científicas. Com esta mudança de patamar passou-se a perseguir uma especialização cada vez maior em busca de adequação às mudanças estabelecidas. O *status* científico das olimpíadas legitima esses eventos como um componente essencial na articulação entre a ciência e o mercado de trabalho. Ao estabelecer padrões rigorosos e metodologias avançadas, as olimpíadas científicas desempenham um papel crucial na promoção de uma relação mais intrínseca entre o mundo acadêmico e o profissional. Assim, essa transformação representa uma evolução significativa, destacando-se a importância de uma formação acadêmica alinhada com as necessidades e as oportunidades do mundo profissional.

Os núcleos de formação estudantil de excelência estavam em consonância com a conjuntura de acirramento entre os países, intensificado entre os séculos XIX e XX. Essas competições acadêmicas serviram como um meio de incentivar o talento jovem em áreas científicas e técnicas, mas também como um parâmetro para os países ajustarem suas

estratégias educacionais às exigências decorrentes da Revolução Industrial e suas sucessivas fases de desenvolvimento. O crescente acirramento internacional, impulsionado pela competição por inovações tecnológicas, trouxe à tona a necessidade de formação de uma mão de obra intelectual altamente qualificada e capaz de impulsionar o avanço científico e tecnológico das nações. As Olimpíadas Científicas Escolares se destacaram como um meio eficaz de identificar e cultivar jovens talentos, proporcionando a base necessária para que esses indivíduos se tornassem protagonistas no desenvolvimento de suas nações. Os núcleos de formação estudantil de excelência e as Olimpíadas Científicas Escolares desempenharam um papel fundamental na adaptação dos países às rápidas mudanças tecnológicas e na promoção do desenvolvimento científico global. Ao proporcionar uma plataforma para o reconhecimento e o aprimoramento de talentos, essas competições ajudaram a preparar uma geração de profissionais e pesquisadores, essenciais para o progresso e a competitividade das nações.

Assim, as Olimpíadas Científicas Escolares surgiram como uma resposta a essa demanda, oferecendo um espaço para que os estudantes pudessem demonstrar suas habilidades, resolver problemas complexos e se engajar com conteúdos científicos de forma prática e competitiva.

> As Olimpíadas Científicas Escolares - também conhecidas como Olimpíadas do Conhecimento, caracterizam-se por serem competições de natureza intelectual e estão centradas em uma área do conhecimento ou em uma disciplina escolar, e é no século XIX que está localizada temporalmente a primeira olimpíada do conhecimento no ocidente.(PANIAGO, 2023, p. 22)

A Europa, pioneira no processo da industrialização, promoveu as primeiras Olimpíadas Científicas Escolares. O final do século XIX, caracterizado pela instabilidade decorrente das disputas territoriais intensas, culminou com as guerras mundiais que assolaram o século XX. Esse ambiente tumultuado acabou se traduzindo em conflitos globais de magnitude sem precedentes, resultando em enfrentamentos que transformaram o mapa político e econômico do mundo e provocaram o extermínio de milhões de pessoas. As consequências dessas guerras alteraram drasticamente as configurações de poder global. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial provocaram uma reestruturação significativa das relações de poder. O impacto devastador dos conflitos tanto em termos de perdas humanas quanto de destruição econômica conduziu a uma reavaliação das estruturas políticas e das estratégias de segurança internacional. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo

apresentava-se com um novo equilíbrio de forças, caracterizado pela bipolarização que dominou a segunda metade do século XX.

As rápidas transformações que assolaram o século XX, repercutiram na criação das primeiras Olimpíadas Científicas Escolares com abrangência internacional. Este período turbulento, marcado por guerras mundiais, mudanças geopolíticas e o avanço acelerado da tecnologia e da ciência, fomentou o surgimento dessas competições acadêmicas em um contexto global mais conectado. Fruto de uma parceria entre várias entidades que visavam a propagação do desenvolvimento científico, tornaram-se cada vez mais competitivas, refletindo a crescente beligerância que assolou várias nações. O clima de hostilidade resultou em um processo de fortalecimento e aprimoramento das competições. Os resultados obtidos representavam um parâmetro para se identificar o nível de evolução educacional das nações, transformando as olimpíadas científicas em eventos de prestígio internacional, coadunando com o desenvolvimento capitalista (SIMAS, 2018, p. 45).

As duas grandes guerras mundiais impulsionaram a competitividade em todas as áreas. Dominar o pioneirismo representava o anseio dos países que disputavam a hegemonia global. A necessidade de superar adversários e assegurar uma vantagem estratégica levou as nações a investirem maciçamente em ciência, tecnologia e educação. Todo este processo foi acompanhado de inovações tecnológicas lideradas por uma mão de obra especializada que ocupava vários setores da sociedade. A corrida pela supremacia científica e tecnológica exigia investimentos significativos em pesquisa e a formação de profissionais altamente qualificados, capazes de impulsionar e aplicar novas descobertas. A especialização e o aprimoramento contínuo das habilidades tornaram-se fundamentais para o progresso e a competitividade das nações. O sistema educacional insere-se neste processo de rápidas transformações por meio das Olimpíadas Científicas Escolares.

Com o advento da Guerra Fria a polarização entre Estados Unidos e União Soviética repercutiu em praticamente todo o mundo, influenciando a política, a economia, a ciência, a educação, etc. Este período de intensa polarização apresentou uma competição global que se estendia para diversos setores, incluindo as olimpíadas científicas. Em meio à disputa pela supremacia internacional, as olimpíadas científicas emergiram como um campo estratégico para a promoção dos avanços tecnológicos e científicos que cada superpotência era capaz de alcançar. Assim como a corrida armamentista e a corrida espacial, as olimpíadas científicas foram amplamente utilizadas como forma de disputa pela influência internacional.

> Projetos internacionais surgiram para reunir estes esforços de incentivo ao estudo das “ciências” (termo historicamente carregado pela ligação com as ciências ditas

> exatas), visando, sobretudo a divulgação científica acadêmica em espaços escolares, como, por exemplo, a Olimpíada Internacional de Matemática- IMO (realizada em 1959 na Romênia), que foi a primeira experiência neste cenário. Posteriores, as Olimpíadas Internacionais de Física (IphO, desde 1967), Química (IChO, desde 1969), Informática (IOI, desde 1989) Biologia (IBO, desde 1990), dentre outras, continuaram esta trajetória e consolidaram a tradição internacional na divulgação em ciências da natureza. (MIRANDA, 2013, p. 18)

O processo de internacionalização das olimpíadas científicas foi iniciado após a Segunda Guerra Mundial. Foi no contexto da Guerra Fria que surgiram as primeiras Olimpíadas Científicas Escolares no Brasil. A trajetória política republicana democrática brasileira foi mais uma vez interrompida com um golpe civil-militar que perdurou por 21 anos (1964-1985), alinhando-se aos interesses capitalistas estadunidenses. Neste contexto surgiram as primeiras edições nacionais. O regime militar brasileiro adotou uma política que priorizava a expansão e o fortalecimento das áreas científicas e tecnológicas compatíveis com o crescimento econômico e o desenvolvimento capitalista. O clima de beligerância e censura que permeiam o referido período refletia-se no ambiente escolar por meio da valorização das olimpíadas das áreas de Ciências Exatas e Naturais. A disputa e a vigilância do conhecimento privilegiavam estas áreas de conhecimento devido à maior compatibilidade com os interesses econômicos que norteavam o governo brasileiro naquele momento.

> Foi assim que surgiu no ano de 1979, a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), organizada desde 1979 pela Sociedade Brasileira de Matemática, instituição que influencia diretamente pesquisas e reflexões teóricas nesta disciplina junto aos núcleos departamentais universitários, em 1986 foi criada a Olimpíada Brasileira de Química (OBQ), hoje vinculada à Universidade Federal do Ceará e fomentada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e a Petrobrás. No ano de 1998 a Sociedade Astronômica Brasileira cria a Olímpiada Brasileira de Astronomia (OBA), vinculada à Agência Espacial Brasileira. Além destas, vários outros exemplos podem ser encontrados no cotidiano escolar, como Olímpiada de Biologia, Física, Geografia, Língua Portuguesa, História, entre outras.(SIMAS, 2018, P. 46)

Esta valorização das áreas de conhecimento referentes às primeiras olimpíadas brasileiras estava consoante os ideais econômicos do referido período tanto globalmente no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial quanto a nível nacional, onde se prezava pelo desenvolvimentismo econômico atrelado aos interesses estadunidenses. O regime militar valorizava uma educação que pudesse gerar resultados tangíveis em termos de progresso industrial e inovação tecnológica. Valorizar as áreas de Ciências Exatas e Naturais em detrimento às Ciências Humanas estava de acordo com os interesses que visavam estritamente

os aspectos financeiros. Os questionamentos inerentes às perspectivas sociais eram um empecilho para as inclinações econômicas desejadas.

Portanto, a valorização das Ciências Exatas e Naturais nas primeiras olimpíadas científicas brasileiras exemplifica como a educação e a ciência foram orientadas para atender às demandas de desenvolvimento econômico e industrial em consonância com os interesses da época. Essa orientação destaca a influência das políticas econômicas e das alianças internacionais na formação do sistema educacional e na promoção do conhecimento, priorizando áreas vistas como cruciais para o progresso econômico e a competitividade global, ao mesmo tempo, em que relegava-se às Ciências Humanas a um papel secundário.

O distanciamento das Ciências Humanas das outras áreas de conhecimento durante o século XX contribuíram para este processo. A especialização das Ciências Humanas se afastava dos ideais das outras áreas de conhecimento e consequentemente dos interesses capitalistas. A criticidade inerente às Ciências Humanas ia contra os pressupostos econômicos que direcionavam as nações capitalistas e dificultavam a criação de olimpíadas escolares na referida área de conhecimento. No século XXI esta situação ainda perdura:

> O início do século XXI tem se caracterizado pela ampliação da realização de Olimpíadas Científicas nas diversas áreas do conhecimento, sendo as mais tradicionais nas disciplinas das ciências exatas e tecnológicas, com destaque para as Olimpíadas de Matemática, Química e Robótica, que além de competições locais e nacionais, ocorrem também em escala internacional, reunindo estudantes de vários países. (FONTENELE, COSTA JUNIOR, 2020, p. 19)

As Olimpíadas Científicas Escolares ainda privilegiam as áreas de Ciências Exatas e da Natureza. Existe toda uma mobilização em torno de algumas olimpíadas como, por exemplo, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) que está inserida no calendário regular de todas as escolas públicas nacionais, culminando com a adesão maciça dos discentes. Toda a divulgação é feita nacionalmente com o intuito de promover uma ampla participação das escolas. Existe uma ampla propaganda para haver o engajamento dos alunos. O avanço para as fases posteriores e as premiações obtidas são celebrados assim como as avaliações externas e internas promovidas pelos órgãos governamentais.

A valorização das Olimpíadas Científicas Escolares em todas as áreas de conhecimento são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos discentes. Essas competições têm o potencial de despertar o interesse pelo conhecimento científico. A formação integral do aluno está diretamente relacionada à abordagem de todas as disciplinas

escolares. É fundamental uma formação direcionada para o mercado de trabalho aliada à capacitação para o exercício pleno da cidadania. O desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes deve ser harmonizado com a promoção de valores humanos, como respeito, empatia, responsabilidade social. A integração dessas dimensões ajuda a capacitar indivíduos que não apenas detenham conhecimento especializado, mas também uma compreensão profunda de seus direitos e deveres como cidadãos.

É imprescindível que tenhamos cidadãos capazes de utilizar todas as suas competências e habilidades para contribuir para a construção de uma sociedade mais harmônica. Investir na valorização das Olimpíadas Científicas Escolares em todas as áreas de conhecimento enriquece a experiência educacional dos alunos e contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais coesa. Cada indivíduo deve ser capaz de contribuir com suas potencialidades em seu contexto social.

As olimpíadas nas áreas de Ciências Exatas e da Natureza foram as pioneiras diante da necessidade de divulgação de ideias que promovessem a relação intrínseca entre ciência e desenvolvimento econômico. As Olimpíadas Científicas Escolares na área de Ciências Humanas tiveram suas primeiras edições muito tempo depois, mas têm apresentado uma expansão considerável, demonstrando a necessidade de se valorizar todas as áreas de conhecimento científico.

Quando se trata de olimpíadas ligadas à área de Ciências Humanas, destacamos algumas experiências que marcaram o início do reconhecimento da importância das disciplinas da referida área de conhecimento. As iniciativas de países latino americanos como México e Argentina no início do século XXI foram referências das Olimpíadas Científicas na área de Ciências Humanas:

> A busca por outras experiências na área das Ciências Humanas trouxe informações importantes, principalmente ao localizar duas propostas de Olimpíadas de História no continente americano que serviram como referência para pensar a ONHB. Foi assim que o grupo encarregado pelo projeto de extensão fez um estudo sobre a forma como vinha sendo desenvolvida a Olimpíada de História de La República Argentina, organizada pela Facultad de Humanidades y Ciencias (FHUC) de La Universidad Nacional del Litoral (UNL), que ocorre desde 2007; e a Olimpíada Mexicana de História, organizada e promovida pelo Ministério da Educação mexicano por meio da Academia Mexicana de Ciencias, também desde 2007, e vinculada à Universidad Nacional Autónoma de México (SIMAS, 2018, p. 46)

Estas iniciativas sinalizam para a necessidade de valorização da área de Ciências Humanas. As novas gerações estão progressivamente sujeitas aos malefícios advindos das novas tecnologias com a aquisição de transtornos psicológicos. Diante deste contexto,

surgiram preocupações significativas sobre os impactos negativos dessas inovações na saúde mental dos jovens. O aumento de transtornos psicológicos que têm afetado um grande contingente dos alunos é um reflexo das pressões e dos desafios impostos por um mundo cada vez mais digitalizado e conectado. Faz-se necessário um sistema educacional que repense e reestruture o estudo de todas as áreas de conhecimento em prol do fortalecimento da formação discente.

As disciplinas relacionadas à área de Ciências Humanas ainda são relegadas a um plano secundário. Os projetos governamentais e não governamentais não têm inserido no calendário escolar olimpíadas ligadas à referida área de conhecimento. Essa lacuna evidencia uma visão limitada do papel das Ciências Humanas na formação educacional, deixando de reconhecer sua relevância para a construção de um indivíduo plenamente consciente e engajado na sociedade. Diante de tal contexto percebe-se a necessidade de potencializar o ensino na área de Ciências Humanas, objetivando a formação integral, capacitando para lidar com as adversidades causadas pelas transformações contemporâneas. Faz-se necessário reconhecer o papel fundamental das Ciências Humanas na construção da cidadania.

As Olimpíadas Científicas Escolares na área de Ciências Humanas são relativamente novas no Brasil. Apesar disso, nos últimos anos têm se verificado um aumento expressivo de olimpíadas na referida área de conhecimento.

> Em nosso país, com relação à área das Ciências Humanas, alguns exemplos podem ser indicados: a Olimpíada de Geografia: Viagem do Conhecimento, criada e desenvolvida pela Revista National Geografic, a partir de 2008; a Olimpíada Brasileira de Geografia, organizada em 2015, por uma equipe voluntária de professores de várias instituições brasileiras, válida como fase nacional da Olimpíada Internacional de Geografia; a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), criada em 2009 pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); a Olimpíada de Filosofia do Ensino Médio, que tem sua origem em experiências realizadas em diferentes espaços filosóficos, especialmente na Olimpíada de Filosofia do Núcleo de Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (NESEF) realizadas, desde 2011. (COSTA JÚNIOR, 2017, p. 47)

A expansão de olimpíadas científicas escolares na área de Ciências Humanas tem se apresentado como uma nova ferramenta pedagógica. Grande parte destas iniciativas foram concebidas a partir de ações não governamentais. Como geralmente não contam com o devido apoio estatal dependem de grande empenho de docentes e discentes do ensino básico. O engajamento é crucial para superar as barreiras de divulgação e garantir que essas competições se tornem uma parte significativa da experiência educacional. Além disso, a

ausência dessas olimpíadas no calendário oficial das escolas significa que a sua promoção e realização dependem do esforço individual e da mobilização da comunidade escolar.

Muitos professores enxergam essas competições como uma alternativa enriquecedora para a diversificação do aprendizado e estímulo ao pensamento crítico. O envolvimento ativo dos educadores, acompanhado de suporte de entidades não governamentais e de organizações educacionais, é essencial para consolidar e expandir o impacto dessas olimpíadas. Por meio desse esforço colaborativo é possível ampliar a presença das Ciências Humanas no cenário educacional. Dessa forma possibilita-se aos alunos uma formação mais rica e diversificada.

Existe a necessidade de ações efetivas para um maior engajamento por parte dos alunos. Uma das dificuldades encontradas é a exigência de algumas olimpíadas para o pagamento de taxas. Uma significativa parcela dos alunos das escolas públicas não dispõem de recursos financeiros para esta finalidade. A cobrança limita o acesso, excluindo muitos alunos que não têm recursos financeiros necessários para arcar com essa modalidade de investimento. Os orientadores procuram estimular a participação nessas olimpíadas. Esgotadas as tentativas, outras estratégias são usadas como pontuação extra nas disciplinas, pontuação conforme o avanço pelas fases, etc.

Algumas olimpíadas como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) promoveram iniciativas para garantir a participação de mais alunos por meio da gratuidade. A ONHB a partir da edição de 2024 implantou a gratuidade para alunos de escolas públicas. Esta medida pretende permitir que um maior número de estudantes possa participar e se beneficiar da oportunidade de desenvolver suas habilidades em Ciências Humanas.

A OCHE desde a sua primeira edição em 2019 é gratuita tanto para alunos de escolas públicas quanto para os provenientes das escolas particulares. Ao garantir que a participação não seja limitada por questões financeiras, a OCHE oferece a todos os alunos a oportunidade de participação em uma competição regional na área de Ciências Humanas.

As premiações das Olimpíadas Científicas Escolares na área de Ciências Humanas geralmente são bem mais restritas comparadas às competições nas áreas de Ciências Exatas e da Natureza. A Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e a Olimpíada Brasileira de Astronomia (OBA), por exemplo, são amplamente divulgadas pela mídia e estão inseridas no calendário escolar. A quantidade reduzida de certificados e medalhas disponíveis causam uma percepção de que essas competições têm um menor prestígio ou reconhecimento em comparação com as outras áreas de conhecimento. O

envolvimento dos professores tem sido fundamental para haver a conscientização do corpo discente.

1.2. A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)

No contexto da proliferação de olimpíadas científicas na área de Ciências Humanas, impactadas pelas experiências no México e Argentina, a Universidade de Campinas (UNICAMP) concebeu em 2009 a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB). A ONHB dialoga com as novas correntes historiográficas que surgiram ao longo do século XX, como a Escola dos *Annales* (1929), História Cultural (1960/1970), História Social (1960), ampliando o conceito de fontes históricas e lançando um novo olhar sobre a análise de documentos. A ONHB disponibiliza fontes históricas que geralmente não são apresentadas pelos livros didáticos. Traz consigo a discussão de temáticas que valorizam sujeitos históricos excluídos das narrativas históricas oficiais, como trabalhadores, indígenas, negros e mulheres.

> A ONHB surgiu no cenário nacional como uma proposta de projeto de extensão do Departamento de História e do Museu Exploratório de Ciências (MC) da UNICAMP no ano de 2009, quando foi lançada a primeira edição da competição em História. Um projeto desafiador, que vem instigando estudantes e professores a estudarem diversos temas da História do Brasil, inclusive alguns não abordados pelo currículo oficial e consequentemente ausentes nos livros didáticos, projetados para atender um mercado editorial específico. (SIMAS, 2018, p. 48)

A experiência da ONHB dialoga com as novas metodologias de ensino e pesquisa em História surgidas no século XX. A olimpíada consolidou-se como a mais importante da sua área de conhecimento no Brasil. Alguns diferenciais como a possibilidade de formação de equipes, o formato online, a disponibilidade de fontes históricas diversificadas, a forma de avaliação, são algumas características que têm despertado o interesse de alunos e professores de escolas públicas e particulares de todo o país.

A ONHB apresenta um formato diferenciado em relação à maioria das olimpíadas em relação aos participantes. Visando trabalhar o colaboracionismo, a olimpíada requer a formação de equipes compostas por alunos e orientadores. Alunos a partir do oitavo ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio ou séries correspondentes estão aptos a participar da olimpíada. A formação de cada equipe exige a participação de um orientador que deve ser um professor que esteja lotado na disciplina de História e três alunos matriculados na

mesma escola e que não sejam necessariamente da mesma série. Não existe hierarquização entre os membros da equipe sendo que o orientador é mais um componente que pode assumir várias funções ao longo do processo.

As seis primeiras fases da olimpíada são no formato online. Somente a última fase ocorre de forma presencial na cidade de Campinas–SP. De acordo com o regulamento[1] disponibilizado na edição de 2024, as 6 fases online são compostas por questões objetivas e tarefas. O edital estabelece em cada fase um percentual de equipes classificadas para a fase posterior segundo a pontuação obtida. As trezentas equipes que alcançarem maior pontuação participam da fase final presencial. O regulamento da edição de 2024 estabelece a aprovação de no mínimo 80% dos participantes para a segunda fase, no mínimo de 60% dos participantes para a terceira fase, no mínimo de 50% dos participantes para a quarta fase. Na quarta fase, o regulamento previu a aprovação de 1800 equipes, com a possibilidade de alteração pela comissão organizadora, que estabeleceu 2500 equipes na quinta fase. A quinta fase não é eliminatória e consiste no envio de uma tarefa. A sexta fase consiste na correção das tarefas entre as equipes, sob a supervisão da ONHB. As equipes que obtiveram a maior pontuação durante as seis fases online, participaram da fase final presencial.

Durante o transcorrer da olimpíada a concorrência aumenta consideravelmente. Há um percentual estipulado de equipes aptas a avançarem em cada fase. A edição de 2024 iniciou-se com 51.237 equipes inscritas e participaram da fase final presencial 229 equipes do ensino médio e 111 do fundamental. A chegada à última fase é resultante de muito empenho das equipes. No decorrer das edições a concorrência tem se tornado cada vez mais acirrada.

As atividades de cada fase online têm um prazo de seis dias para que as respostas sejam enviadas. Cada equipe escolhe a melhor dinâmica para administrar o seu tempo. As atividades apresentadas pela ONHB propõem o estudo embasado em uma grande diversidade de fontes históricas. Estas fontes são apresentadas pela olimpíada como forma de estimular os participantes a trilhar os caminhos da investigação científica. Promove-se uma aproximação com as etapas do processo de construção da aprendizagem histórica. Valoriza-se a pesquisa com o intuito de divulgar o cientificismo do conhecimento histórico. As respostas não são obtidas somente pelas informações da fonte histórica, mas também valorizam o envolvimento com o processo de pesquisa e o nível de desenvolvimento da consciência histórica dos participantes.

[1] Disponível em https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb16/regulamento. Acesso em 12/01/2025.

> Outra experiência que identificamos como bastante significativa é o contato com fontes históricas de diversas origens e tipologias, tais como: textos de diversos tipos (manuscritos, jornalísticos, publicitários, acadêmicos, letras de música, literatura, outros mais), imagens de todos os tipos: (desenhos, pinturas, fotografias, trechos de filmes, dentre outros), objetos da cultura material: (objetos de uso cotidiano, obras de arte, dentre outros). Todos esses ricos vestígios da vida humana em sociedade ao longo do tempo e de suas relações sociais são originários das mais diversas regiões do país e estão relacionadas a múltiplas temáticas, desde as mais clássicas, chegando a temas de vanguarda na historiografia. (MAGALHÃES, 2020, p. 43)

Toda a diversidade de fontes disponibilizada pela olimpíada potencializa o interesse dos participantes pela pesquisa. Muitas temáticas discutidas nas universidades são apresentadas. Promove-se uma aproximação entre a produção acadêmica e o ensino básico. A adaptação e aplicação desse conhecimento estão relacionadas ao processo de transposição didática (CHEVALLARD, 2013). A transposição didática refere-se ao conjunto de transformações adaptativas a que os saberes acadêmicos são submetidos para ocorrer sua inserção na escola como objetos de ensino. Segundo o autor, a transposição didática consiste em uma trajetória que se inicia com o "saber sábio" e se concretiza com o "saber ensinado". O percurso entre as duas formas de saberes está sujeita a várias contextualizações necessárias para uma efetiva aplicabilidade em sala de aula.

Com o intuito de uma otimização do processo de transposição didática, faz-se necessária a articulação entre os sujeitos envolvidos. De acordo com Chevallard (2013, p. 6) "A relação didática une três e não dois "objetos" a saber: o professor, o ensino e, por último, mas não menos importante, o conhecimento; ou, para ser ainda mais preciso, o conhecimento ensinado." O nível de aprendizagem dos alunos, o contexto socioeconômico no qual estão inseridos, entre outras variantes, são aspectos a serem considerados.

Os professores do ensino básico cumprem um papel imprescindível nesse processo, pois suas práticas pedagógicas têm um papel crucial no processo de ensino/aprendizagem. Existe a necessidade de análise do contexto no qual os alunos estão inseridos com o intuito de diagnosticar de que forma o conteúdo será trabalhado em sala de aula por meio da intenção didática. Os professores envolvidos no processo de elaboração das provas e na participação como orientadores desempenham um papel relevante no processo de transposição didática.

De acordo com Chevallard (2013, p. 13) "A maneira pela qual o conhecimento existe como conhecimento ensinado tem consequências inesperadas e imprevistas. A legitimidade de qualquer instituição de ensino deriva em parte de sua promessa de representar fielmente o conhecimento que pretende ensinar.". Desta forma, o processo de transposição didática está

relacionado a uma série de nuances que serão determinantes no processo de aprendizagem histórica.

A transposição didática é promovida pela olimpíada por meio da apresentação do conhecimento histórico produzido nas universidades aos alunos do ensino básico. A utilização do conhecimento acadêmico no ambiente escolar prescinde de adaptações. A produção acadêmica apresenta uma complexidade que dificulta a compreensão dos alunos da educação básica. Existe a necessidade de uma simplificação do conteúdo a ser discutido em sala de aula visando um melhor entendimento do corpo discente.

A apresentação pela olimpíada do conhecimento produzido nas universidades no ambiente escolar se dá por meio da utilização de artigos científicos, dissertações e teses. As atividades disponibilizadas por meio de questões e tarefas relacionadas ao cotidiano dos alunos tornam o processo mais didático.

A ONHB procura identificar os níveis de proficiência dos participantes. Esta avaliação está consoante as respostas dadas aos itens das questões. As alternativas apresentam uma variação que vão desde as mais simples até as mais complexas. Existe uma hierarquização nos itens de acordo com a opção marcada. Avalia-se o conhecimento dos discentes de acordo com suas interpretações. Dessa forma, a avaliação não se limita a verificar a memorização de fatos, mas busca compreender a capacidade dos discentes de aplicar, analisar e sintetizar informações históricas de maneira crítica.

> A ONHB considera que a alternativa de nível descritivo corresponderia a “1” ponto; a de nível de explicação simples corresponderia a “4” pontos; a de explicação em contexto, extrapolando as fontes fornecidas e comprovadas por pesquisas dos estudantes com outras fontes, equivalente a “5” pontos; cabe aos estudantes evitar assinalar a alternativa que indica anacronismo ou incoerência analítica, sendo a alternativa de pontuação “0”.(MIRANDA, 2013, P. 58)

Dessa forma, o processo avaliativo da ONHB procura avaliar o nível de consciência histórica dos participantes por meio da opção escolhida. As três alternativas corretas apresentam pontuação diferenciada. O item descritivo geralmente está explícito na fonte disponibilizada e traz a informação a nível de explicação descritivo. O item que apresenta o nível de explicação simples traz uma explicação um pouco mais elaborada e continua ligado ao texto. O item de explicação em contexto apresenta uma explicação que visa analisar o nível de proficiência do aluno em relação a outros tipos de conhecimento que não estão necessariamente no texto.

Além das questões objetivas, a ONHB apresenta a cada fase uma tarefa diferenciada. Esta atividade requer a realização de atividades com as mais variadas fontes históricas. As tarefas vão desde as mais simples, como o preenchimento de um questionário sócio econômico, até as mais complexas como a transcrição de documentos antigos. A diversidade de tarefas apresenta aos participantes várias possibilidades de se obter a aprendizagem histórica.

As concepções pedagógicas abordadas pela ONHB valorizam a criticidade, a colaboração e a investigação. A olimpíada promove a aprendizagem colaborativa e ativa. A formação de equipes possibilita a promoção de discussões propostas a partir de atividades que buscam a criticidade. Há um direcionamento para uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). A utilização de novas tecnologias aliada ao processo de ensino promove novas formas de aprendizagem para os discentes. Há uma ruptura com o modelo tradicional de avaliação. As atividades propostas valorizam a pesquisa, a análise crítica, o desenvolvimento da argumentação.

As concepções historiográficas associadas à ONHB enfatizam a complexidade e diversidade dos processos históricos. A olimpíada aborda a História como construção social, valorizando o protagonismo de multiplicidade de agentes históricos. Apresenta em suas atividades grupos sociais historicamente silenciados pela historiografia tradicional como mulheres, indígenas, negros. As críticas às narrativas eurocêntricas visam o desenvolvimento de uma perspectiva decolonial, valorizando os acontecimentos históricos protagonizados por personagens que se destacaram na luta contra a dominação europeia. A ONHB dialoga com os conceitos de consciência histórica (RÜSEN, 2010), e educação histórica (LEE, 2001).

Apesar de estar em constante expansão, a ONHB apresenta limitações. Por se tratar de uma olimpíada promovida por uma universidade pública, dispõe de recursos humanos limitados e depende de apoio governamental. Apesar de vários trabalhos acadêmicos relacionados à ONHB, a olimpíada carece de estudos mais aprofundados, que visem mensurar o impacto da olimpíada na educação. A abordagem a temas polêmicos e a História do Tempo Presente tem gerado acusações por incentivar uma história militante. A exclusão digital tem provocado a limitação da participação de alunos carentes. A mercantilização da olimpíada tem tornado desleal a concorrência entre escolas públicas e particulares. Enquanto as escolas privadas dispõem de mais recursos humanos e financeiros para o acompanhamento da olimpíada. O crescimento da extrema-direita no Brasil tem causado tensões pelos temas abordados pela olimpíada.

Diversas são as contribuições da ONHB para o processo de ensino/aprendizagem. A ONHB desconstrói narrativas de alguns livros didáticos que muitas vezes são reproduzidas por uma prática docente conservadora. A olimpíada promove a visibilização de regiões relegadas a um segundo plano e de minorias que tiveram suas histórias ocultadas. Proporciona uma oportunidade para o desenvolvimento da consciência histórica. Apresenta uma visão inclusiva da diversidade histórica e cultural. Enriquece o conhecimento dos alunos e amplia as perspectivas dos educadores, promovendo uma abordagem mais crítica e diversificada do ensino de História.

A ONHB evidencia a relevância das Ciências Humanas, abrindo novas possibilidades para a criação de outras iniciativas. A metodologia diferenciada, a disponibilidade de fontes, a formação de equipes, as fases online, o tempo disponibilizado para a resolução de questões, a aproximação entre a universidade e o ensino básico são algumas peculiaridades da olimpíada. A abordagem da ONHB, com sua ênfase na diversidade de fontes e na prática colaborativa, inspirou a criação de novas olimpíadas que buscam replicar e adaptar suas metodologias para atender a contextos regionais específicos. Um exemplo notável é a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), desenvolvida com base na metodologia bem-sucedida da ONHB. A OCHE incorpora princípios e práticas que tornaram a ONHB uma referência, promovendo um ambiente de aprendizado interativo e desafiador para os estudantes.

1.3. A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE)

> A Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPI) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), no uso de suas atribuições, torna pública a abertura de inscrições para a 1ª edição da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará – OCHE CEARÁ, de acordo com as disposições estipuladas neste Edital.(INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2019, p. 1).

Devido ao sucesso proporcionado pela ONHB, o Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Fortaleza, promoveu a 1ª edição da Olimpíada em Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) em 2019. A OCHE procura evidenciar aspectos relacionados ao estado do Ceará abordando temáticas referentes às Ciências Humanas. A organização da olimpíada está sob responsabilidade da Comissão Organizadora Permanente da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará, vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) do Instituto Federal do Ceará (IFCE).

> A organização da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará - OCHE Ceará, fica a cargo da Comissão Organizadora Permanente da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará, instituída pela Portaria no 156/GABR/REITORIA, de 07 de fevereiro de 2020 e com composição atualizada pela Portaria no 1034/GABR/REITORIA, de 27 de julho de 2022, vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - PRPI do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado Ceará - IFCE.(INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 1).

A iniciativa da criação da olimpíada partiu da demanda que o então pró-reitor do IFCE, José Wally Mendonça Menezes, em promover uma competição na área de Ciências Humanas. A proposta foi feita ao professor Zilfran Varela Fontenele, docente com várias participações exitosas como orientador da ONHB. Proveniente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e recém-chegado ao IFCE, campus Fortaleza, em 2018, foi incentivado pelo pró-reitor: “Aí ele olhou assim pra mim, eu quero que você taque fogo, que eu jogo gasolina” (FONTENELE, 2023). Utilizando da sua experiência, o professor Zilfran Fonteles propôs uma olimpíada de Ciências Humanas baseada no formato da ONHB.

> Eu quero deixar sempre muito claro que a OCHE, ela é totalmente inspirada no modelo do ONHB. Então, quem conhece a OCHE, percebe que nós nos inspiramos, nós nos baseamos no modelo, na metodologia, que a gente entende que é um modelo fantástico, é uma metodologia espetacular. E a gente conversou com as meninas, com a CrIs em especial, com a Leca, que são as organizadoras, coordenadoras da ONHB. Deram todo apoio, todo suporte. E aí a gente veio com a proposta da OCHE, a partir da experiência que a gente teve com a ONHB. A gente veio com a proposta de uma olimpíada para o Ceará, não só para o IFCE, mas para todo o estado, envolvendo toda essa população mesmo de estudantes do Fundamental II (oitavo e nono) e do médio. E já que ele pediu isso, vamos falar com todo o Ceará, vamos dialogar com todo o Ceará. (FONTENELE, 2023)

O êxito da ONHB a nível nacional está propiciando muitos impactos no ensino de História e contribuído para uma nova visão das Ciências Humanas por parte dos agentes envolvidos no processo de ensino/aprendizagem (SIMAS, 2018, p. 50). Um dos resultados da representatividade alcançada pela ONHB foi a concepção da OCHE. A OCHE apresenta várias convergências com a ONHB como a estruturação das equipes, modelo de questões, existência de fases online e tem como particularidades a abordagem de conteúdos referentes ao estado do Ceará e a interdisciplinaridade.

A relevância das olimpíadas científicas no processo de ensino/aprendizagem resultou no estabelecimento de uma nova estrutura organizacional no setor de olimpíadas do IFCE. Foi

criada a Coordenadoria Geral de Olimpíadas do Conhecimento que está vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI).

> O departamento é a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação. Recentemente, agora em agosto de 2022, foi criada a coordenadoria geral de olimpíadas do conhecimento, que está sob a minha coordenação. Já como resultado da OCHE, eu fui convidado a assumir essa coordenadoria. Então a OCHE hoje está vindo lá da coordenadoria geral de olimpíadas do conhecimento, que está sob minha coordenação, que por sinal é vinculada a Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) do IFCE. (FONTENELE, 2023)

Esta nova organização resultou no aumento de membros envolvidos. Atualmente a comissão organizadora é formada por onze integrantes dos diferentes campi do IFCE. O objetivo é democratizar o processo de elaboração das atividades da olimpíada, permitindo a representação de um maior número possível de regiões do Ceará. Os membros da comissão organizadora estão lotados em sala de aula ao mesmo tempo que participam da logística que envolve a estruturação da OCHE.

> Mas eles ficam exclusivamente elaborando as questões ou eles estão em sala de aula? Não, eles são professores em sala de aula, professores 'normais'. Eu até brinco quando a gente fala nas formações que nós somos professores iguais a vocês, a gente tem a nossa carga horária alta do mesmo jeito, a gente tem todas as provas para corrigir, e além disso a gente inventa de fazer a OCHE, né? (FONTENELE, 2023)

Os professores que integram a comissão organizadora da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) desempenham um papel fundamental ao conciliar suas atividades regulares em sala de aula com as responsabilidades associadas à olimpíada. Essa dedicação exige um significativo comprometimento e representa uma oportunidade valiosa para o intercâmbio entre docentes da área de Ciências Humanas. A OCHE permite que os docentes se envolvam em discussões sobre diversos aspectos regionais, refletindo sobre temas e contextos específicos do Ceará, essenciais para a compreensão da realidade local. A comissão organizadora é formada por professores de vários campi do IFCE.

> E aí a organização é por meio de uma comissão organizadora. Ela é definida por portaria, tá certo? E essa comissão é uma comissão permanente. Ela tem hoje onze integrantes, e a nossa ideia inicial sempre foi que fossem integrantes de campus diferentes, então a gente tem onze integrantes, se eu não me engano, de sete campus do IFCE, certo? (FONTENELE, 2023)

A composição diversificada da comissão organizadora permite uma abordagem diversificada dos temas a serem tratados pela olimpíada. A proximidade dos docentes a aspectos de diversas regiões do estado proporciona uma perspectiva de elaboração de atividades que viabilizam enfoques descentralizados. Por se tratar de uma olimpíada interdisciplinar, os professores da comissão organizadora são de diversas áreas de conhecimento relacionados às Ciências Humanas.

> Nessa comissão nós temos professores das diversas áreas, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Meio Ambiente e Literatura. Prioritariamente nós organizamos essas provas, nós elaboramos, nós trabalhamos, nós montamos a prova, mas nós também temos algumas colaborações externas. (FONTENELE, 2023)

Ao dedicar tempo e atenção à OCHE, os professores têm a oportunidade de explorar e compartilhar conhecimentos acerca de diversos aspectos regionais. Essa troca de experiências não se limita apenas ao âmbito acadêmico. Os alunos do ensino básico são beneficiados por uma perspectiva mais ampla e contextualizada das Ciências Humanas. Além disso, o envolvimento dos docentes na organização e na realização da OCHE promove uma maior conexão entre a teoria e a prática, trazendo para a sala de aula discussões iniciadas na academia. Essa sinergia entre a prática docente e a olimpíada enriquece o ambiente educacional e estimula um aprendizado mais dinâmico, favorecendo a formação integral dos alunos.

A elaboração de provas ocorre por meio da comissão organizadora e conta com a parceria de docentes de outros institutos federais e universidades. Esse esforço coletivo é fundamental para garantir a qualidade e a abrangência das provas, refletindo a diversidade de perspectivas e áreas de conhecimento que enriquecem a olimpíada. Os professores participantes estão vinculados às Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia, Geografia), além de outras áreas de conhecimento como Meio Ambiente e Literatura. Essa diversidade permite a elaboração de atividades que promovem uma abordagem integrada e multidisciplinar.

Posteriormente ocorre a validação por outro professor especialista. Docentes de várias universidades e institutos federais colaboram tanto no processo de elaboração como no de validação das questões.

> Nós temos, a cada edição, nós formamos uma comissão de validadores. Por exemplo, a do ano passado tinha colegas do Instituto Federal do Mato Grosso, posso

> até citar a professora Manu, do Instituto Federal da Paraíba, professor Vladis Veiga e também do Instituto Federal do Rio Grande do Norte era o professor Andrei. Então eles ajudam na validação além também de colegas aqui da UFC que são da comissão validadora.(FONTENELE, 2023)

Essa parceria contribui para a abordagem de pesquisas acadêmicas por meio da elaboração de atividades didáticas direcionadas para alunos do ensino básico. A participação de diferentes instituições potencializa a olimpíada, garantindo que as atividades ofereçam uma avaliação otimizada do conhecimento dos participantes, promovendo um ambiente de aprendizagem enriquecedor.

A OCHE é dividida em quatro fases *online* e a última fase presencial, que ocorre em alguma cidade cearense que disponha de campus do Instituto Federal do Ceará. As três primeiras fases são compostas por dez questões objetivas cada. As equipes que conseguem avançar para a quarta fase realizam uma tarefa online relacionada a assuntos trabalhados nas questões objetivas. A última fase consiste em uma tarefa presencial associada à abordagem da fase anterior. Entre os anos de 2019 a 2023, as cidades de Caucaia(2019), Maranguape (2022), e Crateús (2023) sediaram as fases presenciais. As edições de 2020 e 2021 foram totalmente virtuais devido aos efeitos da pandemia da COVID-19. Cada fase disponibilizada tem o prazo de cinco dias para ser concluída. Este prazo permite que as equipes construam estratégias de resolução das questões visando a otimização do tempo.

Até a edição de 2022 as fases eram eliminatórias. A edição de 2023 estabeleceu que as 600 equipes que obtiveram maior pontuação nas três primeiras fases online estariam aprovadas para a quarta fase online. Posteriormente, as 100 equipes que obtiveram maior pontuação estariam aptas a participar da Fase Final presencial. Desta forma, a OCHE possibilita um tempo maior de participação de todas as equipes envolvidas.

O formato online adotado até a penúltima fase da olimpíada permite uma ampla participação de alunos matriculados em toda a rede de educação do estado do Ceará, superando barreiras geográficas e econômicas que poderiam limitar o acesso ao evento. A possibilidade de participar de forma remota é significativa para muitos alunos cearenses, especialmente aqueles que frequentam escolas públicas. Para esses estudantes, os custos associados à logística de uma olimpíada totalmente presencial seriam um obstáculo insuperável.

Atualmente a OCHE se destaca no calendário estadual, estando aberta para a participação de todos os alunos matriculados nas escolas do Ensino Básico localizadas no estado do Ceará a partir do oitavo ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino

Médio ou níveis correspondentes. A cada ano vem conseguindo um maior número de inscritos.

Tabela 1 - Quantidade de equipes participantes da OCHE entre 2019 e 2023

Quantidade de equipes participantes da OCHE (2019-2023)	
2019	1138
2020	926
2021	1420
2022	4469
2023	7800

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir de dados disponibilizados pela comissão organizadora da OCHE.

Existe a possibilidade de conciliar a participação dos alunos na OCHE e na ONHB com as atividades escolares regulares. A OCHE, ao ser realizada no segundo semestre do ano letivo, e a ONHB, no primeiro semestre, estabelecem uma logística que permite aos alunos se envolverem em ambas as olimpíadas sem comprometer o seu desempenho nas atividades escolares. Além disso, existe a possibilidade de articulação entre o conteúdo estudado em sala de aula e as atividades das olimpíadas. Dessa forma, a participação nas olimpíadas se torna uma extensão natural do processo curricular, permitindo que os alunos explorem temas estudados simultaneamente às suas práticas escolares.

No que concerne aos participantes, a OCHE tem a configuração que consiste na formação de equipes compostas por quatro componentes. Cada equipe é formada obrigatoriamente por três estudantes matriculados na mesma escola entre o oitavo ano do Ensino Fundamental e o terceiro ano do Ensino Médio ou cursos técnicos integrados ao ensino médio, supletivo, ensino profissionalizante ou Educação de Jovens e Adultos (EJA) e um professor orientador lotado nas disciplinas na área de Ciências Humanas. Os alunos devem estar matriculados na mesma escola, mas não necessariamente na mesma série. Esta dinâmica permite um conjunto de possibilidades que incentiva o envolvimento de um maior número de participantes. A formação de equipes segue a dinâmica de cada escola. A dificuldade de composição dos grupos pode ser superada com a mediação dos professores, garantindo a participação dos estudantes de turmas diferentes.

O processo de orientação inicialmente estava restrito a algumas disciplinas. Na 1ª edição, em 2019, a orientação estava limitada aos professores de Ciências Humanas lotados nas disciplinas de História, Geografia, Sociologia ou Filosofia. Ao longo das edições houve uma ampliação da orientação para professores de outras áreas de conhecimento. Vejamos a proposta do edital da 5ª edição:

> 2.13) O professor(a) orientador(a) deve pertencer ao corpo docente da escola da qual a equipe faz parte e possuir formação em nível superior ou ser responsável pela regência de uma das disciplinas da área de Ciências Humanas: História, História da Arte, Geografia, Ensino Religioso, Filosofia e Sociologia, como também Artes e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. .(INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 2)

Esta mudança se deu em decorrência da dificuldade de muitos professores da área de Ciências Humanas estarem disponíveis para a orientação de atividades relacionadas a diversas áreas de conhecimento. A grande procura por docentes de outras disciplinas para o esclarecimento de dúvidas proporcionou a ampliação da possibilidade de orientação. Esta ampliação reflete a importância da olimpíada na integração de professores de diversas áreas de conhecimento em busca do processo de interdisciplinaridade, característico da OCHE.

As novas tecnologias têm sido muito utilizadas pelos professores no processo de orientação. A dificuldade de disponibilidade para encontros presenciais é um dos empecilhos inerentes ao processo de orientação docente. Os professores lotados no Ensino Médio tiveram sua carga horária reduzida em suas áreas de formação específica, tendo que lecionar outras disciplinas para completar seu tempo necessário devido às novas exigências do Novo Ensino Médio. Esta mudança provocou um impacto negativo no tempo de planejamento na escola, cada vez mais insuficiente para atender às demandas das aulas regulares e tornando o processo de orientação nas olimpíadas cada vez mais complexo.

Devido às dificuldades para que as questões sejam discutidas presencialmente, cada equipe escolhe a estratégia mais conveniente. Geralmente, cada membro da equipe resolve as atividades nos primeiros dias e na proximidade do prazo final para o envio das respostas se reúnem por meio de um encontro presencial ou virtual. Esta metodologia é muito utilizada diante de uma carga horária semanal exaustiva dos orientadores, muitas vezes fracionada entre diversas unidades escolares. Por este motivo, ao longo da semana algumas discussões pontuais são feitas. As reuniões eventualmente são realizadas presencialmente. A leitura prévia das questões e das fontes de pesquisa pelos componentes da equipe gera uma melhor gestão do tempo, para que todos estejam envolvidos no debate. Os questionamentos vão

surgindo durante a semana e sanados consoante a disponibilidade dos professores. Próximo ao prazo final, com a utilização das novas tecnologias, ferramentas digitais como o *Google Meet* possibilitam reuniões virtuais para alinhar as discussões em torno da resolução das atividades propostas.

Outras ferramentas tecnológicas amplamente utilizadas pelos professores orientadores são o *WhatsApp* e o *Telegram*, que têm se revelado essenciais na facilitação da comunicação e colaboração entre os membros das equipes durante o período das olimpíadas. A criação de grupos com os participantes viabiliza as discussões de forma assíncrona, proporcionando otimização do tempo.

Além dos debates promovidos entre membros da equipe, estes aplicativos oportunizam o intercâmbio entre orientadores de outras cidades. Diante dos empecilhos para a realização dos encontros presenciais, os recursos tecnológicos viabilizam discussões enriquecedoras durante e após o período das olimpíadas. As interações se mantêm ativas durante praticamente todo o ano e os membros trocam informações referente à área de conhecimento. As discussões acerca das Ciências Humanas com orientadores de outras regiões promovem uma experiência diferenciada.

Por outro lado, a popularização das olimpíadas na área de Ciências Humanas tem provocado uma proliferação de grupos de *WhatsApp* e *Telegram* que promovem a discussão das atividades e a propagação de gabaritos. Alguns professores têm promovido *lives* no *YouTube* resolvendo questões e tarefas. Esta particularidade facilita a busca por respostas prontas e torna-se um meio utilizado por muitas equipes na tentativa de avançar pelas fases da olimpíada sem muitos esforços. Ao mesmo tempo, há uma divulgação da olimpíada dentro e fora do espaço escolar, possibilitando um maior engajamento.

O processo de avaliação da olimpíada é realizado conforme a pontuação obtida nas atividades propostas. Cada questão objetiva apresenta quatro itens, sendo três verdadeiros e um falso. Os quatro itens de cada questão objetiva são avaliados respectivamente com a seguinte pontuação: 0,1,4,5. O “0” corresponde ao item incorreto de cada questão, enquanto as pontuações “1”,”4”,”5” correspondem aos itens verdadeiros. A pontuação de cada item correto varia segundo o nível de complexidade, sendo que a resposta mais descritiva vale 1 ponto e a mais complexa 5 pontos. Desta forma, as olimpíadas oferecem uma avaliação diferenciada consoante o nível de proficiência dos participantes.

> A avaliação é uma avaliação qualitativa, é muito clara a avaliação qualitativa por que a gente avalia competências. A gente tem um quadro de itens, na parte objetiva que são quatro itens, um está errado e três são verdadeiros. Os três são verdadeiros, e

> não existe item “mais verdadeiro ou menos verdadeiro”, existem itens verdadeiros, só que alguns articulam. “Por que aquele ali vale cinco pontos?”, porque ele articula muito mais elementos cognitivos do que, por exemplo, aquele que vale quatro, ou do que aquele que vale menos porque muitas vezes é meramente descritivo. (FONTENELE, 2023)

Destarte, promove-se a averiguação do nível de proficiência dos participantes por meio da escolha do item de cada questão. O formato de grande parte das avaliações objetivas as quais os discentes são submetidos limita-se à marcação da alternativa correta. Grande parte dos vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio, mesmo com questões contextualizadas, seguem este parâmetro. A OCHE, seguindo os padrões da ONHB, apresenta uma avaliação que problematiza todos os itens da questão. Esse aspecto é fundamental para que os alunos compreendam o grau de complexidade de cada resposta. Desta forma, contribui-se para o aprofundamento das discussões e para o desenvolvimento da Consciência Histórica.

A proposta da OCHE dialoga com a aprendizagem histórica. Ao exigir a avaliação dos itens de acordo com a análise das fontes históricas apresentadas, a OCHE promove o exercício da Educação Histórica. A utilização de questões objetivas com a escolha de apenas uma alternativa correta limita a percepção em relação ao aprofundamento do conhecimento histórico. A olimpíada desmistifica este processo ao oferecer possibilidades de diferenciação entre as alternativas corretas. De acordo com Barca (2007, p. 6).

> Os jovens, tal como os adultos, precisam de exercitar estas competências de selecção e avaliação da informação com base em critérios racionais, sem esquecer o sentido humano da vida. A disciplina de História assim problematizada poderá fornecer estas capacidades e valores, a par de uma narrativa inclusiva do passado que permita aprofundar a compreensão do presente.(BARCA, 2007, p. 6)

O modo de avaliar diferenciado e o contato com os mais variados tipos de fontes de pesquisa, possibilitam novas perspectivas em relação ao processo de ensino/aprendizagem. A olimpíada viabiliza uma aprendizagem direcionada para a compreensão das relações entre passado e presente.

A OCHE dialoga com as ideias de Peter Lee (2001). O historiador inglês acompanhou o processo de transformação em relação ao ensino de história a partir dos anos 70 com o intuito de provocar o interesse dos alunos, mostrando-lhes o potencial transformador da disciplina. De acordo com Lee (2001):

> Nós não podemos dar um conjunto puro de condições suficientes para serem cumpridas, antes que possamos dizer que alguém "sabe (algo da) história", mas talvez seja permitido tentar uma meta mais modesta de sugerir algumas condições necessárias. Estas devem incluir a compreensão do que uma forma histórica de olhar para o mundo envolve e uma vontade e capacidade de empregar tal entendimento, juntamente com conhecimento substantivo do passado, com a finalidade de orientação no tempo.(LEE, 2001, p.20)

Desta forma, a OCHE contribui para o desenvolvimento da Educação Histórica, implementando discussões que envolvem a resolução das atividades apresentadas. O debate das atividades da olimpíada contribui para o desenvolvimento da consciência histórica, utilizando o ensino de História direcionado para a criticidade. O desenvolvimento da aprendizagem histórica está relacionado à compreensão do sujeito diante dos acontecimentos. Peter Lee (2003) nos apresenta uma trajetória possível para desenvolvimento cognitivo em que a:

> Progressão das ideias é então possível em História, tornando-se uma transição de ideias menos poderosas para ideias mais poderosas. Embora algumas ideias possam conduzir a História a um impasse, outras permitem continuar. Isto aplica-se não somente às conceções de evidência, mas também à compreensão das pessoas no passado: um modelo de progressão em empatia histórica (LEE, 2003, p. 25).

A forma de avaliação da OCHE está alinhada aos parâmetros estabelecidos para a obtenção de uma aprendizagem histórica, proporcionando uma abordagem que vai além da identificação de respostas corretas. A aprendizagem histórica deve promover uma compreensão dos processos e contextos históricos, incentivando os alunos a desenvolverem habilidades analíticas e críticas que lhes permitam interpretar e contextualizar o conhecimento histórico de maneira mais eficaz. A OCHE, ao elaborar suas questões objetivas, busca avaliar o conhecimento dos participantes não apenas pela escolha correta de alternativas, mas também pelo nível de proficiência demonstrado na análise e na interpretação dos temas abordados. Dessa forma, a OCHE incentiva os alunos a explorar as peculiaridades da construção histórica e a fomentar um entendimento completo e contextualizado, alinhando-se com a visão de LEE sobre a importância da aprendizagem na formação de uma visão mais robusta e integrada do passado.

Assim como acontece com a ONHB, a OCHE diferencia-se na forma de premiação em relação à maioria das olimpíadas científicas escolares. Por se tratar de uma equipe, não existe o aluno vencedor, mas o grupo vitorioso, formado por três estudantes e um professor

orientador. Na edição de 2023[2], o edital previu a participação das cem melhores equipes na fase presencial na cidade de Crateús. Foram distribuídas medalhas de ouro (1ª a 10ª), prata (11ª a 25ª), bronze (26ª a 45ª) e certificados de menção honrosa (46ª a 100ª) para as equipes finalistas. Desta forma, todas as equipes foram prestigiadas.

> A gente não divulga a lista de equipes com a pontuação exatamente para evitar aquela coisa de "a primeira das primeiras", "teve dez ouros, mas meu ouro é mais ouro porque eu tive mais pontos". A gente não faz essa divulgação *rankeando*, é uma competição mais saudável. E lembrando que é muito transparente por que você tem acesso a sua pontuação, você não precisa saber a do outro. Então a gente tem esse cuidado. (FONTENELE, 2023)

Desta forma, valoriza-se a participação de todas as equipes envolvidas na olimpíada. Em um contexto em que a busca incessante por resultados leva a uma corrida direcionada para o individualismo, a olimpíada contribui para o processo de construção de uma sociedade mais solidária. Ao fomentar um ambiente onde o sucesso é celebrado como um esforço coletivo, a OCHE desempenha um papel crucial na formação de cidadãos comprometidos com a coletividade.

A quantidade de medalhas e certificados distribuídos pela OCHE é menor em relação às olimpíadas mais populares como a OBMEP e à OBA. O avanço para as fases posteriores da OCHE têm um peso bem maior se comparado às outras olimpíadas. A propaganda "boca a boca" é a principal ferramenta de atração de novos participantes para as olimpíadas na área de Ciências Humanas. A performance das equipes gera motivação que influencia o crescimento e a popularização da olimpíada. Mesmo com uma premiação simbólica, a OCHE apresenta um prestígio significativo na área de Ciências Humanas.

Inicialmente a olimpíada foi pensada para alunos dos institutos federais do Ceará, mas acabou abrangendo todas as escolas públicas e privadas do Estado, refletindo um compromisso com a inclusão e a democratização do acesso ao conhecimento. Essa ampliação significativa permitiu que um maior número de estudantes, de diferentes contextos educacionais, pudesse participar da competição. A gratuidade da OCHE é crucial nesse processo, removendo barreiras financeiras e garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de engajamento. A gratuidade foi justificada pelo regulamento da primeira edição (2019) da seguinte forma:

---

[2] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/edital-oche-2023.pdf/view. Acesso em 12/01/2025.

> 3.1.1) A não cobrança de valor de inscrição para a primeira edição da OCHE Ceará se justifica pela necessidade de estimular a participação dos estudantes cearenses no certame, permitindo uma maior divulgação e conhecimento da metodologia utilizada que tem por fim maior o incentivo ao conhecimento e à pesquisa, bem como ampliar a possibilidade de atingir maior número de participantes, especialmente oriundos de escolas públicas e populações de baixa renda. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2019, pág. 3)

A gratuidade amplia o alcance da olimpíada, promovendo a disseminação de conhecimentos sobre aspectos regionais das Ciências Humanas de forma mais abrangente. A ampliação do acesso enriquece a formação acadêmica dos participantes e fortalece a valorização e o entendimento das particularidades regionais, contribuindo para o desenvolvimento da consciência histórica a partir da perspectiva regional. O compromisso em manter a gratuidade desde a primeira edição demonstra a importância do papel social das instituições públicas na potencialização de aspectos regionais.

Muitas críticas podem ser direcionadas à OCHE. O nível de atividades apresentadas pela olimpíada muitas vezes é muito complexo. Artigos e dissertações são apresentados como fontes de pesquisa para um público que apresenta muita dificuldade de entendimento da linguagem acadêmica. Algumas questões são muito longas e requerem um alto nível de abstração dos participantes.

Os estereótipos criados em relação às disciplinas na área de Ciências Humanas inibem um maior engajamento na OCHE por parte dos alunos. Muitos discentes têm uma visão tradicional da disciplina de História, associando-a à memorização. Esta visão foi sendo forjada ao longo do tempo segundo as preferências dos grupos que monopolizam as narrativas históricas, aliado ao conservadorismo presente no processo de formação docente. Estas dificuldades têm contribuído para dificultar o combate à alienação, tão comum em nossa sociedade atual. O desenvolvimento da conscientização não está restrito à sala de aula, mas em todas as vivências dentro e fora do ambiente escolar. Cabe aos professores, aguçar a percepção dos fatores que influenciam o desenvolvimento da desinformação, preparando os alunos para que se tornem sujeitos históricos conhecedores dos seus direitos e deveres.

A competição entre estudantes de diferentes níveis de ensino pode ser apresentada como outro aspecto negativo da olimpíada. Este desnivelamento apresenta um grande obstáculo, especialmente para os participantes do ensino fundamental. Uma possível adaptação para amenizar as disparidades da competição seria seguir o exemplo da ONHB, que em 2024 introduziu a divisão entre os participantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Esse desmembramento permite uma competição mais equitativa, uma vez que os

desafios são ajustados de acordo com o nível de escolaridade dos alunos, promovendo uma experiência mais apropriada para cada faixa etária.

Por se tratar de uma olimpíada *online,* a exclusão digital apresenta-se como um desafio diante da falta de acesso a computadores e à internet, principalmente entre alunos de escola pública. Os participantes adaptam suas rotinas escolares diante da necessidade de enfrentar os desafios propostos pelas atividades da OCHE.

A olimpíada tem promovido avanços ao longo de suas edições. Cada edição da olimpíada é suscetível a ajustes pontuais objetivando atender melhor às necessidades dos participantes. Podemos citar algumas mudanças, como, por exemplo: a ampliação da área de conhecimento para agregar orientadores, distribuição da quantidade de questões pelas fases, dentre outras. Quando se trata da questão das mudanças que podem acontecer na OCHE em virtude das críticas recebidas, Fontenele (2023) se posiciona da seguinte forma:

> Então, existem as críticas que são realmente inadequadas. Mas, por exemplo, já recebemos críticas de nível de questão porque tem alunos do oitavo e nono ano. E a gente acolhe essas críticas, a gente avalia. "Ah questões muito longas", a gente recebe essa crítica e procura colocar uma questão menor. " Ah, essa questão está muito difícil". A gente entende às vezes que uma questão pode ser mais difícil, mas tem que ter a mais fácil, a mediana e a difícil. Mas às vezes está muito difícil, então é muito criticada, a gente já melhora o nível. A gente recebeu muitas críticas no primeiro sistema, a gente entendeu, mudamos de sistema, desenvolvemos um novo sistema. Então assim, a gente tem tido essa maturidade de receber as críticas de forma construtiva e buscar melhorar. (FONTENELE, 2023)

As repercussões acerca da olimpíada têm se apresentado positivamente. Há um interesse progressivo tanto por parte de escolas particulares como públicas em participar da OCHE. A olimpíada vem cumprindo um papel relevante em relação à valorização das Ciências Humanas no ensino básico e da promoção da história regional.

Todos são beneficiados com a participação nas Olimpíadas Científicas Escolares. O conhecimento apreendido extrapola a conquista de premiações e reflete-se nas conquistas pessoais e profissionais dos participantes. Diante das dificuldades impostas pelas inverdades disseminadas associadas à massificação provocada pela globalização, a OCHE cumpre um papel social relevante. Formar sujeitos históricos conscientes por meio do fortalecimento de sua identidade é imprescindível para o desenvolvimento da consciência histórica.

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) conduz docentes e discentes ao resgate de narrativas relacionadas a grupos e regiões que foram alvos do processo de invisibilização. Procuramos neste capítulo destacar alguns aspectos metodológicos

utilizados pela olimpíada: promoção da pesquisa como princípio pedagógico, utilização das novas tecnologias e metodologias ativas e interdisciplinaridade.

1.3.1. A pesquisa como princípio pedagógico

A quinta edição da OCHE (2023) apresenta entre seus objetivos específicos: "Estimular a pesquisa, a compreensão e o conhecimento da História, Geografia, Cultura, Economia e Meio Ambiente do Estado do Ceará, incentivando nos estudantes uma apropriação da realidade na qual estão inseridos (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 1)". Por meio da interdisciplinaridade e do enfoque regional, a OCHE estímulo à iniciação científica.

A influência progressiva das novas tecnologias expressa as rápidas transformações resultantes do acúmulo de conhecimentos ao longo do processo histórico. A universalização da internet possibilita o acesso a uma infinidade de informações que podem contribuir para uma formação otimizada, ampliando um maior alcance do conhecimento disponível. No entanto, essa mesma tecnologia pode protagonizar ideias que não estão necessariamente alinhadas com parâmetros científicos, promovendo a disseminação de informações duvidosas. Essas dinâmicas que envolvem avanços e retrocessos demandam vigilância constante para assegurar os preceitos racionais na sociedade.

O impacto decorrente da utilização das redes sociais na contemporaneidade tem contribuído decisivamente para o poder massificador das *fake news*. Olimpíadas como a OCHE cumprem um papel de resistência diante das imposições conservadoras e dialogam com a competência geral dois da BNCC, que visa:

> Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 10).

O processo de ensino/aprendizagem deve estar alinhado aos parâmetros científicos. Uma educação sólida e bem fundamentada possibilita aparelhar os alunos com habilidades necessárias para discernir informações verídicas. Neste contexto, a OCHE contribui significativamente para a promoção de uma iniciação científica na área de Ciências Humanas.

Ao estimular a pesquisa e a análise crítica, a olimpíada ajuda a formar cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios do tempo presente. A olimpíada está articulada com a competência geral sete da BNCC, que enfatiza a capacidade de investigar e compreender fenômenos e problemas de forma reflexiva:

> Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2018)

As atividades apresentadas pela OCHE disponibilizam diversas fontes de pesquisa. Estas fontes são apresentadas como forma de incitar os participantes a trilhar os caminhos da investigação, com a intenção de fazer com que as equipes se familiarizem com as etapas do processo científico. O objetivo consiste em promover a valorização da pesquisa com o intuito de demonstrar o percurso para a construção do conhecimento na área de Ciências Humanas. As respostas não são obtidas somente pelas informações apresentadas pelas fontes disponibilizadas, mas também com o processo de experimentação e o nível de desenvolvimento da consciência crítica dos participantes.

De acordo com um de seus objetivos específicos, a OCHE propõe "Estimular o contato de estudantes com fontes (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 2)". Estas fontes viabilizam o aprofundamento de temáticas regionais por alunos da educação básica. Esses documentos são geralmente esquecidos nos repositórios acadêmicos ou utilizados somente no ambiente universitário. As atividades propostas pela olimpíada promovem a valorização de aspectos regionais por meio da divulgação dos saberes acadêmicos entre os alunos da educação básica, promovendo a iniciação científica.

Ao promover a iniciação científica por meio da análise de fontes de pesquisa qualificadas, a olimpíada contribui para a edificação de uma aprendizagem consistente. A OCHE, por meio de suas atividades baseadas em produções acadêmicas, vem contribuindo significativamente para a valorização da história local articulada com o regional e o global.

Existe um grande distanciamento entre o ensino básico e a produção universitária. A OCHE promove essa aproximação. Durante a estruturação das atividades da olimpíada são utilizadas produções acadêmicas como fontes de pesquisa. Os trabalhos muitas vezes encontram-se ignorados nas bibliotecas das universidades. Esse enfoque ajuda a criar um

ambiente de aprendizagem mais coeso e integrado, aproximando a realidade acadêmica das universidades da formação oferecida no ensino básico e incentivando uma apreciação mais profunda e contextualizada dos temas estudados.

> Tem uma história engraçada que foi de uma questão de um colega. O Caio fez o doutorado dele na federal do Rio Grande do Sul e era sobre fascismo e torcidas organizadas. Ele tomou como referência a Ultra Resistência Coral que é a torcida antifascista do Ferroviário. E aí foi muito engraçado que ele recebeu uma ligação do orientador dele. O orientador disse assim: "Olha, a biblioteca quer falar contigo. Eu não estou entendendo. Parece que estão com uma questão lá e querem falar contigo". Aí pegaram e ligaram para ele. Ele perguntou o que é que estava acontecendo que naquela semana ele já tinha tido quase quatro mil acessos em três dias e eles estavam querendo saber o que estava acontecendo, porque é incomum.(FONTENELE, 2023)

Desta forma, a OCHE contribui para a divulgação e o fortalecimento da História do Ceará. Trabalhos universitários que abordam o regionalismo necessitam ser divulgados visando estabelecer perante a sociedade a apreciação do conhecimento científico em prol do fortalecimento de laços identitários. O acesso de alunos do Ensino Básico às produções acadêmicas é o primeiro passo para o conhecimento da população em geral dos aspectos regionais.

A disponibilização de produções acadêmicas como fontes de pesquisa pela olimpíada auxilia no processo de iniciação científica na Educação Básica. Forja-se a possibilidade por meio do conhecimento das demandas e lutas de grupos sociais historicamente excluídos de questionamento de narrativas estabelecidas pelos grupos dominantes.

> Na OCHE você encontra a pesquisa. O incentivo à pesquisa é muito forte, o incentivo ao ensino, à extensão, já que a gente dialoga com a comunidade. Então você tem todos esses conceitos aplicados. Por exemplo: mediação docente, protagonismo estudantil, trabalho em equipe, gamificação (FONTENELE, 2023).

Ao inserir produções acadêmicas em suas atividades, a olimpíada proporciona aos alunos da Educação Básica a oportunidade de explorar o conhecimento que, de outra forma, estaria restrito ao ambiente universitário. O acesso a essas fontes estimula o desenvolvimento de habilidades investigativas, direcionando estudantes para suas trajetórias pessoais e profissionais. Desta forma, a OCHE potencializa a conexão entre o ensino básico e a metodologia acadêmica.

A OCHE contribui para o desenvolvimento científico apresentando como objeto de estudo aspectos relacionados ao estado do Ceará. Com uma grande disponibilização de fontes de pesquisa acadêmicas, é uma potencial ferramenta pedagógica promotora da formação intelectual. A divulgação de outras perspectivas relacionadas a regiões e grupos excluídos das narrativas oficiais contrapõe-se à manipulação de grupos sociais privilegiados ao longo do processo histórico, interessados em monopolizar os discursos em benefício próprio. As fontes de pesquisa disponibilizadas pela olimpíada possibilitam a análise das narrativas dos sujeitos históricos envolvidos. Este processo permite o exercício dos mecanismos que caracterizam as etapas científicas como investigação, reflexão, análise crítica, formação de hipóteses, resolução de problemas, dentre outras.

As atividades propostas pela olimpíada são permeadas de concepções que corroboram com a construção do conhecimento científico. A análise das questões objetivas por meio da comparação entre os quatro itens propostos oportuniza a verificação dos níveis de proficiência dos participantes propondo a solução de problemas. A elaboração das tarefas propostas viabiliza a prática de todo conhecimento adquirido durante as fases objetivas. Ao participarem da atividade final, os discentes têm a oportunidade de apontar soluções levantadas em relação a problemas apresentados nas fases anteriores por meio da escrita de um texto dissertativo.

Desta forma, a olimpíada promove um direcionamento para a construção de uma aprendizagem baseada na metodologia científica. Apresentamos uma tabela com as atividades da OCHE que analisamos no capítulo 3 (Tabela 2). As questões escolhidas abordam temas que serviram como embasamento para a realização da tarefa online e da atividade presencial final. Por se tratar de uma olimpíada interdisciplinar, muitas questões não têm relação direta com as atividades finais. Selecionamos as questões que apresentam relação mais próxima à disciplina de História.

Tabela 2 - Questões objetivas associadas à tarefa online e à atividade presencial

Edição	Tema da questão	Tema da tarefa online	Tema da atividade final
2019	04 - cultura material e imaterial do povo Tremembé. 05 - Igreja do Rosário 13 - patrimônio histórico centro de Fortaleza	Produção de um fôlder sobre Patrimônio Histórico, Cultural ou de Geodiversidade.	Elaboração de um texto dissertativo sobre patrimônio

	22 - Triste Partida (Patativa do Assaré) 29 - humor cearense - patrimônio imaterial		
2020	01 - Festa de Santo Antônio - isolamento social 07 - doenças e genocídio indígena no século XIX 11 - COVID-19 em Fortaleza - questão social 14 - torcidas organizadas engajadas 21 - COVID-19 em Fortaleza.	Elaboração de um artigo intitulado “Nós e a pandemia”	Não houve a fase presencial devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19.
2021	01 - Lei Maria da Penha 07 - Museu do Ceará - indígenas 11 - defloramento x infanticídio no século XIX 252021 - Iemanjá 26 - Audiência na Assembleia Legislativa sobre povos indígenas.	Elaboração de um cordel sobre a Lei Maria da Penha	Não houve a fase presencial devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19.
2022	03 - Padaria Espiritual 12 - Aves de Arribação (Antônio Sales) 20 - cordel Patativa do Assaré 22 - Luzia Homem (Domingos Olímpio) 28 - Iracema (José de Alencar	Elaboração de uma nova versão do Jornal “O Pão”	Elaboração de um texto dissertativo solucionando problemáticas do Jornal “O Pão”
2023	01 - Igreja Católica e movimentos sociais	Elaboração de um minidocumentário	Elaboração de um folheto informativo

	03 - Movimento feminino pela anistia no Ceará 12 - resistência contra a seca 14 - campos de concentração no Ceará 21 - massacre de indígenas	sobre movimentos sociais	com a criação de um fictício movimento social

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir das atividades propostas pela OCHE.

Podemos exemplificar este processo demonstrando a metodologia utilizada na primeira edição (2019). Inicialmente o conceito de patrimônio foi abordado por algumas questões objetivas das duas primeiras fases. Algumas questões discutiram os vários tipos de patrimônio existentes. O Patrimônio Histórico foi tema da quinta questão que tem como temática a Igreja do Rosário dos Pretos no centro da cidade de Fortaleza, da décima segunda questão que aborda o Hospital São Vicente e da décima terceira questão que está relacionada ao centro histórico de Fortaleza. O Patrimônio Cultural Imaterial foi trabalhado pela quarta questão, apresentando a dança do Torém como uma forma de resistência do povo Tupinambá e pela vigésima nona questão, ao associar o humor cearense a questões demográficas, étnicas e culturais. O Patrimônio da Geodiversidade foi abordado pela décima sétima questão que menciona a Serra do Araripe e a décima oitava questão que aborda os *inselbergs* de Quixadá.

A 13ª questão da edição de 2019 apresenta o seguinte item: “C) O patrimônio histórico sociocultural do povo cearense vai muito além dos prédios antigos da capital e é repleto de múltiplas manifestações, em seus 184 municípios, de várias naturezas: material, imaterial, científico, artístico e ambiental (OCHE, 2019)” O item apresenta o conceito abrangente de patrimônio. Demonstra-se o significado além do senso comum relacionado somente à arquitetura e/ou aos tombados pelos órgãos governamentais.

Posteriormente, após os alunos terem entrado em contato com atividades relacionadas a alguns conceitos, são apresentadas as tarefas. As tarefas propostas pela OCHE são caracterizadas pela interdisciplinaridade. Desde a segunda edição (2020) esta atividade está presente na quarta fase online. Depois dos conceitos terem sido abordados nas trinta questões objetivas distribuídas nas três primeiras fases, as equipes são desafiadas a produzirem uma tarefa que dialogue com os assuntos trabalhados anteriormente. Esta etapa possibilita a percepção de como se dá a construção do conhecimento científico na área de Ciências Humanas. Na terceira fase da edição de 2019 foi proposta a elaboração de uma tarefa que

consistia na produção de um fôlder que contemplasse a apresentação de algum patrimônio da cidade de origem da equipe participante:

> A partir da escolha deste PATRIMÔNIO, a equipe deverá produzir um FÔLDER informativo, que permita às pessoas de todas as regiões do país conhecer melhor este PATRIMÔNIO do município em que a escola está localizada ou, se for o caso, de uma área na qual o município está inserido. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2019).

Após os conceitos terem sido trabalhados teoricamente pelas questões da olimpíada e colocados em prática por meio da produção da tarefa, as equipes promovidas para a fase final presencial são desafiadas com a escrita de um texto dissertativo correspondente a toda aprendizagem adquirida durante a olimpíada. As equipes aprovadas para a última fase presencial em Caucaia na 1ª edição (2019), estavam munidas de um potencial arcabouço teórico abordado pelas atividades propostas anteriormente. Vejamos a atividade proposta pela fase final presencial da OCHE em 2019:

> "O objetivo fundamental da OCHE Ceará é valorizar o nosso estado em diversos aspectos. Um elemento fundamental para esta valorização é o conhecimento dos Patrimônios Históricos, Culturais e de Geodiversidade de nossa terra.
> A partir do conhecimento, podemos compreender a importância dos Patrimônios Históricos, Culturais e de Geodiversidade de nosso estado para o município e a região em que estão localizados, a importância de sua preservação e as potencialidades que podem oferecer."
> Elaborem um texto dissertativo que demonstre a compreensão da sua equipe acerca dos elementos abordados no trecho sublinhado. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2019).

Geralmente o conceito de patrimônio trabalhado em sala de aula está relacionado à perspectiva material e histórica. Esta limitação tende a ser direcionada para os patrimônios relacionados à arquitetura ou aos tombados por algum órgão governamental. A proposta consistiu na escrita de um texto dissertativo sobre a importância dos diversos tipos de patrimônio e da sua preservação. A olimpíada trabalha o conceito progressivamente por meio de suas atividades, contribuindo para o aprofundamento sobre o assunto estudado. A abordagem aos patrimônios de cultura imaterial, aos não tombados e aos relacionados a outras áreas de conhecimento exemplificam a abrangência da olimpíada.

A produção de fôlderes proposta pela tarefa durante a terceira fase online e de um texto dissertativo durante a fase presencial final da olimpíada permitiram de forma concreta a

verificação do entendimento dos participantes sobre o conceito de patrimônio. Vários trabalhos diversificados demonstraram a aprendizagem adquirida pelos participantes. Foram apresentadas atividades relacionadas a patrimônios tombados, a patrimônios não tombados, patrimônios históricos, patrimônios culturais, patrimônios da Geodiversidade. Desta forma, os alunos que participaram da olimpíada de 2019 vivenciaram uma aprendizagem interdisciplinar enriquecedora.

A busca pelo conhecimento por meio da iniciação científica pode se articular com as dinâmicas necessárias para se combater as dificuldades de aprendizagem da atualidade. A dependência gradativa aos prazeres efêmeros proporcionados pelas redes sociais permeados pelo sedentarismo intelectual tem se apresentado como um poderoso obstáculo para o desenvolvimento cognitivo.

As competências socioemocionais devem ser consideradas no processo de ensino/aprendizagem. O equilíbrio físico e o emocional são requisitos para a formação de sujeitos históricos capazes de analisar a veracidade das informações por meio da análise de fontes. Na contemporaneidade temos vivenciado uma potencialização dos problemas emocionais, causado principalmente em decorrência da substituição dos parâmetros familiares pelos baseados nas redes sociais. Esse fenômeno tem impactos profundos no bem-estar dos indivíduos e se reflete no ambiente escolar, onde muitos alunos demonstram uma resistência crescente em relação à aprendizagem escolar. A constante exposição a padrões de vida idealizados e a comparação social exacerbada nas redes têm como consequência a geração de sentimentos de inadequação e frustração, dificultando o engajamento e o desempenho dos estudantes.

Ademais, a análise de fontes de pesquisa relacionadas à realidade do aluno é uma alternativa viável. O objeto de estudo contextualizado a partir da realidade dos estudantes promove uma aprendizagem motivadora. O formato das atividades da olimpíada incorpora elementos de gamificação, como a pontuação dos itens e o avanço pelas fases. Contribui-se para a criação de um ambiente de aprendizagem mais dinâmico. Esse formato engaja os alunos de maneira lúdica e os desafia a superar obstáculos, aplicando seus conhecimentos de forma prática.

1.3.2. Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é um referencial característico da OCHE. Entre os seus objetivos específicos a olimpíada propõe: “- Desenvolver a habilidade de elaborar

conhecimentos em temáticas regionais e a valorizar o patrimônio histórico e cultural, aspectos sociais e econômicos, personagens, riquezas e paisagens cearenses" (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 2).

O objetivo geral da OCHE fomenta a abordagem a diversas áreas do conhecimento, promovendo o processo de interdisciplinaridade entre as Ciências Humanas e outras áreas de conhecimento. Tradicionalmente as disciplinas são trabalhadas de forma separada durante o ensino básico. Os livros didáticos apresentam uma abordagem muito superficial no tocante à articulação entre as áreas de conhecimento. O enfoque fragmentado limita a compreensão dos temas estudados. A formação docente promovida pelas universidades geralmente reforça essa separação ao valorizar a especialização em conteúdos específicos sem a articulação entre disciplinas. A proposta da OCHE estabelece vínculos entre as áreas de conhecimento para que se obtenha uma aprendizagem significativa.

> Então mesmo que a gente esteja incentivando o conhecimento de elementos locais. Quando você vê as diversas questões, as diversas tarefas da OCHE, você percebe claramente que a gente incentiva o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam contemplar, contemporizar, que permitam articular aquele assunto trabalhado, que tem como mote algo no Ceará, com diversas competências, diversas habilidades que os alunos vão desenvolvendo. (FONTENELE, 2023)

A proposta interdisciplinar da OCHE proporciona uma visão mais abrangente em relação ao regional, promovendo a integração entre várias áreas de conhecimento. As atividades disponibilizadas pela olimpíada contemplam diversas disciplinas escolares. Ao apresentar atividades interdisciplinares a olimpíada desafia os participantes a pensar além das limitações tradicionais dos currículos escolares. Os temas abordados envolvem múltiplos campos do saber. O desafio de desvendar a inter-relação entre as diferentes áreas de conhecimento estimula uma busca ativa por entendimento, levando a um aprofundamento na pesquisa e na análise dos temas propostos.

A necessidade de lidar com questões interdisciplinares também promove um intercâmbio significativo entre docentes de diferentes disciplinas. Esse diálogo entre especialistas de diversas áreas de conhecimento permite uma colaboração enriquecedora. Cada docente apresenta perspectivas e conhecimentos para a solução dos problemas apresentados. A interação e a troca de ideias ampliam a compreensão dos temas abordados e incentivam a construção de uma aprendizagem contextualizada.

O enfoque na interdisciplinaridade promovido pela OCHE está em consonância com os parâmetros da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que norteiam o sistema educacional brasileiro. Essas diretrizes enfatizam a importância de uma abordagem holística no processo educativo, promovendo uma formação que transcenda a mera aquisição de conhecimentos fragmentados. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) propõe competências e habilidades que traçam estratégias a serem seguidas pelos discentes e docentes em busca de otimizar o processo de ensino/aprendizagem de suas respectivas disciplinas escolares e aprofundar as discussões por meio da relação com outras áreas de conhecimento. Esta trajetória a ser seguida visa promover uma formação integral.

A competência geral três da BNCC propõe **"**Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (BRASIL, 2018). A valorização das manifestações artísticas e culturais está em consonância com uma aprendizagem abrangente na área de Ciências Humanas. O reconhecimento destes aspectos em conjunto com características históricas, econômicas, sociais, geográficas, dentre outras, promove uma compreensão globalizante da complexidade das relações. Desta forma, o processo de ensino/aprendizagem é fortalecido, relacionando todo o encadeamento de fatores que influenciam a construção do processo histórico. Essa abordagem permite que os alunos compreendam as especificidades de diferentes contextos e reconheçam a relevância dessas manifestações na configuração das sociedades e na manutenção das identidades culturais ao longo do tempo.

Outro aspecto que podemos destacar em relação à competência geral três da BNCC é a valorização das expressões artísticas e culturais em todas as esferas geográficas. O conhecimento da relevância de todas as manifestações relacionadas à cultura imaterial de diversos lugares opõe-se ao processo de hierarquização entre as culturas. A propagação dos conhecimentos produzidos por variadas sociedades gera a evidenciação de diversos processos de construção histórica, minimizando os efeitos colaterais gerados pelas imposições culturais. Diante desta perspectiva, contribui-se para a alteridade, com o reconhecimento da importância de todas as produções históricas, desconstruindo narrativas relacionadas à superioridade de algumas sociedades e promovendo o reconhecimento de povos que sofreram tentativas de apagamento ao longo do tempo.

A valorização da diversidade de manifestações culturais é imprescindível para o convívio social. O respeito à pluralidade de saberes quando despertado no ambiente escolar

apresenta perspectivas para a construção da tolerância, convergindo com a proposta apresentada pela competência geral seis da BNCC.

> Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018)

Esta competência enfatiza a importância da convivência respeitosa e da valorização das diferenças como pilares para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e justa. Ao integrar esses princípios no currículo escolar, a OCHE promove a formação de indivíduos capazes de contribuir positivamente para uma sociedade mais integrada.

A sociedade brasileira se apresenta cada vez mais exigente pela ampliação e manutenção dos direitos sociais. Os direitos existentes foram decorrência das conquistas obtidas pelos grupos e regiões discriminadas ao longo do processo histórico. Estas conquistas são constantemente ameaçadas por grupos reacionários intencionados em restabelecer limitações de direitos. A necessidade da defesa constante das conquistas progressistas em nosso país necessita estar em consonância com a legislação do nosso sistema educacional. A formação de jovens estudantes prescinde ser direcionada para os interesses pessoais e profissionais articulada ao conhecimento e respeito à diversidade de vivências e saberes de vários grupos. O ensino promovido pela Educação Básica deve estar atrelado aos parâmetros propostos pela BNCC, em busca da formação de consciência crítica e combatendo o desenvolvimento da alienação.

Neste contexto, a educação desempenha um papel fundamental como baluarte da democracia e da justiça social. É essencial que o sistema educacional siga as diretrizes estabelecidas pela BNCC e incorpore práticas que fomentem um ambiente inclusivo e crítico. A promoção de uma educação que valorize a diversidade e o respeito pelas diferentes vivências e saberes contribui para a formação de cidadãos engajados, capazes de reconhecer e enfrentar os desafios impostos por discursos reacionários.

A educação deve promover a reflexão crítica sobre a realidade social e política e incentivar a participação ativa dos alunos na construção de uma sociedade mais justa. O comprometimento com esses princípios é crucial para assegurar conquistas sociais, garantindo que todos os grupos tenham seus direitos respeitados e suas vozes ouvidas.

Desta forma, a olimpíada se articula com os parâmetros dos Temas Curriculares Transversais, que visam:

> Educar e aprender são fenômenos que envolvem todas as dimensões do ser humano e, quando isso deixa de acontecer, produz alienação e perda do sentido social e individual no viver. É preciso superar as formas de fragmentação do processo pedagógico em que os conteúdos não se relacionam, não se integram e não se interagem.(BRASIL, 2019)

O processo de alienação tem se desenvolvido concomitantemente ao alastramento das redes sociais. O processo de ensino/aprendizagem, principalmente na Educação Básica, tem sido afetado progressivamente em decorrência das diversas opções proporcionadas pelas novas tecnologias. Os discentes, ainda em processo de formação cognitiva, não têm o discernimento necessário para selecionar os conteúdos relacionados ao crescimento intelectual.

Os professores, especialmente da área de Ciências Humanas, têm sua atuação impactada pela influência das redes sociais. São afetados por narrativas propagadas por influenciadores digitais, providos de informações superficiais e comprometidos somente com a procura por inscritos e *likes* em seus canais. A inteligência artificial tem prejudicado o processo de formação da criatividade entre os estudantes. Diante desta perspectiva, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade direcionadas em prol da abordagem do cotidiano dos alunos, visa possibilitar o aumento do interesse por conteúdos dentro e fora do ambiente escolar, direcionando para uma formação mais consistente.

O acesso fácil e instantâneo a uma vasta quantidade de informações pode criar uma falsa percepção de que o conhecimento está limitado ao manejo superficial das fontes de pesquisa disponibilizadas pela internet. Estas informações necessitam ser criteriosamente analisadas, evitando-se a descontextualização. Os estudantes podem se articular a conteúdos que reforçam preconceitos ou informações incorretas, ao invés de desenvolverem habilidades analíticas concretas. Para combater esses efeitos é essencial que os educadores promovam práticas de ensino que estimulem a reflexão crítica e a capacidade de avaliar a qualidade e a relevância das informações. De acordo com os Temas Curriculares Transversais (BRASIL, 2019):

> Nesse sentido, os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas

> realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2019).

A contextualização dos conteúdos abordados de acordo com a realidade dos discentes fortalece o sentimento de pertencimento. A integração entre as disciplinas estudadas proporciona uma potencialização dos saberes. Conforme a BNCC, "A organização curricular deve possibilitar a integração de conhecimentos de diferentes componentes e áreas, buscando superar a fragmentação do saber e favorecer a compreensão significativa e contextualizada dos objetos de conhecimento" (BRASIL, 2018, p. 15). A OCHE, articula os diversos saberes na área de Ciências Humanas em consonância com áreas afins. Esta interdisciplinaridade e transdisciplinaridade ocorrem por meio da abordagem de temáticas locais. Possibilita-se a contextualização das transformações ocorridas nas várias esferas geográficas. O item d da 13ª questão de 2020 apresenta uma abordagem a várias disciplinas:

> d) O cabra era, em primeira instância, uma imposição de identificação de caráter social essencialmente preconceituosa. Apenas no final do século XIX e início do XX, foi forjada como uma identificação que teria caráter mais positivo, porque lembrava, folcloricamente, uma sociedade mais ‘arcaica’, que estava desaparecendo.[3]

A partir de uma análise sobre o significado do termo “cabra” há uma contextualização histórica. Inicialmente o termo era utilizado como forma de desqualificação relacionado a preconceitos social e/ou racial. Com o passar do tempo o termo adquire uma conotação positiva. Há uma intrínseca relação entre as disciplinas de História, Literatura e Português. A partir da análise do significado do termo percebe-se uma adaptação temporal consoante as novas relações sociais que se apresentavam a partir do final do século XIX e início do século XX. De acordo com a BNCC (2018):

> "A integração entre as diferentes áreas do conhecimento e a articulação dos conhecimentos escolares com saberes e práticas sociais são fundamentais para a construção de uma educação que contemple as demandas do mundo contemporâneo e contribua para a formação integral dos estudantes." (BNCC, Introdução, p. 16)

[3] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-2a-fase/view. Acesso em: 12/01/2025.

A transdisciplinaridade requer uma articulação entre os diversos saberes necessários para o conhecimento de aspectos do mundo contemporâneo. A olimpíada, articulada a este princípio, procura contribuir para o desenvolvimento do conhecimento das relações interdependentes entre os vários aspectos que compõem a realidade regional. A questão 17 da edição de 2020 apresenta o seguinte item: “B) A criação de uma zona de amortecimento no entorno, que corresponde a APA da Chapada do Araripe, garante que as atividades humanas estejam sujeitas a restrições específicas com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a Flona do Araripe” (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2020).

. O item requer que o participante apresente habilidades em reconhecer a relação entre aspectos ambientais e o contexto no qual ele está inserido. O consumismo capitalista e as desigualdades sociais são fatores que influenciam a criação de Áreas de Proteção Ambiental em prol de minimizar os efeitos negativos da ação humana.

A interdisciplinaridade é uma ferramenta potencializadora na promoção da conscientização da preservação de todos os tipos de patrimônio relacionados à diversidade dos grupos sociais. A aproximação entre as disciplinas escolares na área de Ciências Humanas proporcionada pela OCHE desempenha um papel fundamental ao abordar os diversos tipos de patrimônio existentes relacionados a várias áreas de conhecimento.

> Neste sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), que fundamentam a BNCC, trazem uma proposta de tratar, nos chamados Temas Transversais, a interdisciplinaridade, partindo da inserção de temas que possibilitam à escola o estudo do patrimônio histórico e a consequente adoção de projetos de educação patrimonial. (PANIAGO, 2023, pág. 123)

A convergência entre as áreas de conhecimento potencializa a educação patrimonial. A partir da abordagem de diferentes disciplinas, valoriza-se o sentimento de pertencimento e o fortalecimento do regionalismo. A associação entre aspectos geográficos, econômicos, dentre outros, permite a compreensão de aspectos históricos e culturais. A assimilação das dificuldades provocadas pelos fenômenos naturais associadas à “indústria da seca”, por exemplo, facilita o entendimento da complexidade vivenciada pelas camadas bastardas da população sertaneja e das manifestações de resistência pela sobrevivência.

Vejamos um dos itens da 21ª questão da edição de 2019:

> B) Dentre os impactos de ordem natural, cultural e socioeconômica observados in loco, podemos citar desde desmatamento de dunas, causado pela especulação

> imobiliária para a geração de loteamentos e estradas asfaltadas; contaminação da água e do solo em virtude da disposição inadequada dos efluentes sanitários e resíduos sólidos; a segregação sociocultural por meio da expulsão de comunidades locais para a construção de segundas-residências; o aterramento de lagoas e a impermeabilização de dunas para construção de resorts e condomínios de luxo em zonas de pós-praia e faixa de praia causando alterações no suprimento sedimentar da área[4]

O item apresenta uma abordagem característica da olimpíada ao envolver vários aspectos. Tendo como foco a especulação imobiliária, explicita os impactos negativos causados pela ocupação desenfreada no município de Aquiraz. Não se limita à destruição ambiental, mas contextualiza a discussão ao evidenciar a expulsão das comunidades tradicionais da região em razão das pressões econômicas.

Desta forma, a OCHE contribui para o desenvolvimento do regionalismo associado às competências e habilidades propostas pela BNCC, contextualizando com o processo histórico nacional e global por meio da integração de várias áreas de conhecimento. De acordo com Fontenele (2023): "Ela é claramente, abertamente, abrangendo todas as áreas das Ciências Humanas, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Arte, Cultura, Meio Ambiente e Literatura. Além de um diálogo interdisciplinar entre essas disciplinas" (FONTENELE, 2023).

1.3.3. Novas Tecnologias e Metodologias Ativas

A influência das novas tecnologias é indissociável dos projetos propostos na contemporaneidade em todas as áreas de conhecimento. Esta necessidade está relacionada com a realidade discente. Aplicativos, jogos digitais, redes sociais são ferramentas associadas à tecnologia presentes cada vez mais precocemente no dia-a-dia da população. Vislumbrando esta influência, a BNCC apresenta em suas orientações a necessidade de se incorporar ao espaço escolar as variadas formas de linguagens, como estabelece a competência geral quatro:

> Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BRASIL, 2018)

[4] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-segunda-fase/view. Acesso em 12/01/2025.

O emprego de variadas formas de comunicação impulsiona o processo de ensino/aprendizagem. A restrição à utilização do livro didático e à aula expositiva acompanhada do quadro branco e pincel apresenta uma rejeição progressiva pelos jovens estudantes. Muitos atrativos fora do espaço escolar concorrem com a educação formal. A escola necessita acompanhar constantemente as dinâmicas que influenciam as transformações ocorridas em nossa sociedade. A utilização das novas tecnologias na área educacional é imprescindível diante de uma realidade impregnada por novas perspectivas.

A integração das novas tecnologias ao processo educacional oferece uma oportunidade crucial para a personalização e dinamização do ensino. A utilização de ferramentas digitais permite que o conteúdo seja apresentado de maneira interativa e envolvente, adaptando-se aos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. Plataformas online, aplicativos educacionais e recursos multimídia facilitam a construção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e adaptado às necessidades individuais dos estudantes. Este ambiente proporciona uma maior variedade de formas de interação com o conteúdo e prepara os alunos para uma nova realidade profissional.

O uso das novas tecnologias pela OCHE facilita o acesso e a disseminação de informações e promove a adoção de metodologias pedagógicas inovadoras que favorecem a aprendizagem ativa e o engajamento dos participantes. A combinação de ferramentas digitais com uma abordagem interdisciplinar permite que os alunos desenvolvam habilidades essenciais para o século XXI, como a capacidade de analisar dados, comunicar-se eficazmente e pensar criticamente. Vejamos o objetivo geral apresentado pela olimpíada:

> Estimular a formação integral de jovens e adultos cearenses por meio da pesquisa e utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, através do incentivo à integração cultural, sociabilidade e inclusão, estimulando o conhecimento da realidade e o desenvolvimento da cidadania, e levando estudantes e professores(as) cearenses ou que atuam no estado, de forma lúdica, a refletir sobre nosso Estado, abrindo-lhes o horizonte do conhecimento teórico da Cultura, Paisagens, Economia, Literatura, História, Sociedade, Geografia e Meio Ambiente do estado do Ceará. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 1).

As tecnologias digitais têm sido subutilizadas para fins educativos no ensino básico. O estímulo da utilização das novas tecnologias para fins de pesquisa está de acordo com os parâmetros da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que na competência específica de história sete visa: “Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os

diferentes grupos ou estratos sociais". (BRASIL, 2018, p. 402). A utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na OCHE representa um potencial ferramenta para despertar o interesse dos alunos pela competição. Essas tecnologias possibilitam transformar o modo como os participantes interagem com o conteúdo e realizam as atividades.

Essa abordagem direciona o acesso a fontes de pesquisa, enriquecendo a experiência de ensino/ aprendizagem. A utilização de plataformas digitais e ferramentas interativas engaja alunos e professores de maneira mais dinâmica, estimulando um maior interesse e participação na temática regional. Ao disponibilizar fontes de pesquisa e atividades online, a OCHE permite que os educadores explorem novas metodologias e recursos pedagógicos. No entanto, é importante reconhecer que a exclusão digital continua sendo uma realidade para uma grande parte dos alunos, especialmente aqueles provenientes de escolas públicas.

Dentre os seus objetivos específicos a OCHE propõe "Fomentar o uso de ambientes virtuais para além das redes sociais, com uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs para a integração com elementos do passado e do presente do estado em que vivem" (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2023, p. 2). A olimpíada reconhece o potencial da utilização das novas tecnologias no ambiente escolar direcionada para a aprendizagem histórica a partir do contexto regional. As TDICs estão presentes na Olimpíada desde o período de divulgação até as atividades propostas.

Com a inserção das novas tecnologias em sua prática pedagógica, a OCHE impulsiona uma abordagem educacional relevante. A navegação em plataformas digitais e o acesso a fontes virtuais são valiosas iniciativas que reforçam a importância da integração tecnológica na educação.

A linguagem digital é utilizada inicialmente por meio das redes sociais como o *Instagram* com o intuito de divulgar informações sobre o período de inscrições. Posteriormente, outras mensagens continuam sendo postadas na rede social, como avisos sobre as atividades, respostas, os prazos a serem cumpridos, dentre outras. Essas publicações são acompanhadas de discussões por meio do espaço disponibilizado para comentários pela plataforma.

Durante a inscrição da olimpíada os alunos são orientados a criar um cadastro na plataforma "Olimpo"[5]. O cadastro deve ser feito individualmente por todos os componentes

[5] Disponível em https://olimpo.ifce.edu.br/accounts/login/?next=/evento/19/. Acesso em 12/01/2025.

da equipe, formada por três estudantes e o professor orientador. Em seguida, um dos componentes fica responsável pela montagem da equipe.

A OCHE promove por meio de suas atividades a utilização das novas tecnologias. As quatro primeiras fases são totalmente online e exigem a utilização de ferramentas digitais para o envio das atividades. As três primeiras fases são compostas por um total de trinta questões objetivas e propõem a marcação de um item. As questões apresentam *links* de fontes de pesquisa que direcionam para trabalhos acadêmicos, oportunizando o contato primário por parte dos discentes com fontes qualificadas. Além de trabalhos acadêmicos, a olimpíada utiliza em suas atividades diversas fontes de pesquisa relacionadas ao contexto cearense. Vídeos do *Youtube* relacionados aos aspectos regionais apresentam novos usos da plataforma para fins educacionais. *Links* de jornais, revistas digitais entre outras fontes de pesquisa são direcionados para uma aprendizagem histórica.

As tarefas propostas nas fases online da OCHE refletem a inovação que a olimpíada apresenta. As atividades exploram diferentes formas de expressão e comunicação, alinhando-se com as competências e habilidades recomendadas pela BNCC. Ao solicitar que os alunos criem produtos digitais variados, como fôlderes, artigos de jornal, cordéis, jornais e mini documentários, a olimpíada promove uma aprendizagem interativa que integra a produção cultural com o uso de tecnologias digitais. Esses projetos incentivam a criatividade e a colaboração entre os participantes, desenvolvendo habilidades cruciais como a capacidade de pesquisa associada à utilização de conteúdo multimídia.

A tarefa online de 2019 propôs a criação de um fôlder digital, em 2020 foi proposto a elaboração de um artigo de jornal digital denominado *"Nós e a Pandemia"*, em 2021 foi proposta a elaboração de um cordel digital sobre a Lei Maria da Penha, em 2022 foi proposta a elaboração de um jornal intitulado *"O Pão"* em referência ao movimento intelectual cearense conhecido como *"Padaria Espiritual"*, em 2023 foi proposta a gravação de um minidocumentário sobre algum movimento social atuante no município onde estava situada a equipe participante.

A utilização das novas tecnologias na área educacional deve ser promovida de forma responsável, objetivando o alcance de todos os benefícios possíveis. A competência geral cinco da BNCC nos propõe a abordagem que deve ser utilizada na associação entre as novas tecnologias e o processo de ensino/aprendizagem:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir

> conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018)

O direcionamento proposto pela BNCC nos permite compreender que a utilização das novas tecnologias no ambiente escolar prescinde de parâmetros em prol de uma formação direcionada para a construção de uma sociedade reflexiva. A desqualificada utilização das novas tecnologias é uma grande facilitadora do processo de alienação. A competência específica sete de História da BNCC propõe "Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais" (BRASIL, 2018). A utilização das novas tecnologias necessita de uma mediação responsável visando o melhor proveito da ferramenta conforme as demandas do público alvo.

Atenta a essas proposições, a OCHE demonstra um direcionamento em relação à potencialização da pesquisa científica voltada para aspectos regionais por meio das novas tecnologias. Essa relação associada aos fatos que acontecem em outras esferas geográficas potencializam o processo de ensino/aprendizagem.

A inserção dos discentes no mundo digital direcionada para a área educacional necessita ser promovida de forma sistemática com o intuito de construir "habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital" (DUDENEY, 2016, p. 17). A utilização de recursos digitais necessita da habilidade docente direcionada para a mediação entre os saberes escolares e a utilização das ferramentas tecnológicas. Existe um *déficit* em relação à formação de docentes voltada para as tecnologias educacionais. Esta limitação tem como resultado a utilização do recurso de forma ineficiente.

Para ocorrer uma inserção efetiva no mundo digital faz-se necessária uma formação adequada em tecnologias educacionais para os docentes. A carência de capacitação adequada para os professores resulta frequentemente em uma utilização limitada das ferramentas digitais, comprometendo o potencial pedagógico das novas tecnologias.

A formação contínua dos professores demanda incluir o domínio técnico das ferramentas digitais e a compreensão de como integrá-las no processo de ensino/aprendizagem. Essa formação deve capacitar os docentes a utilizar as tecnologias, objetivando desenvolver as habilidades digitais discentes na área educacional. Ao adotar uma abordagem proativa na incorporação das tecnologias digitais, os educadores promovem uma preparação efetiva para o enfrentamento dos desafios e o aproveitamento das oportunidades

proporcionadas pelo ambiente digital, desenvolvendo competências essenciais para o mundo moderno.

Atento às transformações provocadas pela expansão do ciberespaço, Lévy (1999) afirma que "o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem." (LÉVY, 1999. p. 10). Diante desta perspectiva, faz-se necessária uma formação efetiva de docentes capaz de promover a mediação do acesso dos discentes às novas tecnologias de forma dinâmica, pois "estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano" (LÉVY, 1999. p. 10).

A OCHE articula-se com estas proposições ao estimular por meio das inovações tecnológicas uma análise criteriosa das fontes de pesquisa.

> Então através da ONHB e da OCHE a gente consegue ajudar o professor a orientar esses alunos, esses indivíduos em geral. Porque a família também participa, de como proceder diante da internet numa busca de informação. Eu acho que a gente tá colocando muito também no sentido de ajudar as pessoas a saber como buscar informação de forma adequada na internet, porque o acesso à informação muitas vezes leva às mentiras, às informações falsas, às fake news. (FONTENELE, 2023)

Por se tratar de uma olimpíada predominantemente *online*, as atividades propostas pela têm a possibilidade de serem divulgadas. Este processo possibilita a influência externa na resolução das atividades propostas. A interferência também pode partir do próprio orientador e das "consultas" pela equipe de gabaritos disponibilizados nas redes sociais. Há uma proliferação de grupos de *WhatsApp* e *Telegram* direcionados para a discussão das provas das olimpíadas. Alguns professores têm produzido conteúdo digital no *YouTube* comentando questões e tarefas. Se por um lado estas iniciativas podem se apresentar como espaços de discussões, por outro podem prejudicar o protagonismo discente por meio da procura de respostas prontas.

A participação externa necessita ser gerida de maneira a preservar a integridade do trabalho dos participantes. A intervenção de orientadores e pessoas alheias ao processo pode, por vezes, comprometer a aprendizagem autônoma e o desenvolvimento de habilidades. Para se evitar intervenções é necessário o estabelecimento de diretrizes claras sobre o papel dos orientadores e a natureza da assistência permitida. Definir limites e regras específicas pode ajudar a assegurar que o envolvimento externo contribua para o enriquecimento das

discussões e não substitua ou diminua o esforço individual dos alunos. Além disso, a transparência na comunicação sobre as expectativas e as práticas aceitáveis pode promover um ambiente mais justo e colaborativo, onde a participação externa enriqueça o processo sem comprometer a autonomia dos participantes.

Por outro lado, a interferência externa promove a ampliação do debate em torno dos assuntos abordados pela olimpíada, estimulando discussões que vão além do espaço escolar e contribuem para o fortalecimento da identidade local. Este processo de ampliação da discussão pode contribuir para uma maior conscientização sobre a utilização benéfica das novas tecnologias. Kenski (2007, p. 21) afirma que "a evolução tecnológica não se restringe somente aos novos usos de determinados equipamentos e produtos; ela altera comportamentos." Desta forma, é fundamental que os docentes desempenhem um papel ativo na mediação da tecnologia voltada para a educação. Ao mesmo tempo, urge a necessidade de iniciativas governamentais voltadas para uma inclusão digital dentro e fora do espaço escolar. Kenski (2007, p. 18) destaca que "este também é o duplo desafio para a educação: adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e apropriação crítica desses novos meios." A apropriação dos recursos tecnológicos no processo de ensino/aprendizagem é inevitável. Portanto, os professores devem se familiarizar com essas inovações para oferecer uma formação mais eficaz aos seus alunos, preparando-os para as exigências da contemporaneidade.

Além da utilização das novas tecnologias com perspectivas educacionais, as metodologias ativas se apresentam como uma possibilidade para a otimização do processo de ensino/aprendizagem. De acordo com Fontenele (2023):

> A gente também percebe que a educação está demandando muitas transformações e através da OCHE a gente está procurando também colaborar com essas demandas da educação atual. Porque quando você olha para a OCHE, você tem diversos elementos que estão sendo estudados juntos numa mesma olimpíada, que são tecnologias**,** metodologias ativas. (FONTENELE, 2023)

As metodologias ativas propõem um direcionamento metodológico voltado para o incentivo ao desenvolvimento do protagonismo estudantil. As diversas metodologias apresentadas permitem um variado arcabouço para que professores transformem positivamente sua experiência no espaço escolar. De acordo com Moran (2015):

> A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. (MORÁN, 2015, p. 16)

A hegemonização do processo de ensino/aprendizagem vem se perpetuando ao longo do tempo. A complexidade inerente ao sistema educacional dificulta a aplicação das teorias metodológicas desenvolvidas no ambiente acadêmico no "chão da escola". Alguns fatores como exclusão digital, influência da grande mídia, elevado processo de alienação e formação deficitária de docentes podem ser apontados como obstáculos que impedem o desenvolvimento das práticas educacionais. As metodologias ativas se apresentam como uma tentativa de superar os desafios enfrentados pelos educadores na educação básica. A preparação para o mundo do trabalho requer conscientizar todos para a busca por uma sociedade solidária.

Para enfrentar esses desafios e promover uma educação eficaz, é crucial reconhecer que o modelo tradicional de ensino frequentemente se mostra ultrapassado para responder às demandas atuais. A rigidez das abordagens convencionais muitas vezes não permite a adaptação às especificidades dos estudantes e nem favorece o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas.

Nesse contexto, a introdução e a aplicação de metodologias ativas têm o potencial na promoção de um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e participativo. Assim, ao reconfigurar o papel dos educadores e dos discentes, as metodologias ativas ajudam a criar um espaço educacional mais alinhado com as demandas contemporâneas e com os objetivos formativos para o futuro profissional dos alunos.

Faz-se necessária a promoção do distanciamento do ensino tradicional na Educação Básica. O ensino sem a participação dos discentes torna-se enfadonho, gerando conflitos desnecessários em sala de aula. O professor José Moran reforça que as práticas educacionais "(...) caminham para adaptar-se cada vez mais às necessidades dos estudantes (...)" (MORAN, 2018–2019, p. 11). Dessa forma, a utilização das metodologias ativas são imprescindíveis para a construção de novas formas de interação.

As práticas pedagógicas devem evoluir para refletir as necessidades atuais dos alunos. A utilização de metodologias ativas se apresenta como uma alternativa para transformar o ambiente educacional. Tais metodologias propõem o engajamento e a redução de conflitos em sala de aula. Ao adotar práticas que incentivam a colaboração, o ensino pode se adaptar mais

efetivamente às diversidades e desafios enfrentados pelos estudantes, tornando a aprendizagem mais dinâmica.

Os artifícios utilizados em sala de aula no sentido de despertar o interesse dos discentes são imprescindíveis para amenizar as dificuldades trazidas de fora do ambiente escolar. José Moran ressalta que a utilização de novas metodologias permite que "[...] os professores possam planejar melhor as atividades em sala de aula e desenvolver seu papel tutorial, de orientação" (MORAN, 2018–2019, p. 11). Assim, o professor deixa de ser o protagonista para ser o mediador da aquisição de conhecimentos por seus alunos. Para isso existe a necessidade de uma preparação adequada visando promover o direcionamento para uma nova relação no processo de ensino/aprendizagem.

Para que o papel mediador do professor seja efetivo, é fundamental serem empregadas metodologias que incentivem a proatividade discente de forma coletiva. Nesse sentido, a aprendizagem cooperativa, conforme destacado por Lévy (1999), oferece uma abordagem que vai além da simples transmissão de conhecimento, estimulando a construção conjunta e o aprofundamento do saber. Lévy (1999) acrescenta que a "(...) direção mais promissora, que traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a da aprendizagem cooperativa" (1999, p. 171). A cooperação deve ser empregada no sentido da construção de um conhecimento mais sólido. A aprendizagem cooperativa está relacionada às metodologias ativas.

O formato apresentado pela OCHE propõe a formação de equipes, alinhando-se com a proposta de colaboracionismo. Os discentes têm a oportunidade de analisar as atividades propostas pela olimpíada de forma conjunta. As atividades disponibilizadas propõem discussões acerca de conteúdos relacionados a aspectos regionais. Por outro lado, o professor tem a oportunidade de deixar de ser o protagonista do processo de ensino/aprendizagem para assumir o papel de mediador.

A utilização de metodologias ativas pode ser associada às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). As novas tecnologias são parte integrante do cotidiano dos alunos e a grande variedade de atividades propostas pela olimpíada estimula novas descobertas. Cuidados com os aspectos teóricos/metodológicos que envolvem o processo de ensino/aprendizagem são imprescindíveis para otimizar essa articulação.

No entanto, as condições de trabalho enfrentadas por muitos professores no Ensino Básico frequentemente interferem negativamente na evolução desse processo. Os discentes necessitam de aperfeiçoamento profissional para alcançar seus objetivos educacionais e superar os diversos obstáculos inerentes à profissão. Essas dificuldades podem ser mitigadas

com a aplicação de estratégias que direcionam para a valorização da mediação docente e do protagonismo discente.

> A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. (LÉVY, 1999, p. 171)

Esse formato da olimpíada reforça a importância da integração entre práticas pedagógicas inovadoras e o uso das TDICs. Ao facilitar um ambiente onde as metodologias ativas e as tecnologias digitais se inter-relacionam, a olimpíada permite que os alunos experimentem um aprendizado adaptado às suas necessidades contemporâneas. A combinação de trabalho em equipe e uso de tecnologias enriquece a experiência educacional e prepara para o enfrentamento de desafios futuros, refletindo a necessidade de uma educação que responda às demandas de um mundo em constante evolução.

Diante dos avanços das novas tecnologias, existe uma considerável dificuldade em promover o interesse dos alunos pelos conteúdos estudados. O acesso a informações superficiais por meio de vídeos disponíveis em aplicativos como o *Youtube* e o *TikTok* tem afetado o interesse pela leitura entre os jovens. A produção de trabalhos escolares têm sido plagiados por meio de cópias oriundas da *internet* e da utilização de aplicativos de inteligência artificial como o *Chat GPT.*

O grande desafio não se restringe à proibição da utilização destes recursos tecnológicos, mas à conscientização de otimizar o aproveitamento das inovações no meio educacional. Lévy (1999) destaca o papel do educador no mundo contemporâneo: “Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc.” (Lévy, 1999, p. 171).

A incorporação de recursos digitais na educação demanda uma reavaliação contínua das práticas pedagógicas e uma adaptação às novas realidades tecnológicas. As tecnologias digitais devem ser incorporadas de maneira a potencializar e diversificar as estratégias de ensino. Desta forma, é essencial que os educadores adotem essas ferramentas, e desenvolvam competências para utilizá-las de forma crítica. A introdução de tecnologias apresenta oportunidades para personalizar o aprendizado e fomentar a autonomia dos alunos.

No entanto, faz-se necessário um esforço conjunto para garantir que essas ferramentas sejam usadas para complementar e aprofundar o conteúdo, evitando-se o consumo passivo de

informações. Além disso, o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e a capacidade de avaliar a qualidade das fontes digitais são cruciais para combater a superficialidade informativa e estimular a originalidade na produção de trabalhos escolares. Portanto, o desafio está em criar um ambiente educacional que articule as inovações tecnológicas e o pensamento crítico. Pretende-se transformar as novas tecnologias em aliadas ao processo de aprendizagem por meio da criticidade e do engajamento intelectual.

Vale destacar que a expansão dos meios de comunicação possibilita novas relações entre docentes e discentes. O acesso a fontes de pesquisa disponíveis fornece poder de argumentação aos alunos. A alteração desta relação deve ser mediada por meio da utilização de procedimentos metodológicos facilitadores da apropriação do conhecimento.

> Em relação à educação, as redes de comunicação trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário.(KENSKY, 2007, p. 47)

As iniciativas apresentadas durante a pandemia do COVID-19 demonstraram a importância das novas tecnologias no sentido de adequação à impossibilidade das aulas presenciais. Antes mesmo do alastramento da doença, a OCHE disponibilizava um formato com inovações que possibilitavam a facilitação da aprendizagem no espaço extraescolar. As conexões construídas durante a olimpíada por meio de vários canais de comunicação viabilizaram a utilização de novas tecnologias no âmbito educacional.

O protagonismo docente é estimulado pela olimpíada por meio da equidade no poder de decisão dos participantes no envio das questões. A primeira edição da OCHE (2019) limitava a ação do professor em relação ao envio das questões:

> Informamos que o sistema da OCHE Ceará delimita a atividade do Professor como componente da equipe, cabendo-lhe apenas a ORIENTAÇÃO da equipe, não lhe sendo permitido o envio das respostas pelo sistema, por exemplo. Ressaltamos que um dos objetivos da OCHE Ceará e do sistema desenvolvido é trabalhar a autonomia e estimular o desenvolvimento de competências nos alunos, tais como Pesquisa, Colaboração em Equipe, Respeito ao Cronograma de Atividades, dentre outras. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2019, p. 1).

O comportamento de cada equipe frente à resolução de atividades determina o grau de colaboração de cada participante. No entanto, a OCHE mantém o espírito competitivo. Ao ser questionado sobre os malefícios que o espírito de competição que uma olimpíada na área de Ciências Humanas poderia invocar, o professor Zilfran Fontenele justifica da seguinte forma:

> Existe um conceito que é o conceito da gamificação, da passagem de fase, da premiação, do crescimento, do avanço, da evolução. Então eu entendo que ele é positivo e que a gente procura incentivar os aspectos positivos e os bens que ele gera. Aí eu trago outra reflexão: e os alunos que não participam, e se não tivesse essa competição? Será que despertaria interesse? (FONTENELE, 2023)

A gamificação é uma possibilidade de aplicabilidade das metodologias ativas. O engajamento dos alunos em atividades acadêmicas pode ser ampliado por meio de abordagens inovadoras que combinam elementos lúdicos e competitivos com o processo educativo. A integração de metodologias que utilizam o conceito de gamificação, por exemplo, pode transformar a maneira como os discentes interagem com o conteúdo curricular. Ao incorporar desafios e jogos a educação torna-se mais envolvente, permitindo o desenvolvimento de habilidades de forma eficaz e prazerosa. A gamificação, quando bem implementada, além de potencializar o interesse dos alunos pelos conteúdos abordados, promove um ambiente de colaboração, complementando e enriquecendo as práticas pedagógicas convencionais.

A disputa apresenta-se como uma ferramenta que enseja o envolvimento maior dos participantes. Diante desta perspectiva podemos destacar que o espírito de competição é uma realidade na qual estamos inseridos. A *gamificação* está presente em todas as partes: na nossa luta pela sobrevivência na concorrida sociedade capitalista, nos desafios proporcionados pelos jogos que os discentes têm acesso por meio das tecnologias digitais, etc. Esses desafios podem ser implementados de forma salutar na educação escolar objetivando a valorização da intelectualidade. A análise pormenorizada de diversas fontes de pesquisa disponibilizadas pela olimpíada potencializa a aproximação com o objeto de estudo visando o avanço pelas fases:

> Neste sentido, a OCHE oferece uma proposta pedagógica de estimular a aprendizagem através de uma competição ou game, permitindo uma integração de diversas possibilidades educacionais que envolvem conceitos de metodologias ativas de aprendizagem, que fortalecem a autonomia dos estudantes e estimulam a procura do conhecimento em ambientes digitais, de onde os jovens da atualidade são nativos. (FONTENELE; COSTA JÚNIOR, 2020, p. 26)

O formato das questões objetivas dialoga com o processo de *gamificação*. O avanço para as fases posteriores está relacionado com o espírito de competitividade presente na vivência de jovens estudantes por meio de jogos digitais. Reflexo de uma concepção neoliberal, o espírito de competitividade pode ser apontado como um aspecto negativo da olimpíada. Por outro lado, as etapas de classificação e ranqueamento as quais os participantes são submetidos apresentam uma tendência à valorização da meritocracia e do individualismo.

Desta forma, a olimpíada dialoga com os princípios das metodologias ativas como aprendizagem baseada em problemas, por meio da disponibilização das fontes a serem analisadas nas questões e nas tarefas: aprendizagem cooperativa, por meio da participação dos componentes das equipes nas atividades propostas: ensino híbrido, por meio das fases online e presencial: gamificação, por meio do avanço de fases. Com o auxílio das novas tecnologias, as metodologias ativas potencializam o protagonismo discente e transformam radicalmente o papel do professor.

1.3.4. A OCHE e o desenvolvimento da Consciência Histórica

O papel docente diante das disputas de narrativas consiste em uma tarefa árdua que envolve interesses de grupos privilegiados dispostos a manter a alienação das classes desfavorecidas. A falta de acesso à educação de qualidade consiste em um artifício limitador do conhecimento. O baixo nível de criticidade alcançado atualmente por grande parte da nossa sociedade, aliada à má utilização das novas tecnologias, demonstra que as informações superficiais, sensacionalistas, desprovidas de qualquer comprovação, têm alcançado um número maior de adeptos. Existe a necessidade de formação de sujeitos históricos críticos, conscientes da importância do seu papel na sociedade. Faz-se necessário um direcionamento para o desenvolvimento da consciência histórica (RÜSEN, 2010).

As operações mentais que caracterizam o desenvolvimento da consciência histórica são as responsáveis por moldar o pensamento histórico e suas repercussões em relação à cultura humana. O ofício do professor/historiador é árduo. Envolve um jogo de interesses de grupos dispostos a manter a alienação. Faz-se necessária uma vigilância constante ao poder de manipulação das redes sociais, sob o risco de termos uma sociedade gradativamente refém dos grupos descomprometidos com a coletividade.

A imposição de valores por meio das redes sociais tem sido um grande obstáculo a ser transposto em busca do aperfeiçoamento da criticidade. Os professores de história têm um

papel decisivo ao intermediar essas relações e direcionar o desenvolvimento dos discentes. O discernimento do que pode ser absorvido e do que deve ser descartado em busca de uma criticidade influencia o posicionamento do sujeito histórico na sociedade como agente multiplicador do desenvolvimento de uma percepção mais apurada das narrativas históricas. Segundo Rüsen (2006):

> Consciência histórica é uma categoria geral que não apenas relação com o aprendizado e o ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiencia o passado e se o interpreta como história. Assim, sua análise cobre os estudos históricos, bem como o uso e a função da história na vida pública e privada. (RÜSEN,2006, pág. 14)

O desenvolvimento de uma consciência histórica extrapola o espaço escolar. Esse processo está relacionado com todas as interações do sujeito histórico. O desenvolvimento da consciência histórica não está restrita ao processo formal relacionado ao ensino de história no ambiente escolar. Há uma dependência de muitos fatores externos que estão fora do alcance das discussões teórico metodológicas promovidas em sala de aula. Os impactos negativos sofridos pelo sujeito histórico podem ser amenizados por meio de intervenções pontuais, mediadas pelo professor/historiador. O desenvolvimento da consciência histórica está relacionado à Didática da História, que analisa o processo de aprendizado histórico escolar.

> Como os historiadores do século XIX se esforçaram para tornar a história uma ciência, este público foi esquecido ou redefinido para incluir apenas um pequeno grupo de profissionais especialistas treinados. A didática da história não era mais o centro da reflexão dos historiadores sobre sua própria profissão. Ela foi substituída pela metodologia da pesquisa histórica. (RÜSEN, 2006, pág. 8,9)

Inicialmente a Didática da História estava associada ao processo de ensino/ aprendizagem no espaço escolar. Esta limitação está relacionada ao processo de cientifização da História. A segunda metade do século XX representou a grande mudança de paradigma da Didática da História. Referenciada por teóricos alemães, passou a defender a ampliação de sua área de atuação e a busca por uma perspectiva mais reflexiva.

Utilizando o exemplo da Alemanha Ocidental, nas décadas de 1960 e 1970 foram apresentadas grandes transformações:

> De uma disciplina pragmática e externa aos estudos históricos, a didática da história evoluirá para uma perspectiva reflexiva sobre a sociedade e o conhecimento histórico, desempenhando um papel analítico sobre a própria ciência da história, agindo como um recurso de autoconsciência desse campo.(RÜSEN, 2006, pág. 7)

A aplicação da criticidade ao ensino de História relaciona-se com mudanças promovidas pelas novas correntes historiográficas do século XX. Ao questionamento das fontes, a desmistificação da construção de "heróis", a valorização dos grupos e regiões até então marginalizados das narrativas históricas passaram a ser características inerentes às novas metodologias a serem adotadas em sala de aula.

> Dadas estas orientações, as perspectivas da didática da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizado na escola. A didática da história agora analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar. (RÜSEN, 2006, pág. 12)

Com a expansão da área de atuação da Didática da História para todas as formas de construção da aprendizagem histórica, várias possibilidades se apresentam para o desenvolvimento da consciência histórica. Por meio da mediação docente existe a viabilidade da formação crítica dos alunos. Para o cumprimento desse objetivo se faz necessária a utilização constante de novas metodologias de ensino em busca da aplicação das teorias.

A utilização da Didática da História é uma ferramenta a ser utilizada no sentido de ampliar a noção de aprendizagem histórica. A formação dos alunos necessita ser direcionada para serem agentes multiplicadores de ideias que visem o crescimento da coletividade, visando vislumbrarmos um futuro mais promissor.

Ao mesmo tempo que o ensino de História cada vez mais dialoga com as discussões fora do espaço escolar, outros avanços necessitam ser implantados. Um deles é a necessidade de dar visibilidade a narrativas das diversas regiões. O mercado editorial continua propagando os discursos de alguns estados como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Esta situação contribui para que as narrativas relacionadas à região Sudeste tornem-se protagonistas da História do Brasil.

O material didático direcionado para a educação básica continua permeado de uma hierarquização em relação aos assuntos a serem abordados. A História do Brasil tem ocupado

uma posição desprestigiada em relação à História Geral. O conteúdo produzido pelos livros didáticos ainda continuam privilegiando uma história eurocêntrica e globalizada.

> Ao longo do ensino de História no Brasil, a História Geral ou "das civilizações" tem sido privilegiada e, na atualidade, a história brasileira tem sido novamente posta em posição secundária, conforme pode ser verificado nas tendências da produção didática, voltada para compreensão do mundo globalizado. (BITTENCOURT, 2004, p. 155).

A secundarização da história brasileira compromete o entendimento do nosso processo histórico. Em relação à História Regional a situação ainda é mais delicada. A referida temática está praticamente ausente do ensino básico. Quando os assuntos regionais são abordados, geralmente são representados por fatos históricos ocorridos na região Sudeste. Acontecimentos destas regiões são transformados em narrativas nacionais.

Existe a necessidade de se promover o ensino de História integrado, relacionando aspectos históricos relevantes a todas as regiões e promovendo uma articulação com outras perspectivas geográficas. Os livros didáticos praticamente não abordam questões relacionadas à História do Ceará. A incorporação desse enfoque nos ensinos fundamental e médio consiste em uma iniciativa no sentido de promover uma aproximação discente de seu contexto, objetivando despertar o interesse pela aquisição da aprendizagem histórica. De acordo com Bittencourt (2004):

> A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2004, p. 168).

Desta forma, a valorização de aspectos regionais possibilita uma melhor compreensão por parte dos discentes sobre seu papel como sujeito histórico. A abordagem do objeto de estudo próximo da realidade de cada um promove uma sensação de pertencimento ao processo histórico. A associação com as demais esferas geográficas demonstra a importância de uma abordagem integral.

> O objetivo central da História Integrada reside na superação da divisão entre História Geral, das Américas e História do Brasil. Nessa perspectiva, a História Integrada busca fornecer um estudo que possibilite ao aluno entender a simultaneidade dos acontecimentos históricos em espaços diferentes. Pode-se perceber, entre outros aspectos, que em um mesmo tempo histórico foram vivenciadas situações diferentes

> em diversas sociedades. Assim, enquanto em parte da Europa desenvolvia-se o sistema feudal e sedimentava-se o cristianismo, na América, povos como os maias e incas organizavam-se em sociedades com características próprias, construindo cidades e templos, com outra lógica religiosa. (BITTENCOURT, 2001, p. 5)

Os livros didáticos abordam, superficialmente, aspectos da história regional relacionados às regiões mais desprestigiadas, promovendo grandes generalizações de acordo com interesses na construção de narrativas hegemônicas. Estudar os acontecimentos históricos facilita simultaneamente a compreensão das relações entre diferentes eventos. Permite-se uma análise integrada e contextualizada das dinâmicas que moldaram as transformações históricas. O conhecimento de acontecimentos próximos à nossa realidade facilita a compreensão do contexto nacional e global, permitindo paralelos para um melhor entendimento do tempo presente.

A OCHE se apresenta como potencializadora do conhecimento da história regional em consonância com os aspectos nacionais e globais.

> Por exemplo, a gente já teve aqui questão sobre escravidão, que a gente falou sobre a escravidão em Santa Quitéria, partiu até de um artigo de um colega, de um professor lá da UVA, mas que a gente articula, a gente fala daquele tópico de escravidão em Santa Quitéria, mas a gente dialoga e reflete sobre a escravidão como um processo, um processo que aconteceu em Santa Quitéria, que aconteceu no Brasil, quem aconteceu em diversos países do mundo Ocidental, até mesmo nos Estados Unidos. (FONTENELE, 2023)

O professor/historiador tem o desafio de promover a valorização da história regional articulada com as demais escalas geográficas. Com o advento da incorporação dos vestibulares pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), estão cada vez mais raras abordagens sobre a História do Ceará durante a Educação Básica. A OCHE se apresenta como uma alternativa na área de Ciências Humanas disponibilizada gratuitamente para os alunos poderem entrar em contato com aspectos regionais.

O protagonismo da história nacional, ou até mesmo a transformação de eventos regionais de algumas regiões em nacionais, propicia o favorecimento de algumas narrativas. Utilizar a história regional com uma abordagem mais ampla possibilita um maior esclarecimento dos contextos nacional e global. Apresenta-se uma nova visão em relação à importância da utilização da história regional. Faz-se necessário combater e promoção de algumas regiões em detrimento ao ocultamento de outras.

Podemos considerar que a OCHE vem cumprindo um papel importante na divulgação da História do Ceará. “Então, o nível de divulgação e o alcance que nós estamos atingindo é muito alto. Então não existe nada hoje que tenha esse alcance. Principalmente no setor educacional para divulgação desse conhecimento para os nossos estados” (FONTENELE, 2023). A olimpíada potencializa a história regional por meio da integração com o conteúdo de sala de aula. Contextualizar a história regional é uma forma de promover o enriquecimento cultural partindo do conhecimento das nossas realidades. A possibilidade de contato com as mais variadas fontes históricas aliadas ao estudo da história regional propicia uma ampliação da aprendizagem histórica. As discussões das narrativas abordadas no livro didático aliadas às propostas de atividades trazidas pela OCHE apresentam-se como uma poderosa ferramenta pedagógica capaz de fomentar a empatia discente pela disciplina de História.

Desta forma, promove-se o entendimento da necessidade da análise minuciosa de fontes históricas. A análise das informações disponibilizadas pela OCHE potencializa o desenvolvimento da consciência histórica. A análise das fontes históricas evidencia o trabalho do historiador. Por meio da olimpíada são demonstradas as dificuldades existentes para se obter uma pesquisa qualitativa.

A abordagem regional em sala de aula durante a Educação Básica, apresenta-se como uma ferramenta promotora das identidades. De acordo com Bittencourt (2004):

> Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituída pela História escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial. A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular. (BITTENCOURT, 2004, p. 121)

A OCHE promove a valorização da cultura regional, contribuindo para construção de identidades. Enaltecer os valores relacionados aos aspectos locais facilita a compreensão do entendimento da formação do sujeito histórico.

CAPÍTULO 2 - A OCHE E AS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC

Neste capítulo procuramos inicialmente promover uma discussão a respeito da BNCC. Os parâmetros propostos pelo documento necessitam ser problematizados. As intenções por trás das competências e habilidades apresentadas estão associadas a interesses neoliberais.

Posteriormente procuramos fazer uma associação entre as habilidades propostas pela BNCC às atividades da OCHE. Vamos apresentar as possibilidades de articulação entre as habilidades da BNCC e as questões promovidas pela olimpíada.

2.1. As limitações da BNCC

O processo de ensino/aprendizagem necessita de estruturação para promoção de diversas habilidades direcionadas para a capacidade de análise de fontes de pesquisa. A inclusão de práticas pedagógicas que valorizem a pesquisa científica e o pensamento reflexivo são características imprescindíveis. Nesse contexto, o ensino tem a responsabilidade de formar indivíduos capazes de avaliar as informações de forma crítica, contribuindo para a construção de uma sociedade mais engajada. Esse alinhamento está de acordo com o objetivo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Lei n.º 9394/1996) em garantir uma educação direcionada para o exercício da cidadania plena.

A Constituição de 1988 em seu artigo 210 determinava que: “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 2016). Visando o fortalecimento da identidade regional e nacional, as leis que servem de parâmetro para o processo educacional brasileiro têm procurado atingir esta meta. O respeito aos valores artísticos e culturais é uma forma de reconhecimento da necessidade de se proteger o nosso patrimônio.

A LDB no inciso IV do artigo 9º estabelece a articulação da União na construção dos currículos relacionados à Educação Básica em conjunto com os entes federados.

> A União incumbir-se-á de: [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum. (BRASIL, 1996)

Na esteira da legislação que ampara a Educação Básica, foi concebida a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Implementada em 2017, a BNCC é o parâmetro dos currículos escolares nacionais relacionados ao Ensino Básico. As transformações ocorridas no final do século XX decorrentes do fim da Guerra Fria e das imposições do neoliberalismo refletiram no sistema educacional brasileiro.

A BNCC, direcionada para uma pedagogia por competências, vem sofrendo várias críticas em decorrência de seus parâmetros estarem alinhados a uma perspectiva do "aprender a aprender". De acordo com Prado (2009, p. 15) "(...) por trás do discurso do aprender a aprender, a pedagogia das competências tem servido para camuflar as contradições estruturais de uma prática pedagógica neoliberal, procurando manter intactas as regras instituídas de um sistema escolar exclusivista e excludente (...)". As competências e habilidades propostas pela BNCC traçam parâmetros. Como se fosse uma receita pronta, as contradições inerentes à realidade do sistema educacional brasileiro são invisibilizadas. A resolução de todos os problemas educacionais estaria associado ao cumprimento das normas:

> O discurso hegemônico faz com que reproduzam a idéia de que a escola de qualidade é aquela que desenvolve as competências básicas para que o aluno seja capaz de aprender a aprender na sociedade do conhecimento. Desta forma, torna-se perceptível a interface da pedagogia das competências no discurso hegemônico da qualidade. (PRADO, 2009, P. 123)

Há uma imposição de narrativas direcionadas para a relação entre a aplicabilidade de competências e habilidades e a qualidade do ensino. Solucionar os problemas da educação brasileira por meio de documentos oficiais impostos significa a utilização de uma abordagem superficial sobre os principais problemas que afligem a educação nacional. As questões estruturais na educação não podem estar desvinculadas das profundas desigualdades sociais vigentes em nosso país e do descaso das autoridades governamentais em relação à educação.

Diante do direcionamento neoliberal, há um foco no mercado de trabalho em contraposição à formação integral dos estudantes. A pedagogia por competências contribui para o processo de alienação, limitando aspectos críticos. Podemos observar esta prática por meio da imposição do Novo Ensino Médio. A carga horária das disciplinas na área de Ciências Humanas foi reduzida e os materiais didáticos foram resumidos.

Outro aspecto a ser destacado é a descaracterização do papel do professor. Os docentes se apresentam cada vez mais desprestigiados diante da exigência da aplicação das

competências. Há uma limitação do protagonismo docente. A aprendizagem promovida pela pedagogia por competências está associada a concepções econômicas:

> Sua fortaleza está associada à disseminação e expansão da governamentalidade liberal (e neoliberal), essa forma econômica de governamento que pretende governar menos para governar mais, isto é, essa forma de governar cujo fundamento é a liberdade, o interesse, a agência e a auto-regulação dos indivíduos.(NOGUERA, RAMIREZ, 2011, p. 231)

Desta forma, podemos perceber uma associação entre o governamento baseado no neoliberalismo e a autorregulação dos indivíduos. A apologia ao individualismo comunga com os valores capitalistas ao relacionar as conquistas pessoais à meritocracia. Por outro lado, ocultam-se as desigualdades de condições às quais os indivíduos estão submetidos. A pedagogia por competências apresenta-se como a solução para os problemas relacionados ao processo de aprendizagem. Esta forma de imposição desvaloriza o protagonismo docente.

A aprendizagem necessita de aparato para ser otimizada. Vários aspectos carecem de discussão como a estrutura das escolas, a desvalorização de professores, dentre outros. Urge a necessidade dos docentes não seguirem integralmente os parâmetros BNCC. Necessitam serem feitas adaptações à realidade na qual estão inseridos, pois: "Na dúvida entre uma pedagogia por competências ou para competências, busquemos, simplesmente, uma pedagogia competente.(PRADO, 2009, P. 129)"

Apesar das limitações, as habilidades e competências da BNCC norteiam o sistema educacional brasileiro. A proposta objetiva alcançar uma otimização no processo de ensino/aprendizagem diante das profundas desigualdades sociais que caracterizam o processo histórico brasileiro. A busca por uma educação de qualidade, gratuita e universal é um objetivo a ser perseguido constantemente, visando conceder oportunidades às camadas sociais menos favorecidas.

Apesar de várias dificuldades, o sistema educacional desempenha um papel crucial na promoção da cidadania, oferecendo, a todos, oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, o cenário educacional atualmente enfrenta desafios significativos devido ao crescimento do conservadorismo. A extrema-direita se opõe aos avanços progressistas no campo educacional. Grupos interessados em manter as coisas como são têm combatido veementemente as prerrogativas relacionadas à inovação e à inclusão. Obstáculos são criados para o desenvolvimento de políticas educacionais direcionadas para a igualdade de oportunidades.

Diante desse contexto, faz-se necessária uma resistência constante aos ataques reacionários contra as bases que sustentam as políticas educacionais. A defesa da educação como um direito fundamental e a promoção de práticas pedagógicas propensas à diversidade e à inclusão são essenciais para garantir o acesso a uma formação integral. A promoção de políticas educacionais resistentes às pressões conservadoras e direcionadas para a equidade exige um comprometimento dos grupos políticos progressistas associados a uma vigilância contínua da sociedade civil contra retrocessos aos avanços alcançados.

Nesse sentido, iniciativas como a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) desempenham um papel fundamental. A OCHE está em consonância com as competências e habilidades propostas pela BNCC ao promover práticas educativas que incluem pesquisa científica, utilização de novas tecnologias e metodologias ativas, respeito à diversidade e fomento à interdisciplinaridade. Esses aspectos são essenciais para criar um ambiente educacional direcionado para o enfrentamento dos desafios complexos do mundo contemporâneo.

> Na OCHE você encontra a pesquisa. O incentivo à pesquisa é muito forte, o incentivo ao ensino, a extensão, já que a gente dialoga com a comunidade. Então você tem todos esses conceitos aplicados. Por exemplo: mediação docente, protagonismo estudantil, trabalho em equipe, gamificação (FONTENELE, 2023)

A abordagem da OCHE, extrapola o conteudismo, abrangendo uma gama de conhecimentos que exorbita o espaço escolar, objetivando a formação de cidadãos preparados para a construção de uma sociedade menos desigual. Ao abordar temas e metodologias inovadoras, a OCHE busca proporcionar uma educação que desenvolva habilidades críticas. Este enfoque visa estimular uma consciência social, preparando os estudantes para desempenharem um papel ativo e consciente na sociedade. A olimpíada, portanto, contribui para uma formação integral que valoriza o conhecimento contextualizado.

Tratamos ao longo deste capítulo de algumas categorias de análise relacionadas às propostas da legislação educacional brasileira, articulando com a documentação das cinco primeiras edições da OCHE (2019 a 2023). O objetivo é demonstrar a aproximação entre a proposta pedagógica da olimpíada e as competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A nossa análise procura revelar como a olimpíada alinha suas práticas com os princípios da BNCC e amplia as perspectivas educacionais ao incorporar elementos que refletem as necessidades e desafios contemporâneos.

2.2. A OCHE e as competências e habilidades em História

As competências e habilidades da BNCC que envolvem o ensino de História no ensino fundamental e médio direcionam para uma aprendizagem voltada para o desenvolvimento de uma consciência crítica. A competência específica um propõe:

> Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. (BRASIL, 2018)

A competência específica um alerta para a necessidade de compreender as dinâmicas que envolvem as relações na sociedade ao longo do processo histórico em busca de um melhor entendimento do mundo contemporâneo. O desconhecimento em relação à construção das relações sociais está associado ao processo de alienação do sujeito histórico. A escassez de compreensão das forças que moldam a sociedade atual dificulta a sua transformação.

As discrepâncias econômicas que se apresentam atualmente necessitam ser analisadas criticamente em busca do entendimento das formas de dominação atuantes ao longo do tempo. Diante dessa perspectiva foram diversas as lutas existentes ao longo do processo histórico protagonizadas por mulheres, negros, indígenas e trabalhadores. As conquistas foram adquiridas às custas de muitos sacrifícios de personagens históricos vitimizados por um processo de apagamento protagonizado por parte das classes privilegiadas economicamente.

O reconhecimento das lutas históricas e a ampliação da visibilidade de minorias fomentaram um ambiente mais inclusivo. A valorização das diversas trajetórias e identidades contribuiu para a construção de uma sociedade mais tolerante, onde o diálogo e a compreensão entre diferentes segmentos sociais se tornaram mais evidentes. O impacto dessas transformações se estendeu para além das fronteiras nacionais, influenciando o debate global sobre direitos humanos e justiça social. Em muitos contextos regionais, iniciativas locais e movimentos sociais continuaram a lutar por maior equidade, refletindo a importância de abordagem à questão da diversidade de forma integrada. Esses avanços têm sido essenciais para a evolução contínua da sociedade e para a promoção de um futuro mais justo para todos.

As transformações, que ampliaram a visibilidade e o protagonismo de diversos grupos sociais, refletem um processo de reconhecimento da diversidade cultural. No contexto das disputas e avanços pela diversidade, o século XX foi crucial para o desenvolvimento de

movimentos que buscavam justiça e igualdade. A crescente demanda por direitos sociais e a luta contra a discriminação foram fundamentais para moldar a sociedade brasileira contemporânea e suas abordagens sobre diversidade. Essas mudanças influenciaram a esfera nacional e se manifestaram em contextos regionais específicos, onde figuras históricas desempenharam papéis significativos.

As ações afirmativas são cruciais na reparação das injustiças históricas e na diminuição das desigualdades. No entanto, a resistência a tais políticas por parte de algumas instituições evidencia a persistência de barreiras para a inclusão e a diversidade no acesso à educação superior. A oposição a políticas como a Lei das Cotas para o ENEM, que busca oferecer oportunidades para estudantes oriundos de escolas públicas, reflete a necessidade de um debate mais intenso sobre as práticas de inclusão de grupos marginalizados e o papel das instituições educacionais na promoção da justiça social.

É fundamental que as políticas públicas e as ações institucionais sejam constantemente avaliadas e defendidas para garantir que os direitos conquistados pelas populações historicamente excluídas sejam preservados e ampliados. Estas ações estão de acordo com a habilidade vinte relativa ao oitavo ano que propõe: "(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas" (BRASIL, 2018). A relação entre passado e presente é fundamental para uma conscientização da sociedade no que diz respeito à necessidade do combate ao racismo.

A promoção de um ambiente educacional inclusivo deve ir além da simples implementação de políticas de cotas. É importante que instituições de ensino adotem práticas e programas que incentivem a integração e o suporte acadêmico aos estudantes de diferentes origens. A criação de redes de apoio, mentorias e recursos educacionais direcionados para a população universitária mais carente contribui para garantir a continuidade da carreira acadêmica.

A abordagem que tenha como foco as formas de resistência da população negra ao longo do processo da escravização legalizada se faz imprescindível. A compreensão das resistências e das lutas enfrentadas por essa população é crucial para entendermos as extremas desigualdades sociais atualmente e a necessidade de mobilização em prol do avanço das pautas relativas às demandas provenientes da população negra. Vejamos como a OCHE dialoga com esta habilidade por meio do item "D" da 5ª questão da edição de 2019:

> D) Ao se tornarem membros de uma irmandade, os negros poderiam assumir uma identidade e tornar-se sujeitos, o que lhes garantia uma condição humana na sociedade escravista onde estavam inseridos, sendo esta condição reconhecida pelo poder eclesiástico e o Estado, o que pode ser comprovado pela atuação de irmandades em disputas na justiça em favor de seus membros[6]

A questão faz uma abordagem sobre as formas de resistência da população escravizada cearense contra a opressão existente no período colonial. Desprovidos de proteção institucional, os negros necessitavam de organização em prol da defesa de seus interesses. O item apresenta as irmandades como instituições criadas em benefício da defesa da população negra marginalizada na cidade de Fortaleza.

As formas de resistência, que vão desde revoltas e fugas até a preservação de culturas e tradições, são evidências da resiliência dos escravizados em confrontar e desafiar o sistema de opressão. Reconhecer essas ações como parte integrante da história é fundamental para reverter narrativas que minimizem ou omitem as contribuições da população negra para a construção da nossa identidade cultural. Esse reconhecimento contribui para o enfrentamento das dinâmicas sociais que moldam as desigualdades contemporâneas.

Além disso, o estudo das formas de resistência revela a persistência e a criatividade dos escravizados na luta por sua dignidade. Ao destacar as estratégias de enfrentamento adotadas por esses indivíduos, podemos entender melhor como essas ações moldaram a sociedade e influenciaram a construção de uma identidade cultural e política da população negra. Reconhecer essas contribuições é essencial para uma compreensão mais completa das desigualdades atuais e para o fortalecimento das políticas afirmativas que buscam reparar as injustiças históricas. Esta abordagem se faz necessária visando a manutenção e ampliação de ações que amenizem a dívida histórica em relação à população negra.

Além das questões relacionadas à população negra, a BNCC também orienta sobre as pautas referentes aos povos indígenas. A habilidade sete relativa ao nono ano propõe a "(EF09HI07) Identificação e explicação, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, das pautas dos povos indígenas no contexto republicano (até 1964) e das populações afrodescendentes" (BRASIL, 2018). Assim como a população negra, a população indígena foi maltratada de várias formas ao longo da história nacional. O período republicano brasileiro foi marcado pelo

---

[6] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025.

conservadorismo e a consequente defasagem em relação ao atendimento às pautas dessas populações.

A OCHE adota uma abordagem crítica em suas atividades, tratando da situação dos povos indígenas cearenses ao longo do processo histórico regional. Por se tratar de uma região relativamente pobre em relação às que apresentaram ciclos econômicos consistentes, o território correspondente ao atual estado do Ceará apresentou uma economia secundária. Os ciclos econômicos regionais estavam relacionados principalmente ao algodão e à pecuária e utilizavam em larga escala a mão de obra indígena.

Assim como ocorreu em todo o território brasileiro, a população indígena cearense foi vítima dos processos de genocídio e etnocídio. A tentativa de reparação histórica proporcionada pela Constituição Federal de 1988, vislumbra melhores perspectivas para este grupo historicamente discriminado. Mesmo com avanços legais, os grupos nativos regionais ainda enfrentam vários desafios.

Vejamos como a olimpíada aborda esta questão por meio do item A da quarta questão da primeira edição: “A) Há somente uma área indígena regularizada no Estado: a terra indígena Córrego João Pereira, no município de Itarema (dos índios Tremembé)” (IFCE, 2019). O item demonstra o distanciamento entre a legalidade e a realidade. Apesar de todas as garantias legais promovidas pela última constituição brasileira, as populações indígenas regionais ainda sofrem com a falta de aplicabilidade da lei, principalmente em decorrência de conflitos protagonizados por grupos interessados na exploração econômica das terras indígenas.

O estudo das comunidades indígenas no Ceará revela a complexidade das relações entre colonizadores e povos originários, evidenciando a resistência e a adaptação dessas comunidades frente aos impactos das atividades econômicas. As práticas econômicas exploratórias que se desenvolveram na região foram acompanhadas pela marginalização dos povos indígenas, cujas contribuições históricas foram negligenciadas. Reconhecer essas dinâmicas que marcaram a construção da identidade cearense são fundamentais para uma compreensão das injustiças históricas e para a promoção do respeito e da valorização das culturas indígenas na atualidade.

As transformações ocorridas ao longo do século XX deram visibilidade a alguns grupos da sociedade até então ocultados. As lutas lideradas por mulheres no Brasil ao longo do século XX foram resultantes da necessidade de ocupação de espaços em um período de várias transformações econômicas. O movimento feminista teve atuação destacada em busca da conquista de direitos até então relegados aos homens. A BNCC propõe por meio da

habilidade oito relativa ao nono ano: "(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema" (BRASIL, 2018). O século XX representou um marco para o avanço das conquistas femininas.

A OCHE aborda em suas atividades a conquista protagonizada por mulheres cearenses durante o processo histórico regional. Mulheres como Bárbara de Alencar que se destacou nas lutas na região do Cariri cearense durante o fim do período colonial e início do período imperial. Outro exemplo abordado pela olimpíada é o de Maria da Penha, mulher vítima da violência doméstica, que serviu de inspiração para a criação de uma lei que representou um marco nacional na defesa dos direitos femininos. A nona questão da 5ª edição da OCHE é um exemplo de visibilização do protagonismo feminino cearense: "A. Nice Firmeza é natural de Aracati/CE e foi uma das mulheres pioneiras nas artes plásticas cearenses, ingressando na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e atuando como arte-educadora tanto em espaços acadêmicos como comunitários."[7]. A questão promove a visibilidade de uma personagem feminina cearense praticamente desconhecida pelos conterrâneos.

O conhecimento dessas narrativas são fundamentais para entendimentos das diversas formas de resistência feminina. Elas oferecem uma perspectiva mais completa sobre o papel das mulheres na construção da sociedade e reforçam a importância de continuar avançando em políticas que promovam a equidade de gênero.

Esses exemplos regionais ilustram como o protagonismo feminino foi crucial na luta por direitos, refletindo um padrão mais amplo de atuação de movimentos sociais em todo o Brasil. A participação ativa de personagens regionais evidencia como em diferentes contextos históricos mulheres enfrentaram e desafiaram as limitações impostas pela sociedade e pela legislação.

Essas particularidades regionais se entrelaçam com as lutas mais amplas pelos direitos civis e políticos demonstrando que conquistas são frequentemente resultantes da resistência e da mobilização coletiva. A atuação desses movimentos sociais são essenciais para quebrar barreiras e ampliar o acesso a direitos, evidenciando a importância de relacionar as conquistas históricas com o papel desempenhado por esses movimentos na transformação social.

As lutas pelos direitos no decorrer do processo histórico brasileiro se estabeleceram de forma constante. A legislação brasileira, influenciada pelos interesses da classe dominante, impôs várias limitações aos grupos submetidos historicamente. As leis impostas pela

[7] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1mHzBV6RjSOtmtPjSP52e4ypDfbTD7QKM . Acesso em 12/01/2025.

metrópole durante o período colonial e as constituições elaboradas após o processo de independência nacional demonstram estas barreiras. Pobres, mulheres, negros, trabalhadores foram excluídos da participação política por um grande período. Para enfrentar esta situação, a atuação dos movimentos sociais foi imprescindível para a conquista de espaço por parte da população marginalizada.

Em relação aos movimentos sociais podemos mencionar a habilidade nove relativa ao nono ano: "(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais" (BRASIL, 2018). O movimento operário e o movimento feminista podem ser mencionados como exemplos de protagonismo de uma luta contínua contra os desmandos provocados pelos ideais dominantes.

O item "B" da primeira questão da quinta edição da OCHE é um exemplo de abordagem aos movimentos sociais no Ceará:

> B) Os principais partidos políticos de esquerda e diversos movimentos sociais, tiveram inspiração nos princípios da Teologia da Libertação que emanavam de alas progressistas da Igreja Católica. O fundamento filosófico da referida teologia destacava que a libertação dos povos não deveria se dar apenas no plano espiritual, mas também no campo material, daí a necessidade de lutar por elementos concretos da vida social[8]

A OCHE aborda as lutas travadas em território cearense por grupos marginalizados em busca da conquista de um maior espaço na sociedade. As contestações ocorridas regionalmente são exemplos de atuações significativas em prol da conquista de direitos ao longo do século XX. Os movimentos regionais destacam a importância da mobilização e resistência na busca por direitos. A atuação dos movimentos sociais no Ceará ampliou a visibilidade de alguns grupos e preparou o terreno para as lutas subsequentes.

Durante o período da ditadura civil-militar (1964–1985), que marcou um dos momentos mais críticos da história brasileira, a resistência se intensificou e se diversificou. O enfrentamento à repressão e às violações dos direitos humanos ganhou novas formas, refletindo o legado das lutas anteriores e a persistência na busca por liberdade e democracia. O entendimento deste momento histórico brasileiro está relacionado com a habilidade vinte relativa ao nono ano que propõe: "(EF09HI20) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos" (BRASIL, 2018).

[8] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1mHzBV6RjSOtmtPjSP52e4ypDfbTD7QKM .. Acesso em 12/01/2025.

A ditadura civil-militar catalisou uma nova fase de resistência, que combinava estratégias de enfrentamento mais explícitas e formas de protesto mais sutis. A repressão brutal do regime forçou o engajamento em ações clandestinas por meio da luta armada. Outras formas de resistência se utilizavam da arte, da literatura e da música, dentre outras atuações, para desafiar o autoritarismo.

O surgimento de diversas formas de resistência e a formação de redes de apoio internacional foram essenciais para o combate ao regime ditatorial e para a mobilização pela redemocratização do país. Os grupos que lutaram contra a ditadura militar (1964–1985) foram fundamentais para o renascimento democrático brasileiro.

No contexto regional, a resistência não se limitou às grandes capitais; ela também se manifestou intensamente no interior de estados como o Ceará. A atuação de líderes e militantes cearenses foi crucial na denúncia das atrocidades e na organização de movimentos de oposição ao regime, especialmente após a implementação do Ato Institucional n.º 5 (AI-5). O envolvimento de personagens regionais demonstrou a importância da resistência local na luta pela democracia e a sua influência na mobilização nacional contra o autoritarismo. A BNCC por meio da habilidade vinte e um, relativa ao nono ano, propõe: "(EF09HI21) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar" (BRASIL, 2018).

A questão 10 por meio do item "D" da terceira edição (2021) aborda o assunto da seguinte forma:

> D. Após o processo inicial de desmantelamento de entidades de esquerda e prisões que se seguiram ao golpe de 1964, houve a reorganização da resistência à ditadura no Cariri, liderada por estudantes que mantinham contato com organizações nacionais de combate ao Regime militar. As principais formas de atuação eram pichações, distribuição de panfletos e promoção de apresentações culturais, como a do grupo de teatro GRUTA, em 1966 no Crato.[9]

A OCHE contribui para a valorização dos sujeitos históricos regionais ao destacar suas contribuições para a resistência durante o período de repressão. A abordagem a esses grupos na olimpíada evidencia o papel crucial que desempenharam na reconstrução da democracia brasileira e reforça a necessidade de reconhecer e preservar a memória das lutas regionais como parte integrante da história nacional.

[9] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1FOMe14JrmxwxqLCBxOLFl-j7O6CjoNps Acesso em 12/01/2025.

A conquista dos direitos após vários anos de resistência foi sintetizada pela Constituição de 1988. A constituição assegurou muitas conquistas decorrentes dos esforços de movimentos liderados por mulheres, operários, camponeses, dentre outros. A promulgação da referida lei representou um marco na consolidação dos direitos civis e sociais no Brasil. Formalizaram-se os avanços obtidos pelas diversas lutas sociais e estabeleceram-se novos padrões para a ampliação e a proteção dos direitos humanos.

A constituição instituiu mecanismos de proteção e promoção de direitos que visavam reparar injustiças históricas e garantir uma maior equidade social. A BNCC em sua habilidade vinte e quatro, relativa ao nono ano, propõe: "(EF09HI24) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo" (BRASIL, 2018).

Vários grupos se viram beneficiados por meio de algumas conquistas democráticas possibilitadas pela atual constituição brasileira. As mulheres asseguraram uma proteção maior diante de uma sociedade historicamente machista. Os negros e indígenas asseguraram conquistas que promoveram uma tentativa de reparação histórica relativa ao processo de genocídio e etnocídio que abalaram estes povos. Os trabalhadores conseguiram significativos avanços em relação à conquista de direitos diante de um mercado progressivamente explorador.

Nesse cenário, a OCHE se apresenta como aliada na promoção da inclusão social. Ao propor discussões sobre preconceito e exclusão social em suas atividades, a olimpíada facilita o entendimento dos alunos sobre as lutas enfrentadas por diferentes grupos sociais. Essas atividades servem como um espaço para fomentar o diálogo e a empatia.

As transformações decorrentes das mudanças estabelecidas pela Constituição de 1988 promoveram avanços significativos no atendimento das demandas das minorias historicamente invisibilizadas. A habilidade vinte e seis, relativa ao nono ano da BNCC, propõe: "(EF09HI26) relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989." (BRASIL, 2018).

Os povos indígenas cearenses alcançaram, após séculos de perseguição, o direito de terem suas terras demarcadas. Mas este processo acontece em várias etapas e tem decorrido lentamente. O Movimento dos Sem Terra (MST), tem atuado constantemente em busca de garantir o direito à terra às populações marginalizadas historicamente em decorrência da concentração fundiária. A produção cultural cearense direcionada para os povos originários

tem sido relativamente fortalecida por meio de políticas públicas que visam a manutenção de tradições ligadas aos povos nativos.

A habilidade vinte e cinco da BNCC relativa ao 9º ano propõe: "(EF09HI25) analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos" (BRASIL, 2018). As transformações protagonizadas pela sociedade cearense após o processo de redemocratização são significativas. A promulgação da Lei Maria da Penha e a demarcação de terras indígenas e quilombolas são alguns exemplos das melhorias alcançadas em decorrência da luta dos povos marginalizados. Muitas demandas ainda se impõem diante das tentativas de retrocesso lideradas por famílias tradicionalmente beneficiadas. As atividades da olimpíada dão visibilidade a estas divergências, seguindo os parâmetros da BNCC, ao denunciar os abusos contra os povos excluídos.

A competência específica dois de História da BNCC propõe: "compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica" (BRASIL, 2018). A percepção das mudanças ocorridas ao longo do tempo é imprescindível para a compreensão do processo histórico. A linearidade do tempo cronológico não é necessariamente inerente ao tempo histórico. As mudanças e permanências no Tempo Presente demandam uma compreensão das relações entre passado e presente. Por meio de uma visão mais abrangente faz-se necessário o entendimento das dinâmicas que envolvem o tempo histórico.

A habilidade um, relativa ao sexto ano, propõe: "(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas)" (BRASIL, 2018). Alinhada a esse parâmetro, a OCHE apresenta em suas atividades abordagens sobre o tempo histórico. Podemos exemplificar com um mapa do século XIX utilizado como fonte de pesquisa na questão 19 da 1ª edição:

FIGURA 1 - MAPA DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO SÉCULO XIX

Fonte: https://drive.google.com/drive/folders/13vXwcNOa32VOUgA-ML8aiMtmwxQ1DyAY . Acesso em 12/01/2025.

O mapa referente ao século XIX apresenta um projeto de transposição do Rio São Francisco. O item B da questão 19 afirma que: "B) O mapa de Marcos Antônio de Macedo tinha o objetivo de defender a viabilidade do projeto de canalização do rio São Francisco em direção à então província do Ceará"[10]. As discussões em torno da transposição do Rio São Francisco remetem ao século XIX e perduraram até o século XXI quando a obra foi concretizada. As relações entre passado e presente são caracterizadas por permanências que necessitam ser compreendidas para o entendimento do tempo histórico.

A habilidade doze, relativa ao oitavo ano da BNCC, propõe: "(EF08HI12) caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822, e seus desdobramentos para a história política brasileira" (BRASIL, 2018). A vinda da Família Real para o Brasil e o período joanino provocaram mudanças significativas na principal colônia portuguesa. A habilidade onze, relativa ao oitavo ano, propõe: "(EF08HI11) identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América Espanhola e no Haiti" (BRASIL, 2018). O processo de independência brasileiro é frequentemente romantizado pela historiografia tradicional com o protagonismo de D. Pedro I, imortalizado por meio de fontes históricas

[10] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/13vXwcNOa32VOUgA-ML8aiMtmwxQ1DyAY . Acesso em 12/01/2025.

imagéticas. A BNCC propõe discutir a participação dos diversos grupos sociais nas lutas pela independência, oferecendo uma visão mais ampla desse fato histórico.

O item "D" referente à 2ª questão da 4ª edição da OCHE dialoga com esta proposta:

> D) O reconhecimento interno da independência brasileira e a manutenção da unidade territorial se deu por meio de guerras, como a movida por nacionalistas cearenses contra constitucionalistas portugueses no Piauí, que contaram com a participação de índios da Ibiapaba, que lutavam movidos por interesses próprios.[11]

Desmistificando a ideia de que o processo de independência brasileiro foi pacífico e restrito a algumas regiões, a olimpíada destaca eventos importantes protagonizados por cearenses que desempenharam papéis cruciais na luta contra as forças portuguesas. Ao contrário da visão tradicional que frequentemente limita o fato histórico a alguns momentos e locais específicos, a olimpíada explora a resistência e os esforços de grupos regionais que se levantaram no Ceará para combater os portugueses no Piauí. A abordagem da olimpíada revisita acontecimentos regionais, evidenciando a complexidade e a diversidade das lutas pela independência no Brasil, e proporcionando uma visão mais abrangente da história nacional.

A habilidade dezesseis, relativa ao oitavo ano, propõe: "(EF08HI16) Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado" (BRASIL, 2018). O Brasil Império (1822–1889) apresentou um grande autoritarismo em busca da manutenção da centralização do poder político. Diversas revoltas eclodiram em todo país reivindicando a autonomia de regiões e problematizando as desigualdades sociais.

A olimpíada aborda em suas atividades eventos ocorridos na província cearense durante o século XIX. Entre as temáticas exploradas estão as rebeliões protagonizadas pela família Alencar durante a Revolução Pernambucana de 1817, a participação cearense na Confederação do Equador, as dinâmicas econômicas que elevaram Fortaleza como o principal centro urbano regional na segunda metade do século XIX. Estas abordagens proporcionam uma visão mais aprofundada sobre o impacto dos eventos nacionais na história regional e a participação de diversos setores da sociedade em defesa da conquista e manutenção dos seus direitos.

Aprofundando as discussões sobre o movimento, a OCHE apresenta trabalhos científicos que demonstram a participação de populações indígenas na Confederação do

[11] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1O08Mc5EXsPNwaodopCv7fFfZgQ3_0n5e . Acesso em 12/01/2025.

Equador. O item "C" da vigésima questão referente à segunda edição demonstra a participação dos povos nativos em eventos relativos ao período imperial: "c) Durante muito tempo, a participação e o envolvimento dos indígenas na Confederação do Equador foi, de certa forma, invisibilizada pela produção historiográfica"[12].

As tentativas de silenciamento e apagamento de determinadas narrativas apresentam a possibilidade de reversão. De acordo com Pollak (1989, p. 15) "(...) o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais."

As divergências em algum momento tendem a ser escancaradas e as memórias indesejáveis reveladas, pois "(...) ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas." (POLLAK , 1989, p. 5).

O racismo estrutural tem suas raízes no processo de escravização a que foram submetidos os povos trazidos compulsoriamente do continente africano. A resistência dos povos submetidos se deu ao longo dos séculos, com alguns avanços consideráveis em relação às conquistas obtidas em benefício dos povos afrodescendentes.

Algumas regiões da América Portuguesa protagonizaram a escravização de africanos devido ao grande potencial econômico proveniente de produtos ligados à mineração, à atividade açucareira, dentre outros. Durante os quatro séculos de legitimação da escravização na principal colônia portuguesa, o Ceará se manteve ausente do *ranking* dos principais importadores de mão de obra escravizada africana. Esta disparidade está relacionada ao papel secundário da economia cearense em relação às regiões mais ricas e às dificuldades de adequação da mão de obra escravizada aos ciclos econômicos regionais. Mesmo não estando entre os principais centros de escravização negra na América Portuguesa, não podemos invisibilizar a presença africana na região.

A competência específica três de História propõe:

> Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito (BRASIL, 2018).

[12] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1YSvrzPGEytI_YokrA7NABEZ-GqD_eMf4 . Acesso em 12/01/2025.

A problematização das fontes históricas é o ponto de partida para a construção do conhecimento histórico. As discussões em torno da fonte de pesquisa estão inseridas em um contexto de construção de significados. A partir da análise criteriosa o sujeito histórico necessita estar preparado para elaborar questionamentos a partir de suas interpretações. A diversidade de fontes históricas possibilita a abordagem de diversos grupos sociais ao longo do processo histórico.

A habilidade oito, relativa ao sexto ano, propõe "(EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas, bem como dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras" (BRASIL, 2018). Compreender as dinâmicas dos povos indígenas antes da colonização em todo o território brasileiro é fundamental para o conhecimento das nossas origens. Os vestígios deixados nos espaços territoriais que correspondem ao atual estado do Ceará, ocupados pelos povos originários antes da colonização portuguesa, precisam ser propagados com o intuito de valorizar a herança cultural regional.

A competência específica quatro da BNCC propõe "Identificar interpretações que expressam visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários" (BRASIL, 2018). Esta competência está associada à visão de mundo de diversos grupos sociais diante de um mesmo contexto histórico. As divergências de interpretações devem respeitar princípios que assegurem o respeito aos valores éticos.

A habilidade onze, relativa ao sétimo ano, propõe: "(EF07HI11) Analisar a formação histórico-geográfica do território da América Portuguesa por meio de mapas históricos" (BRASIL, 2018). Os mapas históricos se apresentam como uma potencial ferramenta para a compreensão da adaptação dos sujeitos históricos aos territórios ocupados. Os povos indígenas originários e africanos desempenham um papel fundamental no complexo processo de construção da identidade cearense. A região foi inicialmente povoada pelos povos indígenas antes da chegada dos europeus. Posteriormente, com o processo de escravização, povos africanos foram introduzidos na região. Submetidos ao poderio bélico das potências imperialistas, esses grupos desenvolveram várias formas de resistência e sobreviveram até os dias atuais.

O desenvolvimento das atividades econômicas no Ceará também desempenhou um papel crucial na formação da identidade regional. Ao contrário de outras capitanias que prosperaram com a produção de açúcar, o Ceará apresentou um desenvolvimento econômico

mais lento, principalmente por meio da pecuária e das plantações de algodão. Essa configuração econômica influenciou a colonização regional, impactando as práticas culturais e sociais. A economia local moldou a estrutura das comunidades e contribuiu para a formação de uma identidade cearense caracterizada pela resiliência às condições adversas. A economia regional está relacionada a especificidades culturais que caracterizam o Ceará.

A colonização do Ceará começou de maneira tardia em comparação com outras regiões da América Portuguesa. As dificuldades impostas pelos aspectos geográficos e climáticos da região contribuíram para a lentidão do processo de dominação. Além disso, os atrativos econômicos estavam aquém do lucrativo ciclo do açúcar, que predominava nas capitanias de Pernambuco e Bahia. Por essas razões, as primeiras iniciativas de colonização do território cearense remontam ao início do século XVII em decorrência da necessidade de proteção territorial frente às ameaças externas. Desta forma a colonização regional iniciou-se no litoral e posteriormente avançou pelos sertões. A configuração territorial do Ceará está intimamente associada às disputas entre os invasores e os povos indígenas.

Neste contexto, a origem da cidade de Fortaleza está associada a várias tentativas frustradas de ocupação do território no início do século XVII. A foz do rio Ceará foi palco de várias tentativas de colonização malsucedidas. A consolidação da dominação portuguesa se deu posteriormente, após a expulsão dos holandeses na segunda metade do século XVII e a fundação da vila no início do século XVIII. Foi nesse período que se consolidou a ocupação definitiva do que seria a atual capital cearense. Para a compreensão das dinâmicas territoriais, os mapas históricos são imprescindíveis para uma compreensão mais efetiva.

A distribuição da população pelo território reflete essas disputas históricas. A habilidade doze, relativa ao sétimo ano, propõe: “(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática)” (BRASIL, 2018). As relações étnico-raciais podem ser analisadas no contexto da distribuição territorial da população cearense. A invasão das terras pertencentes aos povos indígenas teve como marco a criação das capitanias hereditárias. A divisão da América Portuguesa entre os donatários desconsiderou a posse das terras pelos povos originários. As relações entre indígenas e colonizadores manifestaram-se de várias formas: aqueles que se submeteram às autoridades coloniais eram chamados de “mansos”, enquanto os que resistiam eram denominados “bárbaros”.

Vejamos o item “D” da décima sexta questão referente à terceira edição (2021) :

> D. Ao mesmo tempo em que o território cearense foi sendo ocupado a partir da montagem das fazendas nos sertões da capitania, consolidou-se no período uma demanda por trabalhadores que atraiu homens livres de capitanias vizinhas, que vieram para o Ceará para trabalhar como vaqueiros, moradores ou agregados das fazendas de criar.[13]

Durante o período colonial a capitania do Ceará foi economicamente secundária em relação aos grandes centros econômicos, como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A pecuária foi um dos principais atrativos econômicos da região. Como a criação de gado era extensiva, a utilização de mão de obra escravizada era inviável. Ao mesmo tempo, a utilização de mão de obra livre atraía trabalhadores de regiões vizinhas.

Além das relações históricas, a configuração atual dos territórios indígenas e quilombolas no Ceará também reflete a influência das políticas públicas contemporâneas. A partir do final do século XX, a Constituição Federal de 1988 teve um papel significativo no reconhecimento e na regulamentação dos direitos territoriais dessas comunidades. No entanto, a efetivação desses direitos enfrenta desafios como a pressão de interesse de grupos econômicos sobre as terras tradicionais. Assim, a luta por terras e pela preservação cultural permanecem como uma demanda, onde o reconhecimento legal deve ser acompanhado de ações concretas para garantir a proteção e a valorização das culturas originárias e quilombolas no cenário moderno.

A luta das comunidades indígenas e quilombolas no Ceará também é marcada por uma riqueza cultural e uma profundidade histórica que influenciam diretamente em suas reivindicações territoriais. Essas comunidades preservam práticas tradicionais e desempenham um papel vital na manutenção da biodiversidade e no equilíbrio ambiental das regiões que habitam. Suas práticas culturais são sustentadas por um profundo conhecimento ecológico e apresentam uma perspectiva otimizada sobre o uso sustentável dos recursos naturais. Esse valor intrínseco das terras ocupadas por essas comunidades reforça a importância de políticas públicas que reconheçam seus direitos territoriais e promovam a sua inclusão e participação ativa na gestão dos territórios. A integração dessas práticas com as políticas ambientais e de desenvolvimento sustentável é essencial para garantir a preservação dos modos de vida tradicionais e o respeito às culturas locais.

O processo de resistência contra as imposições estrangeiras é uma característica marcante na história dos povos tradicionais. A habilidade nove, referente ao sétimo ano,

---

[13] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1FOMe14JrmxwxqLCBxOLFl-j7O6CjoNps . Acesso em 12/01/2025.

propõe: “(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista européia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência” (BRASIL, 2018). As configurações territoriais dos povos originários constituem espaços de resistência e representam uma reação aos interesses econômicos dos povos invasores. A luta constante pela manutenção de seus territórios é essencial para a preservação das heranças culturais. Essas práticas resistem à hegemonia cultural promovida pelo processo de globalização. As disputas pelo reconhecimento de terras indígenas e quilombolas ainda são as principais demandas dessas populações, que foram historicamente discriminadas.

Vejamos como a OCHE aborda esta questão por meio do item “D” referente à sétima questão da terceira edição (2021):

> D. As imagens demonstram a diferença de valores e a forma diferenciada de legitimação das respectivas culturas representadas: enquanto o ornato retrata a riqueza da cultura indígena e suas atividades produtivas, como a agricultura e a confecção de ferramentas de pedra, sem divisão de classes, propriedade privada e mercado, o canhão simboliza a maneira do europeu de se justapor a outras culturas, lançando mão de armamentos e instrumentos de dominação física e simbólica.[14]

O item aborda os valores defendidos pelos povos invasores e pelos povos indígenas por meio de artefatos do Museu do Ceará. O ornato indígena representa uma forma de resistência ao dar visibilidade aos ideais defendidos pelos povos originários. Por outro lado, o canhão representa a dominação europeia em busca de ganhos exclusivamente econômicos.

A decolonialidade visa resgatar as narrativas referentes aos povos originários e grupos submetidos ao longo do processo histórico pelos ideais imperialistas. A ideia de que o progresso foi trazido pelos europeus em busca da salvação dos povos nativos está relacionada ao desenvolvimento de argumentos que justificaram o processo de colonização. As várias formas de resistência consolidadas após a chegada dos europeus no continente americano demonstram a proatividade de grupos interessados em manter suas heranças culturais.

A habilidade dezesseis, relacionada ao sétimo ano, propõe: “(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados” (BRASIL, 2018). A decolonialidade promove reflexões sobre a complexa interação entre as diversas culturas que moldaram a identidade do povo cearense. O contato entre europeus, indígenas e africanos não resultou somente em um processo de

[14] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1FOMe14JrmxwxqLCBxOLFl-j7O6CjoNps . Acesso em 12/01/2025.

dominação e resistência, mas também em um enriquecimento cultural mútuo. No contexto do Ceará, a contribuição dos africanos escravizados transcende a mera força de trabalho, influenciando profundamente as tradições, a culinária, e as práticas religiosas locais. A resistência se manifestou por meio da preservação das culturas tradicionais e da adaptação e integração de novos elementos culturais que surgiram da convivência forçada entre diferentes grupos. Reconhecer essa dinâmica é essencial para uma compreensão mais completa da formação cultural da região e para valorizar a diversidade que emergiu dessa convivência complexa. A visibilidade dessas contribuições é crucial para a construção de uma narrativa histórica mais inclusiva.

A escravização de africanos no Ceará, apesar de relativamente menor em relação às regiões que protagonizaram os ciclos do açúcar e da mineração, está inserida no processo histórico regional. A mão de obra escravizada africana é um dos componentes responsáveis pela formação da cultura regional.

A habilidade catorze referente ao oitavo ano propõe:

> (EF08HI14) Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas. (BRASIL, 2018)

A construção das relações existentes na sociedade apresentou uma grande influência do Estado e da Igreja. Os indígenas que se submeteram à "proteção" religiosa sofreram um processo de etnocídio. A população africana escravizada abastecia o lucrativo tráfico internacional, culminando com a tentativa de silenciamento por parte da Igreja e do Estado em relação às suas reivindicações. Essas submissões contribuíram para a construção de estereótipos sobre essas populações que permanecem até a contemporaneidade.

Vejamos como está ideia se apresenta na olimpíada por meio do item D referente à décima sexta questão da primeira edição (2019): "D) A conversão ao catolicismo permitiu aos índios cearenses uma inserção social que possibilitou a defesa de seus interesses específicos, inclusive religiosos, o que não significou a completa eliminação de seus valores culturais"[15] Assim como a população negra utilizou de artifícios como a participação em irmandades para angariar determinados direitos na sociedade, a conversão ao catolicismo por alguns grupos indígenas pode ser considerada uma relevante forma de resistência.

[15] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/13vXwcNOa32VOUgA-ML8aiMtmwxQ1DyAY

A habilidade vinte e dois, relativa ao oitavo ano, propõe: "(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX" (BRASIL, 2018). O século XIX constitui-se como um período de grandes transformações econômicas em território cearense. Decorrente do processo de industrialização, o processo de urbanização desenvolveu-se de forma acelerada. Fortaleza consolida-se como o principal centro urbano em decorrência do aumento significativo da exportação algodoeira. Estas mudanças beneficiaram uma parcela restrita da população. O negro permanecia cumprindo seu papel de total submissão e os povos indígenas "protegidos" pela Igreja.

A habilidade vinte e sete, relativa ao oitavo ano, propõe: "(EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas" (BRASIL, 2018). O século XIX, influenciado pelas rápidas transformações econômicas, foi acompanhado pela necessidade de expansão das potências imperialistas em busca de novos mercados consumidores e fontes de matéria-prima. Este processo foi acompanhado de narrativas direcionadas para o darwinismo social. Populações de territórios dominados foram submetidos a uma exacerbação de estereótipos direcionados para a submissão aos interesses capitalistas.

Vejamos o item A relativo à sétima questão da segunda edição (2020): "a) Os povos indígenas que ocupavam terras cearenses sofreram tanto genocídio (extermínio físico) quanto etnocídio (destruição da cultura), sendo obrigados pelos colonizadores a falar outra língua e a professar uma nova religião."[16]

A habilidade três, relativa ao nono ano, propõe: "(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados" (BRASIL, 2018). O movimento abolicionista contribuiu para o fim da escravização legalizada no Brasil. Pelo fato de a mão de obra escravizada africana ser menos relevante em relação a outras províncias, o Ceará foi pioneiro nesse processo. O pioneirismo regional tem como símbolo o jangadeiro "Dragão do Mar" e contribuiu para que o Ceará passasse a ser conhecido como "Terra da Luz". Mas a aceitação do negro na sociedade cearense após a abolição não se consolidou em virtude da discriminação sofrida pelos afrodescendentes. A menor quantidade relativa de negros no Ceará em relação aos estados como Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais representou um agravante para a aceitação do negro na região.

[16] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1YSvrzPGEytI_YokrA7NABEZ-GqD_eMf4

A habilidade cinco, relativa ao nono ano, propõe: "(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive" (BRASIL, 2018). As intempéries provocadas pelo fenômeno da seca sempre foram um obstáculo a mais para a população regional. A população mais pobre foi mais atingida em decorrência da falta de recursos para a precaução contra a falta de água. O êxodo rural apresentava-se como única alternativa em busca de alguma oportunidade de sobrevivência. A grande quantidade de retirantes que chegou à cidade de Fortaleza causou preocupações na elite local. Campos de concentração foram construídos pelo interior e na capital para evitar o saque aos centros comerciais pelos flagelados. No final do século XIX e início do século XX, o processo de embelezamento das grandes cidades buscava propagar o desenvolvimento do capitalismo. Neste contexto, a cidade de Fortaleza esteve inserida no que ficou conhecido como *Belle Époque*.

A habilidade vinte e seis, relativa ao nono ano, propõe: "(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres, etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas" (BRASIL, 2018). O entendimento das várias formas de desigualdade existentes requer uma análise profunda das condições às quais setores da sociedade foram submetidos. As formas de resistência desses grupos são as mais diversificadas em busca do alcance das mínimas condições de vida para a manutenção da sobrevivência. O entendimento desse processo é de fundamental importância para combater o racismo estrutural, o machismo, a homofobia, dentre outras formas de preconceito presentes em nossa sociedade contemporânea. A questão 26 da 4ª edição é um exemplo da contribuição da olimpíada como forma de defesa das minorias:

> Discutir a padronização dos corpos é a força motriz destes trabalhos, mas também representa a violência diária contra cidadãos LGBTQIA+, reflexo de uma sociedade com comportamentos machistas, repleta de LGBTQIA+fobia e carente de políticas públicas voltadas à conscientização da população, o que se reflete em um Brasil recordista em mortes de pessoas LGBTQIA+, em relação a outras nações democráticas.[17]

O excerto da questão apresenta as obras de artistas que abordam a temática LGBTQIA+. O ator Silvério Pereira utiliza a linguagem clássica do teatro. Jefferson Skorupski realiza intervenções artísticas. As duas obras denunciam questões relacionadas aos

[17] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1O08Mc5EXsPNwaodopCv7fFfZgQ3_0n5e

comportamentos homofóbicos. Essa abordagem é fundamental para a construção da tolerância em relação aos grupos minoritários.

A competência específica seis propõe "Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica" (BRASIL, 2018). O conhecimento dos conceitos são imprescindíveis para o entendimento da construção das narrativas. Uma análise crítica fundamentada na interdependência entre passado e presente promove o desenvolvimento da consciência histórica. Através da observação das mudanças e permanências ao longo do tempo, valoriza-se a compreensão do tempo presente. A problematização de fatos históricos deve estar amparada pela análise das fontes. A contextualização das fontes é fundamental para a construção da aprendizagem histórica.

A competência dois, relativa ao sexto ano, propõe: "(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas" (BRASIL, 2018). A diversidade de fontes que passaram a ser aceitas pelas novas correntes historiográficas possibilitaram a visibilização de personagens históricos que até então estavam ocultos diante das narrativas propagadas pelos grupos dominantes. Abaixo apresentamos as fontes históricas utilizadas nas questões analisadas no capítulo 3.

Tabela 3 - Fontes históricas utilizadas nas questões analisadas no capítulo 3

Tipo de documento	Fase	Questão	Edição	Ano
Artigo de jornal	1ª	04	1ª	2019
Fotografia	1ª	05	1ª	2019
Dissertação	1ª	13	1ª	2019
Poema	2ª	22	1ª	2019
Fotografia	2ª	29	1ª	2019
Fotografia	1ª	01	2ª	2020
Revista	1ª	07	2ª	2020
Jornal	2ª	11	2ª	2020
Tese	2ª	14	2ª	2020
Mapa	3ª	21	2ª	2020
Fotografia	1ª	01	3ª	2021

Imagens	1ª	07	3ª	2021
Artigo	2ª	11	3ª	2021
Fotografia	3ª	25	3ª	2021
Dissertação	3ª	26	3ª	2021
Blog	1ª	03	4ª	2022
Livro	2ª	12	4ª	2022
Cordel	2ª	20	4ª	2022
Livro	3ª	22	4ª	2022
Imagem	3ª	28	4ª	2022
Artigo	1ª	01	5ª	2023
Podcast	1ª	03	5ª	2023
Livro	2ª	12	5ª	2023
Fotografia	2ª	14	5ª	2023
Artigo	2ª	21	5ª	2023

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir das atividades propostas pela OCHE.

A 30ª questão da 2ª edição da OCHE apresenta uma discussão sobre o uso das fontes históricas em museus:

> c) A discussão sobre o fato de o bode Ioiô ser ou não uma peça digna de um museu tem relação com uma concepção de História que entendia que somente os acontecimentos relacionados às elites de uma determinada sociedade deveria ser considerados como históricos.[18]

A questão apresenta uma discussão acerca da inclusão do Bode Ioiô em uma das exposições do Museu do Ceará. A utilização do animal empalhado causou grande rejeição da sociedade conservadora. A questão apresenta a possibilidade de usos de diversas fontes históricas.

Pudemos perceber em nossa pesquisa uma relevante associação entre as competências e habilidades da BNCC e as atividades propostas pela OCHE. Dessa forma visualizamos a possibilidade de abordar os conteúdos propostos pela olimpíada de acordo com as exigências

[18] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/1YSvrzPGEytI_YokrA7NABEZ-GqD_eMf4

curriculares dos livros didáticos. A integração entre a História Regional com as outras esferas geográficas possibilita a aproximação do sujeito histórico de sua realidade e o consequente

CAPÍTULO 3 - A OLIMPÍADA DE CIÊNCIAS HUMANAS DO ESTADO DO CEARÁ E O DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO HISTÓRICA: A HISTÓRIA REGIONAL EM SALA DE AULA

No presente capítulo abordamos inicialmente alguns aspectos teóricos que envolvem o estudo da História Regional. Posteriormente analisamos 25 questões objetivas e as tarefas online e atividades presenciais das cinco primeiras edições da OCHE (2019-2023)

.

3.1. Ensino de História e História Regional

A historiografia nacional foi construída a partir de narrativas protagonizadas principalmente pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Este processo pode ser exemplificado com as disputas entre os dois estados durante as comemorações oficiais que marcaram o centenário da Independência do Brasil.

> "A batalha travada entre os dois centros, para além de demonstrar como não havia muito consenso a respeito da Independência - de seu ato fundador e de seus supostos "heróis" - resultará na produção acelerada de narrativas visuais, todas buscando destacar certos contextos em detrimento de outros, iluminar um cenário e apagar os demais."(LIMA JÚNIOR, SCHWARCZ, STUMPF, p. 117)

A abordagem dos livros didáticos ainda contém uma grande influência das narrativas protagonizadas pela região Sudeste. Fatos históricos relacionados à referida região monopolizam os conteúdos, contribuindo para a construção de uma percepção da história nacional a partir de uma perspectiva limitadora. Esse enfoque restritivo muitas vezes ignora a diversidade e a riqueza das experiências e contribuições de outras regiões do Brasil, resultando em uma percepção restrita da história nacional.

Globalmente, as músicas e filmes são alguns exemplos da influência estadunidense em relação à nossa formação cultural. Apesar do fortalecimento da Música Popular Brasileira e do cinema nacional nos últimos anos, ainda temos um grande consumo de produtos culturais externos. Nacionalmente podemos utilizar como exemplo as novelas que continuam

reproduzindo as narrativas da região Sudeste e discriminando valores relativos às regiões Norte e Nordeste.

Na contramão deste processo a legislação nacional voltada para a área educacional, tendo como pilares a Lei de Diretrizes e Bases, as Diretrizes Curriculares Nacionais, a Base Nacional Curricular Comum, demonstra a necessidade de proteger o nosso patrimônio cultural relacionado a todos os grupos e regiões do país.

A massificação cultural promovida pela grande mídia perpetua uma visão reducionista da diversidade cultural brasileira, reforçando estereótipos e marginalizando particularidades regionais. A homogeneização tem implicações negativas na formação dos jovens estudantes. A desvalorização da cultura regional é acentuada em decorrência da inoperância das esferas governamentais. Existe a necessidade da vigilância e pressão constantes de vários setores da sociedade. A valorização do patrimônio cultural regional fortalece os laços identitários frente às influências estrangeiras.

A padronização de comportamentos tem impactado negativamente a identidade nacional. A legislação educacional pós-ditadura militar (1964–1985) embasada na Constituição de 1988 desempenha um papel fundamental no processo de preservação do patrimônio de todas as regiões brasileiras.

A inclusão de temáticas regionais nos currículos escolares é imprescindível para a conscientização do sentimento de pertencimento, fortalecendo conexões identitárias. A abordagem dos aspectos regionais contribui significativamente para a valorização da diversidade de povos e regiões. Este processo é essencial para a construção da cidadania. O enfoque regional contribui significativamente para o entendimento das relações intrínsecas entre o local, o regional, o nacional e o global.

A história regional possibilita a apresentação das dinâmicas mais próximas da realidade do sujeito histórico. A partir do sentimento de pertencimento problematizamos o apagamento sofrido pelas regiões mais pobres ao longo do processo histórico. A abordagem regional também pode ser uma ferramenta de denúncia ao processo de construção das desigualdades sociais. De acordo com Machado (2017) “(...) também se deve levar em conta o grande potencial a ser trabalhado pelo historiador que resolve observar os eventos “locais” e “regionais” para responder suas questões no ensino e na pesquisa” (MACHADO, 2017, p. 307)”. A Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 26 enfatiza a necessidade de se estabelecer nos currículos de Educação Básica aspectos locais e regionais.

> Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996) (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

A inserção de aspectos locais e regionais nos currículos escolares deve ser acompanhada por uma abordagem crítica. Dessa forma, procura-se evitar uma historiografia voltada para as narrativas de alguns grupos locais. De acordo com Machado (2017, p. 299):

> (...) a história regional ou local, especialmente dedicada ao ensino na educação básica, muitas vezes tem se prestado apenas a conservar a memória e o prestígio de grupos locais ou a reproduzir uma história de culto aos grandes homens já abandonada por outras abordagens historiográficas. (MACHADO, 2017, p. 299)

Desta forma, não se trata de reproduzir a nível local ou regional o que é feito nacionalmente. Personagens históricos pertencentes a grupos privilegiados a nível regional estão presentes em nomes de escolas, ruas, etc. Há de ser feito um direcionamento na educação básica para a valorização dos grupos invisibilizados pela historiografia tradicional.

> A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. Por isso, quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes cla consegue também retratar a História dos marginalizados, identificando-se com a chamada "História popular" ou "História dos vencidos.(AMADO, 1990, P. 13)

O estado do Ceará apresenta uma relevante ferramenta para discussões sobre a história regional. A OCHE tornou-se mais uma possibilidade para se conhecer particularidades regionais após o fim do vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC) em decorrência da centralização do processo de acesso às universidades através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

> A História do Ceará, a Geografia do Ceará, a Literatura do Ceará, antigamente quando a UFC fazia os seus vestibulares, trazia aspectos de História, Geografia, principalmente a Literatura do Ceará. Então, com o ENEM criou-se um vazio. Então, hoje o que se aborda de elementos ligados ao Ceará, às vezes é para uma prova da UECE. (FONTENELE, 2023).

A universalização do ENEM e o fim de muitos vestibulares regionais provocaram um grande esvaziamento em relação às discussões de aspectos relacionados ao estado do Ceará na Educação Básica. A Universidade Federal do Ceará (UFC) promoveu em seus vestibulares discussões acerca da perspectiva regional. Atualmente, o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE) apresenta-se como a principal referência em relação à abordagem de História do Ceará. Desta forma, escolas do ensino básico disponibilizam em seus currículos conteúdos superficiais relacionados à história regional, considerando que o principal foco é o Exame Nacional do Ensino Médio.

Atualmente, a rede de educação do estado do Ceará disponibiliza em seu currículo disciplinas eletivas em cada área de conhecimento voltadas para o Ensino Médio. As disciplinas eletivas fazem parte de um catálogo a ser escolhido de acordo com o interesse de professores e alunos. Entre as opções disponibilizadas estão alguns conteúdos relacionados a aspectos locais como, por exemplo, a disciplina "História do Ceará". Cabe aos professores um engajamento visando promover a valorização do conhecimento relacionado a elementos locais.

A OCHE utiliza a escala regional em detrimento à homogeneização das narrativas relacionadas ao eixo Rio-São Paulo. As abordagens em torno de perspectivas que valorizem o Ceará implicam a promoção do conhecimento integral, contextualizado com as diversas esferas geográficas. A iniciativa é primordial em tempos em que a indústria cultural massifica comportamentos e produtos. A valorização de aspectos regionais amplia a visão de mundo dos participantes da olimpíada, ao proporcionar o sentimento de pertencimento.

Fazem-se necessárias reformulações nos currículos escolares com o intuito de promover uma integração entre os aspectos relacionados às diferentes esferas geográficas. A olimpíada propõe uma abordagem aos aspectos regionais. Esta proposição permite aos participantes o entendimento dos aspectos da sociedade da qual fazem parte, promovendo o fortalecimento da identidade regional em detrimento à imposição dos valores externos. A abordagem de aspectos relacionados às diversas áreas de conhecimento é um aspecto relevante da olimpíada.

A OCHE dialoga com autores e fontes empenhados em dar visibilidade aos personagens e regiões que geralmente são ocultados das narrativas oficiais. A olimpíada potencializa debates a partir do estudo de eventos associados à realidade do sujeito histórico. Valorizam-se acontecimentos estudados superficialmente em sala de aula por meio de fontes históricas diversificadas. Proporciona-se o contato com assuntos que não são trabalhados no ensino básico, enaltecendo acontecimentos que fazem parte das memórias das populações

regionais, trazendo à tona sujeitos históricos ocultados pelos livros didáticos. Contribui-se para descentralização das discussões de temáticas tradicionais direcionadas para a abordagem da região Sudeste e para o eurocentrismo.

A valorização da história regional promove acontecimentos relacionados à proximidade geográfica. A escolha de qualquer objeto de estudo está relacionada aos interesses do pesquisador. Faz-se necessário um maior número de abordagens sobre o tema em busca de uma maior visibilidade, pois "(...) nenhum evento nasce como história regional ou local. É a nossa visão de mundo que seleciona e hierarquiza os episódios, definindo o lugar que eles terão na nossa compreensão do passado" (MACHADO, 2017, p. 306). A partir da visibilidade de todas as histórias regionais pode-se descentralizar o protagonismo de algumas regiões. A integração das diversas escalas geográficas é imprescindível para a construção de uma aprendizagem histórica. De acordo com Barca (2007, p. 6)

> A adopção de um modelo de História narrativa-explicativa, que integre uma análise fundamentada de perspectivas diversas, que não esqueça a escala local e global, parece ser mais consentânea com os debates sobre a ciência histórica e com as exigências de desenvolvimento, no respeito por várias identidades.

Alguns acontecimentos regionais geralmente são pouco conhecidos pelos próprios habitantes do estado do Ceará e podem ser articulados com temáticas nacionais. A OCHE apresenta fatos históricos de regiões invisibilizadas pela historiografia tradicional, despertando o interesse para novas abordagens. Descentralizam-se narrativas direcionadas para algumas regiões do Brasil. Temas relacionados à região Nordeste e particularmente ao Ceará são analisados superficialmente por grande parte dos livros didáticos. A participação dos indígenas, mulheres e negros nos movimentos históricos regionais, o conhecimento de alguns eventos nacionais a partir da perspectiva do Ceará, são alguns exemplos de temáticas que podem despertar o interesse pela história regional.

> Em síntese, recomenda-se que os eventos ocorridos na localidade e na região não sejam vistos sob a ótica da particularidade ou do fragmento. Ao invés disso, defende-se aqui que o real papel desses estudos é iluminar os contextos mais amplos dos quais foram parte, já que a nossa historiografia consagrou grandes modelos explicativos que, em geral, não encontram respaldo no passado das zonas periféricas. (MACHADO, 2017, p. 307,308)

A contextualização das narrativas históricas se faz necessária para compreender os acontecimentos a partir da realidade do sujeito. A OCHE apresenta fontes de pesquisa que possibilitam a partir de análises históricas regionais a articulação com diversas perspectivas. Existe um grande distanciamento entre o conteúdo abordado em sala de aula e a realidade dos discentes. Diante desta perspectiva, a OCHE possibilita aos estudantes das escolas cearenses o acesso a aspectos regionais invisibilizados pelo ensino tradicional. A olimpíada propõe "Criar uma cultura de integração, trabalho em equipe, apoio, solidariedade e estímulo para a valorização e preservação de tudo que corresponde à identidade cearense" (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ, 2020, p.2).

Desta forma, promove-se o fortalecimento da identidade regional por meio da análise de variadas particularidades, contextualizadas com aspectos nacional e global. A abordagem aos diversos aspectos relacionados ao regionalismo cearense contribui significativamente para a compreensão do lugar que o sujeito histórico ocupa no mundo. O ensino de História tende a ser fortalecido por meio da integração com outras áreas de conhecimento.

> Então quer dizer, a gente tem uma história, a gente tem uma geografia, a gente tem um meio ambiente, a gente tem uma cultura riquíssima, a gente tem uma literatura fantástica que não está sendo devidamente explorada. E aí a gente entende que ao trabalhar com essas temáticas, a gente não só está contemplando, valorizando o local, que é o que a BNCC demanda. (FONTENELE, 2023)

As questões regionais relacionadas à destruição do meio ambiente, desrespeito aos direitos humanos, expansão do agronegócio, desvalorização da agricultura familiar, apagamento das minorias são exemplos de temáticas discutidas nas atividades apresentadas. A olimpíada se posiciona a favor da valorização dos aspectos sociais em contraposição à supervalorização das perspectivas econômicas. Vejamos como a olimpíada segue esse direcionamento utilizando como exemplo um dos itens da 6ª questão da edição de 2019:

> B) A luta pelo acesso a água está entre os principais vetores de conflitos no Ceará, uma vez que envolve relações de poder entre classes sociais e entre setores produtivos que disputam quantidades suficientes de água para a sobrevivência e a produção econômica de acordo com seus interesses[19].

Esse posicionamento é crucial para a promoção de uma visão mais equilibrada sobre as questões regionais. Contrapõe-se a narrativas que privilegiam interesses econômicos em

[19] Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/13vXwcNOa32VOUgA-ML8aiMtmwxQ1DyAY

detrimento aos direitos humanos e à sustentabilidade ambiental. A grande mídia oculta os conflitos decorrentes dos interesses econômicos no estado do Ceará. Toda uma propaganda é financiada pelo estado exaltando as ações governamentais e invisibilizando as tensões existentes.

Ao focar em temas regionais, a olimpíada promove a conscientização sobre questões pertinentes ao Ceará e incentiva um diálogo mais amplo em consonância com desafios globais. A ênfase em temáticas como a destruição do meio ambiente e o desrespeito aos direitos humanos sensibilizam os alunos e a comunidade em geral para a necessidade de busca por soluções.

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará contribui para o combate à deficiência existente no sistema educacional relacionada à valorização de aspectos regionais. A indústria cultural visa solidificar o processo de massificação de comportamentos e produtos de acordo com regiões privilegiadas economicamente. Esta dinâmica se apresenta sob várias perspectivas.

3.2. Análise de questões (2019–2023)

A nossa pesquisa engloba as cinco primeiras edições da OCHE (2019 a 2023). Cada edição apresenta trinta questões objetivas com quatro itens cada, uma tarefa online e uma fase presencial final. Como o período a ser analisado apresenta um total de cento e cinquenta questões, selecionamos aquelas relacionadas com a disciplina de História. Na escrita deste capítulo, analisamos cinco questões de cada edição objetivando a identificação das propostas trazidas pela olimpíada para o ensino de História. Por se tratar de uma olimpíada na área de Ciências Humanas podemos identificar alguma relação com a disciplina de História em praticamente todas as questões. Optamos por selecionar questões onde a disciplina é abordada de forma mais explícita.

Outro critério que utilizamos na escolha das questões a serem analisadas foi em relação ao tema norteador de cada edição. Após a abordagem das cinco questões de cada edição demonstramos a proposta da olimpíada por meio da tarefa. Desta forma pretendemos demonstrar de que forma se dá a construção da aprendizagem histórica na olimpíada. As atividades propostas contribuem para o fortalecimento das identidades abordando aspectos regionais de forma contextualizada.

3.2.1. Educação Patrimonial na 1ª OCHE (2019)

As transformações ocorridas ao longo do século XX foram acompanhadas por reivindicações por espaço na sociedade por grupos até então invisibilizados. A disputa pela memória tornou-se progressivamente acirrada com o intuito de superação das disparidades: "(...) a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção."(LE GOFF, 1996, p. 476).

Os grupos dominantes necessitam preservar os seus lugares de memória. "Os lugares de memória nascem e vivem dos sentimentos que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notaria ratas. (NORA, 1993, p. 13)". Ao mesmo tempo, existe a preocupação dos opressores em apagar os lugares de memória das classes oprimidas. As discussões entre o que deve ser preservado ou não estão relacionadas aos interesses inerentes às disputas em torno do tombamento de patrimônios.

A 1ª edição da OCHE (2019) trabalhou em todas as suas fases o conceito de patrimônio. Selecionamos cinco questões sobre o patrimônio cultural brasileiro de acordo com o que prevê o artigo 216 da Constituição de 1988: "Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 1988).

A 4ª questão da 1ª fase da 1ª edição aborda a cultura material e imaterial do povo Tremembé. A questão apresenta um trecho de uma reportagem do jornal *Diário do Nordeste* da edição do dia 07 de dezembro de 2014 intitulada "Danças Encantadas".

> QUESTÃO 4
> TEXTO 4
> "O agito das sementes de jiriquiti na maracá e os rufos dos tambores anunciam o ritual. A roda de dentro entoa os versos com a certeza da presença dos encantados. A de fora acompanha, com passos sincronizados que variam conforme o tipo de dança, atrelada à ancestralidade da etnia. Sobe o aroma da fumaça que sai do cachimbo e regenera o ambiente. Para garantir forças, a cuia com mocororó - bebida fermentada produzida a partir do caju - passa de mão em mão e o líquido é bebido por cada um, revelando a união do grupo.Em roda de toré ou torém, indígenas se reúnem em uma dança envolta por simbologias com a finalidade de celebrar, agradecer e pedir. Praticamente, uma oração. [...]."
> Fonte: DIÁRIO DO NORDESTE. Danças Encantadas. 07 de Dezembro de 2014

> Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/dancas-encantadas-1.1168019>. Acesso 31 ago. 2019.
>
> Esse texto, intitulado Danças Encantadas, traz informações sobre as rodas de toré e torém que reúnem os indígenas em rituais próprios de cada etnia, demonstrando a diversidade cultural que as etnias cearenses apresentam.
>
> A) Há apenas uma área indígena regularizada no Estado: a terra indígena Córrego João Pereira, no município de Itarema (dos índios Tremembé).
> B) Mais de 26 mil índios encontram-se hoje aldeados por cidades cearenses, o que corresponde a 17% do total da população indígena no Nordeste. Um número que é inferior se comparado à população maior que já se fez presente muito antes de existir o Brasil enquanto país.
> C) Há atualmente cerca de 20 povos oriundos de tribos que ocupavam a área da pecuária no estado que desapareceram durante o Período Colonial, como os Kanindé, os Icós e os Tabajara.
> D) Os índios possuem identidade cultural, mas também singularidades próprias de cada etnia. A dança dos Tremembé chama-se Torém, que é sua principal forma de resistência cultural e lhes trouxe diferenciação e notoriedade, sendo uma dança totalmente particular deste povo, enquanto o Toré é a dança praticada pelos demais povos indígenas[20].

O excerto da reportagem apresentado pela questão é uma fonte histórica relevante relacionada ao patrimônio cultural dos povos indígenas cearenses. O processo de etnocídio ao qual essas populações foram submetidas foi acompanhado da invisibilização das suas práticas culturais. A generalização dos costumes dos povos remanescentes tem sido uma forma de desvalorização da diversidade cultural dos povos indígenas. Houve um silenciamento de suas narrativas em contraposição à imposição de valores eurocêntricos.

A abordagem de aspectos relacionados aos povos nativos do estado do Ceará oportuniza a compreensão a nível local do processo histórico que envolveu os conflitos pela sobrevivência física e cultural dos povos originários. O enunciado da questão descreve um ritual indígena apresentando aspectos da cultura material e imaterial. Alguns elementos naturais da região são citados. As sementes de *giriquiti* são utilizadas no instrumento chamado maracá e o caju produz uma bebida chamada mocororó. A dança utilizada no ritual, a crença na presença dos encantados, a forma de preparação da bebida e dos instrumentos utilizados no ritual são características da cultura imaterial presente na descrição do texto.

A questão aborda vários aspectos relacionados à questão indígena no Ceará, apresentando as formas de resistência dos povos remanescentes. O estado do Ceará no momento da escrita desta pesquisa apresenta somente uma terra indígena regularizada:

---

[20] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,1,0,5.

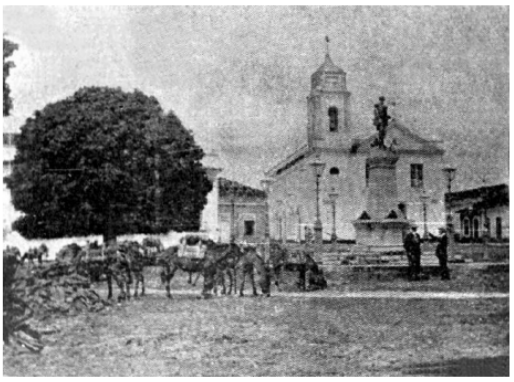
Córrego João Pereira, no município de Itarema. O uso do termo regularização remete à questão da etapa final de consolidação oficial do reconhecimento dos territórios pelos órgãos governamentais. Em março de 2024 o Governo do Estado do Ceará por meio da Secretaria dos Povos Indígenas (SEPIN) anunciava o povo Tremembé de Queimadas, município de Acaraú, como a segunda terra com demarcação física finalizada.[21]

A questão apresenta informações relevantes como a existência de 26 mil indígenas no estado do Ceará e o percentual de 17% em relação ao quantitativo na região Nordeste[22]. Essa abordagem permite a percepção da resistência dos povos indígenas e de suas práticas culturais. O ensino de História deve ser caracterizado pela compreensão das relações entre passado e presente

A tentativa de apagamento dos povos nativos ao longo do processo histórico contribui para a construção de percepções preconceituosas por parte da sociedade "civilizada". A generalização em relação às práticas culturais destes povos é uma consequência da desinformação. A questão desconstrói esta narrativa ao classificar as danças dos povos indígenas como formas de resistência cultural, promovendo as particularidades identitárias.

A imagem da igreja do Rosário, construída no século XVIII, localizada na cidade de Fortaleza, foi a fonte visual que serviu de base para a questão 5, da fase 1, da 1ª edição.

Figura 2 - Igreja do Rosário



A questão apresenta um *link* que direciona a uma dissertação intitulada "A Irmandade

[21] Disponível em:https://www.povosindigenas.ce.gov.br/2024/03/01/povo-tremembe-de-queimadas-e-segunda-terra-com-demarcacao-fisica-finalizada/. Acesso em 25/05/2024.
[22] Disponível em: https://www.ceara.gov.br/2019/04/16/todo-dia-e-dia-de-indio-quais-sao-os-povos-indigenas-do-ceara/ Acesso em 11/05/2024. Disponível em:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025

de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Fortaleza, antiga irmandade dos Homens Pretos, e suas ressignificações atuais"[23] de autoria de Auricléa Barros Pereira. Em seguida foram postas as alternativas.

> A) Construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza, para abrigar os cultos de negros proibidos de frequentar outras igrejas, a Igreja do Rosário é o templo religioso católico mais antigo do Ceará, sendo também a primeira Matriz de Fortaleza, chegou a figurar como Catedral Metropolitana durante a construção da atual Catedral da Sé.
> B) As festas promovidas pela Irmandade obedeciam ao calendário Católico e eram marcadas por elementos de sincretismo com rituais de origem africana, constituindo-se em espaço de resistência da cultura negra em constantes recriações.
> C) Era comum a participação de mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza, sendo sua atuação restrita a funções como juíza e mordoma, além da participação em romarias, procissões e festas, sendo-lhes vedado o direito de voto nas deliberações da irmandade, que teve sua atuação limitada a partir do processo de Romanização da Igreja na segunda metade do século XIX.
> D) Ao se tornarem membros de uma irmandade, os negros poderiam assumir uma identidade e tornar-se sujeitos, o que lhes garantia uma condição humana na sociedade escravista onde estavam inseridos, sendo esta condição reconhecida pelo poder eclesiástico e o Estado, o que pode ser comprovado pela atuação de irmandades em disputas na justiça em favor de seus membros.[24]

As fontes apresentadas pela questão permitem uma associação entre o patrimônio cultural material e imaterial relacionado à população negra na cidade de Fortaleza. A fotografia da igreja localizada no centro da cidade constitui uma relevante fonte histórica para o conhecimento do processo de exclusão social e resistência por meio do sincretismo religioso. A dissertação apresenta particularidades da irmandade que se constituiu como uma forma de proteção ao referido grupo marginalizado pela sociedade escravista.

A Igreja do Rosário constitui-se patrimônio material relacionado à resistência cultural do povo negro local. A questão descreve o sincretismo contido nas festas promovidas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

> Outro aspecto interessante na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Fortaleza que gostaríamos de salientar é com relação ao lugar ocupado pela irmandade nas procissões por ocasião das festas, em que todas as irmandades participavam como a Quaresma, Semana Santa e Corpus Christi, sendo a procissão da Paixão de Cristo o grande evento, o qual contava com a participação de todas as

[23] Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14797/1/2015_dis_abpereira.pdf.Acesso em 21/05/2024

[24] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,1,4,5.

irmandades.(PEREIRA, 2015, p. 44)

As irmandades eram, de fato, uma organização na qual a população negra buscava proteção e apoio na estrutura social opressiva da época, ao mesmo tempo, mantinha uma conexão com os valores e práticas do cristianismo. “Foi sob a devoção e proteção mariana que os pretos se organizaram em irmandades como uma forma de expressar sua cultura contida na religiosidade, como também garantir sua inserção como sujeitos na sociedade escravista através do catolicismo (PEREIRA, 2015, p. 39)”.

A questão aborda a participação de mulheres em alguns cargos da Irmandade. Apesar de estarem inacessíveis aos cargos mais altos da instituição, as irmandades reservavam a elas um espaço relativamente relevante diante da condição feminina da época. “Numa sociedade em que as mulheres não têm voz nem vez, na irmandade estas eram aceitas e ainda exerciam funções ou cargos nobres, com certa restrição, mas, mesmo assim, eram visibilizadas dentro das confrarias” (PEREIRA, 2015, p. 69).

A questão demonstra as vantagens adquiridas por meio da participação na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Diversos benefícios eram oferecidos aos seus membros, incluindo proteção social, acesso a redes de apoio, oportunidades de mobilidade social e econômica numa estrutura social restritiva, dentre outros. Diante de uma sociedade escravocrata, a irmandade representava um espaço que a população negra expressasse a fé católica.

A 13ª questão da 1ª fase da 1ª edição aborda o patrimônio cultural do centro da cidade de Fortaleza.

QUESTÃO 13
TEXTO 9
“(...) como viabilizar o Centro Histórico de Fortaleza tendo o turismo como propulsor? De que forma agências de turismo exploram o turismo cultural no centro da Cidade? Há interesse, de turistas e residentes, em conhecer o patrimônio cultural de Fortaleza?
(...)Preservar é manter viva a história. E a história se conta e entende pela arquitetura da cidade, de centros históricos. Com prédios antigos bem conservados entende-se a forma de viver da sociedade, interesses, forma de pensar, economia da época, religiosidade e a necessidade de ostentação da sociedade. A utilização de prédios antigos pode conviver com a modernidade, a exemplo da Europa, onde o nível de consciência de preservação é muito alto. Traz-se como em centros onde prédios antigos se utilizam como museus, espaços de exposições de artes, realização de oficinas, praças de convivência. Trabalhar com a sociedade mostrando a importância dos prédios históricos, é o primeiro passo para que sejam preservados. A sociedade tem que defender seu patrimônio frente à especulação imobiliária, para manterá viva a história da cidade.”
(BEZERRA, Ivone Maire Antunes. O patrimônio histórico do centro de Fortaleza e a viabilidade do turismo urbano. Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão

> de Negócios Turísticos – UECE, 2017. p. 15-16.)
> Conteúdos relacionados:
> http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/ivonemaireantunesbezerra.pdf
> http://coisadecearense.com.br/category/patrimonio-historico-cearense/
> https://www.youtube.com/watch?v=QvOonBp-ynI
>
> A partir do estudo das temáticas envolvidas no excerto da dissertação indicada no enunciado:
>
> A) A perene preservação pelos poderes públicos cearenses dos diversos tipos de patrimônio, de todos estratos sociais, tem contribuído de forma importante para um maior acesso ao conhecimento da história do nosso estado.
> B) A educação patrimonial possibilita a compreensão do mundo que nos cerca, que nos rodeia, como cheio de acontecimentos singulares e construído pela ação de sujeitos comuns, como por exemplo, os feirantes e o entorno das feiras livres existentes nas diversas cidades cearenses.
> C) O patrimônio histórico sociocultural do povo cearense vai muito além dos prédios antigos da capital e é repleto de múltiplas manifestações, em seus 184 municípios, de várias naturezas: material, imaterial, científico, artístico e ambiental.
> D) Existem várias pesquisas e projetos para viabilizar o desenvolvimento do turismo e a preservação do patrimônio histórico cultural material e imaterial no estado do Ceará.[25]

A questão apresenta o trecho da dissertação de mestrado intitulada "O patrimônio histórico do centro de Fortaleza e a viabilidade do turismo urbano" de autoria de Ivone Meire Antunes Bezerra, um *link* que direciona para o site intitulado "Coisa de Cearense" e um *link* direcionado para o *Youtube* com uma entrevista concedida por Romeu Duarte, ex-superintendente do IPHAN, ao "Canal FDR".

A questão destaca a existência de vários projetos destinados a conciliar o desenvolvimento do turismo com a preservação do patrimônio histórico e cultural no estado do Ceará. Há uma ampliação da noção de patrimônio, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre o conceito. Ao expandir a definição de patrimônio, a questão incorpora aspectos culturais, naturais, tangíveis e intangíveis. É demonstrado o papel do patrimônio no fortalecimento da identidade e na memória coletiva de diferentes comunidades. Esta abordagem contribui significativamente para uma compreensão integral do tema, fundamental para a preservação e valorização adequada dos diversos tipos de patrimônio. De acordo com Pinto (2019, p. 03):

> Nos últimos anos, temos assistido a um crescente interesse pela identificação, preservação e divulgação do patrimônio. Esse interesse, centrado inicialmente nos monumentos de maior significado histórico, alargou-se posteriormente aos centros históricos e, mais recentemente, iniciou abordagens ambientalistas e ecologistas,

[25] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,5,4,1.

> tentando contrariar as agressões provocadas pelas rápidas mudanças urbanísticas e pelas massivas alterações das paisagens. Um exemplo dos efeitos da evolução do conceito de patrimônio (inicialmente apenas com sentido material) e do progressivo reconhecimento da sua historicidade é o das políticas de reabilitação e renovação dos centros urbanos, que procuram ir além da noção de monumento histórico, revelando uma consciência de que a proteção do patrimônio deve conceber-se como um projeto urbano na sua totalidade.

A educação patrimonial é fundamental para a compreensão do mundo que nos cerca. Esse direcionamento valoriza histórias, tradições e legados culturais, promovendo o conhecimento da construção humana, desempenhando um papel crucial na formação de cidadãos engajados na proteção do patrimônio regional. Pinto (2019, p. 18) afirma que: "Desse modo se envolverão os jovens na construção do seu próprio saber, a partir do interesse suscitado pela relação com um passado do qual reconhecem vestígios patrimoniais".

A preservação do patrimônio histórico enfrenta desafios significativos. De acordo com Fernandes (1993, p 275):

> Houve uma "política de patrimônio que preservou a casa-grande, as igrejas barrocas, os fortes militares, as câmaras e cadeias como as referências para a construção de nossa identidade histórica e cultural e que relegou ao esquecimento as senzalas, as favelas e os bairros operários"

A preservação patrimonial seletiva se apresenta como reflexo de prioridades conflitantes e desigualdades na distribuição de investimentos e esforços entre diferentes grupos sociais e tipos de patrimônio. A pressão da sociedade civil é de fundamental importância para uma mudança de paradigma voltada para uma política preservacionista que contemple todos os setores da sociedade.

A 22ª questão da 2ª fase da 1ª edição aborda uma produção do poeta popular cearense Patativa do Assaré (1909–2002). A questão apresenta um excerto do poema "Triste Partida".

> QUESTÃO 22
>
> TEXTO 13
>
> Meu Deus, meu Deus. . .
>
> Setembro passou
>
> Outubro e Novembro
>
> Já tamo em Dezembro
>
> Meu Deus, que é de nós,
>
> Meu Deus, meu Deus

Assim fala o pobre
o seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
Ai, ai, ai, ai
(...)

A) Com sua voz grossa e uma memória incomum, Antônio Gonçalves da Silva (1909/2002), o 'Patativa do Assaré' produziu milhares de poemas que, em sua maioria, retratavam a vida do sertanejo nordestino.
B) Estudado em diversos locais do mundo, nascido na cidade de Nova Olinda e radicado no Assaré, Patativa do Assaré foi trabalhador rural e produziu uma das mais belas obras poéticas da literatura popular brasileira.
C) Patativa do Assaré conseguiu, em seus poemas, descrever a vida do sertanejo, questionar as contradições sociais e denunciar os desmandos dos políticos sem mudar seu estilo de vida ou abandonar sua terra natal.
D) Entre os diversos poetas que surgiram no interior do Nordeste, 'Patativa do Assaré', se destaca como poeta popular, pois, apesar de elaborar alguns poemas com a perfeição da norma, frequentou a escola somente por seis meses.[26]

O poema do cearense Patativa do Assaré faz usos da linguagem característica do regionalismo cearense de acordo com aspectos que envolvem a realidade do autor. Autodidata, Patativa do Assaré era um profundo conhecedor da realidade do sertanejo. Apesar da fama, optou por se manter na simplicidade no interior do Ceará. O seu legado enaltece a resiliência do homem do campo diante das dificuldades provocadas pelo ambiente hostil. A questão enfatiza a grandiosidade da obra mesmo com a baixa frequência escolar do autor. Destaca-se a criticidade ao denunciar os desmandos políticos que assolam a vida do sertanejo.

O deslocamento da população sertaneja para outras regiões do país era uma alternativa encontrada para fugir dos problemas causados pela seca. A fome, as doenças atingiam a população letalmente em períodos de estiagem. Os que conseguiram sobreviver demonstravam a resiliência que caracteriza o povo sertanejo. Em momentos mais críticos, ações governamentais foram criadas para evitar a chegada dos retirantes às cidades maiores.

A obra de Patativa está relacionada ao patrimônio cultural regional. Por meio do legado do autor podemos ter um conhecimento mais aprofundado das dinâmicas que envolvem a vida do sertanejo no interior do Ceará. As relações entre aspectos ambientais e sociais no Nordeste são intrínsecas. Conhecer essa dependência é relevante para um ensino de

[26] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/05/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,0,5,4.

História direcionado para as particularidades regionais.

A questão 29 da 2ª fase da 1ª edição aborda o humor cearense. São apresentadas as imagens com vários personagens do humorista cearense Chico Anysio e do humorista cearense Tiririca.

Figura 03 - Personagens de Chico Anysio

Fonte: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view.

Figura 04 - Tiririca

Fonte: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view.

Em seguida são apresentadas as seguintes alternativas:

> A) Dentre as diversas propostas suscitadas nas esferas de poder público, destacam-se a instituição, no calendário de eventos do estado do Ceará, do Festival Brasileiro

> de Humor, a ser realizado em Fortaleza, Maranguape e Sobral; a criação de um Museu do Riso, que abrigará estátuas de cera dos grandes humoristas do Estado; e o lançamento do Anuário Brasileiro do Humor, demonstrando a relevância que essa manifestação cultural vem assumindo entre os que fazem a cultura no estado.
> B) Trabalhando com a fenomenologia do humor cearense, essa característica provém da essência cultural local, pois se trata de um povo historicamente castigado pelas severas condições climáticas que encontrou refúgio no humor e no alto astral para relativizar seu próprio sofrimento.
> C) A constituição cultural do humor cearense é um aspecto étnico (miscigenação), histórico (Ceará Moleque) e também apresenta traços sociais e identitários. A composição dos aspectos ambientais, demográficos e políticos fez com que o humor cearense se tornasse um aspecto de identificação local permeada de autocrítica, subversão e resistência. Exemplos notórios são o caso de Paula Nei e a famosa vaia ao Sol, ocorrido na Praça do Ferreira, em meados do século XX.
> D) A questão do humor cearense é decorrente da miscigenação do próprio povo local. O aspecto indígena é bastante acentuado em exemplos cotidianos: a forma de vaiar (iiihhhhh) e alguns termos linguísticos e gestuais (Ai dento!) são expressões culturais que demarcam a ancestralidade cearense. A etnicidade é tão marcante que o bom humor indígena e sua comicidade ficaram marcadas como fortes resquícios existentes até hoje.[27]

A maior parte do território cearense é impactado pelo fenômeno da seca. Os aspectos ambientais, demográficos e políticos foram determinantes para a construção da identidade regional. O humor cearense tornou-se uma forma de autocrítica, subversão e resistência como reflexo dos aspectos relacionados ao estado do Ceará. De acordo com Schmidt (2007, p. 190):

> [...] pensar a história local como indicação para formação de uma consciência histórica, na compreensão de vivermos em um mundo globalizado, é fundamental que esta formação tenha "marcos de referência relacionais e identitárias, os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais.

A expressão "Ceará Moleque" foi construída no imaginário local a partir da historicidade regional diante da resiliência em relação às adversidades naturais. O humor cearense apresenta aspectos étnicos. A constituição da identidade cearense se deu por meio de miscigenação promovida ao longo do processo histórico provocadas pelas dinâmicas da economia regional.

Os aspectos políticos em torno da seca contribuem ao longo da história para a construção de muitas narrativas. As ações governamentais promovidas para combater o problema são lentas. Podemos tomar como exemplo a transposição do Rio São Francisco. As

---

[27] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-primeira-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,0,5,4.

primeiras propostas governamentais remontam ao século XIX, mas somente no século XXI a obra foi concretizada. Outra dificuldade é a utilização dos recursos hídricos pela população cearense. Muitas ações governamentais estão associadas ao agronegócio. Muitos canais de irrigação construídos pelo governo estadual dificultam o acesso direcionado para a agricultura familiar.

A primeira edição em 2019 apresentou quatro fases. A 3ª fase online consistia na elaboração de uma tarefa. A mesma propunha a produção de um fôlder sobre algum patrimônio histórico, geográfico, ambiental da cidade de origem da escola da equipe:

> A equipe deverá pesquisar e identificar um PATRIMÔNIO do município em que está localizada sua escola, que pode ser Histórico, Cultural ou de Geodiversidade.
> Lembramos que os municípios são compostos por zonas rurais e urbanas e, portanto, independentemente da zona em que está localizada a escola da equipe, esta deve escolher um PATRIMÔNIO do seu município.
> Não é obrigatório que este PATRIMÔNIO esteja legalmente ou oficialmente tombado, mas é fundamental que seja reconhecido como PATRIMÔNIO Histórico, Cultural ou de Geodiversidade pelo poder público ou pela sociedade local.
> Também é válida a escolha de um PATRIMÔNIO cujo município faça parte de sua área de abrangência.
> A partir da escolha deste PATRIMÔNIO, a equipe deverá produzir um FÔLDER informativo, que permita às pessoas de todas as regiões do país conhecer melhor este PATRIMÔNIO do município em que a escola está localizada ou, se for o caso, de uma área na qual o município está inserido.[28]

A temática da tarefa sugerida na edição de 2019 foi sendo trabalhada ao longo das fases da olimpíada. Várias questões objetivas abordaram os mais diferentes tipos de patrimônio, contribuindo para a expansão da compreensão do conceito. A tarefa aborda a parte prática, propondo uma atividade sobre a temática no município de origem da escola da equipe. Através da percepção da realidade, os participantes foram incentivados a reconhecer a importância da conservação dos patrimônios com a percepção de que o conceito vai além dos aspectos históricos.

> A tarefa era para eles elaborarem um fôlder, tarefa que já é objetiva. As equipes tinham que elaborar um fôlder sobre o patrimônio do seu município, e a gente estabeleceu que esse patrimônio ele podia ser um patrimônio tombado ou não, que podia ser um patrimônio histórico, um patrimônio cultural ou um patrimônio de geodiversidade, não obrigatoriamente tombado. (Entrevista zilfran)

> Então vinham fôlderes fantásticos como, por exemplo, as redes jaguaruana, o Teatro José de Alencar, sobre, por exemplo, o pastel, o Leão do Sul, a Praça do Ferreira (que é um patrimônio da sociedade cearense e não está nem necessariamente

[28] Fonte: Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-terceira-fase/view. Acesso em 12/01/2025.

> tombado), a drogaria Osvaldo Cruz ali na Praça do Ferreira, o Museu do Ceará. (FONTENELE, 2023)

As equipes melhor classificadas ao longo das 3 fases propostas foram selecionadas para a fase final presencial na cidade de Maranguape, que consistia na elaboração de um texto dissertativo. A fase final presencial propôs elaboração de um texto sobre a importância dos patrimônios, tombados ou não. Os patrimônios escolhidos pelas equipes poderiam ser históricos, culturais ou relacionados à geodiversidade.

> Aqui reproduzimos um trecho da Tarefa da Terceira Fase da OCHE Ceará 2019:
> *"O objetivo fundamental da OCHE Ceará é valorizar o nosso estado em diversos aspectos. Um elemento fundamental para esta valorização é o conhecimento dos Patrimônios Históricos, Culturais e de Geodiversidade de nossa terra.*
> *A partir do conhecimento, podemos compreender a importância dos Patrimônios Históricos, Culturais e de Geodiversidade de nosso estado para o município e a região em que estão localizados, a importância de sua preservação e as potencialidades que podem oferecer."*
> Elaborem um texto dissertativo que demonstre a compreensão da sua equipe acerca dos elementos abordados no trecho sublinhado.
> O texto deverá ter uma quantidade mínima de 20 (vinte) e máxima de 30 (trinta) linhas.[29]

Após os conceitos terem sido trabalhados teoricamente pelas questões da olimpíada e colocados em prática por meio da produção da tarefa, as equipes promovidas para a fase final presencial são desafiadas com a escrita de um texto dissertativo correspondente a toda aprendizagem adquirida durante a olimpíada.

3.2.2. Crises epidêmicas e impactos sociais na 2ª OCHE (2020)

A 2ª edição da OCHE foi realizada em 2020. O ano ficou marcado pelo início do isolamento social devido aos impactos da pandemia da COVID-19. Por esse motivo a olimpíada não apresentou a atividade presencial. A tarefa online propôs a elaboração de um texto intitulado "Nós e a Pandemia" pelos participantes. Desta forma, procuramos analisar cinco questões relacionadas à pandemia que de alguma forma pudessem ser associadas ao Ensino de História.

---

[29] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/fases-e-gabaritos/oche-ceara-2019-atividade-final/view Acesso em 12/01/2025.

A 1ª questão da 1ª fase da 2ª edição aborda os impactos do distanciamento social devido à pandemia da COVID-19 na Festa de Santo Antônio da cidade de Barbalha.

Figura 5 - Cortejo simbólico do tradicional Pau da Bandeira em Barbalha.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view

A questão apresenta uma fotografia contida em uma reportagem do *site* "G1" intitulada "Cortejo simbólico do tradicional Pau da Bandeira gera aglomerações no interior do Ceará"[30], o link de uma dissertação de mestrado intitulada "Toiim, camarada e casamenteiro! Manifestação do pau da bandeira de Santo Antônio em Barbalha, aspectos históricos: Falas e relatos." de autoria de Venusia Maria de Aquino Pereira Magalhães, o l*ink* de uma dissertação intitulada "A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades."[31] de autoria de Ruth Rodrigues Santos. A seguir verificamos o comando da questão e as alternativas.

> Considerando as dinâmicas culturais no contexto da festividade, a diversidade e atualização de representações culturais evidenciadas na Festa de Santo Antônio de Barbalha, escolha uma das opções:

[30] Disponível em https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/05/31/cortejo-simbolico-do-tradicional-pau-da-bandeira-gera-aglomeracoes-no-interior-do-ceara.ghtml Acesso em 12/01/2025.

[31] Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9762?locale=pt_BR. Acesso em 12/01/2025.

> a) A tradição é uma construção ritual atualizada. Apesar da festa ser, como fato social que tem como objetivo significar a própria estrutura cultural e social, toda perspectiva tradicional reitera representações dentro da cultura que estão em conflito com outras. Desta forma, o cortejo é uma festa popular onde emergem conflitos e tensões entre a hierarquia religiosa, o imaginário social e as perspectivas contextuais de sua realização. Percebe-se que, no ritual atualizado, tais conflitos são evidentes, num misto de negacionismo, reforço da tradição e religiosidade, como também uma perspectiva da valorização da tradição da cultura popular local numa postura de inovação e criatividade.
> b) As múltiplas interpretações fazem parte das festividades locais e populares. As alterações provocadas por eventos sociais, como a pandemia, são adaptadas no ritual. Tal fenômeno é atualizado quando evidenciamos aquilo que Victor Turner chama de "drama social", ou seja, rituais que afloram certos conflitos sociais e exegeses que, na festa, é evidenciada. Exemplo disto foi que o cortejo, apesar das restrições da pandemia, permaneceu na programação da festa, causando polêmica.
> c) As tradições, segundo Eric Hobsbawm, são ressignificadas de acordo com o processo histórico. Walter Benjamin afirma que a história popular é trabalhada sob diversos ângulos. Assim, o narrador observa e interpreta os fatos históricos de acordo com as inúmeras experiências. Nesse sentido, a cultura não mais representa algo puramente popular ou erudito, mas sim um espaço onde trocas simbólicas são feitas constantemente. Os fatos históricos são ressignificados de acordo com as circunstâncias, como também a atualização da cultura dentro das festividades.
> d) O carregamento do pau é o momento mais marcante da festa religiosa, como também o mais profano. O mastro vem "caminhando" nas mãos de mais de 300 homens oriundos das diversas classes sociais, uns foliões, outros devotos que se colocam lado a lado com o propósito de caminhar com o pau da bandeira até a frente da Igreja Matriz, onde é hasteada a bandeira de Santo Antônio.[32]

A festa de Santo Antônio apresenta uma relação intrínseca entre o sagrado e o profano. O evento de carregamento do pau da bandeira inicia-se com o corte de uma árvore que é transportada por uma multidão até a cidade. O acontecimento é associado ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas. A festa gera apreensão entre as autoridades eclesiásticas. A análise das festividades revela como a religião e a cultura popular coexistem e como a presença de elementos mundanos desafiam as normas estabelecidas pela tradição religiosa.

A ressignificação das tradições demonstra como os eventos se transformam ao longo do tempo. A Festa de Santo Antônio de Barbalha apresenta como principal aspecto a questão religiosa, mas envolve outros interesses externos. Essa dinâmica demonstra como as tradições populares podem ser ressignificadas, incorporando novos elementos que vão além do contexto inicial.

As festas são remodeladas a partir de dinâmicas sociais e culturais.. A existência de características profanas e sagradas no contexto das festividades populares é comum. O carregamento do pau da bandeira, como parte central da celebração, ilustra claramente as

---

[32] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 5,1,4,0.

contradições entre os propósitos religiosos e mundanos. Essa dualidade de intenções revela as complexas interações promovidas pela festa. As festividades populares podem ser espaços de diversas motivações. A análise desses aspectos fornece uma compreensão mais complexa dessas celebrações.

A questão discute os impactos provocados pela pandemia na Festa de Santo Antônio. O isolamento social determinado pelos órgãos governamentais provocou adaptações à nova realidade. A utilização de transmissões online foi um dos artifícios utilizados pelos organizadores. Um cortejo simbólico foi organizado para que a população pudesse, de certa forma, manter as tradições de uma festa presencial. Mas a resistência à imposição teve como consequência a formação de aglomerações para o acompanhamento do evento.

A 7ª questão da 1ª fase da 2ª edição apresenta como fonte de pesquisa um excerto do "Esboço histórico da Província do Ceará" de autoria de Pedro Theberge, disponibilizado no site do Instituto do Ceará[33].

> 7- TEXTO 6
> Estas foram as tribos mais conhecidas e cujos nomes encontrei nos diversos documentos que consultei. Todas elas desapareceram completamente, ou pela perseguição dos invasores ou pelos efeitos da nossa civilização que não convinha à sua natureza, ou enfim pelas moléstias epidêmicas que lhes trouxemos da Europa, como a bexiga, o sarampo, e outras que os decimou repetidas vezes". (p. 82)
> (Thebérge, Pedro F. Esboço histórico sobre a província do Ceará. (1895). I:218p. [Versão fac-simile]. Fortaleza: Editora Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1969/1969-EsbocoHistoricoProvinciadoCeara.pdf> , acesso 17 jul. 20.)
>
> Acerca da História e Historiografia do Ceará:
>
> a) Os povos indígenas que ocupavam terras cearenses sofreram tanto genocídio (extermínio físico) quanto etnocídio (destruição da cultura), sendo obrigados pelos colonizadores a falar outra língua e a professar uma nova religião.
> b) O fragmento expressa a visão do homem do século XIX, marcada pela crença na ciência positiva, e caracterizada pela História narrativa, demonstrando o intuito de suprimir da história local aqueles que acreditavam pesar negativamente sobre a trajetória histórica pertinente ao estado.
> c) "Esboço Histórico da Província do Ceará" representa uma das primeiras obras da historiografia cearense.
> d) O Instituto Histórico e Geográfico do Ceará foi fundado pelo imperador D. Pedro I, com a finalidade de promover estudos sobre o estado alencarino, tornando-se a primeira instituição cultural voltada à Historiografia cearense e uma das mais antigas do Brasil.[34]

---

[33] Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1969/1969-EsbocoHistoricoProvinciadoCeara.pdf . Acesso em 12/01/2025.

[34] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view. Acesso em 12/01/2025.
Acesso em 26/05/2024. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,5,4,0.

O excerto do livro aborda o desaparecimento de alguns povos indígenas no Ceará em fins do século XIX. O autor atribui esta situação aos conflitos por interesses econômicos decorrentes da ambição dos povos invasores e às doenças trazidas por eles. O etnocídio e o genocídio formam as formas de controle utilizadas pelos invasores europeus contra as populações indígenas regionais.

O século XIX foi marcado pelo ideal positivista associado ao discurso civilizatório. As ambições das elites econômicas estavam relacionadas às transformações advindas do capitalismo industrial. A História narrativa, direcionada para a construção do processo histórico de acordo com os interesses dos opressores, estava voltada para evidências documentais em detrimento de povos submetidos. A historiografia oitocentista procurava determinar como os eventos históricos deveriam ser compreendidos.

No contexto século XIX o governo imperial brasileiro promove um direcionamento do ensino de História no país alinhado aos ideais positivistas:

> Com a Monarquia, o governo imperial organizou a estruturação do ensino de História, com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838. Apesar do viés eurocêntrico, o objetivo da História era instigar o sentimento patriótico de pertencimento na população da recente nação, garantindo uma unidade nacional, mas considerando as particularidades regionais. (COSTA JÚNIOR, p. 38, 2017)

A criação das instituições pelo governo imperial tinha como objetivo despertar o ideal patriótico entre os brasileiros. A nível regional a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará deu-se em 1887, no reinado do imperador D. Pedro II. A historiografia cearense nos revela a riqueza dos aspectos regionais. As contribuições dos autores cearenses para a historiografia são praticamente desconhecidas pelo público em geral e pouco abordadas no espaço escolar. O reconhecimento dessa importância se faz necessária em prol da valorização das características que compõem a constituição da identidade regional.

A 11 questão da 2ª fase da 2ª edição aborda a pandemia em Fortaleza. A questão apresenta uma reportagem do Jornal o Povo intitulada “Pesquisa revela os 15 bairros de Fortaleza mais propensos a epidemias intensas de Covid-19”.[35]

---

[35] Disponível em: https://www.opovo.com.br/coronavirus/2020/04/30/pesquisa-revela-os-15-bairros-de-fortaleza-mais-propensos-a-epidemias-intensas-de-covid-19.html. Acesso em 12/01/2025.

11- TEXTO 7
PESQUISA REVELA OS 15 BAIRROS DE FORTALEZA MAIS PROPENSOS A EPIDEMIAS INTENSAS DE COVID-19
A pesquisa analisou o número de casos confirmados, a relação deles com a mobilidade entre bairros e o índice de vulnerabilidade epidêmica populacional.
Por Catalina Leite, 30/04/2020

Dos 119 bairros de Fortaleza, 15 estão mais propensos a apresentar epidemias intensas de Covid-19. São eles: Aldeota, Cais do Porto, Vicente Pinzón, Praia do Futuro I e II, Arraial Moura Brasil, Barra do Ceará, Canindezinho, Centro, Cristo Redentor, Edson Queiroz, José de Alencar, Presidente Kennedy, Papicu e Vila Velha. [...]

A partir da reportagem apresentada no Jornal O Povo podemos concluir que:
a) O transporte público preocupa, tanto por possibilitar o deslocamento de grande massa populacional, quanto por ser responsável pela maior parte dos deslocamentos de trabalhadores que possuem alta vulnerabilidade social, sendo esta a principal preocupação nos estudos de disseminação da pesquisa no Ceará.
b) A pesquisa reforça a influência da mobilidade urbana e, consequentemente, do transporte público para a carga de infecção dos bairros, sendo necessário considerar que as viagens diárias por motivo de trabalho aos bairros Aldeota e Meireles, bairros nos quais se concentraram os primeiros casos de Covid-19, foram o vetor de propagação inicial do vírus na cidade de Fortaleza. Diariamente, são 60 mil viagens com destino a esses bairros. Do total, 30.700 (51%) originam-se de apenas 20 locais de Fortaleza.
c) As aglomerações de pessoas, especialmente no sistema de transporte público, podem potencializar a disseminação de Sars-Cov-2. Para tanto, ações de informação, educação e comunicação devem ser fortalecidas, além do desenvolvimento de novos estudos e meios para garantir adesão de um mínimo de 70% do município ao isolamento social, especialmente nos bairros em risco, como forma de conter novos avanços da doença.
d) O Corona vírus (COVID-19) é uma doença dermatológica causada por um novo vírus. Ele causa problemas respiratórios semelhantes à alergia e sintomas como tosse, febre e, em casos mais graves, dificuldade para respirar e vermelhidão na pele. Como forma de prevenção, aconselha-se lavar as mãos com frequência e evitar tocar o rosto e ter contato próximo (menos de um metro de distância) com as pessoas.[36]

O texto apresentado pela questão cita os 15 bairros mais atingidos pela pandemia na cidade de Fortaleza. Os bairros ricos da capital cearense como Aldeota e Meireles foram os locais onde apareceram os primeiros casos de COVID-19. Os dois bairros estão entre os que apresentam melhores resultados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na cidade de Fortaleza. Nesses locais onde as ações governamentais são mais visíveis, as obras são concluídas mais rapidamente, a segurança pública se faz mais presente. Pelo fato de possuir uma população com maior poder aquisitivo, acostumada a viajar por vários países, esses bairros foram os pioneiros na existência de casos da doença em Fortaleza.

[36] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,5,1,0.

Por outro lado, a maioria dos bairros de Fortaleza apresentam uma situação precária. Nesses locais as aglomerações urbanas associadas à falta de saneamento básico apresentam um cenário propício para disseminação de doenças. Muitas famílias pobres apresentam uma grande quantidade de membros habitando espaços reduzidos. O isolamento social torna-se inviável diante de uma densa densidade demográfica.

Para agravar a situação da população mais carente, o deslocamento para o trabalho depende do transporte público. Durante a pandemia, grande parte dos trabalhadores não tiveram a oportunidade de manter o isolamento adequado devido à necessidade de deslocamento e falta de flexibilidade de seus patrões. Algumas medidas adotadas pelas empresas de transporte público em conivência com órgãos governamentais como a não utilização de ar condicionado foram adotadas para acobertar a realidade trágica. Essas ações foram insuficientes para evitar a propagação da doença e uma grande mortalidade entre os mais carentes

A desigualdade social extrema da capital cearense é demonstrada por meio de dados discrepantes. As políticas públicas influenciam diretamente sobre as diferenças exorbitantes entre os bairros de Fortaleza. As ações governamentais não chegam com a mesma intensidade nos bairros mais pobres. No caso da COVID-19, a população periférica foi atingida tanto pela contaminação iniciada pela população mais rica como pela ausência de ações efetivas do Estado.

A 14ª questão aborda o engajamento de uma das torcidas organizadas que se destacaram na luta contra o fascismo no período da pandemia do COVID-19. A questão apresenta excertos de uma tesse de doutorado intitulada “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950–2020)”, de autoria de Caio Lucas Moraes Pinheiro. Em seguida são apresentados os seguintes itens:

> 14- TEXTO 11
> Maio de 2020. Integrantes de torcidas organizadas e de torcidas antifascistas decidem ir às ruas para dizer não aos movimentos de grupos políticos pró-governo que ocuparam os espaços públicos durante aproximadamente oito semanas consecutivas. Tais disputas foram conformadas em meio às limitações da pandemia do novo Coronavírus e do isolamento social, apesar de que naquele mês - auge da contaminação e do número de mortes - o Governo Federal do Brasil esteve sem um Ministro da Saúde, que deveria ser o vetor das respostas para a crise sanitária, mas acabou se tornando o estimulador desse cenário. (PINHEIRO, 2020, p. 27).
>
> CONTEÚDO RELACIONADO:
> PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020). Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/214026/001118122.pdf?sequence=1&isAllowed=y

a) O fenômeno das torcidas organizadas, que adquiriu notoriedade nos atos antifascistas ocorridos durante a pandemia do novo Coronavírus, possui uma trajetória complexa em que diferentes modelos coletivos do torcer estiveram presentes no cotidiano da cidade de Fortaleza desde os anos 1950.
b) A primeira, segunda, terceira e quarta ondas das torcidas consistem em recurso analítico do autor para compreender as diferentes expressões do torcer no tempo, respectivamente: as charangas e chefes de torcida; as torcidas organizadas jovens; o colapso parcial das organizadas e o surgimento das barras bravas e torcidas dissidentes; a emergência das torcidas antifascistas.
c) Historicamente, a violência esteve intrínseca às torcidas organizadas, compondo naturalmente o repertório de comportamento dos sujeitos-integrantes desses agrupamentos. Assim, as torcidas organizadas constituem, ao fim e ao cabo, uma questão de polícia, uma vez que seus componentes são indivíduos sob vulnerabilidade social.
d) O movimento de quarta onda, caracterizado pela profusão e multiplicação de torcidas antifascistas no Brasil, questiona a homofobia, o machismo, o racismo, a xenofobia, a violência e os discursos de ódio presentes no futebol, tendo como uma das torcidas pioneiras a Ultras Resistência Coral, torcida do Ferroviário Atlético Clube, criada em 2005[37].

A questão aborda a atuação das torcidas organizadas ao longo do tempo: “as charangas e chefes de torcida; as torcidas organizadas jovens; o colapso parcial das organizadas e o surgimento das barras bravas e torcidas dissidentes; a emergência das torcidas antifascistas”. Aspectos relacionados ao futebol apresentam relações intrínsecas com o contexto histórico O esporte pode ser utilizado como instrumento de engajamento político.

A quarta onda de atuação das torcidas organizadas está relacionada ao combate ao fascismo. O negacionismo protagonizado pelo governo federal durante o auge da pandemia do COVID-19 contra os efeitos da doença causou revolta em vários setores da sociedade. Algumas torcidas de futebol cumpriram papel relevante neste cenário ao se posicionarem politicamente. A questão apresenta uma das organizações que se posicionou na luta contra o fascismo no Ceará. A Ultra Resistência Coral é uma torcida organizada do Ferroviário Atlético Cearense (FAC) fundada em 2005 e tem como bandeira a luta contra os discursos de ódio presentes em uma considerável parcela da sociedade brasileira.

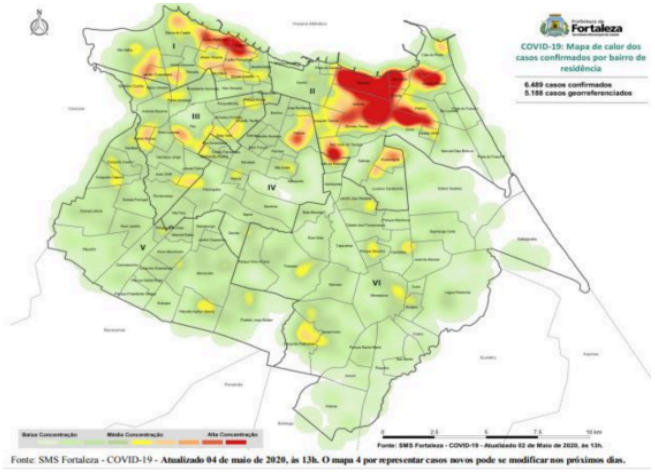
O ensino de História está relacionado às várias formas de organização da sociedade. As torcidas organizadas antifascistas apresentam a importância da compreensão das dinâmicas sociais. A paixão pelo futebol para uma parcela da sociedade está relacionada à alienação.

[37] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,4,0,5.

Por outro lado, o esporte pode ser utilizado como forma de engajamento social. A “quarta onda” de torcidas organizadas está relacionada à resistência como forma de combate ao conservadorismo. O futebol é um reflexo dos problemas apresentados pela sociedade.

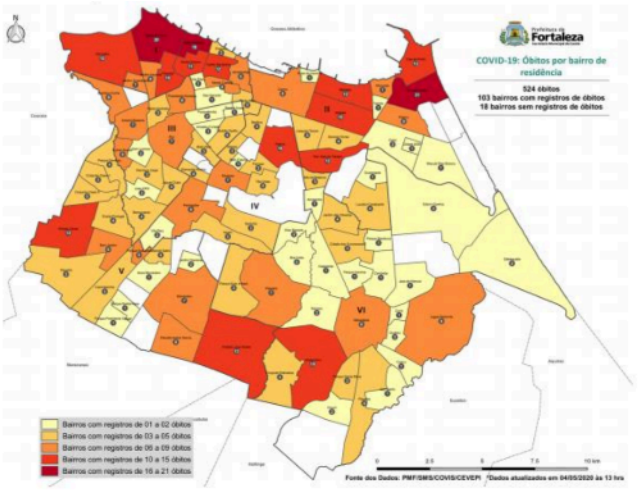
A questão 21 da 3ª fase da 2ª edição apresenta como fontes visuais dois mapas relacionados à pandemia na cidade de Fortaleza.

Figura 6 - Número de casos de Covid-19 em Fortaleza em 04/05/2020


Fortaleza
COVID-19: Mapa de calor dos casos confirmados por bairro de residência
6.489 casos confirmados
5.180 casos georreferenciados
Fonte: SMS Fortaleza - COVID-19 - Atualizado 04 de maio de 2020, às 13h. O mapa 4 por representar casos novos pode se modificar nos próximos dias.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view

Figura 7 - Número de óbitos de Covid-19 em Fortaleza em 04/05/2020


Fortaleza
COVID-19: Óbitos por bairro de residência
524 óbitos
103 bairros com registros de óbitos
18 bairros sem registros de óbitos

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view

A questão apresenta o excerto de um artigo intitulado “Pandemia do Coronavírus no Brasil: Impactos no Território Cearense”[38], de autoria de José Borzacchiello da Silva e Alexsandra Maria Vieira Muniz. Vejamos o comando da questão e as alternativas apresentados.

> A partir das análises das fontes são apresentadas as seguintes opções:
>
> a) Em Fortaleza, no período em questão, o maior número de casos da COVID-19 foi registrado na Secretaria Regional II, principalmente, nos seguintes bairros: Meireles, Aldeota, Dionísio, Torres, Papicu, Cocó, Varjota e Vicente Pinzón. A maioria desses bairros concentram boa estrutura física, belas avenidas e prédios, áreas verdes, serviços, comércio, bons equipamentos sociais.
> b) O vírus também está na periferia da cidade de Fortaleza. Em 04 de maio de 2020, às 13h, os bairros com maior número de óbitos foram: Barra do Ceará, Cristo Redentor e Vicente Pinzón. Esses bairros possuem nível de pobreza alta, revelando assim, sérios problemas estruturais comuns nas grandes cidades brasileiras, sendo um deles a desigualdade ao aceso à saúde.
> c) O Coronavírus é uma pandemia, ou seja, possui uma escala geográfica internacional. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no final de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) estava sob controle, apesar de reconhecer como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, porque a doença não passa de “uma gripezinha”.
> d) A COVID-19 chegara ao Ceará por Fortaleza, primeiramente nos bairros com maior Índice de Desenvolvimento Humano-IDH, através de pessoas infectadas que estiveram em viagens para a região Sudeste ou outros países, ou seja, pessoas em fluxo, o que revela a rápida conexão com o mundo globalizado, o que propiciou o aumento da velocidade de propagação da doença.[39]

A questão aborda aspectos da COVID-19 na cidade de Fortaleza. Por meio de dois mapas demonstra como se deu a evolução da doença na capital cearense. A questão aponta que nos bairros mais ricos como Aldeota, Meireles, Varjota apareceram os primeiros casos da doença. É observado que esses locais apresentam uma boa infraestrutura. Esses bairros apresentam números do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais altos em relação às outras regiões da capital cearense e são habitados por uma população de relevante poder aquisitivo. Acostumada a viajar pelo país e para o exterior, esta população foi responsável pela chegada na cidade dos primeiros casos da doença.

Por outro lado, alguns bairros da periferia de Fortaleza como Barra do Ceará e Cristo Redentor apresentaram o maior número de óbitos. Esses bairros apresentam uma população de baixo poder aquisitivo e graves problemas estruturais como falta de acesso a saneamento básico. São bairros muito populosos e povoados, inviabilizando o isolamento social. A

---

[38] Disponível em: https://journals.openedition.org/espacoeconomia/10501 Acesso em 12/01/2025.

[39] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-1a-fase/view
Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,4,0,5.

necessidade de utilização do transporte público por essa população foi mais um agravante para a proliferação da doença pelos bairros mais pobres.

O ano de 2020 foi marcado pelo início da Pandemia da Covid 19. Os efeitos letais da doença foram potencializados pelo negacionismo liderado pelo então presidente da República Jair Messias Bolsonaro. A demora na compra de vacinas, o incentivo ao uso de medicamentos de eficácia científica duvidosa, a falta de interesse político por parte do governo federal em prover o Sistema Único de Saúde (SUS) de um aparato mais eficiente para o combate à pandemia foram alguns fatores responsáveis pela notificação de mais de quinhentas mil mortes.

Atenta a esta questão, a comissão organizadora da OCHE propôs em sua segunda edição uma tarefa que abordasse a Pandemia da Covid 2019. A tarefa propunha a elaboração de um artigo jornalístico intitulado "Nós e a Pandemia". As tarefas enviadas pelas equipes consistiram em relatos vivenciados durante aquele fatídico período de isolamento que culminou a mudança de vários hábitos e provocou transtornos psicológicos presentes até hoje. A escrita do artigo poderia estar relacionada a várias áreas de conhecimento. Durante a edição de 2020 da OCHE não foi possível a realização da fase presencial devido aos efeitos da pandemia da COVID-19. Vejamos a tarefa proposta pela OCHE:

> Lamentamos profundamente a enorme quantidade de vidas ceifadas, muitas das quais próximas a nós, celebramos a vida dos que se recuperaram e reconhecemos todas as dificuldades enfrentadas em virtude da Pandemia de SARS-Covid 19 que ainda assola e assusta a humanidade neste momento.
> No futuro, gerações irão se debruçar sobre os fatos que testemunhamos e deverão usar diversas fontes produzidas hodiernamente – como fotos, vídeos, relatos, discursos e ações de autoridades, diários pessoais, reportagens, publicações em redes sociais, obras literárias, pesquisas científicas e artigos publicados em livros, jornais e revistas, bem como materiais produzidos no cotidiano, que são tão caros à compreensão da realidade – com o intuito de conhecer mais sobre nossos tempos.
> Assim, consideramos que possuímos a enorme responsabilidade de registrar para as próximas gerações o que temos vivido, permitindo que, no futuro, haja conhecimento, estudos e reflexões sobre o que aconteceu durante a Pandemia da SARS-Covid 19, e que possamos oferecer mais alguns materiais para estudos sobre nossa época.
> Com este propósito, a tarefa desta Fase Final da OCHE Ceará 2020 será a elaboração de um texto sobre a pandemia provocada pelo novo coronavírus.
> As equipes devem imaginar que possuem uma coluna em um jornal ou revista impressos de grande circulação. Assim, deverão produzir um texto, um pequeno artigo para ser publicado em sua suposta coluna, intitulado "Nós e a Pandemia".[40]

[40] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2020/prova-oche-2020-4a-fase/view. Acesso em 12/01/2025.

A pandemia da Covid-19 trouxe à tona uma série de desafios inéditos para a sociedade, que se refletiram em diversas esferas da vida cotidiana. Além das questões de saúde, a crise gerou um impacto profundo na economia global e nas relações sociais, evidenciando a importância da solidariedade e do apoio mútuo em tempos de adversidade. A implementação de medidas restritivas, como o isolamento social e o fechamento de comércios e serviços não essenciais, forçou uma adaptação rápida e muitas vezes dolorosa, expondo desigualdades e deficiências nos sistemas de apoio social e econômico.

No contexto educacional, a pandemia acelerou a transição para o ensino remoto, revelando tanto as oportunidades quanto as limitações desse formato. A necessidade de adaptação à tecnologia e a busca por novas metodologias de ensino foram desafios significativos para alunos e professores, que enfrentaram o desafio de manter a qualidade do aprendizado enquanto lidavam com as incertezas e o estresse da situação. A experiência coletiva desse período exigiu uma resiliência sem precedentes e trouxe à tona a necessidade de uma reflexão crítica sobre a forma como a sociedade se prepara para enfrentar futuras crises de saúde pública.

Os melhores textos serviram de base para a publicação no *e-book* "Nós e a Pandemia"[41]. Fontenele (2023) nos apresenta a relevância da tarefa proposta pela olimpíada:

> Imagina se a gente tivesse hoje relatos sobre a gripe espanhola a pouco mais de cem anos. Pois pronto, pois daqui a cinquenta, cem, duzentos anos as pessoas vão ter relatos nesse livro sobre a pandemia. E como foi que essas crianças, esses jovens, esses professores, esses adultos vivenciaram a pandemia. Então você vê que é diferente. (FONTENELE, 2023)

A atividade proposta pela OCHE apresenta verossimilhança com a proposta apresentada pela tarefa na 5ª fase da 11ª ONHB em 2019. A atividade teve por base a coletânea de onze textos publicada em 1988 intitulada de "Os Excluídos da História" (São Paulo, ed. Paz e Terra) atribuídos à historiadora francesa Michelle Perrot. Na tarefa os participantes deveriam elaborar uma biografia sobre algum personagem histórico. O personagem escolhido deveria pertencer à região da equipe participante e ter sido invisibilizado pela História Tradicional. A olimpíada visava: "dar protagonismo a uma figura importante na história regional, mas que nem sempre é assim entendida nos materiais

[41] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/publicacoes/2021-ebook-nos-e-a-pandemia. Acesso em 12/01/2025.

didáticos mais tradicionais ou quando nos remetemos a uma grande narrativa da história 'nacional'". (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2019b, p. 1)

Dessa forma, a OCHE aproximou suas atividades propostas do cenário decorrente dos efeitos da pandemia. Com a apresentação de várias atividades que contextualizam a pandemia na história regional, a olimpíada contribuiu de forma relevante para demonstrar com bases científicas os impactos da pandemia sobre a população cearense.

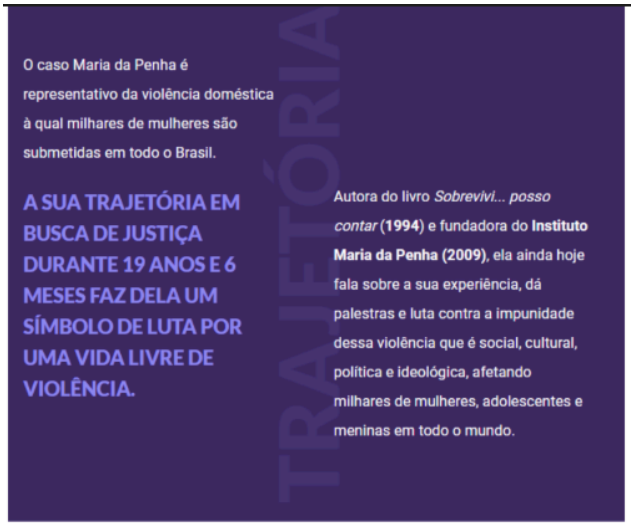
3.2.3. Mulheres, negros e indígenas na 3ª OCHE (2021)

A 1ª questão da 1ª fase da 3ª edição aborda a Lei Maria da Penha. A questão disponibiliza como fontes visuais a imagem da mulher cearense vítima de violência doméstica que repercutiu em todo o país e uma imagem do site do Instituto Maria da Penha com um resumo da trajetória de luta por justiça da personagem.

Figura 8 - Maria da Penha

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view

Figura 9 - Trajetória de luta por justiça de Maria da Penha


O caso Maria da Penha é representativo da violência doméstica à qual milhares de mulheres são submetidas em todo o Brasil.
A SUA TRAJETÓRIA EM BUSCA DE JUSTIÇA DURANTE 19 ANOS E 6 MESES FAZ DELA UM SÍMBOLO DE LUTA POR UMA VIDA LIVRE DE VIOLÊNCIA.
TRAJETÓRIA
Autora do livro *Sobrevivi... posso contar* (1994) e fundadora do **Instituto Maria da Penha** (2009), ela ainda hoje fala sobre a sua experiência, dá palestras e luta contra a impunidade dessa violência que é social, cultural, política e ideológica, afetando milhares de mulheres, adolescentes e meninas em todo o mundo.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view

A questão apresenta um *link* que direciona para um vídeo no canal do *Youtube* "TEDx Talks" intitulado "TEDxFortaleza — Maria da Penha — Uma história de vida!"[42], um documento do Instituto Maria da Penha intitulado "Boletim Trimestral de Conjuntura da Violência contra a Mulher no Ceará"[43] referente ao período entre outubro a dezembro de 2020, uma reportagem do *site* "G1" intitulada "Agredida por DJ Ivis, Pamella Holanda comenta sobre violência doméstica: eu tinha tudo, mas não era feliz"[44], a Lei n.º 11.340 de 7 agosto de 2006, disponível no *site* "planalto.gov"[45]. Posteriormente o comando da questão propõe a escolha de uma das alternativas.

> Escolha uma das opções seguintes:
>
> A. Apesar de considerada eficiente para suas finalidades, a promulgação da Lei Maria da Penha por si só não toca diretamente no problema de naturalização da violência doméstica no Brasil. É possível observar certa distância entre as garantias legais e o senso comum ainda presente em uma cultura machista no Brasil. No Ceará, por exemplo, a desigualdade de gênero aparece nas relações sociais em expressões como macho e rapariga.
> B. A violência materializada em Crime, desde lesão corporal até feminicídio, faz parte de um ciclo mais amplo composto por ameaças, questões financeiras e violências psicológica, moral e sexual. Portanto, é importante para a mulher observar posturas dentro do relacionamento, a fim de não se enquadrar dentro deste círculo vicioso. Atitudes de ciúme excessivo e agressão verbal, perpassando por controle

[42] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TRSfTdaBbvs Acesso em 12/01/2025.
[43] Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/boletim_trimestral_outubro_dezembro_2020.pdf. Acesso em 12/01/2025
[44] Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/08/02/agredida-por-dj-ivis-pamella-holanda-comenta-sobre-violencia-domestica-eu-tinha-tudo-mas-nao-era-feliz.ghtml. Acesso em 12/01/2025
[45] Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 12/01/2025.

> das roupas, dos gastos financeiros e dos vínculos afetivos são aspectos importantes que estão previstos na Lei Maria da Penha (Lei Federal No 11340/2006).
> C. Apesar de uma existência de 15 anos da Lei Maria da Penha, ainda são percebidas dificuldades de implementação como a falta de equipamentos de denúncia e acolhimento em diversos municípios, que favorecem a impunidade. Em meio a avanços legais e institucionais, o problema do machismo estrutural persiste no Brasil, representado por um sentimento de posse em relação à mulher que remete a normas jurídicas anteriores à promulgação do Novo Código Civil Brasileiro (2002).
> D. A partir da promulgação da Lei Maria da Penha, o Brasil desenvolveu um complexo e avançado modelo de punição aos agressores. O debate inicial teve como referência o caso de Maria da Penha e, após a promulgação da Constituição de 1988, o país foi signatário de diversos tratados que protegem os Direitos da Mulher e de prevenção à violência e desigualdade de gênero. Os debates e demandas da sociedade levaram à promulgação de outras leis de proteção à mulher e violência de gênero, como a Lei Nº 12.737/2012 (Lei Carolina Dieckmann) e a Lei Nº 13.104/2015 (Tipificação do Feminicídio), que refletem ainda um amadurecimento cultural da sociedade brasileira.[46]

As fontes disponibilizadas pela questão permitem uma ampla discussão sobre a violência de gênero no Brasil. As imagens de Maria da Penha e de sua trajetória de luta são relevantes para atrair a curiosidade dos leitores. Posteriormente, o conteúdo relacionado possibilita o aprofundamento do tema com indicações de pesquisas em fontes diversificadas. O depoimento da protagonista em um relevante canal do *Youtube,* um boletim trimestral da violência contra a mulher no Ceará (Outubro–Dezembro–2020), a redação da Lei n.º 11340/2006 e uma reportagem sobre um caso de agressão contra a mulher que ganhou repercussão nacional protagonizado pelo DJ Ivis corroboram para grandes reflexões sobre o assunto.

Maria da Penha Maia Fernandes nasceu em 1º de fevereiro de 1945 na cidade de Fortaleza. Foi vítima de violência doméstica praticada pelo marido, ficando paraplégica. O fato encorajou a vítima para denunciar o crime sofrido. O episódio ganhou repercussão nacional e culminou com a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei Federal n.º 11340/2006).

A Lei Maria da Penha é um marco de resistência contra o machismo ainda marcante na sociedade brasileira. Apesar de todo o aparato estatal criado com o intuito de proteger as mulheres, os índices de feminicídio permanecem atormentando a vida de muitas famílias. A criação de leis em defesa da mulher não foi acompanhada de um amadurecimento cultural da sociedade brasileira. Os vários tipos de violência sofridos pelas mulheres são resultantes de uma sociedade historicamente patriarcal. Várias iniciativas legais foram tomadas para reverter

---

[46] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view
Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,1,5,0.

esse quadro, como a criação da Lei n.º 12.737/2012 (Lei Carolina Dieckmann) e da Lei n.º 13.104/2015 (Tipificação do Feminicídio).

As relações de gênero construídas ao longo do processo histórico brasileiro contribuíram para a formação de uma sociedade predominantemente patriarcal. Nesse sentido, as mulheres ao longo do tempo têm lutado para reverter esse quadro em busca do reconhecimento social. O ensino de História deve orientar-se pela análise crítica das permanências que vigoram na nossa sociedade, possibilitando o entendimento das raízes históricas e promovendo a superação dessas desigualdades.

> (...) a longa duração de condição ainda esperada dos papéis sociais de mãe, esposa, menina comportada, moça que preserva os costumes familiares determinados por homens. Percebe-se, dessa maneira, a urgência em desnaturalizar tais representações por meio do ensino de História, para que a naturalização perceptível na sociedade quanto aos estereótipos calcados na figura feminina venha a ser revertida. As mulheres são percebidas como o outro, o estereótipo se faz como o diferente, que é mencionado e, por vezes, até enaltecido, no entanto, sem estar no processo ativo de articulação histórica. (PIRES, 2016. p.60)

Ao integrar uma perspectiva de discussão histórica sobre as relações de gênero, o ensino de História contribui para o fortalecimento do protagonismo feminino. Articular o passado e presente e desconstruir os estereótipos femininos historicamente construídos é fundamental para a construção da igualdade de gênero.

A 7ª questão da 1ª fase da 3ª edição aborda objetos que fazem parte do acervo do Museu do Ceará. A questão apresenta como fontes visuais as imagens de um ornato de pena dos indígenas Munduruku, de um canhão de ferro do antigo Parazinho (atual Paracuru) e da primeira planta da Vila de Fortaleza.

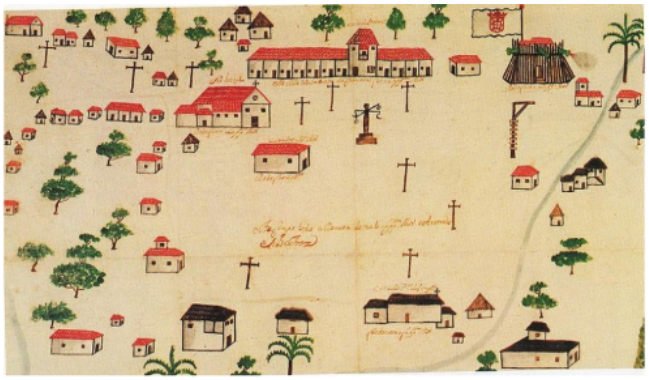
Figura 10 — Ornato de penas dos índios Munduruku

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view

Figura 11 - Canhão de ferro do antigo reduto Parazinho (atual Paracuru)

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view

Figura 12 - Primeira planta da Vila de Fortaleza



Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view

A questão também apresenta um *link* direcionado para a dissertação intitulada "Memórias da cidade: Representações de Fortaleza no Museu do Ceará." de autoria de Natália Maia de Souza[47]. Posteriormente é apresentado o comando da questão e as alternativas.

> Baseando-se nas imagens, seus significados e representatividades, e nos conhecimentos que você possui sobre a questão indígena no Ceará, escolha uma das alternativas.
> A. As imagens do canhão e do ornato de penas indígena apresentam uma relação que remonta aos conflitos entre europeus e nativos desde a época da colonização. Na atualidade, estes últimos ainda têm muitos de seus direitos negados, especialmente os relacionados à posse de terra.
> B. Os canhões apontados também para a direção da Vila de Fortaleza sugerem uma nova leitura sobre a defesa do território das ameaças advindas da terra, e não somente do mar, expressando um modo repressivo de manutenção da ordem social e de intimidação dos indígenas. Este controle também pode ser constatado por meio das lutas sangrentas como o massacre dos índios Paiacu, habitantes da ribeira do rio Jaguaribe, conhecida como "guerra justa".
> C. As imagens permitem uma releitura da História que aponta para uma especificidade ocorrida no território cearense, onde diferentemente do que ocorreu em outras partes do Brasil, os nativos foram incorporados pelos colonizadores

[47] Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6376/1/2011. Acesso em: 12/01/2025.

> cultural e socialmente de forma pacífica e sem apresentar resistência.
> D. As imagens demonstram a diferença de valores e a forma diferenciada de legitimação das respectivas culturas representadas: enquanto o ornato retrata a riqueza da cultura indígena e suas atividades produtivas, como a agricultura e a confecção de ferramentas de pedra, sem divisão de classes, propriedade privada e mercado, o canhão simboliza a maneira do europeu de se justapor a outras culturas, lançando mão de armamentos e instrumentos de dominação física e simbólica.[48]

A imagem do artefato associado aos povos indígenas expostos no museu apresenta um forte simbolismo. O processo de etnocídio e genocídio a qual esses povos foram submetidos provocaram grandes impactos. A imagem associada aos indígenas Munduruku representa o resgate da memória dos povos submetidos por meio da significância histórica que o objeto representa.

A exposição de objetos relacionados ao processo de dominação estrangeira sobre a população regional expõe os artifícios utilizados pelos povos invasores para manter a hegemonia regional. Estes objetos podem ser ressignificados. O canhão exposto no Museu do Ceará representava a proteção contra os povos estrangeiros. Ao mesmo tempo, significava a proteção contra as populações nativas, desejosas em recuperar suas possessões.

A primeira planta da vila de Fortaleza, datada de 1726, demonstra a configuração do núcleo original urbano. Podemos observar a presença do poder político representado pelo pelourinho. A análise de mapas e plantas históricos nos permite verificar as mudanças e permanências da cidade ao longo do tempo.

Os indígenas cearenses resistiram de várias formas contra as incursões dos povos invasores. A história demonstra claramente que muitos artifícios foram utilizados contra a dominação europeia. Essa resistência é um aspecto crucial da história colonial brasileira, pois reflete a complexidade das relações entre os povos indígenas e os europeus.

De acordo com Ramos (2004, p 19):

> O que merecia ficar no museu de feição mais tradicional era, em geral, o objeto da elite: a farda do general, o retrato do governante, a cadeira do político, a caneta do escritor, o anel de um bispo. Tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e indivíduos de destaque.

A exposição de objetos museológicos está relacionada a uma complexidade de

---

[48] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-1/view Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,5,0,4.

interesses e interpretações. Os objetos podem refletir narrativas que tentam justificar as ambições dominadoras ou a resiliência dos povos dominados. Armas, utensílios, símbolos, entre outros demonstram a luta pela sobrevivência e pela preservação das tradições culturais. A análise desses objetos revela as intenções dos invasores e a capacidade dos indígenas de resistir e adaptar-se às circunstâncias adversas.

As imagens de artefatos indígenas e europeus estão impregnadas de simbolismo. Os objetos representam aspectos culturais de ambos os grupos. Os artefatos indígenas refletem as tradições e a vida cotidiana dos povos originários. Os objetos dos invasores simbolizam as intenções e a influência europeias. A representação simbólica por meio desses artefatos ajuda a ilustrar as diferenças culturais e as interações complexas entre os dois grupos, oferecendo uma visão sobre como a colonização e as práticas culturais se entrelaçam.

O posicionamento dos canhões em direção da Vila de Fortaleza amplia a discussão sobre a função estratégica do Forte. A disposição das armas indica uma estratégia defensiva contra possíveis ataques externos e demonstra a consciência dos colonizadores sobre a resistência e as ameaças provenientes das comunidades locais. A questão desmistifica a ideia de que o forte foi construído exclusivamente para proteção contra ataques marítimos. A fortificação também tinha um papel crucial na defesa contra resistências internas e na manutenção da ordem colonial.

De acordo com Ramos (2004, p. 16) “O museu que expõe estudos da cultura material tem condições para se transformar em espaço de insubstituível importância nos procedimentos de renovação pedagógica, trazendo para o ato de aprender o compromisso com o mundo vivido e os desejos de transformá-lo.” O ensino de História deve apresentar uma análise museológica direcionada para uma visão reflexiva. Os objetos expostos apresentam vários significados.

A 11ª questão da 2ª fase da 3ª edição aborda desfloramento e infanticídio no Ceará do século XIX. A questão apresenta como fonte o excerto de um artigo intitulado “Da maternidade (re)negada: mães solteiras e mulheres infanticidas no Ceará Oitocentista” de autoria de Ana Cristina Pereira Lima.

> 11. TEXTO 7:
> Em 1861, a condenação das irmãs Ana e Quitéria elucida a nulidade de defesa das mulheres e o pouco espaço de atenuantes no trato do infanticídio. Entre as anotações da Chefatura de Polícia, ficou registrada a prisão de Antônio Luiz Pereira e suas duas filhas, Ana e Quitéria Pereira. Moradores de Pacatuba, os três foram remetidos à Cadeia Pública de Fortaleza. Antônio foi preso por defloramento de suas filhas. Uma delas engravidou – a nota não informou qual delas – e, depois do parto, as moças mataram o bebê e tentaram ocultar o cadáver. (O Cearense, 1861). A

violência cometida pelo pai não foi suficiente para livrar as irmãs da pena de reclusão. (LIMA, p. 13)
(FONTE: LIMA, A. C. P. Da maternidade (re)negada: mães solteiras e mulheres infanticidas no Ceará Oitocentista. Educação & amp; formação, [S. l.], v. 6, n. 2, p. e4115, 2021. DOI: 10.25053/redufor.v6i2.4115. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4115 ; Acesso: 28 mai. 21.)

Sobre abandono de crianças e infanticídio no Ceará do século XIX, é possível afirmar que, segundo a autora:

A. Os principais motivos para o abandono de crianças eram a prostituição, o elevado número de filhos de mães solteiras, o nascimento de bebês frutos de casos extraconjugais e a falta de planejamento familiar das mulheres.
B. As mulheres temiam o preconceito e julgamento social com relação à gravidez fora do casamento, razão pela qual o crime de infanticídio também era perpassado pela vergonha da desonra diante da sociedade do período.
C. O crime de defloramento, também praticado em âmbito doméstico por familiares, podia ser atenuado na justiça ou no imaginário social por comportamentos considerados provocantes por parte das vítimas.
D. A construção histórica do papel da mulher enquanto mãe abnegada sedimentou o crime de infanticídio como monstruosidade e dificultou atenuantes no julgamento de mulheres, revelando desigualdades de gênero no âmbito jurídico.[49]

O artigo disponibilizado pela questão utilizou como fontes jornais, documentos oficiais, boletins policiais e textos literários. A produção analisa as experiências de mães solteiras e mulheres infanticidas na segunda metade do século XIX e as representações da imprensa cearense no período.

O excerto do artigo apresenta o crime de defloramento praticado pelo pai contra suas duas filhas no espaço familiar na cidade de Pacatuba. A gravidez fora do casamento era julgada socialmente como uma desonra pela sociedade. Além disso, havia a possibilidade do crime do pai ser atenuado sob a acusação de comportamentos provocantes por parte das vítimas. Os crimes cometidos pelo pai não foi suficiente para inocentar as filhas pelo infanticídio. A questão demonstra desigualdade de gêneros no âmbito jurídico da época. Se por um lado o pai poderia usar o argumento de provocação para cometer o crime, por outro as filhas não puderam usar como a alegação o crime do estupro e da rejeição social de mãe solteira para cometer o assassinato da criança.

A luta contra o protagonismo masculino ao longo do processo histórico cearense foi imprescindível para a conquista de um maior espaço para as mulheres. Várias pesquisas são realizadas em prol do reconhecimento da participação feminina em várias áreas da sociedade.

---

[49] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-2/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,1,4,5.

A educação laica secundária foi permitida às mulheres cearenses somente no final do século XIX por meio da criação da Escola Normal. A atuação dessas mulheres estava direcionada para a educação primária. A situação da mulher no período demonstra avanços e permanências em relação aos períodos anteriores.

As relações entre passado e presente são intrínsecas. Discutir essas relações em sala de aula são imprescindíveis para o entendimento da construção histórica. De acordo com Pinsky (2010, p. 32–33):

> Capacitar os estudantes para perceber a historicidade das concepções, mentalidades, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções das aulas de História. Ao observar que as ideias a respeito do que é "ser homem" e "ser mulher", os papéis considerados femininos e os masculinos ou a condição das mulheres, por exemplo, foram se transformando ao longo da história (como e por que), os alunos passam a ter uma visão mais crítica de suas concepções, bem como das regras sociais e verdades apresentadas como absolutas e definitivas no que diz respeito às relações de gênero.

Apesar de juridicamente as mulheres terem conquistado espaço, o machismo continua vigorando em nossa sociedade. Mesmo com as leis que protegem as mulheres contra todos os tipos de violência, permanências da sociedade patriarcal que foram construídas ainda no período colonial ainda persistem.

A 25ª questão da 3ª fase da 3ª edição aborda a questão religiosa de origem afrodescendente no estado do Ceará. A questão apresenta como fonte visual a imagem da procissão marítima de Iemanjá na Praia de Iracema, cidade de Fortaleza.

Figura 13 — Procissão marítima de Iemanjá na Praia de Iracema

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-3/view.

Também são disponibilizados como fontes de pesquisa o decreto municipal de n.º 14.262 de 30 de julho de 2018, que reconhece o evento como Patrimônio Imaterial de Fortaleza, o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos[50], o Parecer Técnico n.º 232/2017 da Coordenação de Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal De Cultura De Fortaleza — COMPHIC acerca do processo de Registro da Festa de Iemanjá como Patrimônio Imaterial de Fortaleza e uma dissertação intitulada "Do terreiro ao mar: a antropologia da peregrinação da Festa de Iemanjá em Fortaleza", de autoria de Éden dos Santos Barbosa.[51] Posteriormente é apresentado o comando da questão e as alternativas a serem analisadas.

> 25. Analisando atentamente os elementos visuais e textuais apresentados, os textos referenciais e seus conhecimentos sobre os povos e comunidades tradicionais do estado do Ceará, escolha uma das afirmativas:
>
> A) A festa de Iemanjá em Fortaleza celebra há mais de meio século o culto dos povos e comunidades de Umbanda do Ceará. Iemanjá é uma Deusa africana que tem seu domíinio no Mar e foi sincretizada com a imagem católica de Maria, mãe de Jesus Cristo. Existem variações litúrgicas na religião da Umbanda, que não atribuem a representação de Iemanjá à imagem de Maria. A organização da festa enfrenta dificuldades, tanto de ordem burocrática quanto por preconceitos estruturais e históricos por parte de diversos setores conservadores da sociedade, através de seus representantes políticos e religiosos. Iemanjá representa a figura da mãe de todos os Orixás, aquela que acalenta e acolhe seus filhos. É celebrada por diversas narrativas, nas quais os mitos sagrados são cantados em pontos e celebrados com toques de tambores e danças. A trajetória da festa, os tambores, os pontos de Umbanda e a ancestralidade de matriz africana são elementos que caracterizam a festa como Patrimônio Imaterial de Fortaleza e também em uma forma de resistência diante de perseguições e intolerância religiosa.
> B) O nome de Iemanjá é oriundo do vocábulo Iorubá que significa "mãe cujos filhos são peixes" ou "mãe dos Orixás". Os terreiros de Umbanda mostram em suas linhas de atuação (as "correntes" de Umbanda) formas estruturadas (formas de culto) que não estão necessariamente relacionadas de forma direta com outros grupos (outros cultos), ou seja, os terreiros apresentam formas distintas de se expressar. Esta riqueza de expressividade ritual ´e, antropologicamente, definida pelo conceito de "bricolage", que é desenvolvido pelo francês Lévi-Strauss (1989). A festa em sua homenagem é organizada por associações culturais, ONG's e templos que iniciam sua preparação com antecedência. Somente participam do evento terreiros previamente credenciados, cadastrados e que têm registro nessas entidades representadoras. Os Governos Municipal, Estadual e Federal dão suporte ao evento, e, sem o apoio oficial, dificilmente ocorreria a Festa de Iemanjá da forma que se observa atualmente. Na Festa de Iemanjá de Fortaleza se presenciam mitos, ritos e símbolos que compõem a presença da grande Iabá dos Mares, sendo este o fator primordial para seu processo de tombamento .

[50] Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/novembro/artigo-18deg-toda-pessoa-tem-direito-a-liberdade-de-religiao-consciencia-e-pensamento. Acesso em 06/01/2025.
[51] Disponível em https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=93155. Acesso em 12/01/2025.

> C) A Umbanda deve ser compreendida mítica e religiosamente, como uma religião legitimamente nacional, com diversos elementos religiosos e uma série elaborada de ritos de vários cultos da religiosidade africana que se sobrepõem e são sobrepostas por outras expressões religiosas, sincrônicas e até diacrônicas. Os Umbandistas, que celebram anualmente na praia do Futuro e na praia de Iracema a Festa de Iemanjá, reproduzem seu espaço sagrado por meio de altares construídos na beira do mar, durante a madrugada até a luz do dia, demonstrando publicamente suas expressões religiosas. As movimentações de fiéis são realizadas em ônibus fretados para a ocasião, nos quais levam oferendas, tambores, altares, e roupas rituais até a praia.
> D) O sociólogo brasileiro Roberto DaMatta define os ritos populares como uma celebração e um deslocamento popular, como por exemplo uma procissão ou uma festa. A festa de Iemanjá em Fortaleza sai dos espaços sagrados de cada bairro quando cada terreiro ou cada templo de Umbanda migra para a praia, levando as pessoas os adeptos daquela região, o povo de santo. Historicamente a Festa de Iemanjá traz consigo uma multidão de pessoas que faz parte da ordem religiosa e tantas outras que apenas acompanham o movimento de deslocamento urbano. O espaço religioso se muda, deslocando-se do terreiro para a praia, acompanhada por sua estrutura social. Por se tratar de uma celebração de massas, despertou desde o início a atenção das autoridades locais e nacionais, que tradicionalmente têm apoiado a festa, suprindo necessidades estruturais como segurança, linhas extras de transportes coletivos e a cessão de espaços públicos nos dias do evento. Ao longo dos mais de 50 anos da Festa de Iemanjá, a escolha dos locais na Praias do Futuro e de Iracema atenderam a sugestão da Prefeitura, com o objetivo de melhor ambientar os fiéis e potencializar o turismo religioso nas regiões.[52]

As fontes textuais e visuais disponibilizadas possibilitam uma compreensão relevante sobre a representatividade da religiosidade afro-brasileira na cidade de Fortaleza. A imagem da procissão marítima de Iemanjá na Praia de Iracema apresenta um simbolismo de resistência diante de um local que representa riqueza econômica e forte influência cristã conservadora. O decreto municipal que torna o evento Patrimônio Imaterial de Fortaleza demonstra o reconhecimento dos órgãos governamentais diante da representatividade do evento. O artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos contido na questão enfatiza a importância da liberdade de culto. O Parecer Técnico apresenta a justificativa para o tombamento do evento. O excerto da dissertação apresentada apresenta as particularidades da cerimônia. A diversidade de fontes apresentadas viabilizam um robusto aprendizado histórico sobre a celebração.

A questão demonstra uma das formas de resistência da população negra contra a intolerância religiosa. A Umbanda recebeu a influência do Espiritismo Europeu, do Catolicismo Cristão, do Xamanismo e do Catimbó indígenas e do Candomblé Africano. A discriminação contra a Umbanda é uma das formas de tentativa de apagamento de toda

---

[52] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-3/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 5,4,1,0.

produção cultural afro-brasileira.

Apesar do ordenamento jurídico nacional e internacional contemporâneo condenarem a intolerância religiosa, tem-se verificado constantemente o desrespeito à liberdade de culto. Quando se trata de religiões de matriz africana, a situação é agravada pelo fato da origem destas crenças estarem associadas ao racismo. A existência destas manifestações religiosas é ocultada pela grande mídia e carecem de aceitação por parte considerável parte da sociedade. Geralmente atribuem-se termos pejorativos a estas manifestações religiosas.

O reconhecimento dos festejos em homenagem à Iemanjá como Patrimônio Imaterial de Fortaleza pelo governo municipal em 2018 é um avanço para a valorização da cultura negra na cidade diante das tentativas de invisibilização cultural dos povos escravizados. Este reconhecimento traz consigo a valorização dos setores sociais adeptos à crença, viabilizando a possibilidade de ocupação de todos os espaços da cidade. A Praia de Iracema e a Praia do Futuro, locais onde acontecem os eventos, estão entre os polos turísticos mais relevantes da cidade de Fortaleza. A autorização para os eventos acontecerem nesses locais provocam um grande incômodo a alguns setores conservadores da sociedade e, ao mesmo tempo, se apresentam como focos de resistência.

As religiões de matriz africana são vítimas do preconceito religioso no Brasil. Esta discriminação religiosa está associada ao preconceito racial. A Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu artigo 18 afirma que:

> toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.(ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948)

O ensino de História deve estar direcionado para a educação das relações étnico raciais. A Lei 11.645/2008, que inclui a obrigatoriedade do estudo da cultura dos povos indígenas e afro-brasileiros, não deve estar limitada a abordagens superficiais nos livros didáticos. Existe a necessidade de se explorar as dinâmicas locais que envolvem a população negra no Ceará atualmente. Desta forma, procura-se valorizar a tolerância religiosa.

A questão 26 da 3ª fase da 3ª edição apresenta como fonte visual a imagem de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará que discutiu a situação dos povos indígenas.

Figura 14 — Audiência pública na Assembleia Legislativa do Ceará

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-3/view.

Posteriormente a questão disponibiliza um *link* de um artigo denominado "1863: o ano em que um decreto — que nunca existiu — extinguiu uma população indígena que nunca deixou de existir"[53] de autoria de Ticiana de Oliveira Antunes. É apresentado o comando da questão com as seguintes alternativas:

> Considerando o teor da audiência pública mencionada e o assunto abordado, escolha uma das opções seguintes:
>
> A. Em 1863, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, então presidente da província do Ceará, declarou em relatório do mesmo ano que os povos indígenas haviam sido extintos do Ceará, o que contraria o que está sendo reivindicado na audiência pública.
> B. Os povos indígenas do Ceará reivindicam a demarcação de suas terras amparados na legislação, especialmente a Constituição Federal de 1988, que estabeleceu que as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios seriam demarcadas e destinadas à sua posse permanente.
> C. Para as populações indígenas, a terra tem um valor sagrado, pois dependem dela para preservar o seu modo de vida, obter recursos de sobrevivência e garantir sua reprodução física e cultural.
> D. A luta dos povos indígenas do Ceará pela demarcação de terras se iniciou no período colonial, quando os portugueses, a partir do século XVIII, intensificam o povoamento da capitania e passam a expropriar as populações nativas das terras tradicionalmente ocupadas por eles.[54]

[53] Disponível em https://seer.ufrgs.br/aedos/article/download/29051/18988+cd=1hl=pt-BRct=clnkgl=br. Acesso em 14/05/2024.

[54] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2021/prova-oche-ceara-2021-fase-3/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,1,4,5.

As iniciativas políticas associadas à pressão popular têm sido fundamentais para a preservação da identidade indígena no estado do Ceará. As pautas dos povos originários tem sido defendida por partidos políticos que geralmente têm pouca representatividade. O avanço reacionário contemporâneo compromete a existência dos povos indígenas. A audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania foi realizada na Assembleia Legislativa do Ceará em 22 de maio de 2019. Existem 14 povos indígenas reconhecidos oficialmente no estado do Ceará, um em processo de reconhecimento e somente uma terra demarcada.

A referida questão faz um paralelo da situação dos povos indígenas no estado do Ceará nos séculos XIX e XXI. Em pleno século XIX, autoridades regionais declararam oficialmente a inexistência de povos indígenas em território cearense. Apesar da capitania do Ceará ter apresentado um desenvolvimento tardio em relação a Pernambuco e Bahia, a perseguição promovida pela colonização europeia fizeram parte da estratégia governamental portuguesa contra obstáculos que dificultassem os anseios econômicos da metrópole em terras cearenses.

A partir do século XX algumas medidas governamentais foram implementadas com o intuito de oferecer algum tipo de reparação histórica em relação às populações indígenas. Durante a República Velha (1889–1930) a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910 foi o primeiro passo para a proteção dos descendentes dos povos que habitavam o nosso território antes da chegada dos portugueses. A instituição federal, liderada por Marechal Rondon e utilizando o lema “atração, pacificação e civilização” , guarnecia as populações indígenas sob a tutela do Estado, caracterizando-os como incapazes e contribuindo para o processo de etnocídio das populações indígenas. Em 1967 o SPI é extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) como o principal órgão federal responsável pela questão indígena. A defesa da autonomia dos povos originários tem conquistado espaço com o apoio de órgãos governamentais, impulsionados pelas pressões sociais.

Apesar de terem se passado quase dois séculos após o decreto do governo estadual que anunciava a extinção dos povos indígenas locais, as investidas contra essa população continuam em evidência diante da percepção de uma parcela da população que considera a existência de reservas indígenas um empecilho ao desenvolvimento do país. Como exemplo podemos citar o Marco Temporal (projeto de Lei 490/2007) que previa a demarcação física das terras para os povos indígenas que habitavam as terras até a data da promulgação da Constituição de 1988 (05/10/1988), mas foi barrada graças à intervenção do Supremo Tribunal Federal em consonância com ações do presidente Lula. As reivindicações dos povos

indígenas pela demarcação de suas terras continuam dependendo da ação de grupos políticos e da constante mobilização da sociedade civil.

Esta evolução em relação às pautas indígenas foi acompanhada pela obrigatoriedade da abordagem do tema em sala de aula por meio da Lei n.º 1645/2008. Esta iniciativa propiciou a inserção da temática no ambiente escolar, permitindo que os discentes tenham a compreensão sobre a importância dos povos indígenas para a construção da nossa identidade. De acordo com Freitas (2010):

> Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie. (FREITAS, 2010, p. 161)

O ensino de História deve estar associado à valorização das diversas culturas, especialmente às relacionadas aos povos originários. Este processo se faz necessário em decorrência da massificação cultural. O primeiro passo deve ser dado em sala de aula a partir da conscientização em relação à manutenção da diversidade cultural em prol de uma sociedade mais harmônica.

Assim como na edição de 2020, a OCHE 2021 apresentou todas as fases no formato online devido à continuidade dos efeitos da pandemia. As três primeiras fases disponibilizaram trinta questões objetivas. As questões objetivas abordaram a violência de gênero. A quarta fase online sugeria a realização de uma tarefa que consistia na elaboração de um cordel sobre a Lei Maria da Penha, que naquele ano completava 15 anos de existência. As produções resultaram em uma coletânea de cordéis.[55]

> Em 2021 a gente trabalhou a violência de gênero, e a nossa comunicação visual foi toda baseada em cordel. E aí qual foi a tarefa? Foi fazer um cordel sobre os quinze anos da lei Maria da Penha que também está sendo publicada. Então quer dizer, primeiro eles entram em contato com a violência de gênero, depois eles escrevem sobre em um modelo literário que é o cordel. (FONTENELE, 2023)

3.2.4. Literatura regional na 4ª OCHE (2022)

[55] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/publicacoes/coletanea-de-cordeis-oche-2021-15-anos-de-promulgacao-da-lei-maria-da-penha. Acesso em 12/01/2025.

A 4ª edição da OCHE realizada em 2022 apresentou muitas questões relacionadas à literatura regional. Analisaremos as questões que possibilitem uma associação entre a literatura e o ensino de História.

A 3ª questão da 1ª fase relativa à 4ª edição aborda o movimento literário cearense conhecido como Padaria Espiritual. A questão apresenta a imagem da capa do Jornal o Pão, um texto intitulado "Das origens da literatura cearense ao estatuto da padaria espiritual — um ensaio de Túlio Monteiro"[56], o excerto de um livro intitulado "O Pão…Da Padaria Espiritual" de autoria de Regina Pamplona Fiúza. Em seguida, o comando da questão propõe a escolha de uma das alternativas.

Figura 15 — Capa do jornal O PÃO

O PÃO

... da Padaria Espiritual

O PÃO

PELO PRADO

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase-1.pdf/view.

Os documentos apresentam informações sobre a Padaria Espiritual. Escolha uma das opções a seguir:

A) Os textos fazem alusão a escritores e pesquisadores da Literatura Cearense, como Sânzio de Azevedo e Batista de Lima, esclarecendo suas correntes literárias e destacando o pluralismo e o caráter inovador da Padaria Espiritual.
B) Entre as características da Padaria Espiritual podemos destacar o viés pilhérico e a predileção pelo telurismo cearense, observando-se ainda a vacância de mulheres naquele movimento literário da Cidade Alencarina finissecular oitocentista.
C) Os excertos destacam a convivência de correntes literárias e os ares amistosos e

56 Disponível em: https://tuliomonteiroblog.wordpress.com/2020/01/28/das-origens-da-literatura-cearense-ao-estatuto-da-padaria-espiritual-por-tulio-monteiro/ Acesso em 12/01/2025.

> dinâmicos do movimento literário cearense denominado Padaria Espiritual (1892–1898).
> D) A ausência de mulheres nas “Fornadas” indica uma característica da sociedade do período.[57]

A Padaria Espiritual consistiu em um movimento literário cearense fundado em 1892. A idealização do movimento deu-se no Café Java, na praça do Ferreira, principal praça da cidade de Fortaleza. A primeira fase da organização corresponde ao período entre 1892 e 1894. A segunda fase do movimento ocorreu entre 1894 e 1898. Entre os participantes podemos destacar os escritores Antônio Sales, Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo. A Padaria Espiritual pode ser considerada pioneira em vários aspectos. Mas em relação à participação de mulheres não fugiu aos costumes da sociedade da época.

O movimento se destacou pelo característico humor cearense. Críticas por meio da ironia eram direcionadas a vários aspectos da vida social local. As referências utilizadas fazem jus ao nome do movimento. O nome do jornal era “O Pão”. Os sócios eram chamados de “padeiros”. O presidente da associação era o “Primeiro-forneiro”. As sessões eram chamadas “fornadas”. O local onde aconteciam as reuniões era chamado de “forno”. Todos os componentes tinham um pseudônimo.

A atuação do movimento literário em fins do século XIX é uma relevante fonte histórica para se conhecer a sociedade cearense do referido período. A utilização da ironia, além de revelar uma característica do humor cearense, demonstra uma concepção crítica em relação a grupos poderosos da época, como a Igreja e os políticos da época. O escritor Rodolfo Teófilo, por exemplo, foi um dos grandes inimigos da oligarquia Accioly, grupo que governou o estado do Ceará por quase vinte anos.

A 12ª questão da 2ª fase da 4ª edição apresenta um excerto da obra “Aves de Arribação” do escritor cearense Antônio Sales (1868–1940) e um excerto do livro “Economia urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Fortaleza”[58] de autoria de docentes e pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC). O comando da questão propõe a escolha de uma das opções a partir da análise dos textos.

---

[57] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase-1.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,5,1,4.

[58] Disponível em: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/economia-metropolitana-e-desenvolvimento-regional-livro-apresenta-os-primeiros-resultados-do-projeto/
Acesso em 12/01/2025

A) A “administração empresarial” (e com incentivos fiscais), tônica no Texto 8, é díspar ao tempo em que as “únicas fábricas conhecidas no município eram dois alambiques”, conforme consta no Texto 7, sinalizando que houve recrudescimento econômico da Região Metropolitana de Fortaleza.
B) Em “e nem um hotel, nem um bilhar, nem um clube familiar, nem um café, nem um jornal!”, do Texto 7, e “alguns setores econômicos apresentaram maior dinamismo como o (...) das atividades turísticas e de lazer ligadas ao litoral.”, do Texto 8, são apresentadas situações de evolução no investimento de capital para além do viés tecnológico e industrial, de modo a ser percebida valorização multissetorial.
C) A menção a “diversos incentivos”, presente no Texto 8, é contrastante com o excerto “A indústria têxtil era representada por algumas pobres famílias do Açude”, do Texto 7.
D) Ipuçaba, a atual cidade de Caucaia, já vislumbrava ser polo de turismo praiano no início do século XX, enquanto neste início do século XXI tem voltado o potencial econômico de seu litoral para projetos de captação de energia eólica.[59]

A questão aborda aspectos econômicos do municípios de Caucaia a partir do século XIX. As oportunidades econômicas na região estavam concentradas em um único setor. Os incentivos eram restritos às oportunidades oferecidas pela indústria têxtil. A economia local no período demonstra a limitação de incentivos e oportunidades. A diversificação econômica ocorreu posteriormente.

O incentivo governamental ao turismo de Caucaia ocorreu no final do século XX. A evolução econômica da cidade aconteceu por meio da diversificação de investimentos. Esta análise é importante para entendermos como a cidade evoluiu economicamente, passando de uma dependência de setores específicos para uma economia mais sustentável. A diversificação dos investimentos inclui o crescimento de novos setores, a atração de diferentes tipos de indústrias e o desenvolvimento de infraestrutura que suporta uma economia mais abrangente.

A evolução econômica da Região Metropolitana de Fortaleza está relacionada à evolução histórica e às mudanças econômicas ao longo do tempo. As mudanças contribuíram para o desenvolvimento da região na totalidade. Essas transformações estão associadas à discussão sobre os fatores que impulsionaram o crescimento econômico, as transformações nos setores produtivos e as políticas que moldaram o desenvolvimento regional. O debate proposto permite uma compreensão do dinamismo econômico regional.

De acordo com Ferreira (2011, p. 61)

---

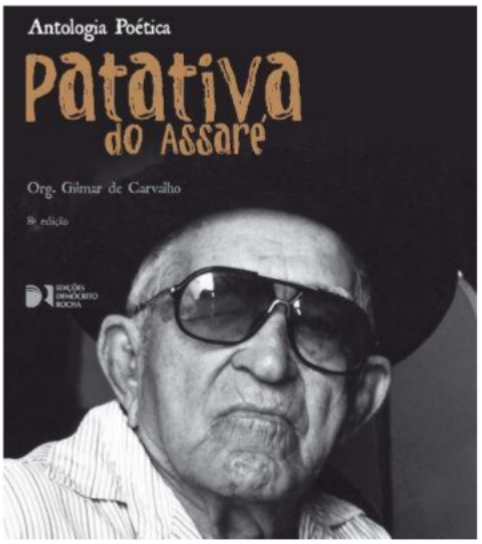
[59] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche2022-prova-fase2.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 5,4,1,0.

> (...) nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

A análise da obra "Aves de Arribação" possibilita a utilização da literatura no ensino de História. A partir das transformações econômicas da região metropolitana de Fortaleza, pode-se fazer uma reflexão crítica sobre vários aspectos. Quem se beneficiou do desenvolvimento econômico? Quais as implicações das mudanças para os povos indígenas? Quais as mudanças culturais ocorridas?

A questão 20 da 2ª fase da 4ª edição apresenta o excerto do cordel "Vicença e Sofia e o castigo de mamãe" de autoria do cearense Patativa do Assaré (1909–2002) e uma imagem do autor. A questão propõe a análise dos versos e a escolha de uma alternativa.

FIGURA 16 — Patativa do Assaré



Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche2022-prova-fase2.pdf/view.

> A) Vicença seria, segundo o eu lírico, a parceira prendada e devotada, portanto adequada ao anseio masculino.
> B) O texto expressa visões racistas e machistas dos personagens envolvidos, apesar de sua origem popular, refletindo características da realidade na qual estavam inseridos.

> C) O eu lírico reproduz concepções patriarcais e machistas em relação à escolha da esposa. A mãe, fruto de um tempo excessivamente conservador, é detentora de valores nocivos e criminosos, como o racismo.
> D) O eu lírico parece viver sob os influxos do cristianismo, não demonstra racismo, e a décima comprobatória é a segunda.[60]

A questão aborda aspectos relacionados aos valores predominantemente patriarcais do sertão cearense. A pretendente do eu lírico é prendada e devotada. Essas características coadunam com o papel social reservado às mulheres naquele contexto. O machismo é uma prática comum em uma sociedade muito pobre em que as oportunidades de trabalho são escassas e a submissão das mulheres muitas vezes se dá por questão de sobrevivência.

O racismo é outra forma de preconceito recorrente no ambiente sertanejo. A população cearense não apresentou uma grande presença de negros como os estados de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Esse fato aliado à escravização de africanos contribuiu para que entre a população mais pobre do sertão cearense demonstrasse um preconceito exacerbado.

De acordo com Lacerda e Menezes Neto (2010, p. 227) quanto à utilização do cordel em sala de aula: "(...) o professor deve trabalhar junto com os alunos no procedimento de análise. Como qualquer fonte, o folheto de cordel deve ser criticado e entendido dentro do contexto em que foi produzido". A utilização do cordel "Vicença e Sofia e o castigo de mamãe" deve ser compreendido de acordo com o contexto em que foi escrito para se evitar anacronismos. Ao mesmo tempo, a utilização do cordel em sala de aula nos permite discutir as mudanças e permanências existentes em nossa sociedade.

A 22ª questão da 3ª fase da 4ª edição aborda a obra "Luzia Homem". A questão tem como fonte visual uma imagem da Praça Luzia-Homem em Sobral.

Figura 17 — Praça Luzia-Homem, Sobral–CE

[60] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche2022-prova-fase2.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,0,5,4.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase03.pdf/view.

A questão apresenta uma reportagem veiculada pelo site da Prefeitura Municipal de Sobral intitulada "Prefeito Ivo Gomes inaugura nova Praça Luzia-Homem e anuncia restauração da antiga Cadeia Pública"[61], um excerto da obra "Luzia-Homem" de autoria do escritor cearense Domingos Olímpio e um resumo sobre a Câmara Municipal de Sobral no *site* da prefeitura.[62] O comando da questão propõe a análise das fontes e apresenta as seguintes alternativas:

> A) Apresentam unidade temática: a Cadeia de Sobral, e exibem estilos de escrita díspares. Facilmente identificamos que em um deles predomina a literariedade e nos outros dois, a historicidade. No Texto 13, por exemplo, é que encontramos a alusão à protagonista do romance homônimo de Domingos Olímpio.
> B) O texto 13 apresenta-se em pendor preservacionista patrimonial e até traz incursões ao didatismo literário. O texto 14 exibe narratividade eivada de descritivismo não idealizador de personas nem de ambiências e não prescinde de elementos genuinamente regionais. No Texto 15 destaca-se a informatividade de cunho historicista e, assim, indubitável pragmatismo.
> C) A intrépida e forte protagonista, Luzia-Homem, é descrita nas três exibições textuais como detentora de músculos bem desenvolvidos e de vasta e bela cabeleira, que chamava a atenção de todos e todas sobralenses de seu tempo, sobretudo do malévolo Crapiúna, que desde o nome não inspira candura.
> D) Os três textos aludem à edificação sobralense como um empreendimento pujante, como em "restauração do monumento em homenagem a Luzia-Homem", do Texto 13, "surgia em linhas severas e fortes, o castelo da prisão", do Texto 14, e "o prédio passou por algumas reformas que lhe asseguram o estilo (...) com acentuadas características da arquitetura do final do império", do Texto 15.[63]

---

[61] Disponível em: https://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/prefeito-ivo-gomes-inaugura-nova-praca-luzia-homem-e-anuncia-restauracao-da-antiga-cadeia-publica. Acesso em 12/01/2025.

[62] Disponível em: https://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/983/. Acesso em 12/01/2025

[63] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase03.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,5,0,1.

Apesar de ser uma obra ficcional, “Luzia-Homem” do escritor cearense Domingos Olímpio não deixa de ser uma relevante fonte histórica. Para haver uma relevância da literatura para a história existe a necessidade de que a análise das obras se baseie no entendimento de contextos em que foram produzidas. De acordo com Morin (2010, p.91):

> (...) a complexidade das aparências para revelar a simplicidade oculta da realidade; de fato, a literatura assumia por missão revelar a complexidade humana que se esconde sob as aparências de simplicidade. Revelava os indivíduos, sujeitos de desejos, paixões, sonhos, delírios; envolvidos em relacionamentos de amor, de rivalidade, de ódio; inseridos em seu meio social ou profissional; submetidos a acontecimentos e acasos, vivendo seu destino incerto.

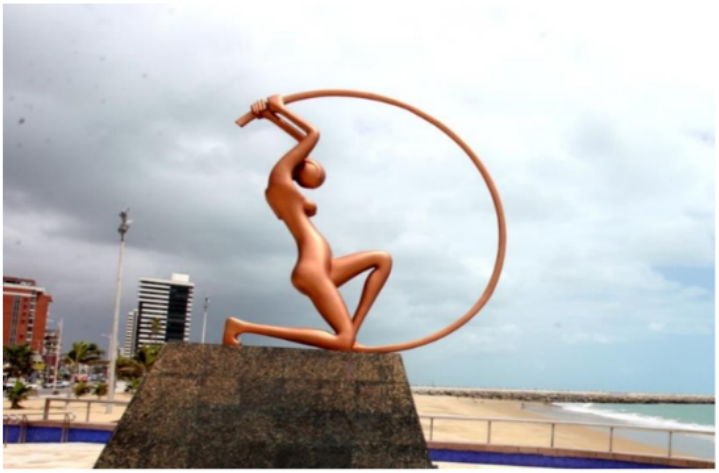
As representações literárias são configuradas de acordo com contextos históricos. A análise dessas conexões permite uma apreciação mais complexa dos textos e de suas contribuições para uma aprendizagem histórica. É importante explorar essas relações intrínsecas para uma análise crítica das obras literárias.

A obra literária de um dos participantes do movimento literário Padaria Espiritual aborda diversos aspectos regionais como o enfrentamento da seca. A situação das mulheres diante das dificuldades impostas por um clima hostil propiciava uma dependência em relação aos homens. Luzia-Homem se apresenta como uma exceção às regras da época, subvertendo-se diante das imposições sexistas.

A questão aborda a edificação sobralense. A Cadeia de Sobral é um importante patrimônio histórico da cidade. A construção é abordada pelo autor de múltiplas maneiras, revelando aspectos diversos de sua significância cultural, histórica e social. Esse enfoque permite uma compreensão mais profunda do papel da construção na história local e na identidade da cidade.

A 28ª questão da 3ª fase da 4ª edição aborda a personagem fictícia “Iracema”, obra atribuída a José de Alencar. A questão apresenta uma imagem da Estátua de Iracema, na Praia de Iracema, cidade de Fortaleza. A questão não apresenta um comando e em seguida são postas as alternativas.

Figura 18 — Estátua “Iracema Guardiã”



Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase03.pdf/view

A) A Iracema do romance alencarino, segundo especialistas, recebe este nome por ser um anagrama de "mar (de) ira", o que justificaria a motivação do artista plástico propor uma Iracema guerreira.
B) Iracema é considerado um dos primeiros romances nacionais. Alguns estudiosos identificam Moacir — filho de indígena com português — como o primeiro "cearense" legítimo. Este ideal de identidade forjado no romance alencarino pode ser contraposto à imagem de uma Iracema guerreira disposta a defender e guardar seu território contra os invasores.
C) A estátua Iracema Guardiã é a inspiração poética para a manifestação estética e filosófica criada pelo artista franco-brasileiro Esteban Ubretgi, que batizou suas investigações e criações de "savagismo", por influência da figura de Iracema.
D) Iracema é uma personagem que aparece como uma mulher indígena e ligada a espiritualidade de seu povo. A relação amorosa de Iracema com Martin põe em perigo toda a organização social de seu povo. A estátua da Iracema Guardiã faz uma releitura importante desta personagem presente no imaginário do povo brasileiro e cearense. Antes de ser pensada como "a amante do estrangeiro", Iracema Guardiã apresenta a "mulher da terra que luta em defesa de seu povo"[64].

O livro escrito por José de Alencar apresenta uma visão romantizada da população indígena cearense. Estereótipos que reproduzem a obra do escritor por meio da passividade da população originária diante dos invasores europeus conduzem para uma interpretação de uma Iracema "amante do estrangeiro". A obra apresenta o protagonista português com o nome Martin, provavelmente uma referência ao colonizador português Martim Soares Moreno, a quem é atribuído o início da colonização portuguesa em território cearense. A relação entre a indígena cearense e o colonizador português teria dado origem ao primeiro cearense legítimo.

64 Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-prova-fase03.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 0,4,1,5.

A personagem Iracema e o escritor José de Alencar estão imortalizados na cidade de Fortaleza. Várias escolas referirem-se a um dos mais importantes escritores cearenses. A Casa de José de Alencar é um patrimônio cultural muito visitado no bairro Messejana. A cidade apresenta uma praia denominada Praia de Iracema. Muitas estátuas da indígena estão espalhadas pela cidade, destacando-se a da Lagoa de Messejana e a da Praia de Iracema.

A criação da estátua na Praia de Iracema apresenta a intenção do autor em gerar reflexões acerca da personagem. A estátua exibe uma Iracema guerreira, contrariando as interpretações em torno do romance alencarino que apresenta uma personagem romantizada. A escultura Iracema Guardiã faz uma releitura da atuação dos povos indígenas frente aos avanços dos povos invasores. Ao invés de "a amante do estrangeiro" a personagem alencarina representa a "mulher da terra que luta em defesa do seu povo".

De acordo com Abud, Silva e Alves (2010, p. 44), quando se refere às relações entre História e Literatura:

> Ambas procuram representar a ação dos seres humanos no tempo e utilizam narrativas para alcançar esse objetivo. A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. Ela o faz por meio da retratação de situações apresentadas em diferentes dimensões temporais. A História, por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com objetivo de construir narrativas que se aproximem, com maior nitidez, do que foi vivenciado por um indivíduo, grupo social ou pela sociedade.

A aproximação da História com a Literatura possibilita a otimização do conhecimento. A partir da obra ficcional do escritor cearense é possível o início de discussões acerca das relações entre os povos invasores e os povos dominados. O ensino de História pode estar direcionado para uma abordagem articulada com o contexto histórico do escritor durante o século XIX. Os questionamentos da obra do autor e a manutenção da personagem no imaginário popular são temas que devem ser discutidos em sala de aula.

Em 2022, pela primeira vez, a OCHE passou a disponibilizar 5 fases. As três primeiras fases online, com 10 questões objetivas cada. A 4ª fase online com a realização de uma tarefa, que consistia na produção de um jornal intitulado "O Pão", em referência ao movimento literário existente em Fortaleza em fins do século XIX conhecido como Padaria Espiritual. Na tarefa, as equipes deveriam publicar no jornal um problema ambiental existente no município onde estava localizada a equipe.

> A Fase 4 da OCHE Ceará 2022 está no ar e traz uma TAREFA a ser realizada pelas equipes.
> Diferente das fases anteriores, quando vocês analisaram e responderam de forma objetiva a diversas questões, teremos, nesta fase, apenas uma atividade composta por uma TAREFA, cujo tema motivador é a comemoração dos 130 anos da PADARIA ESPIRITUAL (1892–1896), movimento literário e artístico considerado o Simbolismo Cearense e que, em alguns aspectos, antecipou ideais da Semana de Arte Moderna, movimento artístico e literário que completa seu primeiro centenário.
> É importante que as equipes participantes desta fase realizem novas pesquisas sobre esse movimento artístico cearense, conhecendo o Programa de Instalação, publicado em 1892, os primeiros partícipes, as fases ao longo dos seis anos de existência, os mandamentos do estatuto, as particularidades telúricas e cômicas, bem como conhecendo alguns dos 36 números ou das edições do jornal do movimento: O PÃO.
> No jornal O PÃO da Padaria Espiritual, buscamos inspiração para propor esta tarefa que consiste na elaboração/confecção, por parte de cada uma das equipes, de um jornal como uma nova versão de O PÃO[65]

Depois de duas edições, a fase presencial voltou a acontecer e exigiu a elaboração de um texto dissertativo referente à temática trabalhada durante a olimpíada. Na fase anterior a atividade propôs uma reflexão sobre a realidade local e os impactos dos problemas ambientais identificados no município da escola. A partir da aprendizagem obtida na tarefa e nas questões objetivas, a fase presencial consistiu na escrita de um texto dissertativo a partir dos conhecimentos adquiridos.

> Entendemos que a atividade da Fase 4 serviu como ponto de partida para um processo contínuo, que se inicia com a identificação, a reflexão, a denúncia e o debate sobre o problema ambiental escolhido pela equipe. Todavia, não só a referida atividade foi capaz de contemplar a amplitude da situação, como a mesma requer ações contínuas em busca de solução, que envolvem planejamento e mobilização.
> Neste sentido, propomos continuar a discussão acerca dos problemas ambientais apresentados pelas equipes, avaliando sua capacidade de propor soluções para os problemas apresentados.
> Em anexo, segue a cópia do Pão produzido por sua equipe, a fim de favorecer a reflexão sobre o problema ambiental abordado.
> Dessa forma, a atividade desta Fase Final Presencial da OCHE 2022 consiste na elaboração, por parte da equipe, de um texto dissertativo que traga propostas para a solução do problema ambiental denunciado pela sua equipe no Pão por ela produzido.
> O texto deverá ter uma quantidade mínima de 20 (vinte) e máxima de 30 (trinta) linhas.[66]

---

[65] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-2022-fase-4-docx.pdf/view. Acesso em 12/01/2025.

[66] Fonte: Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/provas-e-gabaritos/oche-ceara-2022-atividade-fase-5-final.pdf/view. Acesso em 12/01/2025.

3.2.5 Movimentos sociais na 5ª OCHE (2023)

A 1ª questão da 1ª fase da 5ª edição apresenta como fontes visuais imagens do Papa Francisco e de uma passeata de jovens ligados à Pastoral da Juventude.

Figura 19 — Fala do Papa Francisco sobre direitos sociais

Fonte::https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2024/oche-2024-prova-fase-1.pdf/view

Figura 20: Passeata de jovens ligados à Pastoral da Juventude.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2024/oche-2024-prova-fase-1.pdf/view

A) Parte da esquerda brasileira e cearense tiveram em alguns setores e pastorais da Igreja Católica, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e os Movimentos Eclesiais de Base (MEB), a inspiração para programas partidários e participação nas lutas sociais.
B) Os principais partidos políticos de esquerda e diversos movimentos sociais, tiveram inspiração nos princípios da Teologia da Libertação que emanavam de alas progressistas da Igreja Católica. O fundamento filosófico da referida teologia destacava que a libertação dos povos não deveria se dar apenas no plano espiritual, mas também no campo material, daí a necessidade de lutar por elementos concretos

> da vida social.
> C) No Ceará, houve ações de membros e alas da Igreja Católica e de movimentos sociais que estiveram de forma efetiva nas lutas sociais, que se desdobraram no enfrentamento às contradições da estrutura fundiária e no debate da reforma agrária no estado. Entre eles podemos citar algumas ocupações de terra pelo MST, como a constituição do Assentamento 10 de Abril; as ações da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na luta por reforma agrária; e os embates contra o uso de agrotóxicos na chapada do Apodi, protagonizado pela Cáritas Diocesana.
> D) A igreja Católica em sua unanimidade eclesial apoiou os movimentos de esquerda e as lutas sociais, não havendo dentro da estrutura da Igreja posições favoráveis à reprodução do capital, o que culminou no fortalecimento da esquerda no Ceará.[67]

A questão apresenta uma imagem do Papa Francisco, uma imagem de uma passeata de Jovens da Pastoral da Juventude, um artigo intitulado "A Cidade de Direito ao Direito à Cidade: Movimentos sociais de luta pela moradia e a produção do espaço na cidade do Crato/CE"[68] de autoria de João César Abreu de Oliveira Filho e um artigo intitulado "A Produção Contraditória do Espaço Urbano: A Igreja e os Movimentos Sociais na Cidade do Crato–Ceará"[69] de autoria de João César Abreu de Oliveira Filho e Otávio José Lemos Costa.

Na visão de considerável parte da sociedade, a Igreja Católica apresenta indiferença em relação aos movimentos sociais. Essa percepção, em grande parte, está relacionada ao distanciamento das questões temporais protagonizadas pelas alas mais conservadoras. Mas a História demonstra que setores e pastorais da Igreja Católica como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e os Movimentos Eclesiais de Base (MEB) inspiraram a organização de vários movimentos de esquerda por meio de movimentos sociais.

A Teologia da Libertação constitui-se em ala progressista da Igreja Católica que defende uma aproximação da Igreja às questões materiais que envolvem a sobrevivência dos mais necessitados. Os partidos de esquerda e movimentos sociais tiveram uma relevante influência desta ala da Igreja. Preocupados com as mudanças radicais que poderiam ser protagonizadas pela Teologia da Libertação, a ala mais conservadora conseguiu extirpar aqueles que defendiam um amparo mais efetivo para os mais necessitados. Os papas João Paulo II e Bento XVI são exemplos de retrocessos em relação à justiça social. Contrapondo-se aos seus antecessores, o Papa Francisco demonstra uma preocupação mais efetiva com os mais pobres e uma expansão dos direitos das minorias sociais.

No Ceará as ações protagonizadas pela ala progressista da Igreja e de movimentos

---

[67] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2024/oche-2024-prova-fase-1.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,5,4,0.

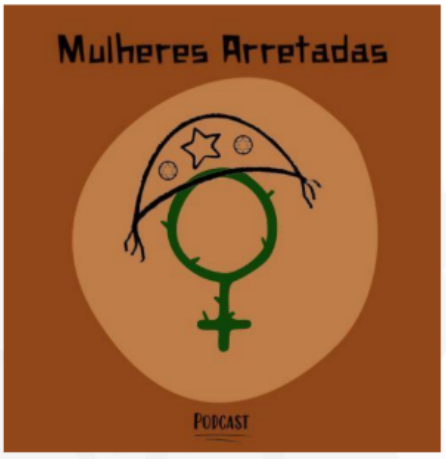
[68] Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5842568. Acesso em 12/01/2025.

[69] Disponível em https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/118970/122154. Acesso em 12/01/2025.

sociais são invisibilizadas pela grande mídia. Podemos exemplificar: a luta do Movimento dos Sem Terra (MST) e da Comissão Pastoral da Terra pela reforma agrária, a reivindicação da Cáritas Diocesana contra o uso de agrotóxicos na Chapada do Apodi. Estas ações são fundamentais para a manutenção da luta pela igualdade social no contexto regional que apresenta desigualdades sociais exorbitantes.

A 3ª questão da 1ª fase da 5ª edição aborda o movimento feminino pela anistia no estado do Ceará. Como fonte visual, a questão exibe a imagem do logotipo do *podcast,* "Mulheres Encantadas".

Figura 21 — Logotipo do podcast "Mulheres Arretadas".



Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-1.pdf/view.

> A) O Movimento Feminino pela Anistia no Ceará surgiu no mesmo contexto em que movimentos similares apareciam no Brasil e em países da América Latina, como Chile, Uruguai e Argentina.
> B) O Movimento Feminino pela Anistia no Ceará foi criado em 1976 como um dos núcleos estaduais do Movimento Feminino pela Anistia nacional, criado no mesmo ano na cidade de São Paulo. Este foi um dos principais e mais importantes movimentos civis organizados a reivindicar a anistia após a implantação da ditadura militar no Brasil, em 1964.
> C) Mesmo com intensa atuação nos anos seguintes à sua criação, o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará teve pouca relevância para as cerca de 30 mulheres que o integraram. Nenhuma delas conseguiu dar continuidade à sua atuação em movimentos sociais ou políticos.
> D) A criação do Movimento Feminino pela Anistia no Ceará comprova o quanto a repressão e a perseguição política tornaram-se uma prática difundida por todo o país durante o regime militar, obrigando um grupo de mulheres a lutarem pela anistia e pelos direitos dos presos políticos.[70]

[70] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-1.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,0,0,5.

A questão apresenta um *link* que direciona a um podcast do canal "Mulheres Arretadas" intitulado "EP.1 - O Movimento Feminino pela Anistia no Ceará"[71] e o link de um artigo intitulado "Movimento Feminino pela Anistia: a política e o coração de mãe" de autoria de Ana Rita Fonteles Duarte.

Os governos autoritários proliferaram na América do Sul durante a Guerra Fria. A repressão protagonizada por governos chefiados por militares buscavam evitar o avanço das ideias comunistas na região. Vários governos eleitos democraticamente foram derrubados com o apoio dos Estados Unidos. No Brasil o presidente vitimado foi João Goulart. No Chile, o presidente socialista eleito Salvador Allende resistiu, mas pagou com a própria vida pelo ato de bravura.

A violação dos direitos humanos é comum nos governos autoritários. Práticas de torturas, assassinatos, desaparecimentos, e exílios são exemplos de perseguições sofridas por aqueles que contestavam o governo. Os cinco presidentes brasileiros que governaram durante os vinte e um anos (1964–1985) demonstravam oscilações entre a abertura política e a continuidade da opressão. A promessa do presidente Geisel em promover uma abertura política foi suficiente para exaltar os ânimos daqueles que lutavam pela volta da democracia.

Durante as ditaduras na América Latina a resistência foi sistematicamente organizada em vários países. Várias foram as formas de combate à repressão. Composição de músicas de protesto, peças de teatro, charges, luta armada , dentre outras. O Movimento Feminino pela Anistia no Brasil (MFAB) foi criado em 1975. O surgimento da organização está relacionado à reconquista de direitos perdidos durante a ditadura.

O núcleo regional do Movimento no estado do Ceará foi criado no ano de 1976. A atuação do aparelho estatal no combate à oposição política durante o período ocasionou prisões, mortes, torturas e "desaparecimentos". Diante de tanta arbitrariedade, diversos setores da sociedade se posicionaram contra o governo autoritário. As mulheres cearenses participaram ativamente deste processo.

A 12ª questão da 2ª fase da 5ª edição aborda a seca por meio de quatro obras literárias regionais. A questão apresenta os excertos dos livros "A Normalista" de Adolfo Caminha, "Dona Guidinha do Poço" de Oliveira Paiva, "Aves de Arribação" de Antônio Sales e "Luzia Homem" de Domingos Olímpio. Em seguida propõe-se a análise das alternativas a partir do comando da questão.

---

[71] Disponível em https://open.spotify.com/episode/2Gq8Ze5avKUUsun7RxLPJB?si=nB1cBp- Acesso em 12/01/2025.

Qual é a análise que melhor coincide com os excertos acima?

A) Os quatro fragmentos de textos apresentados descrevem realidades comuns diante de estiagens e algumas consequências da seca no estado do Ceará. Os textos 8 e 11 destacam o problema da seca enquanto questão social, enquanto o texto 10 é o de menor contundência descritivista quanto à estiagem.
B) No excerto do texto 8, é apresentada certa religiosidade por parte dos retirantes, comum em romances regionais. No texto 9, há a recorrência da labuta sertaneja. No texto 10, destaca-se a crendice ou superstições por parte de sertanejos, como ao recorrerem à "experiência das nove pedras de sal". E, no texto 11, há o enfoque maior aos seres flagelados pela seca.
C) Os trabalhos apresentados debatem a questão/problemática da seca a partir de visões sociais de seus autores, e são referentes às agruras vividas na década de 1930, quando se deu a pior estiagem registrada no Ceará, à guisa do romance mais importante da escritora cearense Rachel de Queiroz: O Quinze.
D) Nos textos 8 e 11, a alusão ao êxodo rural e aos problemas sociais decorrentes são enfatizados no detalhamento das mazelas físicas das pessoas. No texto 9, depreendem-se muitas dificuldades naquele contexto de fome e miséria. O texto 10 nos apresenta o vento Aracati, reforçando valores telúricos cearenses, e alguns "dedinhos de prosa"[72].

Os quatro trechos das obras regionalistas tratam da seca no Ceará. Em "A Normalista" e "Luzia-homem" é apresentada uma abordagem direcionada para a questão social. Há uma alusão ao êxodo rural e à situação degradante dos flagelados.

Em "A Normalista" são apresentadas as dificuldades dos retirantes para chegar à cidade de Fortaleza pela estrada de Messejana em 1877, ano em que ocorreu uma das mais devastadoras secas do Ceará. O trecho "abantesmas da desgraçada gemendo preces ao Deus dos cristãos"[73] demonstra a religiosidade dos retirantes, desesperados para conseguir fugir das consequências fatais da seca, por meio da espiritualidade.

A religiosidade é mencionada como uma das possibilidades a serem utilizadas pelos sertanejos com o intuito de seguirem sua jornada. As superstições e crendices eram as mais variadas. O surgimento de personagens históricos ligados à religiosidade como Padre Cícero e Antônio Conselheiro estão associados ao fenômeno da seca.

Em "Dona Guidinha do Poço" é apresentada a luta do sertanejo pela sobrevivência no campo por meio do trabalho. A tentativa de salvamento consistia em manter vivas as criações de animais em um ambiente onde a água tornava-se cada vez mais rara. No trecho

[72] Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-2.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 1,4,0,5.
[73] Disponível em CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. Armazém da Cultura, 2018.

apresentado pela questão é feita referência à cidade de Banabuiú, cidade localizada no sertão central do estado, região atingida severamente pelas estiagens.

Em “Aves de Arribação” o trecho “Tinha-se feito a experiência das nove pedras de sal e dava chuva em fevereiro”[74] demonstra as crendices do povo sertanejo como forma de adivinhar a chegada da chuva. Esta prática é uma forma de resistência cultural atualmente apoiada pelo governo estadual, que anualmente promove o encontro dos “profetas da chuva”.

O trecho referente à “Luzia-Homem” faz referência às dificuldades vivenciadas pelos retirantes na região norte do estado. Há referência ao Rio Acaraú, principal rio da região. O autor descreve detalhadamente a situação em que se encontravam os flagelados da seca que iam perdendo as suas feições ao longo do tempo.

A 14ª questão da 2ª fase da 5ª edição aborda os campos de concentração no Ceará. A questão apresenta uma imagem de uma construção abandonada na cidade de Senador Pompeu que serviu como campo de concentração, um infográfico demonstrando as regiões cearenses que apresentaram campos de concentração, uma reportagem do *site* “G1” intitulada “Campo de concentração onde ‘flagelados da seca' eram aprisionados é tombado no Ceará.”[75]

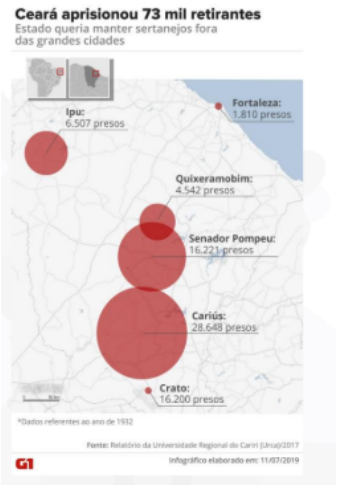
Figura 22 — Campo de concentração tombado em Senador Pompeu.

Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-2.pdf/view.

Figura 23 - “Flagelados da seca” detidos em campos de concentração.

[74] SALES, Antônio. **Aves de arribação: romance cearense**. Companhia editora nacional, 1929.

[75] Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml. Acesso em 12/01/2025.



Fonte:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-2.pdf/view.

Em seguida, o comando da questão propõe a escolha da opção mais adequada.

> A) O tombamento, instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, foi o meio utilizado pelo poder público para manter viva a memória de um acontecimento trágico da história cearense, ao preservar as ruínas dos antigos campos de concentração da cidade de Senador Pompeu.
> B) Os campos de concentração criados no Ceará, no contexto das secas de 1915 e 1932, tiveram finalidade similar aos constituídos pelos nazistas na primeira metade do século XX na Alemanha e em países vizinhos, visando conter elementos prejudiciais ao desenvolvimento de uma grande nação.
> C) A origem dos campos de concentração no Ceará remonta ao ano de 1877, visando reduzir os problemas decorrentes da migração em grande escala para Fortaleza, que recebia enorme fluxo de retirantes, que fugiam da grande seca que assolou o estado naquele período.
> D) Como estratégia para impedir a chegada de retirantes a Fortaleza, as autoridades cearenses construíram campos de concentração nas proximidades das estações ferroviárias de cidades do interior. Estas pessoas eram tolhidas de liberdades individuais e submetidas a rígidos regramentos nestes campos.[76]

A construção dos campos de concentração no Ceará está associada às secas que assolaram a região no início do século XX. Durante os períodos de estiagem prolongada, uma grande quantidade de pessoas eram forçadas a deixar sua região de origem em busca de sobrevivência nos centros urbanos menos afetados.

O governo promoveu a construção de redutos como medida de contenção do fluxo massivo de pessoas. Esses locais visavam controlar e organizar o grande número de migrantes. Procurava-se evitar distúrbios nas cidades que seriam inevitáveis diante da

[76] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-2.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 5,0,1,4.

fragilidade generalizada dos retirantes.

As condições enfrentadas pelos flagelados da seca nos campos de concentração eram extremamente adversas. As pessoas eram confinadas em locais com condições insalubres e extremamente precárias. A infraestrutura era desproporcional à quantidade de pessoas abrigadas. O resultado era a disseminação de doenças acompanhada da inexistência de cuidados médicos apropriados. A alimentação fornecida era insuficiente, intensificando a fome e a desnutrição entre os internados. O sofrimento e a privação ilustram a dura realidade enfrentada pelos habitantes e as severas consequências da seca para a população cearense.

O tombamento dos campos de concentração contribuiu para o fortalecimento da identidade regional. A existência desses locais evita que estas experiências sejam esquecidas. Existe a necessidade de se manter viva a memória coletiva do sofrimento enfrentado durante os períodos de seca. Os locais utilizados como campos de concentração em Senador Pompeu foram tombados. Os órgãos governamentais de Fortaleza infelizmente foram omissos em relação à preservação da memória dos retirantes da seca na cidade.

A questão 21 da 2ª fase da 5ª edição, aborda o massacre ocorrido em 1849 contra o povo Potiguara na região dos sertões de Crateús conhecido como Massacre da Furna dos Caboclos. A questão apresenta um artigo científico intitulado "Resistência Multivocal: agenciamento e ressignificação de sítios pré-coloniais"[77], de autoria de Marcélia Marques. O comando da questão orienta a marcação da alternativa mais pertinente.

> Analise as afirmativas a seguir e marque aquela que achar mais pertinente:
>
> A) A história do Massacre na Furna dos Caboclos não se enquadra na tradição positivista e o conhecimento que se tem deste fato vem da preservação de relatos orais que apresentam uma justificativa para achados arqueológicos na região dos Sertões de Crateús.
> B) O Massacre na Furna dos Caboclos exemplifica como as comunidades tradicionais foram (e são) tratadas em seus territórios ao longo da história do Brasil e, também, na atualidade, quando suas demandas se colocam diante dos interesses capitalistas e de invasores.
> C) A memória do massacre dos índios Potiguara é considerada um marco na construção da identidade do grupo, construída a partir da aculturação da única sobrevivente do evento ocorrido no século XIX, fato que permitiu a descendência atual da comunidade que vive na região de Crateús .
> D) A formação identitária dos indígenas Potiguara da comunidade de Montenebo, localizada no município de Crateús, se baseia em narrativas que exemplificam a importância da História Oral na preservação da cultura dos povos e na formação da identidade compartilhada por um grupo social[78].

[77] Disponível em https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6640/3917. Acesso em 12/01/2025.
[78] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-es

Os potiguaras apresentam uma experiência histórica marcante na região de Crateús. Os ataques promovidos pelos povos invasores não foram suficientes para a sobrevivência do povo indígena. A abordagem positivista invisibiliza a presença deste povo na região. A historiografia tradicional prioriza o uso fontes documentais escritas, limitando a compreensão das experiências humanas e ignorando aspectos subjetivos.

A História Oral contrapõe-se aos ideais positivistas dando voz a todos os sujeitos históricos. Apresenta-se uma perspectiva mais diversificada, permitindo a inclusão de memórias que são frequentemente ausentes nos registros escritos. As tradições orais transmitidas de geração em geração desempenham um papel fundamental na preservação de valores culturais. A memória coletiva fortalece a identidade cultural de uma comunidade. A valorização da oralidade promove o fortalecimento dos grupos vulneráveis.

A questão propõe a discussão sobre a importância da história Oral como instrumento de preservação dos povos originários. O episódio conhecido como Massacre na Furna dos Caboclos ocorrido em 1849 na região de Crateús contra o povo Potiguara deixou somente uma sobrevivente. Esta sobrevivente foi a responsável pela preservação e continuidade da cultura dos Potiguara que habitam a região atualmente. De acordo com Meihy; Holanda (2013, p. 52).

> A história oral privilegia grupos sociais deslocados — migrantes e imigrantes —, parcelas minoritárias excluídas, marginalizadas, e se vale de suas narrativas para propor um "outra história", ou história "vista de baixo", de ângulo incomum, sobre determinada realidade em contraposição ao silenciamento ou à visão "majoritária" e institucionalizada, assumida como aquela que devemos reconhecer como "versão oficial".

As narrativas que envolvem a história oficial ocultam as demandas das minorias. A oralidade amplia a perspectiva das fontes históricas para além dos documentos escritos. A preservação da identidade cultural dos povos marginalizados prescinde da valorização de suas narrativas.

Em 2023, as três primeiras fases online contavam com dez questões objetivas cada, totalizando trinta questões. A quarta fase consistia na gravação de uma entrevista sobre algum movimento social da cidade da escola da equipe.

---

tado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-2.pdf/view. Acesso em 12/01/2025. O valor atribuído às alternativas foram respectivamente 4,5,0,1.

> A Tarefa da FASE 4 consiste na elaboração de um minidocumentário sobre movimentos sociais e/ou seus representantes, que atuam no município da escola da equipe, com abrangência no bairro, no território, na região, e, podendo ter, repercussão estadual, nacional ou internacional; e que atuem em defesa de demandas sociais, culturais, artísticas, econômicas, ambientais, políticas, étnicas, de gênero, etc.[79]

A quinta e última fase ocorreu presencialmente e consistia na produção de um folheto sobre a criação de um movimento social.

> (...) apresentamos a tarefa da Fase Final da OCHE 2023, que consiste na criação, por parte da equipe, de um novo movimento social, que deverá ser apresentado a partir de um folheto informativo, apresentando seus valores e princípios, pautados na liberdade, isonomia, livre associação, livre expressão, na Ética e nos Direitos Humanos. Este movimento social deve ser localizado no município da escola da equipe, e deve conter algumas informações pertinentes apresentadas a seguir, incluindo um convite para uma reunião/mobilização fictícia em algum local do município e como esta será organizada e executada.[80]

As tarefas disponibilizadas pela OCHE estão relacionadas aos assuntos trabalhados nas questões objetivas ao longo da olimpíada. Desta forma, desenvolve-se progressivamente a compreensão dos conceitos e estimula-se posteriormente a produção de um produto final resultante da aprendizagem obtida.

> Na verdade, a própria OCHE prepara eles para as fases subjetivas e para a fase final. Então a gente entende que a gente precisa, a gente colabora muito dessa forma. E obviamente todo tempo dialogando, as diversas disciplinas, estão todo tempo dialogando, aspecto histórico quando a gente fala de problema ambiental, aspecto geográfico, aspecto econômico, aspecto ambiental, a legislação, está todo tempo dialogando. (FONTENELE, 2023)

Esta metodologia contribui para que ao longo das etapas da competição os participantes construam uma aprendizagem histórica. Essa prática promove o desenvolvimento da consciência histórica. Diante das distrações proporcionadas pelas inovações tecnológicas, os alunos estão cada vez mais inseridos no ambiente digital.

---

[79] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-fase-4.pdf/view. Acesso em 12/01/2025

[80] Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/oche-2023-prova-fase-final.pdf/view. Acesso em 12/01/2025.

Fazem-se necessárias novas estratégias para a construção do conhecimento histórico. Quando este processo ocorre associado à abordagem dos aspectos regionais temos uma ampla potencialização na formação de cidadãos críticos.

O ensino de História necessita estar direcionado para o engajamento dos alunos enfrentarem os desafios do mundo contemporâneo. O uso da história regional promove uma aprendizagem contextualizada, voltada para uma relação entre ensino e aprendizagem que problematiza as mazelas da sociedade. Dessa forma, a OCHE pode contribuir para que a disciplina de História seja uma agente de enfrentamento das demandas sociais do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História cumpre um papel relevante no desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. Abrem-se novas possibilidades de engajamento do sujeito histórico no contexto onde está inserido.

A caminhada em busca da conclusão deste trabalho foi árdua. Os desafios encontrados pelo caminho serviram como desafio a ser transposto em busca do alcance dos objetivos. Ser professor das redes estadual do estado do Ceará e municipal da cidade de Fortaleza com uma carga horária exaustiva aliado a um considerável tempo distante do ambiente universitário foram dificuldades que tiveram que ser superadas.

O ProfHistória foi uma oportunidade encontrada para repensar a minha prática pedagógica por meio da busca de novas abordagens no ensino de História. As viagens todos os finais de semana entre Fortaleza e Mossoró foram cansativas, mas contribuíram para um embasamento teórico relevante para a conclusão dessa pesquisa.

A minha prática em sala de aula foi enriquecida com a participação em olimpíadas científicas escolares. A chegada à final presencial em 2019 na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) marcou a minha trajetória pessoal e profissional. O encontro com professores de História de todo o país em Campinas em um ano em que o país estava sofrendo ataques negacionistas representou uma forma de resistência oportunizada pela olimpíada.

A escolha do objeto de pesquisa deste trabalho está relacionada ao papel transformador das olimpíadas científicas escolares na área de Ciências Humanas. A nossa investigação foi direcionada à Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE). A OCHE foi criada em 2019 sob a organização do Instituto Federal do Ceará (IFCE). A olimpíada tem alguns aspectos advindos da ONHB como a forma de avaliação, a composição das equipes, o protagonismo estudantil e mediação docente. Por outro lado, apresenta algumas particularidades como o foco na História Regional e na interdisciplinaridade,

A presente dissertação analisou a abordagem da História Regional pela olimpíada. Para que o nosso objetivo fosse alcançado, inicialmente historicizamos as olimpíadas científicas escolares. Abordamos os primeiros eventos de caráter competitivo no século XIX. Demonstramos o fortalecimento das Olimpíadas Científicas Escolares ao longo do século XX. Analisamos o surgimento das primeiras edições na área de Ciências Humanas na América Latina e no Brasil. Descrevemos as dinâmicas que envolvem a ONHB. Destacamos a metodologia da OCHE.

Posteriormente constatamos a presença dos parâmetros curriculares propostos pela BNCC nas atividades da OCHE. Verificamos que as competências gerais, específicas e habilidades da BNCC são abordadas de forma relevante pelas atividades propostas pela olimpíada. Para obter essa comprovação, exemplificamos com excertos das questões da OCHE.

Por fim, analisamos as atividades da olimpíada nas suas cinco primeiras edições (2019–2023). Por se tratar de uma olimpíada interdisciplinar, selecionamos as questões que mais se aproximavam da disciplina de História. Foram escolhidas cinco questões, a tarefa e a atividade presencial final de cada edição. Escolhemos as questões utilizando como critérios a relevância ao ensino de história e a associação com as atividades propostas na tarefa e na fase final presencial. Os temas norteadores das questões foram patrimônio (2019), crises epidêmicas e impactos sociais (2020), mulheres, negros e indígenas (2021), literatura regional (2022) e movimentos sociais (2023).

As questões propostas pela olimpíada contribuem para a visibilização de grupos historicamente marginalizados no contexto regional. O conteúdo aborda o protagonismo feminino no estado do Ceará, discute a organização de trabalhadores por meio de movimentos sociais e evidencia as formas de opressão e resistência dos povos indígenas e afrodescendentes. Dessa forma, a OCHE promove uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de exclusão e as lutas por reconhecimento ao longo do processo histórico.

A olimpíada apresenta uma contribuição relevante para a valorização da identidade cearense ao promover o reconhecimento das particularidades históricas, geográficas e sociais do estado. A interdisciplinaridade é articulada de forma crítica, proporcionando aos participantes uma compreensão contextualizada dos fenômenos históricos. Além disso, a olimpíada proporciona um direcionamento para a justiça social.

A OCHE incentiva a pesquisa por meio da produção acadêmica. Os participantes têm a oportunidade de conhecer fontes qualificadas que abordam a História Regional. Por outro lado, a produção acadêmica direcionada para aspectos regionais ganham um valioso espaço de divulgação. O intercâmbio entre o ensino básico e a educação superior é imprescindível para o desenvolvimento da práxis educacional.

A olimpíada utiliza as novas tecnologias desde o processo de divulgação até a avaliação. A utilização das TDICs possibilita a participação de estudantes vinculados a escolas de todo território cearense. Uma olimpíada totalmente presencial causaria uma grande limitação de participantes. Por outro lado, a exclusão digital ainda é um fator limitante para uma participação mais abrangente.

A olimpíada contribui de forma relevante para o desenvolvimento de uma consciência histórica a partir da abordagem regional e interdisciplinar. Apesar da nossa pesquisa ter sido contemplada ao conseguir alcançar os objetivos propostos inicialmente, reconhecemos uma ampla possibilidade de temas a serem explorados no campo da História Regional do estado do Ceará a partir da análise das atividades propostas pela Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE).

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **"Ensino de História"**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

AMADO, Janaína. Apresentação. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. da (org.). "**A República em migalhas: história regional e local".** São Paulo: ANPUH/CNPq, Marco Zero, 1990.

BARCA, Isabel. "**A Educação Histórica numa sociedade aberta; dossiê sobre Educação Histórica"**. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, p 05 – 09, Jan / Jun de 2007.
BRASIL. Constituição (1988). "**Constituição da República Federativa do Brasil"**. Brasília, DF:Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. "**Base Nacional Comum Curricular"**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>Acesso em: 08 setembro 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **"Temas Contemporâneos Transversais na BNCC"**. Brasília, DF: MEC, 2019, p. 6. BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **"LDB - Lei nº 9394/96"**, de 20 de dezembro de 1996.

BITTENCOURT, Circe. **"Desafios da História Integrada. Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas"**, São Paulo, 2001. v. 1, p. 5.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **"Ensino de História: Fundamentos e Métodos**". São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CAIMI, Flávia Eloisa. **"Escola Nova e Ensino de História no Brasil"**. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, v. 22, 2005.

CHEVALLA RD, Yves. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. **Revista de educação, ciências e Matemática**, v. 3, n. 2, 2013.

COSTA, Aryana. História local.In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Dias. (org.). **"Dicionário de ensino de História"**. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 132-136.

COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos da. **"A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado do IFRN"**/ José Gerardo Bastos da Costa Júnior – Mossoró, RN, 2017.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Da pesquisa às implicações. In: Letramentos Digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 15–60.

FERNANDES, J. R. O. 1993. **"Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de História"**. Revista Brasileira de História 13 (25/26), 265-276

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; Luca,Tania Regina de (Org.). **“O historiador e suas fontes**”. São Paulo: Contexto, 2011. p. 61-91.

FONTENELE, Zilfran Varela. Entrevista concedida a Evandro Benício Moreira. Fortaleza, 23 jan. 2023.

FONTENELE, Zilfran Varela; DA COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos. **“Análise das propostas pedagógicas da OCHE para o ensino de ciências humanas no estado do Ceará”**. INTERFACES DA EDUCAÇÃO, v. 11, n. 32, p. 13–33, 2020.

FREITAS, Itamar. **“A experiência indígena no ensino de História”**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). História: ensino fundamental. Brasília–DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. (Explorando o ensino, v. 21, p. 161).

GENEBRA: OMS, 2002[1948]. ONU — Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Ministério da Educação. Edital da 1ª Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará. Fortaleza, 2019. Disponível em: https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/edital-05_2019-ifce-prpi-oche/view, acesso em 19 mar. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Ministério da Educação. Edital da 4ª Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará. Fortaleza, 2022. Disponível em https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2022/edital-14-ifce_prpi-oche-ceara-2022.pdf/view. Acesso em 19 mar. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Ministério da Educação. Edital da 5ª Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará. Fortaleza, 2023. Disponível em:https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2023/edital-oche-2023.pdf/view. Acesso em 19 mar. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Ministério da Educação. Regulamento da 1ª Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará. Fortaleza, 2019. Disponível em :https://ifce.edu.br/acesso-rapido/concursos-publicos/editais/pesquisa/oche-olimpiada-de-ciencias-humanas-do-estado-do-ceara/2019/edital-05_2019-ifce-prpi-oche/view , acesso em 19 mar. 2024.

KENSKI, V. M. **“Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação”**. Campinas-SP: Papirus, 2007.

LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **“Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula”**. Outros Tempos, São Luís, v. 7, n. 10, dez. 2010.

LEE, Peter. **“Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão da vida no passado”**. In BARCA, I. (Org.), Educação Histórica e Museus. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: CIEd, Universidade do Minho, 2003, pp. 19-36.

LEE, Peter. **"Progressão da compreensão dos alunos em História."** Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2001. 13-27.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa1. **Educar em Revista**, p. 107-146, 2016.

LÉVY, P. **“Cibercultura”**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo:Editora 34, 1999.

LE GOFF, Jacques. *“**Memória**”*. In: História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. 4. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 423-483.Texto 2.

LIMA JÚNIOR, Carlos; SCHWARCZ, Lilia Moritz; STUMPF, Lúcia Klück. **“O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACHADO, André Roberto de Arruda. **“Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História”**. Anos 90, Porto Alegre, v. 24, n. 5, p. 293-319, jul. 2017.

MAGALHÃES, André Vinícius Bezerra. **“Hoje não vai ter aula: educAÇÃO histórica e aprendizagem colaboraATIVA a partir da experiência com a ONHB”** / André Vinícius Bezerra Magalhães. - Natal, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA**,** Fabíola. Gêneros em História Oral. In: **História Oral como fazer, como pensar**. 2. ed., 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo. Projeto **"Onhb Na E.E.M. Tenente Mário Lima"**: Do Ensino De História À Educação Histórica. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino de História), Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). **“Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.”** Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: < http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran>.

MORAN, J. **“Metodologias Ativas em Sala de Aula. Revista Pátio.”** Ensino Médio, Profissional e Tecnológico, Porto Alegre, ano X, n. 39, p. 10-13. dez. 2018/fev. 2019.

MORIN, Edgar. **“Para onde vai o mundo”**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

NOGUERA-RAMIREZ, Carlos Ernesto. **“Fechando o círculo: do ensino e da instrução para a aprendizagem”**. In: Pedagogia e governamentalidade: ou da Modernidade como uma sociedade educativa. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NORA, Pierre. **“Entre memória e história: a problemática dos lugares”**. Projeto História, São Paulo, (10), dez. 1993.

PANIAGO**,** Mayra. **“A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB): contribuições para a aprendizagem histórica de jovens estudantes da educação básica brasileira.”** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2023.

PEREIRA, Auricléa Barros. **“A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Cidade de Fortaleza, antiga Irmandade dos Homens Pretos e suas ressignificações atuais.”** 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. **“Gênero”**. In: _____ Novos temas nas aulas de História. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010, p.29-54.

PIRES, Elaine Prochnow. **“Ideias históricas de jovens do ensino médio sobre representação das mulheres no ensino de História do Brasil: estudo de caso”** / Elaine Prochnow Pires. - 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

RÜSEN, Jörn. **“Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão Práxis Educativa (Brasil)”**, vol. 1, núm. 2, julho-dezembro, 2006, pp. 7-16

PINTO, Helena. **“Educação patrimonial e ensino de história: leituras do passado através do patrimônio cultural local”.** Revista OPSIS, 19(1), 2019, 1–21. Disponível em: https://doi.org/10.5216/o.v19i1.53435 . Acesso em: 18 ago. 2020.

PRADO, Edna. **“Da formação por competências à pedagogia competente”**. Revista Múl-tiplas Leituras, v. 2, n. 1, p. 115-130, jan./jun. 2009.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio”**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 03-15, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Argos, 2004.

RÜSEN**,** Jörn. **“Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica”**. 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

SIMAS, Jaison. **“Pensamento histórico de estudantes da Educação Básica sobre a temática indígena: um estudo de caso a partir de documentos e propostas da Olimpíada Nacional em História do Brasil”**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado Profissional em História. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “**O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica”**. In. MONTEIRO, Ana Maria et al. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187-197.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **“Regulamento da 11ª Olimpíada Nacional em História do Brasil.”** Campinas, 2019. Disponível em: https://www.olimpiadadehistoria.com.br/paginas/onhb11/downloads. Acesso em: 29 out. 2020

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, da pesquisa intitulada **"A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE): a História Regional como instrumento para o desenvolvimento da Consciência Histórica"** que tem como pesquisador Evandro Benício Moreira, aluno do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, orientado pelo professor Doutor Bruno Balbino Aires da Costa, os quais podem ser contatados pelos seguintes e-mails evandromoreira@alu.uern.br e bruno.aires@ifrn.edu.br e ou telefone (085)98503-4434. O presente trabalho tem por objetivo: analisar a abordagem regional da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), identificando suas concepções historiográficas e pedagógicas. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista ao pesquisador Evandro Benício Moreira, fornecendo informações e esclarecimentos quanto às questões relativas ao objeto de pesquisa. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Documento assinado digitalmente
gov.br ZILFRAN VARELA FONTENELE
Data: 31/03/2025 18:56:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Zilfran Varela Fontenele

Fortaleza, 31 de março de 2025.

ANEXO 2

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ZILFRAN VARELA FONTENELE EM 23/01/2023

1. Como surgiu a ideia de realizar a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE)? Como o senhor está envolvido hoje com esse projeto?

R= Quando fui professor da rede privada durante 14 anos e lá na rede privada, especialmente no Farias Brito, a gente participava da ONHB. E aí durante praticamente todas as edições eu participei e todo ano a gente chegava à final. Acho que não tive premiação todo ano porque a gente revezava. Como era escola privada, todo ano a escola mandava um para a final. E aí em 2013 eu fui para o IFRN. Lá no IFRN, primeiro na cidade de Pau dos Ferros e depois em Ipanguaçu, eu continuei trabalhando com a ONHB também ganhando medalha. Quando foi em 2018 eu fiz uma permuta com um colega e vim aqui para o Ceará para o IFCE. E aí como eu viajava toda semana para o Rio Grande do Norte, toda semana eu passava pela placa "Bem-vindo ao Rio Grande do Norte, Bem-vindo ao Ceará". E aí na última semana que a gente estava se despedindo eu botei uma foto no Facebook da placa me despedindo do Rio Grande do Norte. Na foto me despedindo e o bem-vindo ao Ceará dizendo que eu estava chegando ao IFCE. E aí um ex-aluno meu, o professor Jorge Frederikson que é da área de Telemática, que tinha sido meu aluno lá no Ari de Sá, estava trabalhando aqui nesta Pró-Reitoria, que é a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação, junto ao então professor, então pró-reitor, professor Wally Menezes. E o professor tinha conversado com o Jorge sobre a necessidade de criar olimpíadas dentro do IFCE, inclusive na área de humanas porque o Rio Grande do Norte era uma referência. E aí coincidiu que o Jorge tinha sido meu aluno. Ele viu essa minha postagem no Facebook. Então na semana em que eu entrei no IFCE, em abril de 2018, o Jorge entrou em contato comigo e pediu para eu vir conversar com ele aqui nessa Pró-Reitoria. E ele me apresentou o professor Wally e tudo. E aí o professor Wally começou a dizer: "- olha, eu tenho interesse em desenvolver uma olimpíada no IFCE, inclusive na área de humanas. Eu pedi para o Jorge encontrar alguém que tivesse experiência. E aí eu queria conversar. O Jorge falou de você, eu já soube, você tem premiação e tal. E eu queria que você começasse a se organizar aqui no IFCE. É uma olimpíada interna, e a gente pode fazer uma olimpíada." E a verdade é que ele veio com aquela tempestade de ideias, e aí eu perguntei:

— Professor, o que que o senhor quer exatamente?
Aí ele olhou assim pra mim:
— Eu quero que você taque fogo, que eu jogo gasolina.
E aí depois de uma semana para pensar:
— E eu posso fazer a proposta que eu quiser?
— Pode.

Então, na semana seguinte, eu fui pensando. E aí veio a ideia de fazer uma olimpíada nos moldes da ONHB. Eu quero deixar sempre muito claro que a OCHE é totalmente inspirada no modelo do ONHB. Então, quem conhece a OCHE percebe que nós nos inspiramos, nós nos baseamos no modelo, na metodologia. A gente entende que é um modelo fantástico, é uma metodologia espetacular. E a gente conversou com as meninas, com a CrIs em especial, com a Leca, que são as organizadoras, coordenadoras da ONHB. Deram todo apoio, todo suporte. E aí a gente veio com a proposta da OCHE a partir da experiência que a gente teve com a ONHB. A gente veio com a proposta de uma olimpíada para o Ceará. Não só para o IFCE, mas para todo o estado. Envolvendo toda essa população mesmo de estudantes do Fundamental II (oitavo e nono) e do médio. E já que ele pediu isso, vamos falar com todo o Ceará, vamos dialogar com todo o Ceará. E aí a gente tem três elementos que diferem do ONHB. O primeiro que é fundamental a ONHB é História, a OCHE é Ciências Humanas. Apesar da ONHB ter uma clara interlocução com as diversas áreas é muito focada na História. A OCHE não. Ela abrange todas as áreas das Ciências Humanas: História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Arte, Cultura, Meio Ambiente e Literatura. Além de um diálogo interdisciplinar entre essas disciplinas. Além da gente ter um ênfase direto nesse aspecto, a gente também enfatiza o diálogo entre essas disciplinas. Então a primeira particularidade é essa: a ONHB é História e a OCHE é Ciências Humanas como um todo. Incluindo também a Literatura e o Meio Ambiente. Segundo que a ONHB é Brasil, as temáticas relacionadas à História do Brasil. A OCHE é relacionada ao Ceará. É o Ceará num contexto local, é o Ceará num contexto nacional, é o Ceará num contexto internacional. Então quando você olha para questões e temáticas abordadas na OCHE a gente tem o Ceará como referência. Mas eu repito, o Ceará muitas vezes dialogando com algo relacionado ao Brasil, algo relacionado ao internacional. Por exemplo, na primeira OCHE a gente trabalhou a expedição do Einstein e a comprovação da teoria da relatividade aqui em Sobral. Então a gente dialogou com a Física, com aquele aparato histórico. Foram as duas primeiras questões de História da OCHE na primeira edição. E também que a OCHE tem um terceiro aspecto, ela

é gratuita. Faz parte da política da OCHE. Ela é gratuita e a nossa expectativa é mantê-la gratuita. Mas fundamentalmente a OCHE ela se baseia, ela tem essas duas particularidades. O modelo, é um modelo que a gente copia, é o modelo do ONHB, que são aqueles quatro itens, três corretos, um errado, o errado vale zero. Os três corretos tem aquela pontuação de 1, 4 e 5 pontos. E aí incentiva muito essa parte da pesquisa para os estudantes.

2. Quais os objetivos que guiam a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará?

R= Os objetivos dialogam muito com algumas demandas. Eu acho que a principal demanda que a gente percebe é de ocupar o espaço deixado pelo ENEM. Eu quero deixar muito claro que o ENEM considero algo extremamente positivo. Tenho pouquíssimas críticas ao modelo do ENEM, muito pelo contrário, muito mais elogios. Só que o ENEM criou um vazio. Eu não posso nem colocar a culpa no ENEM, mas ele estimulou um vazio que foi exatamente do conteúdo local. A História do Ceará, a Geografia do Ceará, a Literatura do Ceará. Antigamente quando a UFC fazia os seus vestibulares, trazia aspectos de História, Geografia, principalmente a Literatura do Ceará. Então com o ENEM criou-se um vazio. Então hoje o que se aborda de elementos ligados ao Ceará, às vezes é para uma prova da UECE. Então os colégios fazem alguma abordagem extremamente superficial sobre um ou outro tema. Então quer dizer, a gente tem uma história, a gente tem uma geografia, a gente tem um meio ambiente, a gente tem uma cultura riquíssima, a gente tem uma literatura fantástica que não está sendo devidamente explorada. E aí a gente entende que ao trabalhar com essas temáticas, a gente não só está contemplando, valorizando o local, que é o que a BNCC demanda. É uma valorização do local, da cultura de todos esses elementos locais. Mas a gente não só está buscando uma valorização como um conhecimento, como uma integração. Porque quando a gente fala, por exemplo, do meio ambiente aqui do Ceará, a gente articula uma série de fatores, uma série de conhecimentos. Então a gente está procurando também articular, a gente procura dar significação ao conteúdo que é trabalhado a partir de temáticas locais. Então mesmo que a gente esteja incentivando o conhecimento de elementos locais, quando você vê as diversas questões, as diversas tarefas da OCHE, você percebe claramente que a gente incentiva o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam contemplar, contemporizar. Que permitam articular aquele assunto trabalhado, que tem como mote algo no Ceará, com diversas competências, diversas habilidades que os alunos vão desenvolvendo. Então quando a gente olha para isso, a gente percebe muito claramente, inclusive em relatos

dos colegas. Eu acho que até cabe também alguns estudos comparativos do aluno que trabalha com uma olimpíada, a própria OCHE, e o aluno que não trabalha esse desenvolvimento. A gente também percebe que a educação está demandando muitas transformações e através da OCHE a gente está procurando também colaborar com essas demandas da educação atual. Porque quando você olha para a OCHE você tem diversos elementos que estão sendo estudados juntos numa mesma olimpíada, que são tecnologias**,** metodologias ativas. Está tudo na veia, pesquisa, ensino, extensão, que é o tripé do IFCE. Na OCHE você encontra a pesquisa. O incentivo à pesquisa é muito forte, o incentivo ao ensino. A extensão, já que a gente dialoga com a comunidade. Então você tem todos esses conceitos aplicados. Por exemplo: mediação docente, protagonismo estudantil, trabalho em equipe, gamificação. Então tudo isso está presente na olimpíada. Então a gente procura com isso colaborar. Os objetivos ficam muito claros no sentido da colaboração. Outra coisa é a questão do conhecimento e da integração local. E ela se faz presente não só na parte teórica, como também na parte física, já que a cada ano a gente prevê uma final presencial. Em 2019, Caucaia, 2020, 2021 obviamente por conta da pandemia não teve. 2022 já foi Maranguape. Então, no primeiro momento, até para uma questão estratégica, a gente se concentrou na capital e na região metropolitana. Não trouxemos para a capital, também para já valorizar o interior. Seria muito cômodo, muito prático para a gente fazer capital. Não, vamos fazer já interior. Até para poder estimular o conhecimento, e para a edição 2023 é Crateús. Então é também a visita. A gente fala de visitar o Ceará mas também visitar fisicamente o Ceará. Obviamente, para os finalistas, não dá para ir todos. Mas os finalistas vão fazer essa visita física a Crateús. Então acho que isso contempla a resposta da 2. Professor de História fala muito, tu sabe, na hora que quiser interromper, fique à vontade.

03. A olimpíada de ciências humanas do estado do Ceará, está vinculada a que departamento do IFCE Fortaleza? Como é a organização da olimpíada?

R= O departamento é a Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação. Recentemente, agora em agosto de 2022, foi criada a coordenadoria geral de olimpíadas do conhecimento, que está sob a minha coordenação. Já como resultado da OCHE eu fui convidado a assumir essa coordenadoria. Então a OCHE hoje está vindo lá da coordenadoria geral de olimpíadas do conhecimento, que está sob minha coordenação, que por sinal é vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) do IFCE. E aí a organização é por meio de uma comissão organizadora. Ela é definida por portaria, tá certo? E essa comissão é uma comissão

permanente. Ela tem hoje onze integrantes, e a nossa ideia inicial sempre foi que fossem integrantes de campus diferentes, então a gente tem onze integrantes, se eu não me engano, de sete campus do IFCE, certo? Era pra ser os onze integrantes mas acaba que tem a mobilidade interna, tem a mudança, tem os processos dos editais de mudança. Então, por exemplo, eu era de Crateús, hoje eu sou de Boa viagem. Mas o colega de Maracanaú foi para Fortaleza. Então a gente já tinha um. Em Fortaleza tem dois, mas a gente tem essa comissão multicampi de professores do IFCE. Mas eles ficam exclusivamente elaborando as questões ou eles estão em sala de aula? Não, eles são professores em sala de aula, professores 'normais'. Eu até brinco quando a gente fala nas formações que nós somos professores iguais a vocês, a gente tem a nossa carga horária alta do mesmo jeito, a gente tem todas as provas para corrigir, e além disso a gente inventa de fazer a OCHE, né? Então a gente inventa de fazer a OCHE. Mas assim, é uma coisa legal na comissão organizadora da OCHE que a gente tá fazendo por prazer, tem sido até agora um trabalho muito gostoso, né? É algo que a gente tem prazer de fazer. A gente tá se divertindo, a gente tá aprendendo. E o que a gente tem aprendido não é brincadeira. Como a gente tem crescido do ponto de vista profissional. Então nós somos essa comissão organizadora.

4 - Como é feito o processo de elaboração das provas? Quem elabora? É um trabalho coletivo?

R= A gente tem algum apoio na elaboração. Como é o processo de elaboração das provas? Quem elabora? É um trabalho coletivo. Essa comissão é responsável pela elaboração das provas, certo? Nessa comissão nós temos professores das diversas áreas, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Meio Ambiente e Literatura. Prioritariamente nós organizamos essas provas, nós elaboramos, nós trabalhamos, nós montamos a prova, mas nós também temos algumas colaborações externas. Muitos pesquisadores que não tem nenhuma ligação com a educação básica, é importante destacar isso. Quero frisar que a gente tem uma preocupação que os professores sejam de campi diferentes. Por quê? Porque alunos do IFCE também participam da OCHE. Aí obviamente, por exemplo, eu hoje estou lotado em Boa Viagem. Obviamente eu não vou (detalhe que eu estou cedido a Fortaleza) orientar alunos da OCHE. E obviamente esses alunos não recebem de mim nenhuma, e nem de nós da comissão organizadora. Então nós temos esse sigilo. Até brinco que os nossos alunos têm uma desvantagem. Quem é meu aluno ele tem a desvantagem porque ele não vai poder contar com a minha ajuda. Então eles procuram os outros professores das outras disciplinas. E assim é um

trabalho coletivo sim, porque por mais que, por exemplo, eu elabore uma questão, às vezes a gente elabora a duas mãos, a três mãos, mas às vezes a gente elabora sozinho, mas a questão passa por um processo de revisão e validação. Por exemplo, eu aqui elaboro uma questão, mais na área de história, mas a gente coloca para validadores inclusive de outros estados do Brasil. Nós temos, a cada edição, nós formamos uma comissão de validadores. Por exemplo, no ano passado tinha colegas do Instituto Federal do Mato Grosso, posso citar a professora Manu; do Instituto Federal da Paraíba, professor Vladis Veiga; e também do Instituto Federal do Rio Grande do Norte o professor Andrei. Então eles ajudam na validação, além também de colegas aqui da UFC que são da comissão validadora. Então tem pelo menos um de cada disciplina. Além, é claro, da comissão organizadora que a gente valida e confirma os gabaritos e etc.

5. Qual a importância da utilização da internet na realização da OCHE? É uma inovação ou uma necessidade?

R= Como eu disse para você, a OCHE é tinta na veia. Então a gente não tem como hoje dissociar o ensino das tecnologias. E a gente procura fazer com que a OCHE utilize essas tecnologias disponíveis para incentivar o conhecimento e a pesquisa. Tem um detalhe importante, hoje é primordial a conectividade. É óbvio que as pessoas que hoje estão num vazio de conectividade acabam não tendo acesso à OCHE. E a gente percebe isso claramente. Nós temos participantes que só tem acesso à internet na escola. Nós temos participantes, inclusive campeões medalhistas de escolas da zona rural, que não têm acesso ou que o acesso é muito limitado. Então o que eles fazem? Eles imprimem a prova, tentam resolver, fazem uma pesquisa numa *lan house*. Então, ao mesmo tempo que a internet é fundamental para a realização da OCHE, a gente também consegue identificar alguns problemas de acesso. Mas por incrível que pareça os alunos conseguem. Estudantes e professores conseguem fazer um esforço e conseguem amenizar essas demandas. Mas assim, a gente entende a OCHE como um serviço importante para a sociedade na medida em que ela é uma das formas de ensinar esses meninos a pesquisar. Porque nunca se teve tanto acesso à informação na história da humanidade até hoje. Nunca teve tanto acesso à informação. Mas esse acesso à informação não significa necessariamente conhecimento. Então através da ONHB e da OCHE a gente consegue ajudar o professor a orientar esses alunos, esses indivíduos em geral. Porque a família também participa de como proceder diante da internet numa busca de informação. Eu acho que a gente tá colocando muito também no sentido de ajudar as pessoas a saber como

buscar informação de forma adequada na internet porque o acesso à informação muitas vezes leva às mentiras, às informações falsas, às fake news**.** Então acho que esse tipo de trabalho é vital no sentido de gerenciar acesso. Perdão, não gerencia o acesso, mas a forma de como buscar o acesso à pesquisa a partir de elementos científicos. Porque é fácil você encontrar muita informação, mas será que essa informação tem uma base científica?

6. Qual a influência da olimpíada nacional da história do Brasil na criação da OCHE? Eu acho que já está respondido.

R= Eu acho que já tinha respondido.

7. Além da OCHE abordar 4 disciplinas (história, geografia, sociologias e filosofia) e a ONHB ser específica da área de história, quais são as outras grandes diferenças entre as 2 olimpíadas?

R= Além da OCHE, eu não diria nem as quatro disciplinas. Além da OCHE abordar as quatro disciplinas a gente ainda tem a História, a Geografia, a Sociologia, a Filosofia, Arte e tá muito presente também o Meio Ambiente, também a literatura está muito presente. Então assim, e é como eu disse, as principais diferenças são essas, o foco no Ceará. A ONHB é Brasil, a OCHE é Ceará e a OCHE ela é ciências humanas como um todo além da literatura e do meio ambiente.

8. Além do formato das questões e tarefas se aproximarem, quais são as outras grandes semelhanças entre a OCHE e a ONHB?

R= Eu acho que as semelhanças são muito próximas. É o modelo, o modelo de questões é o mesmo. A gente adota um modelo de questões da ONHB só que a gente adapta para as nossas temáticas, pelo menos as questões objetivas. A nível de tarefa a gente já começa a se diferenciar. Por exemplo, a cada ano a gente tem feito uma tarefa diferente e a gente tem procurado elaborar um processo de construção do conhecimento. Por exemplo, na edição de 2019, a gente permitiu que nas fases objetivas se repetissem questões ligadas a patrimônio. Tem várias questões, são dez questões em cada fase. Mas dentre aquelas dez questões, aquelas trinta questões, dez em cada fase, alguns temas podem se repetir. E aí na primeira prova em 2019 se repetiram temas sobre patrimônio. Numa fase teve patrimônio histórico, na outra teve patrimônio ambiental, perdão patrimônio cultural e o de patrimônio de geodiversidade. As

equipes tinham que elaborar um fôlder sobre o patrimônio do seu município. E a gente estabeleceu que esse patrimônio poderia ser um patrimônio tombado ou não. Podia ser um patrimônio histórico, um patrimônio cultural ou um patrimônio de geodiversidade. Então podia ser algo que a sociedade local considerasse como um patrimônio. Então vinham fôlderes fantásticos como por exemplo as redes jaguaruana, o Teatro José de Alencar, por exemplo. O pastel, o Leão do Sul, a Praça do Ferreira (que é um patrimônio da sociedade cearense e não está nem necessariamente tombado), a drogaria Osvaldo Cruz ali na Praça do Ferreira, o Museu do Ceará. Mas por exemplo, o Caldas em Barbalha, o Horto em Juazeiro, então patrimônios, a Lagoa do Mingau em Maracanaú (eu acho que é Maracanaú ou Maranguape). A fase final que foi em Caucaia, ela foi subjetiva, muito parecida com a ONHB. A gente pediu que eles escrevessem um texto em equipe em que eles falassem da importância do patrimônio. Então olha só a diferença, eles fizeram questões que eles pesquisaram sobre patrimônio, depois eles fizeram uma tarefa em que eles apresentavam o patrimônio, para só depois a gente dizer pronto agora qual a importância do patrimônio? Esses alunos aprenderam muito sobre patrimônio, eles aprenderam muito mais do que qualquer aula que a gente desse sobre patrimônio para eles. Eles aprenderam dessa forma, lidando. E até hoje se você trouxer, quatro anos depois, em qualquer um desses alunos perguntar para ele qual a importância do patrimônio, ele vai saber te falar bem. Em 2020 a gente não podia deixar de ser pandemia. Então a gente repetiu algumas questões sobre pandemia. E a tarefa era para eles elaborarem um artigo de jornal sobre a pandemia, intitulado “Nós e a Pandemia”, que é um documento histórico. Inclusive virou livro, está publicado. Se você for lá no site do IFCE/PRPI/OCHE você vai encontrar as publicações do livro “Nós e a Pandemia”. Então esses estudantes, esses professores têm hoje um capítulo de livro publicado com a foto deles lá, com a identificação deles lá e principalmente com o texto que eles produziram que é um documento histórico. É uma colaboração, é uma contribuição que nós estamos deixando para a humanidade, para a posterioridade que não tem preço. O valor histórico daquilo são relatos de pessoas que viveram a pandemia. Pessoas desde o interior de uma zona rural, de uma área pobre, de uma área periférica, como até pessoas de uma área rica de Fortaleza. Por que a gente tem todos esses povos, tem lá de cento e cinquenta e poucos textos que são relatos para você ter uma ideia de nível de importância. Imagina se a gente tivesse hoje relatos sobre a gripe espanhola a pouco mais de cem anos. Pois pronto, pois daqui a cinquenta, cem, duzentos anos as pessoas vão ter relatos nesse livro sobre a pandemia. E como foi que essas crianças, esses jovens, esses professores, esses adultos vivenciaram a pandemia. Então você vê que é diferente**.** Em 2021, vinte e vinte um, não teve a fase final presencial. Em 2021 a gente

trabalhou a violência de gênero, e a nossa comunicação visual foi toda baseada em cordel. E aí qual foi a tarefa? foi fazer um cordel sobre os quinze anos da lei Maria da Penha que também está sendo publicada. Então quer dizer, primeiro eles entram em contato com a violência de gênero, depois eles escrevem sobre em um modelo literário que é o cordel. Em 2022 a gente repetiu um pouquinho. A nossa comunicação visual foi muito Fortaleza do início do século XX então a gente repetiu questões ligadas à Padaria Espiritual. Só que a gente também repetiu questões sobre o meio ambiente, sobre problemas ambientais. E aí qual foi a tarefa? A tarefa foi eles apresentarem um problema ambiental do município em forma de um jornal: "O Pão". Então era "O Pão" da equipe apresentando aquele problema ambiental. Aí a final presencial, a gente pediu para eles apontarem a solução para o problema que eles indicaram. Bom, vocês se depararam com os problemas ambientais, vocês produziram um trabalho apontando o problema ambiental, pois agora nos dê a solução. Então você vê que a gente engloba todo um processo de educação que é completo, é complementar. Então ele traz um ganho de crescimento muito grande pros estudantes. E são assim esses pontos que acabam diferenciando essa parte mais subjetiva, a gente acaba se diferenciando mais da ONHB também. E ao mesmo tempo você deve estar fazendo aquele exercício de futurologia, "a então quer dizer que na próxima OCHE vai ser assim?" A resposta que eu tenho é não sei. Nós temos sido criativos, as nossas tarefas têm sido diferentes. Um dia vai repetir, de repente, se a gente sentir a necessidade. Aliás eu até sei, a gente já tem mais ou menos a ideia do que a gente vai ter. Eu só não vou dizer né. Mas a gente comunica, a gente tem uma comunicação. Até porque a gente acha importante que os alunos entendam que é um processo de construção. Tanto é que muitas vezes me perguntam "o que, que a gente estuda nas fases subjetivas?" Olhe para as fases anteriores. Mas tudo isso que eu falei para você foi um processo de construção. Na verdade, a própria OCHE prepara eles para as fases subjetivas e para a fase final. Então a gente entende que a gente precisa, a gente colabora muito dessa forma. As diversas disciplinas estão a todo tempo dialogando. Aspecto histórico quando a gente fala de problema ambiental, aspecto geográfico, aspecto econômico, aspecto ambiental, a legislação, está todo tempo dialogando.

9. Como a realização da Olimpíada mexe com as escolas e com os grupos participantes?

R= É interessante que a gente tem essa ideia de a OCHE sempre integrar. Então, por exemplo, o nosso calendário é pensado e baseado também em dialogar com o calendário da ONHB. Para não chocar a gente entende que ela mexe primeiro com a própria carga horária do professor, principalmente nas escolas particulares. Mas no próprio IFCE a gente já conseguiu

incorporar a carga horária. Então eu tenho, os professores têm, hoje formalizados, a carga horária de aprofundamento que é voltada para essa preparação. Durante o primeiro semestre a gente faz para a ONHB e durante o segundo semestre a gente faz para a OCHE. Mas isso já é uma conquista que pode ser usada para diversas disciplinas. Então no caso da OCHE, a gente garante uma carga horária. A gente pelo menos garantiu principalmente nas escolas particulares e agora no IFCE uma carga horária pros professores no segundo semestre. Para os professores das escolas particulares, que a escola prepare no primeiro semestre para a ONHB. Então no segundo semestre ela não daria essa carga horária para o professor. Então o professor perderia essa carga horária. Agora ele tem a OCHE. Os alunos que vão formar a turma não são obrigatórios, mas sim optativos. A gente criou no IFCE uma disciplina complementar, extracurricular. Então qualquer professor que vai orientar, isso aí serve para qualquer disciplina, inclusive para a OCHE, cria aquela disciplina complementar. E os alunos do IFCE dentro da carga horária deles têm as disciplinas optativas. E essa pode ser uma disciplina optativa. Então esse é o primeiro ponto. Do ponto de vista organizacional a gente já tem esses ganhos. Para os alunos é bem legal porque eles se movimentam, eles se empenham, eles se unem. E uma coisa interessante que numa escola, qualquer escola, no ano vai uma equipe, ai esses alunos que participaram eles incentivam os outros. Aí no outro ano dá dez equipes. Se a escola ganha alguma medalha, ou se eles vão pra final, no ano seguinte é vinte, trinta equipes. Então é exponencial o crescimento que estimula a participação dos alunos. E a gente tem essa questão da viagem. A gente tem relatos emocionantes. A gente recebe aqui alunos que nunca viram o mar. Então até alunos que vieram de região rica. Por exemplo o Cariri, viram o mar pela primeira vez quando vieram a Caucaia ou quando vieram a Maranguape. A final é o seguinte, a gente conseguiu que é gratuito tudo que a gente pode. A gente consegue hoje dar um almoço. A gente conseguiu nessas edições oferecer o almoço. E o alojamento, a gente tem que ressaltar o apoio da SEDUC. A Secretaria de Educação do estado, as prefeituras no caso das escolas municipais têm dado todo o apoio para que as equipes venham até o local. Então no primeiro ano em Caucaia o IFCE Maracanaú, o IFCE Maranguape foi alojamento, serviu de alojamento para os alunos do IFCE. Em 2022 o IFCE Maranguape deu só para os alunos do IFCE. Agora quem vinha de fora, que era de escola privada, aí era por conta muitas vezes dos alunos. Mas quem era de escola pública a SEDUC e as prefeituras providenciaram os alojamentos. Então assim a gente não tem essa condição, até porque repito, é gratuito. E os alunos que podem participar, são restritos ao Ceará ? São restritos a escolas do Ceará, pois é regional, local. É exclusivo para alunos matriculados em escolas do Ceará. Um parêntese importante, alunos que estudam em escolas do Ceará. Eu não

estou dizendo que alunos cearenses, ou que moram no Ceará. Por que estou falando isso? Por que eu não sei se você sabe, mas existem cidades limítrofes. A gente tem, por exemplo, alunos que estudam em Pereiro no Ceará e que moram no São Miguel no Rio Grande do Norte que é vizinho. Então são alunos que estudam no Ceará. Existe a possibilidade principalmente nessas regiões. Ererê, por exemplo. Em Ererê, que é vizinho a Pau dos Ferros. Existem alunos que moram em Pau dos Ferros e estudam em Ererê, Iracema. Aí nesse caso ele pode participar. O aluno estuda em uma escola do Ceará, então ele está numa escola do Ceará. Ele pode morar em qualquer lugar. Mas são exemplos como eu estou dizendo. Somente em cidades que são limítrofes, fazem fronteira. Então é muito comum que o aluno de uma cidade, de outra, principalmente quando você olha as escolas públicas do Ceará, principalmente as escolas profissionalizantes, têm um nível muito bom, elas atraem. Então às vezes vale mais a pena o aluno se deslocar para uma cidade vizinha como eu disse, ali na região de Pereiro. Por exemplo, a gente sabe que a gente tem muito aluno de Pereiro que mora em São Miguel e que vem estudar em Pereiro. Então é possível, basta que ele esteja matriculado. E uma coisa que é obrigatória é que a equipe obrigatoriamente tem três estudantes e um professor orientador. Então não pode ter equipe com um estudante nem com dois estudantes, tem que ser com três. Assim como o professor orientador é obrigatório. Não pode ter equipe só com estudantes, tem que ter um professor orientador. Isso é uma forma que nós temos de valorizar o professor. A figura do professor orientador é fundamental porque o professor é fundamental. O professor é e vai continuar sendo fundamental, a escola vai continuar sendo fundamental. Então essa obrigatoriedade de um professor orientador ela tem relação também com essa necessidade de existência do professor porque o professor é e continua sendo fundamental. Apenas o papel dele mudou. Ele não é mais um transmissor de conhecimento, a escola não é mais o local que você vem para aprender. O professor agora é mediador. Inclusive tem escolas, que através da ONHB, tem transformado a ONHB em mercadoria, fazem cursinho e toda aquela propaganda. Já ocorreu com a OCHE? inclusive até a forma de resposta das questões tem uma grande interferência do professor. Tem mas é como eu disse. É o professor intermediador, orientador. Porque no mundo hoje o conhecimento está disponível. Só que o ambiente da escola e a figura do professor orientador é fundamental exatamente para mediar esse conhecimento, para poder orientar. Porque a disponibilidade e acesso à informação é muito grande. Mas muitas vezes a informação é falsa e esse aluno não tem o discernimento. E aí é que entra a figura do professor orientador e o papel da escola em dar essa orientação. Com relação a questão da mercadoria, eu acho que as escolas tanto particulares como públicas valorizam muito. As escolas particulares, principalmente,

valorizam muito as ciências exatas. E agora com a ONHB e com a OCHE começa e se dar também a valorização das ciências humanas. Eu acho que a gente tem que ver o lado positivo disso, que é dar essa valorização. E a gente vê, a gente acompanha pelas redes sociais, que muitas vezes a gente é marcado, às escolas públicas comemoram os resultados, o governo do estado do Ceará através da SEDUC comemora os resultados. Porque querendo ou não é uma forma de mostrar que essas escolas, que esses trabalhos, que esses professores, que esses alunos estão dando esse retorno.

10. A olimpíada de ciências humanas pode ser considerada um marco na divulgação da história regional?

R= Eu acredito que sim. Eu até coloco que a gente está ocupando esse espaço de valorização de elementos regionais através da OCHE. E o principal é o alcance que a gente está tendo. Na nossa primeira edição a gente teve quase cinco mil integrantes, participantes. A gente teve o problema da pandemia. Mas quando a gente veio para 2022 foram mais de quinze mil estudantes com mais de mil professores. São mais de 16 mil participantes. Então o nível de divulgação e o alcance que nós estamos atingindo é muito alto. Então não existe nada hoje que tenha esse alcance. Principalmente no setor educacional para divulgação desse conhecimento para os nossos estados. Então, eu vejo como marco sim, respondendo a dez.

11. Como a banca concebe a história regional? Ela é pensada de forma articulada com a história do Brasil?

R= Na verdade, não só a história. Mas falando muito da minha parte, a parte da história. Mas eu acho que valem para todas. Articulando, a gente dialoga muito. Muitas vezes a gente utiliza uma temática da história local para dialogar com outros conhecimentos, tanto a nível nacional como a nível internacional. Por exemplo, a gente já teve aqui questão sobre escravidão. A gente falou sobre a escravidão em Santa Quitéria. Partiu até de um artigo de um colega, de um professor lá da UVA. A gente articula, a gente fala daquele tópico de escravidão em Santa Quitéria. A gente dialoga e reflete sobre a escravidão como um processo. Um processo que aconteceu em Santa Quitéria, que aconteceu no Brasil, que aconteceu em diversos países do mundo ocidental. Até mesmo nos Estados Unidos. A gente reflete sobre a escravidão como um todo. A questão sobre o Einstein tem um aparato histórico também da visita dele. A gente teve uma questão, por exemplo, sobre a depredação de empresas aqui no Ceará. Depredação de empresas alemãs e italianas no contexto da segunda guerra. Que é algo

que aconteceu também a nível nacional. E a gente já foi refletir sobre a segunda guerra, sobre os reflexos da segunda guerra aqui no Ceará. Então a gente dialoga muito.

12. De que forma as questões propostas aproximam a universidade do ensino básico?

R= Eu acho que isso também é algo fundamental porque um dos objetivos que a gente tem na OCHE é divulgar o conhecimento produzido nas universidades. Aqui no Ceará e também nas universidades de todo o Brasil, mas relacionados ao Ceará. Eu até acho legal porque às vezes os alunos vêm me procurar para ser orientador e minha pergunta é sempre essa: você quer produzir conhecimento para deixar mofando ou empoeirando num repositório ou quer que seja conhecido? Então através da OCHE que a gente está tirando esse conhecimento que é produzido, essas pesquisas que são produzidas nas nossas universidade são fantásticas. A gente está tirando ali do mofo, está tirando ali da poeira e está jogando um refletor sobre elas, então a gente dá acesso. Se você for nas nossas redes sociais, você vai ver um colega que fez uma postagem em agradecimento ao IFCE e à OCHE. Ele disse que "de repente, do nada, mais de cinco mil acessos ao meu trabalho, trabalho que eu fiz que estava lá publicado mas que nunca tinha sido acessado ou pouco tinha sido acessado. E de repente vai conseguindo acesso. De repente não, tem um motivo. Então quero agradecer à OCHE por ter dado luz ao meu trabalho". Então a gente está divulgando, colocamos como fonte. A gente traz uma temática, por exemplo, no processo desse de escravidão em Santa Quitéria. Eu já fiz uma questão sobre a questão da religiosidade, a igreja de a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A gente trouxe trabalho sobre índios da professora Ticiana, uma pesquisa maravilhosa. Então gera-se um acesso. Tem uma história engraçada que foi de uma questão de um colega. O Caio fez o doutorado dele na federal do Rio Grande do Sul sobre fascismo e torcidas organizadas. Ele tomou como referência a Ultra Resistência Coral que é a torcida antifascista do Ferroviário. E aí foi muito engraçado. Ele recebeu uma ligação do orientador dele. O orientador disse assim: "Olha, a biblioteca quer falar contigo. Eu não estou entendendo. Parece que estão com uma questão lá e querem falar contigo". Aí pegaram e ligaram para ele. Eles perguntaram o que é que estava acontecendo que naquela semana ele já tinha tido quase quatro mil acessos em três dias. Eles estavam querendo saber o que estava acontecendo, porque é incomum. Então lá no Rio Grande do Sul estavam tendo acessos àquela tese. Obviamente sobre uma temática relacionada ao Ceará. Então quer dizer, a gente está estimulando. Livros que são publicados. A gente tem uma parceria com o INESP que é um instituto de pesquisas da Assembleia Legislativa. O INESP faz publicações de livros,

fantásticos livros. Livros que estão lá para *download*, para serem acessados, para serem conhecidos. E as pessoas não conhecem. O que a gente faz? A gente pega esses livros e toma como referência para a questão. E aí tem lá dez mil downloads. Eu fiz uma questão sobre o Cine Nazaré e tinha como referência um livro publicado que era o livro "Cine Nazaré". Então baixou-se o livro, as pessoas conheceram aquele livro, daquele autor, daquela autora no caso, sobre a ditadura militar no Cariri. A gente também utilizou como referência um livro lá do Cariri que foi publicado e o autor agradeceu muito porque divulgou-se o trabalho dele. Então assim, aproxima muito. Inclusive as fontes das questões são dissertações, são trabalhos acadêmicos , são artigos, obviamente acessíveis. Então a gente faz com que esses alunos do ensino básico comecem a ter acesso ao conhecimento, ao que é produzido. É um primeiro contato, o nível de leitura deles vai aumentar. E a partir do momento que eles começarem a ler melhor vão escrever melhor. Não existe outra alternativa. Quem escreve bem, lê bem. A gente procura incentivar uma leitura crítica.

13. Alguns educadores são contra o espírito de competição, que uma olimpíada de ciências humanas pode invocar. O que o senhor pensa sobre? É um exagero ou faz sentido?

R= Eu acho o seguinte, tem uma série de visões. Mas assim, nós seres humanos, nós também naturalmente somos movidos pela competição. Existe um conceito que é o conceito da gamificação, da passagem de fase, da premiação, do crescimento, do avanço, da evolução. Então eu entendo que ele é positivo e que a gente procura incentivar os aspectos positivos e os bens que ele gera. Aí eu trago outra reflexão: e os alunos que não participam, e se não tivesse essa competição? Será que despertaria interesse? Você faz uma comparação com os alunos que participam e os que não participam. O ganho que eles têm é muito maior do que eu acho que essas críticas podem abarcar. Porque a crítica é sempre vaga no sentido de a gente construir E a crítica ela é necessária para que a gente possa observar alguns pontos que talvez sejam negativos e ir adaptando, mas, na prática, os ganhos são muito grandes. E aí é aquela coisa, a escola vai fazer uma propaganda por que ela tirou uma premiação boa. A escola faz o papel dela aí. Tanto a escola privada quanto a escola pública faz. O governo do estado tem feito essa propaganda para mostrar qualidade, mostrando o papel deles. E eu posso dizer que o aluno na escola pública tem uma qualidade muito grande assim como o aluno da escola privada. Na verdade o aluno, estudante cearense, tem uma qualidade muito grande. Então

assim, eu respeito a opinião, mas eu discordo respeitosamente no sentido de que, “O que você tem melhor de oferecer? O que você propõe?”.

14. Uma Olimpíada no campo educacional pressupõe avaliação. Quais são os critérios de avaliação da Olimpíada? Como não frustrar os participantes quando se fala em desempenho?

R= Na olimpíada no campo educacional o principal é a avaliação. Quais são os critérios de avaliação? A avaliação ela é uma avaliação qualitativa. É muito clara a avaliação qualitativa por que a gente avalia competências. A gente tem um quadro de itens na parte objetiva. São quatro itens: um está errado e três são verdadeiros. Os três são verdadeiros e não existe item mais verdadeiro ou menos verdadeiro. Existem itens verdadeiros, só que alguns articulam. Por que aquele ali vale cinco pontos? Porque ele articula muito mais elementos cognitivos do que, por exemplo, aquele que vale quatro ou do que aquele que vale menos porque muitas vezes é meramente descritivo. Então esses itens são muitas vezes do mesmo tamanho. Dificilmente eles têm diferença para não ter uma impressão. E às vezes um menor traz mais informação do que um maior. E às vezes não é nem quantidade de informações, é quantidade de conhecimento. Porque às vezes eu posso pegar e trazer quatro informações objetivas num item. Mas ele vale menos do que, por exemplo, um que trouxe uma informação objetiva, mas uma articulação de conhecimentos. Então as competências e as habilidades são muito claramente definidas na hora de estabelecer essa pontuação, esse é o primeiro ponto. Na parte subjetiva eu acho que é até mais fácil porque a gente vê claramente a evolução, a escrita, o conhecimento. O aluno que trabalhou, que escreveu lá sobre patrimônio. Ele não ficou estudando patrimônio, decorando como era patrimônio não. Até porque ele não sabia que ia cair patrimônio. A atividade é sempre surpresa. Eles conhecem a atividade no dia e na hora. Ele não precisou estudar para patrimônio não, ele foi preparado. Então há um processo de crescimento e desenvolvimento. E essa avaliação não deixa de ser necessária porque a gente tem que ter uma qualificação. A gente tem uma preocupação de não divulgar a nota deles, a gente divulga dez ouros, quinze pratas, vinte bronzes e cinquenta e cinco menções honrosas. A gente divulga em ordem alfabética e obviamente cada equipe tem acesso a sua pontuação. Tudo bem que a minha equipe possa ter tido ouro e a sua poder ter tido ouro. Eu sei a minha pontuação, você sabe a sua. Pode até ser que objetiva, masa gente converse, ou que você descubra que a sua pontuação foi maior do que a minha. Mas por que nós dois tivemos ouro? Bom, porque os dez que tiveram maior pontuação tiveram ouro. A transparência está muito

clara, a gente não vai dizer essa equipe aqui. A gente não divulga a lista de equipes com a pontuação exatamente para evitar aquela coisa de “a primeira das primeiras”. “Teve dez ouros mas meu ouro é mais ouro porque eu tive mais pontos”. A gente não faz essa divulgação *rankeando*. É uma competição mais saudável. E lembrando que é muito transparente por que você tem acesso a sua pontuação, você não precisa saber a do outro. Então a gente tem esse cuidado.

15. Que balanço o senhor faz das edições da OCHE? Há planos para a próxima edição?

R= O balanço tem sido muito positivo. Eu acho que nessas minhas falas a gente tem tido esse balanço muito positivo. A gente escuta muito as críticas, a gente tem esse cuidado de escutar as críticas sempre no sentido de melhorar. Qual a principal crítica que tem aparecido? Olha, tem muitas críticas. Muitas vezes as críticas são feitas por que as pessoas não leem o edital e o regulamento. Eu fico chateado. A gente recebe e-mails, a gente tem uma comunicação muito aberta. A gente recebe e-mails, por exemplo, da pessoa perguntando coisa de prazo. Tanto é que eu quero fazer um levantamento, mas eu acho que noventa por cento das respostas do nosso e-mail foi “leia o edital de regulamento” por que noventa por cento das perguntas que eles fazem estão lá. Mas a gente já recebeu muitas críticas. Às vezes eles reclamam de prazo. Só que a gente dá um mês de prazo e se deixa para última hora de inscrição, de envio. Então, existem as críticas que são realmente inadequadas. Mas, por exemplo, já recebemos críticas de nível de questão porque tem alunos do oitavo e nono ano. E a gente acolhe essas críticas, a gente avalia. “Ah questões muito longas”. A gente recebe essa crítica e procura colocar uma questão menor. “Ah essa questão está muito difícil”. A gente entende às vezes que uma questão pode ser mais difícil, mas tem que ter a mais fácil, a mediana e a mais difícil. Mas às vezes está muito difícil, então é muito criticada, a gente já melhora o nível. A gente recebeu muitas críticas no primeiro sistema. A gente entendeu, mudamos de sistema, desenvolvemos um novo sistema. Então assim, a gente tem tido essa maturidade de receber as críticas de forma construtiva e buscar melhorar. E os planos para a próxima edição é que ela seja tão boa quanto as outras. A gente já está começando o planejamento para a próxima edição de concreto. Só que a final vai ser em Crateús. A gente está em janeiro de 2023. Então a partir da semana que vem, a partir da primeira semana de fevereiro a gente vai começar a desenvolver a edição de 2024. Então ainda não dá para adiantar muito não.

16. O que o senhor tem a dizer a todos os professores de História que já participaram ou não da OCHE?

R= O que eu tenho a dizer aos professores que já participaram da OCHE é que continuem participando, que procurem aprender assim como nós. Procurem aprender o que tem de bom, incentivem os colegas a participarem, incentivem os alunos. Eu acho que esses professores deveriam tratar como se não fosse um trabalho a mais. É trabalhoso é. A verdade é que é trabalhoso sim, mas existe aquela coisa que é trabalhosa, mas vai te trazer muitos ganhos. E existe aquela coisa que é trabalhosa e você vai ter que fazer de qualquer maneira. Então tem coisas que são trabalhosas, trazem muitos ganhos e valem muito a pena. É o caso, por exemplo, da OCHE porque você tem um ganho muitas vezes de outras disciplinas. Os ganhos que os alunos vão tendo ao participarem de uma olimpíada se refletem nas diversas outras disciplinas e na própria aula do professor, no contato que ele passa a ter com os alunos, um afeto, em tudo. Ele vai ter novas dinâmicas de trabalho, ele vai aprender outras dinâmicas de trabalho. Então tudo isso facilita muito. Então eu acho que eles procuram aprender com isso. É trabalhoso é, mas que seja aquele trabalho. A nossa disciplina é trabalhosa, sempre vai ter trabalho. Então assim, que você procure desenvolver trabalhos que também lhe tragam retorno, que tragam prazer, mas que gerem reflexos a médio e longo prazo. E esses reflexos na participação não só da OCHE, mas das olimpíadas em geral trazem muitos ganhos para a qualidade do estudante. E é bom a gente ter um estudante de maior qualidade, qualidade do professor, qualidade da aula, então tudo isso vai ser positivo.